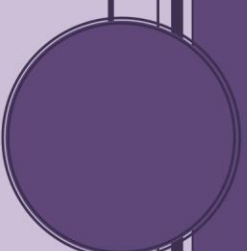


# SEMINÁRIO INTERLINHAS

Volume 5, número 1 • jan./jun. 2017 • ISSN

# ANAIS





**ANAIS**

**SEMINÁRIO INTERLINHAS — 2017.1**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CRÍTICA CULTURAL (PÓS-CRÍTICA)**

**SEMINÁRIO INTERDISCIPLINAR DE PESQUISA (SIP) — 2017.1**  
**CURSO DE LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS**

Universidade do Estado da Bahia — UNEB, Campus II  
Alagoinhas, Bahia, Brasil

Período: 18, 19 e 20 de julho de 2017



**ANAIS**

**SEMINÁRIO INTERLINHAS — 2017.1**

**Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural (Pós-Crítica)**

**SEMINÁRIO INTERDISCIPLINAR DE PESQUISA (SIP) — 2017.1**

**Curso de Letras - Língua Portuguesa e Literaturas**

Universidade do Estado da Bahia — UNEB, Campus II  
Alagoinhas, Bahia, Brasil

Período: 18, 19 e 20 de julho de 2017



**Fábrica de Letras**  
Laboratório de Edição

**Alagoinhas, 2017**



Universidade do Estado da Bahia — UNEB  
Reitor: José Bites de Carvalho  
Vice-Reitor: Carla Liane Nascimento Santos

Departamento de Educação — DEDC II  
Diretora: Profa. Dra. Áurea da Silva Pereira Santos  
Curso de Letras com Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas — DEDC II



Coordenação: Profa. Dra. Maria Neuma Mascarenhas Paes  
Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural — Pós-Crítica

Coordenação: Prof. Dr. Osmar Moreira dos Santos  
Vice-Coordenação: Profa. Dra. Elisângela Santana dos Santos



Editora Fábrica de Letras  
Coordenação: Profa. Dra. Edil Silva Costa  
Editor: Prof. Dr. Roberto Henrique Seidel  
Editora assistente: Gislene Alves da Silva

#### FICHA CATALOGRÁFICA

S471 Seminário Interlinhas: Programa de Pós – Graduação em Crítica Cultural (Pós – Crítica), (2017: Alagoinhas)

Anais: do Seminário Interlinhas: Programa de Pós – Graduação em Crítica Cultural (Pós – Crítica), Alagoinhas (BA) – 19 a 20 de Julho de 2017./ Organização: Fabiana Fernandes Guimarães, Pollyanna Araujo Carvalho, Silvana Nascimento Lianda. – Alagoinhas, Ba: Fábrica de Letras, 2017.  
243f.

1. Crítica Cultural. 2. Letramento. 3. Cultura popular. I. Guimarães, Fabiane Fernandes. II. Carvalho, Pollyanna Araujo. III. Lianda, Silvana Nascimento. IV. Universidade do Estado da Bahia.

CDD 306.4

Biblioteca do Campus II / Uneb  
Bibliotecária: Rosana Cristina de Souza Barreto - CRB: 5/902

Créditos: Anais do Seminário Interlinhas

Organização: Fabiana Fernandes Guimarães, Pollyanna Araujo Carvalho, Silvana Nascimento Lianda

Projeto gráfico: Roberto H. Seidel

Editoração: Gislene Alves da Silva

Capa: Gislene Alves da Silva

Assistente editorial: Antonio Cláudio da Silva Neto, Fabiana Fernandes Guimarães, Juliana Aparecida dos Santos Miranda, Silvana Nascimento Lianda

Impressão: Fábrica de Letras do Pós-Crítica/UNEB

Seminário Interlinhas — 2017.1, do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural (Pós-Crítica)  
Seminário Interdisciplinar de Pesquisa (SIP) — 2017.1, do Curso de Letras com Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas

Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus II  
Alagoinhas, 18, 19 e 20 de julho de 2017

**Conselho Científico Fábrica de Letras:**

Prof. Dr. Arivaldo de Lima Alves (UNEB)  
Profa. Dra. Carla Patrícia Bispo de Santana (UNEB)  
Prof. Dr. Carlos Magno S. Gomes (UFS)  
Profa. Dra. Edil Silva Costa (UNEB)  
Profa. Dra. Elisangela Santana dos Santos (UNEB)  
Profa. Dra. Jailma dos Santos Pedreira Moreira (UNEB)  
Prof. Dr. José Carlos Félix (UNEB)  
Profa. Dra. Maria Anória de Jesus Oliveira (UNEB)  
Profa. Dra. Maria de Fátima Berenice da Cruz (UNEB)  
Profa. Dra. Maria Nazaré Mota de Lima (UNEB)  
Profa. Dra. Maria Neuma Mascarenhas Paes (UNEB)  
Profa. Dra. Mauren P. Przybylski (UNEB)  
Prof. Dr. Osmar Moreira dos Santos (UNEB)  
Profa. Dra. Patrícia Kátia da Costa Pina (UNEB)  
Prof. Dr. Paulo César Souza Garcia (UNEB)  
Prof. Dr. Roberto Henrique Seidel (UNEB)  
Profa. Dra. Suely Aldir Messeder (UNEB)  
Prof. Dr. Washington Luís Lima Drummond (UNEB)

**Comissão Organizadora:**

Prof. Dra. Jailma dos Santos Pedreira Moreira  
Profa. Dra. Maria Neuma Mascarenhas Paes  
Fabiane Fernandes Guimarães  
Loudes Couto Melo  
Márcio Santos da Conceição  
Pollyanna Araujo Carvalho  
Silmara Bispo de Cristo Souza

**Comissão de Divulgação [blog, site]:**

Fabiane Fernandes Guimarães  
Loudes Couto Melo  
Márcio Santos da Conceição  
Pollyanna Araujo Carvalho

**Comissão de Infraestrutura:**

Hildete Barroso de Souza  
Michele da Silva de Aragão  
Luann Andrade da Silva  
Gleison Fernandes

## SUMÁRIO

Apresentação	9
Textos — Mestrado	
Turma 2016	11
Turma 2017	59



## APRESENTAÇÃO

O Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural (Pós-Crítica), sediado no Campus II da UNEB, na cidade de Alagoinhas, é pioneiro ao interiorizar uma proposta de formação de pesquisadores em crítica da cultura, a partir de um diálogo com grupos que mobilizam os aparatos teóricos do pós-estruturalismo.

O *Seminário Interlinhas* é um evento semestral do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, tendo como objetivo o estudo, a reflexão e o debate sobre os projetos de pesquisa em andamento, realizados pelos discentes e docentes, no interior e entre as duas linhas que compõem o programa: *Literatura, Produção Cultural e Modos de Vida; Letramento, Identidades e Formação de Educadores*.

É realizado, portanto, o *Seminário Interlinhas* articulado ao *Seminário Interdisciplinar de Pesquisa* (SIP), também regular e semestral, do Curso de Letras com Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas, como uma estratégia para discutir os modos de produção do corpo docente e discente, da graduação e da pós-graduação, visando à qualificação do Programa. Além disso, como uma forma de repensar a estruturação e o desenvolvimento de seus projetos de pesquisa.

*A comissão organizadora*



## TURMA 2016

### ENCAMINHAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DA PESQUISA EDUCADORA TEODORENSE: ENTRELAÇANDO VIDA E FORMAÇÃO DOCENTE

Eider Ferreira Santos <sup>1</sup>

Orientadora: Profa. Dra. Maria de Fátima Berenice da Cruz

*Resumo:* O presente trabalho objetivo apresentar os encaminhamentos teórico-metodológicos a respeito da pesquisa intitulada *Educadora Teodorense: entrelaçando vida e formação docente*, cujo objetivo é analisar a história de vida de uma professora aposentada do município de Teodoro Sampaio-Ba, observando como se deu a constituição desta enquanto educadora, seu percurso formativo, assim como conhecer e problematizar a prática pedagógica por ela ministrada. A referida pesquisa, em andamento, tem problematizado, até então, questões concernentes a constituição da mulher professora missionária e a necessária consolidação da profissionalização docente, tendo como lastro os depoimentos da professora em estudo. Pesquisa de abordagem qualitativa com enfoque na investigação de histórias de vida, ancorada no método (auto) biográfico, tem se desenvolvido a partir do recolhimento de depoimentos da professora em estudo a partir de entrevistas narrativas, as quais estão sendo cuidadosamente analisadas. Assim, apresentam-se discussões iniciais desta pesquisa tendo como lastro teorias relacionadas a autobiografias, memória e formação de professores.

*Palavras-Chave:* Formação. Histórias de vida. Pesquisa.

O presente trabalho objetiva apresentar os encaminhamentos teórico-metodológicos da pesquisa *Educadora Teodorense: entrelaçando vida e formação docente*, ou seja, todos os aspectos relacionados a pesquisa, desde sua origem, motivações e estado atual da mesma, tanto do ponto de vista teórico quanto metodológico, de modo a socializar os direcionamentos que esta tem tomado.

A referida pesquisa, em andamento, tem por objetivo analisar a história de vida de uma professora aposentada do município de Teodoro Sampaio-Ba, observando como se deu sua constituição enquanto educadora, seu percurso formativo, assim como problematizar a prática pedagógica por ela ministrada, identificando na constituição de sua identidade docente conservas culturais de uma época, atentando para as ressonâncias de seu fazer pedagógico na memória da escola teodorense em nossos dias.

Para tanto, pretende-se constituir um corpus epistemológico acerca das noções de Representações Sociais, Conserva cultural, Memória, Autobiografia e Formação docente para tratamento da história de vida da depoente; Inventariar documentos de caráter pessoal/profissional

---

<sup>1</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB), linha de pesquisa Letramento, identidades e formação de professores. Orientadora: Prof. Dra. Maria de Fátima Berenice da Cruz. Endereço eletrônico: eiderferreira@hotmail.com.

em arquivos públicos e pessoais da docente estudada, se necessário, e criar um banco de horas de entrevistas narrativas com a colaboradora na perspectiva da escuta sensível, de modo que a mesma possa narrar a sua trajetória de vida e formação.

A presente pesquisa justifica-se por problematizar os interstícios da formação docente a partir de aspectos relacionados a gênero, formação profissional e aspectos da vida pessoal, tendo em vista o grande contingente de mulheres inseridas no contexto do magistério. Segundo Vianna (2001) a docência se constituiu como uma profissão predominantemente feminina, afinal, desde o século XX é grande a presença de mulheres no exercício do magistério. Pouco a pouco essas mulheres que estavam, em grande parte no ensino primário, começam a adentrar nos diversos níveis e modalidades de ensino.

Pesquisa de abordagem qualitativa com enfoque na investigação de histórias de vida de uma professora aposentada do município de Teodoro Sampaio, que se dará, inicialmente, por meio de investigação em arquivos de caráter pessoal e profissional, de modo a conhecer a trajetória pessoal e profissional da pesquisada. Nesse sentido, caso necessário, acessaremos arquivos pessoais, livros, fotografias e outros documentos disponíveis, inclusive das instituições escolares por onde a mesma tenha passado, de modo a construir seu perfil biográfico. Posteriormente, será oportunizado a pesquisada narrar a si, incentivando-a a recordar aspectos de sua vida pessoal e profissional o que se dará através de entrevistas narrativas, por meio do método auto(biográfico). Por fim, os aspectos coletados, bem como as narrativas de si, serão devidamente problematizadas, levando-se em consideração aspectos relacionados a representação social da professora pesquisada, bem como a respeito da memória em torno da mesma e outros aspectos relevantes na perspectiva da resiliência.

Por essas razões, e levando-se em consideração o protagonismo feminino no contexto da educação brasileira, bem como a importância das histórias de vida docente como fonte de compreensão das dimensões da vida, especialmente no que se refere ao contexto escolar, lugar da diversidade, faz-se necessário conhecer, na perspectiva da investigação científica, as histórias de vida e formação de docentes, partindo dos seguintes questionamentos: Qual a real contribuição de uma pesquisa autobiográfica docente para o entendimento da prática do professor (a) hoje? Que elementos de cultura podemos encontrar na representação docente da professora aposentada em estudo?

A partir desses aspectos, entendemos ser importante trazer outros encaminhamentos relacionados a pesquisa tal como as motivações para o seu surgimento e desenvolvimento, afinal entendemos que nenhuma proposta científica surge de um vazio, mas está sempre relacionada a algum aspecto sócio histórico e a sujeitos sociais.

## **NASCIMENTO E MOTIVAÇÕES PARA A PESQUISA**

Nos últimos anos comecei a refletir a respeito da presença acentuada de mulheres nas diversas instituições por onde passei enquanto estudante. Primeiramente nas escolas de ensino primário e secundário. Logo após na escola de Ensino Médio e, por fim, no curso de Graduação em Letras, bem como no programa de Pós-graduação. Em todos esses espaços, observa-se, claramente, uma ativa participação de mulheres professoras.

As observações desses eventos foram sendo mais bem problematizadas a partir do meu ingresso como aluno especial no Programa de Pós-graduação em Crítica Cultural da Universidade do Estado da Bahia, UNEB, Campus II, Alagoinhas-Ba, ao cursar o componente Políticas da Subjetividade. Nesse componente, localizado na linha dois, Letramento, identidade e formação de professores, foram problematizadas diversas questões relacionadas a produção da subjetividade, com uma atenção especial para a formação do professor, a produção de suas subjetividades e também das subjetividades dos estudantes que cotidianamente estão em contato com esse profissional. Foi a partir das dessas discussões que comecei a pensar um projeto para pleitear uma vaga no mesmo programa como aluno regular.

Em contrapartida, fui convidado a participar de um grupo de pesquisa que estava nascendo e cujo objeto seria justamente a vida de professoras baianas. O referido grupo de pesquisa de nome *GEPHEG-Grupo de Estudos e Pesquisas em História, Educação e Gênero*, tem como proposta investigar como a educação recebida na família, no convívio social e, em especial, na escola, ajudou na constituição da trajetória de vida de mulheres que se destacaram como educadoras, nos seus fazeres pedagógicos, no transcorrer do Século XX, com ênfase para suas identidades de gênero elaboradas nos contextos onde viveram. Assim, o meu interesse em pesquisar histórias de vida de professoras, se revela também por buscar contribuir mais diretamente com um projeto interdisciplinar e interinstitucional que vincula os grupos de pesquisa GEREL/UNEB e GEPHEG/UEFS, já aprovado pelo CNPQ do qual faço parte como pesquisador estudante do Polo UNEB II e que já está em andamento.

Ao estar inserido nesse lugar de reflexão das relações entre gênero e docência, comecei a lançar meu olhar para a realidade da minha cidade natal e comecei a perceber que, desde sempre, há uma predominância de mulheres na carreira do magistério, o que me fez pensar a pesquisa que por hora está em andamento. No contexto do município de Teodoro Sampaio-Ba, essa realidade ainda hoje se mantém.

Nesse sentido, tal investigação é de grande relevância por buscar problematizar a trajetória de vida e formação de mulheres a partir das narrativas de cunho memorial que, na contemporaneidade, se apresentam como importante espaço de compreensão de si, como meio legítimo de conhecer-se. Tal exercício contribui significativamente para a valorização da trajetória de mulheres na carreira do magistério, ao tempo que contribui para o empoderamento da mulher enquanto profissional, assim como problematiza os interstícios da formação profissional dessas.

## **ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS E DIRECIONAMENTOS PESQUISA**

Como disse nas linhas introdutórias desse texto, a referida pesquisa, aqui problematizada, tem por base o método (auto)biográfico. É, desse modo, de abordagem qualitativa com enfoque na investigação de histórias de vida. Inicialmente, pensamos em investigar arquivos de caráter pessoal e profissional, de modo a conhecer a trajetória pessoal e profissional da pesquisada. Contudo, até o momento não consideramos necessário fazer esse levantamento bibliográfico, em razão de considerarmos que seria mais interessante manter o foco nos depoimentos da professora colaboradora através das entrevistas narrativas.

Além do método (auto)biográfico, lança-se mão do método qualitativo de natureza bibliográfica, onde nos apropriamos de discussões diversas, bem como das discussões da crítica cultural também como método de investigação e base para o amadurecimento da discussão aqui empreendida e para a observação de outros aspectos que podem ser explorados no decorrer da pesquisa, bem como um olhar diferenciado para as questões a serem problematizadas; um olhar que seja panorâmico ou metodologicamente rizomático, fugindo de toda forma de pensar verticalizada como defendem Deleuze e Gattari (1995) em *Rizoma*. Uma produção do conhecimento que fuja de uma origem linear, onde qualquer ponto pode ser conectado a também qualquer outro ponto, não se fixando, não havendo ponto e nem ordem definida: “um rizoma não cessaria de conectar cadeias semióticas, organizações de poder, ocorrências que remetem às artes, às ciências, às lutas sociais” (DELEUZE; GATTARI, 1995, p. 5).

O pensar rizomático, nesse caso, é de crucial relevância, afinal é o único modo de pensar os diferentes aspectos propostos nesse estudo, pois discutir histórias de vida de uma professora envolve questões relacionadas a gênero, a formação profissional e espaços onde a mesma foi formada, o que tem resultado numa teia de informações que fogem de apenas uma área de conhecimento ou da produção de conhecimento disciplinar, pois o pensar rizomático traz consigo o princípio da multiplicidade, ou seja, da inexistência de unidade. É sempre uma trama, não existindo

pontos ou posições definidas: “Não existem pontos ou posições num rizoma como se encontra numa estrutura, numa árvore, numa raiz. Existem somente linhas” (DELEUZE; GATTARI, 1995, p. 5). Apenas desse modo será possível o entrelaçamento entre histórias de vida e formação, o que do ponto de vista disciplinar e positivista seria impossível, afinal as histórias de uma vida é sempre um celeiro de informações.

Essas informações têm sido coletadas por meio de entrevistas narrativas. E o que são entrevistas narrativas? São entrevistas onde a colaboradora é convidada, motivada a responder perguntas, cabendo ao entrevistador ouvir tudo o que a mesma tem a dizer sem interrupções ou com o mínimo de interrupções possíveis, caracterizando sua entrevista como uma narrativa de sua vida. Até o presente momento foram realizadas três entrevistas narrativas com três temáticas distintas, mas que estão de certo modo, relacionadas. Cada entrevista tem duração de aproximadamente 60min.

A primeira entrevista tem como tema *A vida da Educadora enquanto Estudante*, em que a professora discorre sobre sua trajetória de estudante, da infância até a formação em Magistério. A segunda entrevista tem como temática *A vida particular da educadora*, onde a professora narra aspectos de sua vida privada e de suas relações com a sociedade de um modo geral. Na terceira e última entrevista, cuja temática é *A vida da educadora enquanto professora*, a colaboradora narra a respeito de sua trajetória profissional.

Para bem problematizar tais depoimentos foi constituído um corpus epistemológico acerca das noções de Representações Sociais, Memória, Autobiografia e Formação docente para tratamento da história de vida da depoente. Essas discussões têm acompanhado toda a pesquisa.

No que diz respeito às discussões sobre autobiografias notamos que é através dos recursos disponibilizados pelo método autobiográfico que o “não visível”, ou a interioridade torna-se conhecida. É por meio da oportunidade de levar o sujeito a narrar sobre si e por meio da exposição também de si “que a narrativa escrita fornece no próprio movimento da sua escrita de fatos tangíveis, estados de espírito, sensibilidades, pensamentos a propósito de emoções e sentimentos, bem como atribuição de valores” (JOSSO, 2004, p. 186).

A respeito dessa questão Delory-Momberger (2008) afirma que: “Jamais atingimos diretamente o vivido. Só temos acesso a ele pela mediação das histórias. Quando queremos nos apropriar de nossa vida, nós a narramos. O único meio de termos acesso a nossa vida é percebermos o que vivemos por intermédio da *escrita* de uma história” (MOMBERGER, 2008, p. 36).

“É inegável que narrativa e memória são essenciais para as construções identitárias, principalmente no nosso mundo contemporâneo, em que as identidades são tão fluidas, fragmentadas, descentradas, ou “líquidas”, na concepção de teóricos como Zygmunt Bauman (2005) e Stuart Hall (2005)” (BRISOLARA, 2012, p. 1). Dessa maneira, entendemos ser a memória elemento essencial nesse processo de investigação da história de vida da professora, afinal, sem essa compreensão seria mais difícil compreender aspectos muitas vezes fragmentados de suas narrativas, o que, sem dúvidas, é fruto de um processo seletivo da própria memória.

Além do mais, toda essa memória guardada só se torna manifesta graças a linguagem que denuncia todas as identidades da pessoa que fala de si. Segundo Brisolara (2012) nossas identidades são fluidas, heterogêneas e contraditórias, ou seja, um processo dinâmico e inacabado que se dá nas relações sociais, sendo mediadas pela linguagem. Nesse sentido, a linguagem se apresenta não apenas como representante da realidade, mas como criadora de realidades uma vez que, as narrativas pessoais “[...] desempenham um papel poderoso como artefatos mediadores na medida em que as identidades são formadas e reformadas e esse processo é mostrado através da linguagem” (BRISOLARA, 2012, p. 1). Desse modo, a constituição do sujeito feminino se dá, de certo modo, pelo recurso da memória, tendo a linguagem como elemento mediador.

É por meio também dessas memórias, trazidas à tona por meio das narrativas, que se tem acesso ao modo como a professora representa a si e a sua docência. Sobre essa questão Passos (1999) nos ajuda a pensar ao afirmar que a ideia que cada um faz de si, bem como as práticas cotidianas são constantemente alimentadas e engrossadas por um caldo socialmente construído e, por consequência, “ao serem categorizados e apossando-se de tal identificação, a tendência dos indivíduos é de serem conforme o espelho social os reflete” (PASSOS, 1999, p. 101). Tudo isso nos leva a pensar que “são as representações coletivas, que alimentam as crenças individuais” (PASSOS, 1999, p. 99).

Essa noção de que as representações coletivas alimentam as crenças individuais tem sido constatada nos depoimentos da professora colaboradora, afinal em seu discurso é constante a afirmação de que sua motivação para a docência é a vocação. Segundo Passos (2004) o magistério historicamente foi identificado como vocação ou sacerdócio na medida em que a Igreja Católica, que se apresentava como controladora da educação, identificava-o como uma forma de serviço social e o serviço social, em grande parte era também exercido por mulheres.

Assim, a instrução feminina é sempre associada ao cuidado, a educação dos filhos e filhas, a educação dos alunos:



Essa argumentação irá direta ou indiretamente, afetar o caráter do magistério – inicialmente impondo a necessidade de professoras mulheres e, posteriormente, favorecendo a feminização da docência. Os discursos que se constituem pela fundamentação da ordem e do progresso, pela modernização da sociedade, pela higienização da família e pela formação dos jovens cidadãos implicam a educação das mulheres – *das mães* (LOURO, 2014, p. 100).

Assim, os discursos produzidos em torno da mulher, especialmente da mulher professora, têm sido problematizados a partir dos depoimentos da educação teodoreense cujo nome fictício escolhido foi Maria Firmina justamente por ela se apresentar como professora missionária e vocacionada, o que estaria plenamente relacionado a Virgem Maria. O segundo nome *Firmina* tem se ampara na construção de uma carreira e uma profissionalização construída por ela, não apenas nas ações narradas, mas no modo firme como ela narra tais ações e acontecimentos.

### CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Percebemos, desse modo, que o discurso da mulher professora como sinônimo de cuidado e de missão historicamente propagado é também ressonante na voz da professora pesquisada. A mesma tem sido enfática nesse sentido, deixando de lado todos os aspectos relacionados a sua profissionalização, não notando que, desde o processo de inserção na carreira, suas experiências diárias, bem como os lugares de formação formais e informais são importantes agências de produção de uma subjetividade docente.

O presente trabalho de pesquisa aqui apresentado tem sido desenvolvido levando em consideração todos os aspectos teórico-metodológicos anteriormente apresentados. Sem eles seria impossível pensar os aspectos que até então foram problematizados. No entanto, cabe ressaltar a importante contribuição da professora aposentada, colaboradora da pesquisa, que abriu as portas de sua residência, mas, especialmente, as portas da sua intimidade para compartilhar conosco toda a sua vida, não apenas enquanto mulher inserida no magistério, mas como mulher inserida em diversos contextos, os quais a constituiu ao longo do tempo.

### REFERÊNCIA

- BRISOLARA, Valéria. *Narrativa, memória e identidade: o boom das narrativas de cunho memorial*. In: Cenários: Porto Alegre, 2012, p. 1-8. Disponível em: <http://seer.uniritter.edu.br/index.php/cenarios/article/view/737>. Acesso em :10 de jan. 2017.
- DELEUZE, Gilles; GATTARI, Félix. Rizoma: introdução. In: *Capitalismo e esquizofrenia*. Editora 34, v.1, 1995, p. 1-18.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Modelos biográficos e escrita de si. In: *Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto*. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008, p. 35-52.

JOSSO, Marie-Christine. As dimensões formadoras da escrita da narrativa da história de vida: da estranheza do outro à estranheza de si. In: *Experiências de vida e formação*. São Paulo: Cortez, 2004, p. 171-192.

LOURO, Guacira Lopes. O gênero da docência. In: *Gênero, sexualidade e educação*. Petrópolis, RJ: Editora vozes, 2014, p. 92-113.

PASSOS, Elizabete. A construção da identidade de gênero. In: *Palcos e plateias: as representações de gênero na faculdade de Filosofia*. Salvador: UFBA, 1999, p. 91- 125.

PASSOS, Elizete. *Leda Jesuino* (Coleção Educadoras baianas). Salvador: EDUFBA, 2004.

VIANNA, Cláudia Pereira. O sexo e o gênero da docência. In: *Cadernos Pagu*. 2011, p. 81-103.

# SER OU NÃO SER PROFESSORA, EIS A QUESTÃO: ENTRE DISCURSOS E VIVÊNCIAS DE ESTUDANTES DO CURSO DE FORMAÇÃO EM LETRAS UNEB CAMPUS II

Evani dos Santos Dias<sup>1</sup>

Orientadora: Profa. Dra. Áurea da Silva Pereira

*Resumo:* A análise que será aqui apresentada tem como base a pesquisa em andamento intitulada *Ser ou não ser professora, eis a questão: entre discursos e vivências de estudantes dos cursos de licenciatura em letras da UNEB campus II*. Define-se como objeto de estudo: os processos experienciais de formação docente em letras na UNEB campus II. Para isso, tomo como colaboradoras para a pesquisa, jovens estudantes dos variados cursos de licenciaturas em letras. Apresento como problema: de que forma os processos experienciais de formação nos cursos de licenciaturas em letras contribuem para as jovens estudantes na decisão de ser ou não ser professora? Dentro dessa problemática destaco, para a construção deste artigo, uma análise sobre a desvalorização docente e como esta contribui para o desinteresse das jovens em seguir a carreira do magistério.

*Palavras-chave:* Desvalorização docente. Crítica cultural. Professora.

## INTRODUÇÃO

Um dos critérios de inclusão que adotei para selecionar participantes para a pesquisa é que fossem mulheres estudantes dos cursos de Letras. Tal critério surge da percepção histórica de que grande parte dos professores de educação básica são mulheres, assim como também como da observação de que estudantes dos cursos de licenciatura em Letras em sua grande parte também são mulheres. Diante de um cenário marcadamente feminino torna-se importante contribuir com uma discussão sobre a condição da mulher como profissional do magistério.

Um breve apanhado histórico mostra como o magistério, enquanto carreira feminina, incorpora elementos da ideologia sobre a domesticidade e submissão da mulher. Entretanto, a presente revisão da bibliografia recente sobre o magistério, de trabalhos elaborados nas instituições mais relevantes do Estado de São Paulo, mostra que os conhecimentos produzidos pelo estudo sobre mulher voltaram-se muito pouco para área de educação (BRUSCHINI, 1988 p. 4).

Segundo Bruschini, um olhar sobre a história do Brasil nos revela que foi somente após a independência que surgiram as primeiras vagas para as mulheres no magistério primário. Como os tutores deveriam ser do mesmo sexo dos seus alunos um espaço para a profissionalização feminina foi aberto ao mesmo tempo em que se ampliava a própria instrução da mulher. Contudo, tal abertura era justificada em nome das funções maternais da mulher.

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB), linha de pesquisa Letramento, identidades e formação de educadores. Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Áurea da Silva Pereira. E-mail: Eva-dias@live.com.

Sob a influência de correntes de pensamento que consideravam a mulher, e somente ela, dotada biologicamente pela natureza com a capacidade de socializar as crianças, como parte de suas funções maternas, e considerando que o ensino de crianças, na escola elementar, era visto como extensão dessas atividades, o magistério, desde o século passado, começou a ser considerado profissão feminina por excelência (BRUSCHINI, 1988, p. 5).

Nenhum fato apontado aqui é novo, mas se faz necessário apontá-los já que são importantes para entendermos a condição da mulher na educação na atualidade, a mulher que mesmo estando em um curso de licenciatura rejeita a ideia do exercício docente ou que até deseja esse ofício, mas sente-se por muitas vezes insegura ou incapaz de exercer tal atividade.

Nessa perspectiva, destaco o processo de desvalorização docente na minha pesquisa e como este contribui para o desinteresse das jovens em seguir a carreira do magistério. Dentro desse processo são notórios discursos no que se refere a salários baixos, falta de recursos e burocracia, falta de reconhecimento, o discurso da violência e agressões, hoje cada vez mais constantes nas escolas, o discurso das dificuldades em fazer o educando se interessar em aprender, o discurso excessivo da professora ora como salvadora da pátria, ao assumir uma caneta e um livro, ora como culpada por tudo de errado que vai mal à educação. Todos esses discursos sustentam um processo constante e crescente de desinteresse das jovens pela carreira docente. Aponto as jovens estudantes entendendo que a história da educação mostra que não é de hoje que a figura da professora é intensamente desvalorizada.

Inicialmente, eram os homens que frequentavam em grande maioria o magistério. Mas, aos poucos essa situação foi mudando, em decorrência de salários baixos a presença de mulheres que aceitavam mínimas remunerações se tornou maciça nas escolas normais, esse fenômeno foi registrado em todas as Províncias do Brasil. Para justificar a saída dos homens do magistério, começaram a aparecer discursos que procuravam tornar “natural” e simplista a inclinação das mulheres para docência. Afirmava-se que elas tinham aptidão para a profissão docente, pois essa passava a ser vista como uma extensão do lar. Assim, a profissão passa a adquirir características marcadamente femininas, tais como, fragilidade, afetividade, paciência, doação, etc. o que servia para legitimar a suposta inferioridade feminina, uma vez que ser professora sempre foi – e ainda é – vinculada ao apoio e a cuidados dirigidos aos alunos.

Na cultura brasileira ser professora é uma missão ou vocação – e não uma profissão – o que também acaba contribuindo para a desqualificação da profissional já que esta acaba sendo vista como cuidadora, que faz seu trabalho por amor e suporta a todo sofrimento e opressão em nome de uma causa. Pensar em como se dá esse processo de desvalorização e os discursos culturalmente disseminados é proporcionar uma possibilidade de mudança nesse cenário.

A desvalorização da profissão docente não aconteceu por acaso no Brasil e com certeza está ligada ao fato de grande parte do quadro de profissionais da educação serem mulheres. As mulheres compõem 81,5% do total de professores da educação básica do país. Em todos os níveis de ensino dessa etapa, com exceção da educação profissional, elas são maioria lecionando. De acordo com dados da Sinopse do Professor da Educação Básica, divulgada pelo MEC (Ministério da Educação) no fim de 2010, existem quase 2 milhões de professores, dos quais mais de 1,6 milhão são do sexo feminino. Isso ocorre, pois, a sociedade brasileira associa a função do professor a características geralmente consideradas femininas, como a atenção, a dedicação, paciência e meiguice e para atender tais requisitos entende-se que não é necessária qualificação profissional, é dom, vocação, instinto, sendo assim, os salários do magistério foram diminuindo, perdendo valor comparado a remuneração em outras profissões fazendo com que o magistério se torne um "gueto feminino". Hoje existem milhares de professoras espalhadas pelo Brasil vivendo múltiplas realidades e tendo em comum: sua desvalorização. "O magistério continua sendo um dos principais guetos femininos, sobretudo em regiões menos desenvolvidas, nas quais a presença de outras oportunidades mais atraentes é reduzida" (BRUSCHINI, 1988, p. 6).

A discriminação contra a mulher tem raízes profundas em toda a história global e pode parecer, na atualidade uma discussão saturada, para alguns até desnecessária, mas permanece nos dias atuais e não pode ser desconsiderada. A profissão docente não tem sido uma área considerada significativa, justamente por estar associada à presença constante da mulher, esse fato reproduz a desvalorização que existe por parte da sociedade em relação à profissional de educação. Claro, que não devemos associar a questão de gênero aqui colocada, apenas como uma questão quantitativa, ou seja, por existirem muitas mulheres no exercício da docência. A discussão vai muito além.

Dentro do exercício da docência a professora assume diversos papéis: mãe, cuidadora, psicóloga, conselheira o que possibilita entender o trabalho da professora como uma identidade em constante construção. Além disso, a professora ainda tem que adaptar seus valores e seus limites com as exigências da realidade de ensino vivendo sentimentos de insatisfação diante da atividade docente que exerce, gerando um conflito entre a idealização do trabalho que gostaria de fazer e as dificuldades do trabalho real todos esses aspectos contribuem para o desinteresse das jovens pela carreira do magistério. Nessa conjuntura, muitas vezes, as jovens em formação docente tentam negar o lugar onde estão inscritas. Para muitas, ser professora significa ser inferior, submissa, presa a um sistema que a obriga a exclusão e a marginalização da sua própria condição como profissional. Este processo de produção de subjetividades se dá principalmente pela representação, essas representações (através da linguagem, da família, dos equipamentos, dos dispositivos que nos

rodeiam) são injetadas nas pessoas e sociedades e irão fazer com que se dê a produção subjetiva dos mesmos durante sua história. Guattari aponta como se dá a produção de subjetividades sob uma lógica do capitalismo.

Há relação direta entre o que nos chega como informação e práxis, com as produções de significados oriundas das máquinas de controle social que criam discursos e o massificam de modo a favorecerem-se. Nossa visão e percepção de mundo são orientadas e controladas (GUATTARI, 1995, p. 26).

Dentro da discussão sobre a desvalorização da profissional docente Guattari ganha importância, pois conduz a uma análise dessa desvalorização em que nossa sociedade está imersa, ocupando-se de criar as condições necessárias para que o modo de produção capitalista se fortaleça cada vez mais. Na concepção de Guattari, ainda não existe um indivíduo singular, mas a singularização é um ato necessário na vida em coletivo. Deve haver, na realidade, uma existência múltipla, rizomática, entre as produções subjetivas e singulares dos indivíduos, mas sem ocupar-se de disputas.

O público, o privado, o individual e o coletivo, parecem se confundir na sociedade contemporânea, do modo a nos fazer pensar que essa subjetividade produzida sob a lógica do capitalismo desterritorializou o indivíduo, por isso a necessidade de se investir em processos de singularização, a fim de retornarmos àquilo que é próprio do indivíduo (GUATTARI, 1995, p. 63).

A lógica capitalista impõe as jovens em formação docente viver um movimento dividido entre o ser e/ou não ser professora presentes em suas construções identitárias muitas vezes sufocadas, quando não negadas dentro de processos constantes de desvalorização. Diante disso torna-se necessário investir em processos formativos que valorizem o ser professora questionando os discursos já institucionalizados “questionar os desejos e anseios padronizados como norma de uma vida que já tem suas fases determinadas e naturalizadas, sem possibilidades de fuga do padrão, sem ser submetido a repulsa ou condenação” (GUATTARI, 1995, p. 43).

As práticas discursivas, impostas pelo sistema capitalista, produzem efeitos de sentidos que buscam a normalização da desvalorização da profissional docente para que possa assim sufocar uma formação que vá além da reprodução de um discurso opressor e desmotivante. Segundo Guattari, o Estado é o meio de controle e não de representação coletiva. Ele delibera sobre a experiência de um grupo e garante que os outros grupos sejam disciplinados. Assim, torna-se urgente, a necessidade de se promover uma mudança que nos leve para além do capital, “no sentido genuíno e educacionalmente viável do termo” (MÉSZAROS, 2008, p. 25). Istvan Mészáros em sua concepção de uma *Educação para além do capital* nos conduz a perceber que é preciso ir além dos limites impostos pelo capitalismo. No que se refere ao processo de desvalorização docente, fica a clareza de que as

possíveis soluções não podem ser meramente superficiais, mas devem possibilitar mudanças que abarquem a totalidade das práticas educacionais da sociedade.

Ir além do capital exige a compreensão de que apenas uma ampla concepção de educação pode garantir a mudança nesse cenário. A defesa da valorização da profissional docente é importante tanto para a mudança no sistema educacional, que hoje se apresenta como um sistema reprodutor do capitalismo, quanto para a autonomia dos indivíduos envolvidos na busca pela construção de uma nova ordem social “romper com a lógica do capital na área de educação equivale, portanto, a substituir as formas onipresentes e profundamente enraizadas de internalização mistificadora por uma alternativa concreta abrangente” (MÉSZAROS, 2008, p. 47).

Diante dessas construções ideológicas é preciso espaços acadêmicos que desordenem a “ordem interna” de um sistema que oprime, aliena e superficializa o conhecimento, que induz as jovens em formação docente, a assumirem para si uma rejeição a serem professoras ajudando a promover uma visão negativa e estereotipada sobre o exercício da docência fortalecendo a cultura da desvalorização da profissional do magistério.

Pensando na desvalorização docente como um processo cultural é importante compreender-se do que se trata a ideia de cultura que, segundo Raymond Williams (2011), seria os resultados de meios de produção, que são materiais, que concretizam relações sociais complexas envolvendo instituições, convenções e formas. O termo “cultura” que, a partir da perspectiva teórica de Williams, deve ser entendida “como o sistema de significações mediante o qual necessariamente [...] uma dada ordem social é comunicada, reproduzida, vivenciada e estudada” (WILLIAMS, 2011). Assim, não só o campo das artes, mas as várias atividades de apreensão da realidade dependem de alguma noção de cultura.

[...] Cultura foi a maneira pela qual se revelaram o processo da educação, a experiência da literatura e - para alguém que se transferiu de uma família de classe trabalhadora para o Ensino Superior - a desigualdade. (WILLIAMS, 2011, p. 51)

[...] há significados muito diferentes na própria ideia de cultura, aos quais se reage simultaneamente, mas que claramente deveriam ser diferenciados [...] pareceu-me que o problema da cultura era principalmente um da inter-relação entre escritor e público [...] determinado por ideias de relação entre escritor e público que agora me parecem limitadas". [...] é fato que a mobilidade entre classes, entre condições de vida e estilos de vida, com pelo menos algum impacto característico do Ensino Superior, pôs o foco em questões que pareciam centradas na ideia de cultura e por si mesmas uma maneira de reunir todos os outros aspectos da vida, que se acredita ser a experiência em geral (WILLIAMS, 2011, p. 52).

As professoras fazem parte da sociedade e nela atuam de acordo com parâmetros culturais. Ser professora constitui-se com base nos efeitos das relações de poder, no que se refere aos valores e produções discursivas como gênero, etnia, crenças e religiões construídos nos discursos, assim

torna-se importante constituir o espaço da subjetividade muitas vezes desconsiderada na formação acadêmica.

A construção e produção de diferenças e desigualdades é fundamentalmente, uma luta em torno da atribuição de significados, construída nas relações de poder, pois esses significados, conforme afirma Louro (2004, p. 205), “são produzidos em meio às relações de poder – não apenas porque eles expressam posições de poder, mas também porque têm efeitos de poder”. Para Foucault (2012, p. 10), o poder está para além das dominações globais e centralizadas que se pluralizam e se difundem de modo homogêneo em setores da vida social, mas como tendo existência própria e formas específicas. A sociedade, por sua vez, conforme salienta Foucault (2004), sem relações de poder é uma abstração, não existe. “O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso” (FOUCAULT, 1998, p. 8).

Refletindo sobre essas afirmativas e, pensando a Universidade como um dos lugares possíveis para a construção de novos saberes e, desse modo, ferramenta imprescindível para construção de novas probabilidades de reflexões sobre a formação docente, para novas possibilidades de leituras de mundo e, claro, para a construção de novos posicionamentos críticos é que discutir sobre a desvalorização docente numa perspectiva cultural se faz necessário para incitar novas reflexões, outros debates acerca do referido tema, sua importância e suas implicações e assim proporcionar outros posicionamentos críticos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A discussão aqui proposta torna-se cada vez mais atual e necessária dentro de uma perspectiva em crítica cultural, pois na atual conjuntura política presente no país, que aponta para um modelo ultrapassado que fragmenta e empobrece a formação, que traz de volta uma concepção elitista da educação e que não contempla medidas necessárias para solucionar problemas estruturais pensar criticamente torna-se algo precioso e necessário.

Fazer avançar uma discussão sobre a desvalorização docente trazendo questões como: quais os interesses em torno da desvalorização de professoras? Quais as consequências de uma produção da docência de modo negativo para a profissão docente? Favorece e amplia o olhar sobre a Crítica Cultural promovendo uma ação democrática que garante ao sujeito refletir e conhecer sobre os processos que contribuem para a sua formação.



## REFERÊNCIAS:

BRUSCHINI, Cristina; AMADO, Tina. Estudos sobre mulher e educação: algumas questões sobre o magistério. *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, n. 64, p. 4-13, fev. 1988.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, *Introdução: Rizoma*. In: *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Trad. Ana Lúcia Oliveira. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995, p. 7-37.

DELORY-MOMBERGER, C. *Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto*. Natal: EDUFRN, São Paulo: PAULUS, 2008.

SUELY. Subjetividade e história. In: *Micropolítica: Cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1986.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: A vontade de saber*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque; J. A. Guilhon Albuquerque. 13 ed. Rio de Janeiro: Edições Grall, 1988.

LOURO, Guacira Lopes. Currículo, gênero e sexualidade – refletindo sobre o “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. *Estudos feministas*. n. 1-2, jul./dez. 2000.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e poder. In: *Um corpo estranho: ensaios sobre a sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MÉSZÁROS, István. *A educação para além do capital*. Trad. Iza Tavares. São Paulo: Boitempo, 2005.

WILLIAMS, Raymond. Os usos da teoria da cultura. Trad. André Glaser. In: *Política do modernismo*. Editora Unesp, 2011.



## BACAMARTE E CASMURRO: PROCESSOS DÚBIOS DA ESCRITA MACHADIANA EM QUADRINHOS

Gleica Helena Sampaio Machado Macedo<sup>1</sup>

Orientador: Prof. Dr. José Carlos Félix<sup>2</sup>

*Resumo:* Obras literárias sempre tiveram relação estabelecida com outras mídias por meio do processo de recriação, as adaptações em quadrinhos são um exemplo disso, por meio desse gênero narrativo contemporâneo, diversos autores da literatura brasileira vêm sendo publicadas por várias editoras. Diante disso, por meio de estudo comparativo entre obra literária e recriações em quadrinhos, o presente trabalho se propõe a examinar os processos dúbios da escrita machadiana que perpassam os personagens das obras *O Alienista* e *Dom Casmurro* de Machado de Assis, para isso enfocaremos no personagem principal de cada obra – respectivamente Dr. Bacamarte e Casmurro – notando as facetas de tais personagens partindo do ponto de vista predominante envolvido pela dubiedade e crítica machadianas em ambas narrativas. Para tal, serão analisados os elementos formais da linguagem em quadrinhos (traços dos personagens, expressões, ponto de vista predominante, cores). Estudiosos como Vergueiro, Nobu Chinen, Patricia Pina, serão de extrema importância para este estudo, por apresentarem uma aprofundada discussão sobre os elementos formais da linguagem em quadrinhos.

*Palavras-chave:* Casmurro. Dr. Bacamarte. Linguagem em quadrinhos.

### INTRODUÇÃO

Nos últimos anos o trabalho com os quadrinhos tem adentrado cada vez mais os espaços formais acadêmicos, isso deve-se ao fato de que desde a publicação de *Shazam* em 1970 de Álvaro de Moya (obra que reunia artigos que abordavam a temática dos quadrinhos) diversos trabalhos, revistas, livros, passaram a ser publicados ampliando assim o campo de estudo dos quadrinhos (VERGUEIRO; RAMOS; CHINEN, 2013, p. 8-9). Dessa forma, a academia e os estudos sobre as HQs têm estreitado seu relacionamento, ao contrário de anos atrás que como afirma Vergueiro, Ramos e Chinen (2013), o casamento entre quadrinhos e academia tinha um único fim, o divórcio.

Nos anos 2000 a publicação de histórias em quadrinhos, especificamente de recriações de obras de escritores renomados na literatura brasileira, aumentou significativamente, isso porque em 2006 o PNBE passou a distribuir histórias em quadrinhos nas escolas, dessa forma vários editais governamentais foram lançados para selecionar as obras que seriam compradas e distribuídas nas instituições, a partir de então diversas editoras passaram a recriar obras literárias por meio da linguagem em quadrinhos (CHINEN; VERGUEIRO; RAMOS, 2014, p. 29-30). Claro que essas não foram as primeiras publicações de adaptações em quadrinhos de obras literárias, como afirmam os autores:

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB), linha de pesquisa Literatura, Produção Cultural e Modos de Vida. Orientador: Prof. Dr. José Carlos Félix. Endereço eletrônico: [estudante.gleica@hotmail.com](mailto:estudante.gleica@hotmail.com).

<sup>2</sup> Professor adjunto na Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Professor Doutor no Programa de Pós-graduação em Crítica Cultural. Grupo de pesquisa pós-teoria.

“O primeiro romance brasileiro transposto para os quadrinhos, ao que se saiba, foi o famoso livro de José de Alencar, *O Guarani*. Em 1937, o pintor e historiador de arte Francisco Acquarone (1898-1954) quadrinizou o romance, editado em álbum luxuoso pelo Correio Universal, do Rio Janeiro” (CHINEN; VERGUEIRO; RAMOS, 2014, p. 15). Sendo assim, as recriações em quadrinhos não são nenhuma novidade dos anos 2000, porém devido às vendas governamentais, a partir de 2006 tais publicações foram intensificadas.

Diante disso, a dissertação de mestrado ainda em construção, por meio de estudo comparativo, entre as obras literárias de Machado de Assis, *O Alienista* e *Dom Casmurro*, e sete recriações em quadrinhos, objetiva examinar os processos de reescrita envolvidos em tais adaptações. Dessa forma o primeiro capítulo é assim intitulado: A linguagem machadiana em quadrinhos – este capítulo se detém no exame da prosa machadiana ao ser transposta para os quadrinhos, observando os processos dúbios que constituem a crítica machadiana e que agora ganham formas e cores (elementos formais da linguagem quadrinística), além disso, o capítulo propõe uma discussão sobre as implicações do processo de adaptação, examinando o processo criativo dos roteiristas e desenhistas e a operacionalização dos elementos da linguagem em quadrinhos, como a aparição dos personagens; o segundo: Histórias em quadrinhos e o mercado editorial – neste é traçada uma reflexão sobre os objetivos de tais recriações de obras literárias em quadrinhos, notando as implicações dos novos processos interpretativos inerentes à nova linguagem; e o terceiro: Dubiedade machadiana em traços e cores – este capítulo propõe um exame dos personagens e os processos dúbios que os perpassam, para isso os elementos formais da linguagem em quadrinhos são examinados, tais como cores, expressões, traços, ponto de vista predominante. Partindo daí, o presente paper se propõe a trazer um recorte do capítulo três, dessa forma, examinaremos aqui os processos dúbios da escrita machadiana que perpassam os personagens principais das obras, Bacamarte (de *O Alienista*) e Casmurro (de *Dom Casmurro*), dando enfoque às facetas e duplos sentidos que envolvem tais personagens partindo do ponto de vista predominante em ambas as narrativas, para tal analisaremos as expressões dos personagens, cores e traços.

## **A PROSA MACHADIANA E A LINGUAGEM EM QUADRINHOS**

Antes de partir para o exame dos elementos formais dos quadrinhos, se faz necessário compreender que as recriações em quadrinhos de obras literárias não são mera ilustração do texto-fonte (obra escrita por Machado), tratam-se na verdade de novas obras, pois mesmo tratando-se do mesmo enredo, as adaptações não são cópias, tampouco ilustração para literatura, ao compor tais recriações, os roteiristas e desenhistas estão trazendo ao leitor uma releitura, a qual implica novas

possibilidades interpretativas. Nessa perspectiva, Irina Rajewsky (2012) aponta que a intermedialidade define este processo em que uma obra adentra uma nova mídia, o que não a constitui enquanto cópia.

A obra literária é uma releitura do escritor da própria sociedade, e as recriações em quadrinhos são a releitura da obra literária e que por isso possibilitam novas leituras pelo seu público, nessa perspectiva o conceito de dialogismo de Bakhtin, abordado por Oliveira (2014, p. 40) aponta que um texto é constituído por outros textos, os quais os absorveu e os transformou, “A intertextualidade propõe uma nova forma de leitura, tanto do novo texto quanto daquele que é trazido para o diálogo. Trata-se de uma intersecção que conecta o texto antigo com a atual situação narrada, estabelecendo uma correlação entre as obras” (OLIVEIRA, 2014, p. 41).

Sobre recriações em quadrinhos especificamente de obras de Machado de Assis, Patricia Pina afirma (2012, p. 88): “A adaptação do texto machadiano implica, uma leitura primeira, uma dada apropriação do lido, e uma “tradução” dos sentidos produzidos para as estratégias que as novas mídias/suportes, e suas respectivas linguagens, envolvem”. É certo que os roteiristas e desenhistas das recriações em quadrinhos entram em contato com o texto-fonte, se apropriam da narrativa, e constroem novas leituras da obra por meio da nova linguagem, porém quais as implicações de tal processo? O que significa traduzir a prosa machadiana para os quadrinhos?

Cabe aqui uma breve reflexão sobre tais questionamentos, a linguagem em quadrinhos conta com o elo entre o gráfico-visual e o signo verbal, enquanto que a prosa machadiana é constituída predominantemente pelo signo verbal, em outras palavras, a aparição dos personagens aproxima os quadrinhos do gênero dramático, pois possibilita menor intervenção do narrador (caso o roteirista opte por explorar dessa forma as imagens) e conseqüentemente um discurso direto travado entre tais personagens. Sobre isso Oliveira aponta: “É o que podemos denominar de uma adaptação criativa, em que a linguagem do novo meio é bem explorada em suas características e nuances próprias” (2014, p. 40). Dessa forma, a crítica Machadiana, bem como os processos dúbios que a envolvem são expressos na HQ por meio não só do signo verbal (como no texto-fonte), mas também nas expressões dos personagens.

Em *O Alienista*, a dubiedade da escrita Machadiana é perceptível sobretudo, nos próprios personagens, esses possuem verdadeiros duplos sentidos, como Crispim Soares, apegado aos seus próprios interesses, porém foge do confronto do amigo, Bacamarte, a quem tanto admira e se submete às suas vontades, não só por admiração, mas também por medo de ser recluso na casa de loucos. A dubiedade machadiana perpassa também a própria definição de loucura atribuída por Dr. Bacamarte (personagem principal, que será melhor explorado na sessão a seguir), primeiramente a

loucura é diagnosticada devido aos comportamentos verdadeiramente inusitados, como o personagem que se dizia a própria estrela Dalva, mas no decorrer da trama a obsessão do médico à ciência, o leva a diagnosticar a loucura na perfeição, nos indivíduos que supostamente não possuem defeitos, esses seriam os verdadeiros loucos, fato que o leva ao seu desfecho, será seu próprio paciente, o último internamento na Casa Verde.

Em *Dom Casmurro*, tais processos dúbios da escrita machadiana não estão presentes apenas no mistério da traição que se sustenta do início ao fim, sobretudo a dubiedade perpassa fortemente os personagens da obra, o próprio Casmurro narrador-personagem, esse define Capitu (sua esposa e suposta traidora) como ardilosa, mas ele também o é, talvez até ele apenas o seja, já que ele é quem conduz o leitor em suas suspeitas, mas voltaremos a tal discussão na seção a seguir.

### **BACAMARTE E CASMURRO: A DUBIEDADE E CRÍTICA MACHADIANAS EM QUADRINHOS**

Dr. Bacamarte, personagem principal de *O Alienista*, é a personificação da crítica machadiana ao cientificismo, o médico dedicou sua vida obsessivamente aos estudos da saúde da mente humana, fato que o leva à sua própria loucura ao final da narrativa. Tal personagem movido pela obsessão durante toda a trama tem um único objetivo, encontrar loucos em Itaguaí para serem reclusos na Casa Verde, isso faz com que os próprios conceitos de loucura, diagnosticados pelo médico, sejam modificados no decorrer da história. Como dito anteriormente, no início da obra a loucura é diagnosticada pelo médico nos indivíduos que se comportam de maneira inusitada (como o personagem da estrela Dalva), mas posteriormente a loucura é diagnosticada pelo amor às joias (tal paciente é sua própria esposa), e ao final a loucura é constatada em pessoas que não possuem defeitos, e como ele segundo seus amigos, não possui defeitos, decide ser seu último paciente recluso na Casa Verde.

Tais processos dúbios envoltos na crítica machadiana ao cientificismo são sustentados nas HQs por meio das expressões e traços do personagem, na versão recriada por Vilachã e Rodrigues, o personagem possui a cabeça com tamanho desproporcional ao tamanho do corpo, e as vezes é visualizado de cima para baixo, dando maior destaque à cabeça, conotando assim o cientificismo, a obsessão à racionalidade (Ver anexo A).

O Bacamarte da recriação feita por Lobo e Aguiar, ganha em algumas cenas o foco no olhar, olhar fixo, vidrado, como se enxergasse uma única coisa, conotando assim o objetivo ao qual dedicou sua vida, a busca pelos loucos de Itaguaí, seus pacientes. Além disso, em tal recriação o personagem aparece em preto e branco fora das cenas dos requadros (as quais são todas coloridas), tal recurso

antecipa o final de tal personagem, pois com os traços da face disforme sugerem ao leitor seu futuro, sua própria loucura, devido à sua obsessão pela ciência, tal recurso se aproxima ao expressionismo utilizado por Edvard Munch (1863-1944) para demonstrar emoções, neste caso a loucura (CANTON, 2009, p. 23) (Ver anexo B).

Nas recriações por Lailson de Holanda e Fábio Moon e Gabriel Bá, a face altiva, olhar de cima para baixo, queixo erguido, compõem o personagem principal da narrativa, tais expressões sugerem ao leitor a detenção do saber do médico de Itaguaí (Ver anexos C e D). É perceptível que todos os recursos utilizados pelos desenhistas das quatro recriações em questão, expressam os processos dúbios construídos na narrativa, pois por meio das expressões e posturas do médico, expõem a obsessiva busca pela ciência e cura dos loucos, ocasionando sua própria loucura, confirmando assim por meio do gráfico-visual a crítica expressa por Machado apenas pelo signo verbal.

Tais processos também perpassam Casmurro, narrador-personagem de *Dom Casmurro*, esse conduz o leitor sob seu olhar, a “presenciar” os fatos que levantam suas suspeitas de que houvera uma traição entre sua esposa, Capitu e seu melhor amigo, Escobar. Cabe aqui mensurar que mesmo com a aparição dos personagens, o mistério que ronda a obra machadiana, é sustentado nas narrativas em quadrinhos.

Nas recriações de Mário Cau, Felipe Greco e Srbeek e Aguiar trazem um Bentinho com expressões mais felizes, sorridentes, mas na fase adulta o Casmurro, vai tomando lugar do Bentinho da sua meninice, então as expressões passam a conotar o homem sisudo, “metido consigo mesmo”, trata-se do narrador-personagem da obra, afinal é Casmurro em sua fase adulta que envolve o leitor nas suas suspeitas. Porém a dubiedade aqui está justamente na perspectiva de quem narra tais fatos, pois, se Casmurro traz uma Capitu ardilosa, ele também o é, afinal, ainda que não tenha executado, é ele quem planeja a morte da esposa supostamente infiel, e posteriormente de Ezequiel, seu filho (mas que acreditava ser fruto da traição de Capitu com Escobar). (Ver anexos E e F).

Em sua recriação, Jaf e Rosa enfatizam os sentimentos de Casmurro por meio das cores, em algumas cenas o personagem aparece em vermelho ou roxo, cores fortes que conotam o clímax da sua suspeita, sobretudo após a morte de Escobar, quando suas suspeitas de que houvera a traição só aumentam (Ver anexo G). É perceptível novamente, que os recursos utilizados pelos recriadores das obras em quadrinhos sustentam a crítica e dubiedade da escrita machadiana nas expressões e cores dos personagens.

Todas as recriações por meio das cores e expressões dos personagens, expressam o ponto de vista predominante de ambas as narrativas, em *O Alienista*, o ponto de vista predominante é do

médico, Dr. Bacamarte, olhar sob o qual, apenas um fato importa, a procura pelos loucos em Itaguaí, trata-se de uma alienação de tal personagem à ciência, em todas as recriações isso é evidenciado, porém vamos nos deter a uma das recriações. Fábio Moon e Gabriel Bá trazem a recriação com um único tom de cor que predomina durante toda a narrativa, desde a capa, tom de sépia, tal recurso pode sugerir o tempo pretérito o qual se passa a narrativa, mas também o olhar obsessivo sob o qual toda a narrativa é vista, dessa forma Bacamarte só vê motivos de internamento na casa de loucos, ou seja ele “vê” tudo sob um único ponto de vista, aqui expressa por uma única tonalidade de cor.

As recriações de *Dom Casmurro*, também reforçam ao leitor sob qual ponto de vista é narrada a trama, dessa forma a recriação por Jaf e Rosa, ao compor o personagem Ezequiel, ocultam sua face, utilizando-se de tal recurso para sustentar o mistério da traição (Ezequiel, filho de Casmurro ou Escobar?), enquanto isso as outras duas recriações por Mario Cau, Felipe Greco e Srbeq e Aguiar, compõem as expressões de Ezequiel assemelhando seus traços aos de Escobar, mas isso não enfraquece o mistério da traição? Não, isso porque tal recurso foi utilizado pelos recriadores de tais HQs para expressar o olhar predominante, de Casmurro, em outras palavras, o Ezequiel visto nessas recriações expressa o Ezequiel visto pelo narrador-personagem, afinal é assim que ele o vê, como a cópia do seu melhor amigo, o qual supõe que o traíra. Dessa forma, os elementos gráfico-visuais sustentam os processos dúbios e crítica machadianos e apresentam novos processos interpretativos, antes apenas expressos pelo signo verbal.

## CONCLUSÃO

Somente num corpus maior, neste caso a dissertação de mestrado em construção, dará conta de apresentar um exame mais aprofundado dos processos dúbios que perpassam os personagens das obras machadianas, *O Alienista* e *Dom Casmurro*, bem como a “materialização” desses por meio dos elementos gráfico-visuais.

Diante das considerações feitas ao longo deste paper, é perceptível que a linguagem em quadrinhos oferece, por meio de recursos utilizados pelos desenhistas e roteiristas das obras, novas possibilidades de releituras, isso porque a prosa machadiana antes composta apenas pelo signo verbal, ganha formas, cores, traços e expressões que compõem os sentidos produzidos pela linguagem quadrinística.

## REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. *O Alienista*. ed. 27. São Paulo: Editora Ática, 1996.



- ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. Avenida Gráfica e Editora Ltda, 2004.
- CANTON, Katia. *Do moderno ao contemporâneo*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.
- CAVALCANTI, Lailson de Holanda; *O Alienista*/ [baseado no original de] Machado de Assis. São Paulo: IBEP, 2013.
- CHINEN, Nobu; VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo. Literatura em Quadrinhos no Brasil: uma área em expansão. In: *Quadrinhos e Literatura: diálogos possíveis*. (Org.). Paulo Ramos; Waldomiro Vergueiro; Diego Figueira. São Paulo: Criativo, 2014, p. 11-36.
- GRECO, Felipe; *Dom Casmurro*/ Machado de Assis; [adaptação e roteiro de] Felipe Greco; [ilustrações de] Mario cau; [prefácio de] Paulo Ramos. São Paulo: Devir, 2012.
- JAF, Ivan; *Dom Casmurro*/ Machado de Assis São Paulo: Ática, 2012.
- LOBO, Cesar; *O Alienista*/ [baseado no original de] Machado de Assis. São Paulo: Ática, 2008.
- MOON, Fábio; *O Alienista*/ [baseado no original de] Machado de Assis. Rio de Janeiro: Agir, 2007.
- OLIVEIRA, Cristina de. Quadrinhos, literatura e o jogo intertextual. In: RAMOS, Paulo; VERGUEIRO, Waldomiro; FIGUEIRA, Diego. (Org.). *Quadrinhos e Literatura: diálogos possíveis*. São Paulo: Criativo, 2014, p. 37-56.
- PINA, Patrícia Katia da Costa. *Literatura em quadrinhos: arte e leitura hoje*. Curitiba: Appris, 2012.
- RAJEWSKY, Irina O. Intermedialidade, intertextualidade e “remediação”: uma perspectiva literária sobre a intermedialidade. In: DINIZ, Thais Flores Nogueira (Org.). *Intermedialidade e estudos interartes: desafios da arte contemporânea*. Belo Horizonte: UFMG, 2012. v.1 p. 16-45.
- SRBEK, Wellington; *Dom Casmurro*/ Machado de Assis. São Paulo: Nemo, 2013.
- VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo; CHINEN, Nobu. Panorama das primeiras jornadas internacionais de histórias em quadrinhos. In: RODRIGUES, Carlos; (ORG.). Waldomiro Vergueiro, Paulo Ramos, Nobu Chinen. *Intersecções acadêmicas: panorama das 1<sup>as</sup> jornadas internacionais de histórias em quadrinhos*. São Paulo: Criativo, 2013, p. 6-23.
- VILACHÃ, Francisco S. *O Alienista*/ [baseado no original de] Machado de Assis; adaptado por Francisco S. Vilachã, roteiro e desenhos; Fernando A. A. Rodrigues, cores. São Paulo: Escala Educacional, 2006.

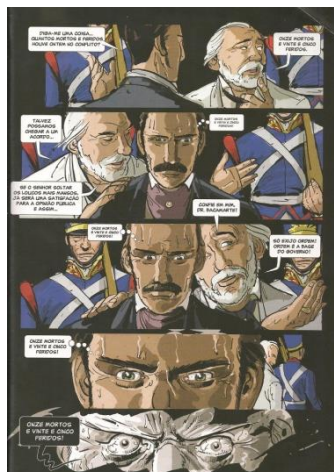
**ANEXOS:**

**Anexo A: Desproporcionalidade do tamanho da cabeça de Bacamarte**



Fonte: VILACHÃ; RODRIGUES, 2006, p. 42.

**Anexo B: Olhar de Bacamarte**



Fonte: LOBO; AGUIAR, 2008, p. 49.

**Anexos C e D: Face ativa de Dr. Bacamarte**



Fonte: CAVALCANTI, 2013, p. 8



Fonte: MOON; BÁ, 2007, p. 29.

**Anexos E e F: Bentinho em sua meninice e em sua vida adulta (Casmurro)**



Fonte: GRECO; CAU, 2012, p. 45, 182.



Fonte: SRBEK; AGUIAR, 2013, p. 11, 78.

**Anexo G: Clímax das suspeitas de Casmurro**



Fonte: JAF; ROSA, 2012, p. 70.



## O MOVIMENTO RIOT GRRRL: HISTÓRIAS, LETRAS E RESISTÊNCIAS À CULTURA DA VIOLÊNCIA

Juliana Aparecida dos Santos Miranda<sup>1</sup>

*Resumo:* Este paper é uma breve apresentação dos resultados parciais da dissertação O movimento riot grrrl: histórias, letras e resistências à cultura da violência. Neste estudo, refletimos sobre os modos de produções de mulheres artistas, escritoras/compositoras, tendo como foco o movimento musical riot grrrl, movimento que unifica a música punk com a militância feminista. Através de uma metodologia qualitativa, promovemos uma discussão a fim de pensarmos sobre as subjetividades inseridas nos discursos das canções, refletindo sobre a condição da mulher numa sociedade patriarcal, onde as construções culturais impõem para elas lugares secundários e restritivos. Selecionamos produções textuais de grande valia para cumprir o propósito de documentar a história do movimento riot grrrl, por este motivo, trata-se não apenas de uma pesquisa sobre textos literários, mas engloba em suas linhas o surgimento e a resistência de um movimento contracultural, que se situa a margem do sistema hegemônico de produção, buscando ressignificar os espaços destinados às mulheres a partir deste lugar de fala. A análise das canções selecionadas se dá sob a perspectiva da denúncia, do combate e do enfrentamento às violências contra as mulheres, neste sentido, os discursos analisados trazem em sua abordagem questões sobre a violência vertical, cujo o homem assume o papel de agressor, e a violência horizontal, quando a violência é praticada por mulheres.

*Palavras-chave:* Riot Grrrl. Violências contra mulher. Modos de produção feminista.

O estudo proposto por mim para a dissertação do mestrado em crítica cultural é continuação do estudo desenvolvido para o meu Trabalho de Conclusão de Curso intitulado de *As violências contra a mulher denunciadas em canções de protesto de bandas feministas*. Neste trabalho, busquei refletir sobre as produções de mulheres escritoras e compositoras a fim de demarcar o lugar de fala dessas mulheres. O objetivo central da pesquisa, no entanto, foi a análise dos discursos inserido nas canções de protesto compostas por mulheres. Através das composições, discuto a questão da violência contra mulheres, cujo o homem ocupava o papel de agressor. Assim, tratei da violência sexual, doméstica, familiar e intra-familiar em 8 composições. Este trabalho foi aprovado com nota máxima pela Profa. Dra. Lúcia Leiro e pelo Prof. Dr. Paulo Cesar Garcia, ambos da Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

Neste momento do estudo, mestrado em Crítica Cultural, segui um caminho similar, mas com alguns diferenciais necessários para o enriquecimento desta discussão. Em parceria com minha orientadora, a professora Dr<sup>a</sup> Carla Patrícia Santana, acrescentei a pesquisa dados importantes sobre a história do movimento *Riot Grrrl*, apontando seu contexto precursor, seu desenvolvimento e observando a forma como este movimento refletiu no Brasil. Trouxemos análises de novas composições, abordando as discussões sobre a violência horizontal (no trabalho anterior abordamos

---

<sup>1</sup> Mestranda em Crítica Cultural pelo programa de Pós-graduação em Crítica Cultural pela Universidade do Estado da Bahia, Campus II. Pesquisadora Capes. Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Carla Patrícia Santana. Endereço eletrônico: julianasami@gmail.com.

apenas as violências verticais) e apontamos outros temas recorrentes. Buscamos situar a/o leitora do contexto em que essas composições estão inseridas. Pensando, desta maneira, nos modos de produção feministas fora do sistema hegemônico capitalista.

Metodologicamente, na escrita deste trabalho, as canções vão surgindo ao longo da pesquisa, não de forma ilustrativa, mas como peças fundamentais para a compreensão do feminismo empírico proposto por este movimento. Deste mesmo modo ocorre com as discussões teóricas. Não há um capítulo onde a teoria esteja concentrada. Para garantir a fluidez da escrita e permitir que a relação entre o objeto de estudo e as teorias seja de cooperação e não de indução, distribuimos as discussões teóricas ao longo do texto, respeitando, sobretudo, a lógica empírica da questão. Deste modo, este estudo dialoga tanto com teóricas que discutem as relações de gênero e os estudos culturais, como evidencia as vozes de mulheres artistas que se utilizam do feminismo empírico para construir, reafirmar e reivindicar o seu lugar de fala.

Utilizamos da metodologia qualitativa para promover uma discussão em que fosse possível pensar nas subjetividades inseridas nos discursos das canções, refletindo sobre a condição da mulher numa sociedade patriarcal, onde as construções culturais impõem para elas lugares secundários e restritivos. As abordagens teóricas foram intervindo nas discussões complementando e embasando as significações provenientes do exercício de interpretação realizado. Para este estudo selecionamos produções textuais e imagens de grande valia para cumprir o propósito de documentar a história do movimento *Riot Grrrl*. Por este motivo, trata-se não só de uma pesquisa sobre textos literários, mas engloba em suas linhas o surgimento e a resistência de um movimento contracultural, que se situa à margem do sistema hegemônico de produção, buscando ressignificar os espaços destinados às mulheres a partir deste lugar de fala.

Estruturalmente, este estudo está dividido em 3 capítulos, cada um trazendo uma discussão específica, contribuindo para o enlace da reflexão proposta. Em relação ao objeto de estudo, propriamente dito, cabe ressaltar que, ao todo, 14 músicas, de bandas riot grrrl brasileiras diversas, foram analisadas e interpretadas ao longo desta pesquisa, até o momento.

Introduzimos este estudo fazendo algumas colocações acerca dos conceitos que podem ser relacionados a cultura. Neste momento, observamos o modo como a cultura pode ser algo positivo, mas também poder ser negativo. Seu viés positivo geralmente está representado pelas manifestações artísticas e costumes ou tradições das comunidades. Por outro lado, a cultura exibe seu aspecto negativo quando, baseada em tradições naturalizadas, utiliza de instrumentos de poder para impor normatizações hegemônicas e subjugar grupos menores. De acordo com Coelho (2008):

A cultura surge do eterno conflito entre a cultura da vida, a cultura subjetiva, produtora de formas culturais ativas postas em prática aqui-e-agora pelos indivíduos criadores e as formas culturais reificadas, relativamente congeladas, que constituem a cultura objetivada (COELHO, 2008, p. 97).

Neste contexto, onde o conflito da cultura da vida e da cultura subjetiva possibilitam à cultura ramificações diversas, ressaltamos a cultura da violência contra a mulher como sendo fruto desta manifestação negativa da cultura e, em oposição a esta, evidenciamos as manifestações artísticas de mulheres feministas que buscam, por meio da arte, criar mecanismos de denúncia contra as violências e de defesa dos direitos das mulheres.

No primeiro capítulo abordamos o início do movimento *Riot Grrrl*, movimento que surgiu nos Estados Unidos na década de 1990 e consistiu em associar o movimento feminista ao movimento punk. Em resumo,

As garotas do Riot Grrrl tinham como objetivo incentivar outras garotas a chamar as amigas e montar uma banda, incentivar a discussão sobre os papéis sociais reservados às mulheres e defender algumas bandeiras feministas, como por exemplo a liberdade sexual e reprodutiva. Para alcançar este objetivo elas faziam o uso de um discurso de forte carga emocional, característico do punk rock, defendendo a amizade entre garotas para superação de barreiras comuns (RODRIGUES, 2006, p. 24).

Através disso, discutimos os modos de produção feminista, refletindo como um grupo de mulheres jovens organizaram um movimento de contracultura e criaram com isso uma nova maneira de produzir músicas a partir do feminismo empírico e de uma linguagem própria que buscava privilegiar, sobretudo, as falas pessoais e os testemunhos das mulheres. O que revela o ponto característico dessas produções:

a valorização do cotidiano, o tom biográfico do relato, a linguagem ‘espontânea’ e que não se identifica com o feminismo acadêmico, a recusa à heteronormatividade, a rejeição aos padrões dominantes de beleza, o questionamento da educação diferenciada entre meninos e meninas e a recusa da naturalização do gênero (CASADEI, 2012, p. 207).

Pensando neste modo de produção feminista e alternativa, analisamos o Manifesto *Riot Grrrl*, texto responsável por dar forma às ideias do que poderia se constituir tal movimento e destacamos as *fanzines*, revistas artesanais, como sendo outro instrumento importante para a construção da militância *Riot Grrrl*. Para uma contextualização histórica, abrimos um tópico para discutir a relação do feminismo com a arte, apontando as formas pelas quais o feminismo reverberou nas produções artísticas das mulheres do século XX e XXI.

No capítulo segundo, nos voltamos para o movimento *Riot Grrrl* no Brasil. Discorremos sobre a chegada do movimento no Brasil e o seu impacto nas produções de mulheres situadas no cenário alternativo da produção cultural. Nesta perspectiva, fizemos um breve levantamento e citamos

algumas bandas que fazem parte do *Riot Grrrl* brasileiro. Ainda pensando sobre as produções feministas, também os mais importantes festivais originados a partir da organização de mulheres *Riot Grrrl*. Com isso, buscamos evidenciar outras formas de produção advinda deste movimento, que não se restringe ao cenário musical, promovendo também encontros e debates entre as mulheres. A promoção desta reunião entre mulheres é importante tanto no caráter artístico como na afirmação identitária, apontando para a questão da importância da representatividade que, conforme afirma Judith Butler (2016):

Por um lado, a representação serve como termo operacional no seio de um processo político que busca estender visibilidade e legitimidade às mulheres como sujeitos políticos; por outro lado, a representação é a função normativa de uma linguagem que revelaria ou distorceria o que é tido como verdadeiro sobre a categoria das mulheres (BUTLER, 2016, p. 18).

Neste sentido, ainda neste capítulo, apontamos brevemente a representatividade no que diz respeito às questões raciais e sexuais, apontando como essas questões se apresentam no discurso *Riot Grrrl*.

No terceiro, e último, capítulo nos dedicamos a discutir a questão das denúncias e combates às violências cometidas contra as mulheres evidentes nas composições selecionadas. Para isso nos debruçamos sobre os conceitos de violências estabelecidos por teóricas como Rita Segato, Heleieth Saffioti e Johan Galtung, por exemplo. Assim, reconhecemos que a violência pode se apresentar obedecendo a três categorias básicas, de acordo Galtung (2005): a cultural, a direta e a estrutural/indireta. Além disso, pensando nas relações de gênero, refletimos sobre a hierarquia da violência que permite que tanto homens como mulheres exerçam o papel de agressores, no entanto, o sistema de dominação patriarcal garante ao homem o poder sobre a mulher, permitindo que mulheres estejam na base do sistema hierárquico de violência:

Uma mulher que, em decorrência de sua riqueza, domina muitos homens e mulheres, sujeita-se ao jugo de um homem, seja seu pai ou seu companheiro. Assim, via de regra, a mulher é subordinada ao homem. Homens subjugados no reino do trabalho por uma ou mais mulheres detêm poder junto a outras mulheres na relação amorosa (SAFFIOTI, 1987, p. 16).

Este capítulo divide-se em duas partes em que, ao todo, 9 canções são analisadas e interpretadas. Na primeira parte, retomando pesquisa anterior, nos detivemos ao debate da violência vertical, ou seja, a violência cujo o agressor é o homem. Neste momento, refletimos sobre a violência simbólica, sexual, física e sobre o feminicídio, a partir das músicas escolhidas. Na segunda parte deste capítulo, abordamos a problemática da violência horizontal, também conhecida por hostilidade horizontal. Por violência horizontal compreendemos ser a violência cometida por uma mulher contra outra mulher. Consideramos importante salientar que tal violência é impulsionada



pelo sistema patriarcal, responsável por criar mecanismos de opressão contra as mulheres e fazê-las acreditar que se trata de uma questão natural do ser mulher. Neste ponto, discutimos sobre sororidade, apoio mútuo e empoderamento feminino, sempre a partir dos discursos encontrados nas canções selecionadas.

#### **REFERÊNCIAS:**

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. 11 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

CASADEI, Eliza Bachega. O punk não é só para o seu namorado: esfera pública alternativa, processos de identificação e testemunho na cena musical Riot Grrrl. In: *Música Popular em Revista*, Campinas, ano 1, v. 2, p. 197-214, jan.-jun de 2013.

COELHO, Teixeira. Cultura e negatividade. In: *A cultura e seu contrário: Cultura, arte e política pós 2001*. São Paulo: Iluminuras: Itaú Cultural, 2008, p. 91

GALTUNG, Johan. Três formas de violência, três formas de paz. A paz, a guerra e a formação social indo-européia. In: *Revista Crítica de Ciência Sociais*, 71, p. 63-75, junho 2005.

RODRIGUES, Fernanda Gomes. *O grito das garotas*. Disponível em: [http://www.dan.unb.br/images/doc/Dissertacao\\_211.pdf](http://www.dan.unb.br/images/doc/Dissertacao_211.pdf), acessado em 12 de abril de 2017.

SAFFIOTI, Heleieth. *O poder do macho*. São Paulo: Moderna, 1987.



## O TEXTO LITERÁRIO NO LIVRO DIDÁTICO: UMA RELAÇÃO DE MANOBRAS

Jussara Figueiredo Gomes<sup>1</sup>

*Resumo:* O presente artigo discorre sobre o trabalho com o texto literário no contexto escolar e a utilização do livro didático como um dispositivo mercadológico da indústria cultural, seu processo de reprodutibilidade e circulação no ambiente escolar. A partir desta escrita foi possível abordar sobre os processos de padronização deste mecanismo como forma de aquisição do poder que gera lucros a seus reprodutores. Então, para se discutir a heterogeneidade do texto literário, o fenômeno da indústria cultural e o papel da crítica no espaço de formação consideramos as ponderações trazidas por teóricos que permeiam o campo da Crítica Cultural como Adorno & Horkheimer (1947), Agamben (2009), Derrida (2001), Deleuze & Guattari (1995) e Foucault (1996).

*Palavras-Chave:* Indústria cultural. Livro didático. Texto literário.

### INTRODUÇÃO

Discorrer sobre o lugar da Crítica Cultural em nosso processo de formação permitem-nos refletir sobre os procedimentos metodológicos que utilizamos para construirmos o conhecimento crítico/reflexivo. Isso pode nos proporcionar uma relação mais intrínseca com a pesquisa em construção.

Então, pensando a Crítica Cultural como um instrumento que potencializa a visão crítica no campo da pesquisa, buscamos, desse modo, construir um método para entendermos como se procede o processo da nossa formação no contexto sociocultural em que estamos inseridos.

Assim, ao utilizarmos o método em Crítica Cultural para fundamentação de nossas produções, implementamos nesse sentido, uma teoria que nos possibilita a continuação da pesquisa no percurso de nossa formação. Dessa forma, visando compreender o papel da crítica na construção do conhecimento crítico/reflexivo precisamos colocar em questionamento as experiências adquiridas até como um meio de permanecermos ativos na pesquisa no espaço acadêmico.

Assim, a partir da abordagem de teóricos no campo da Crítica Cultural podemos compreender a interpretação como um procedimento de grande relevância para a criação do método que fundamenta a linha de pesquisa escolhida por meio dos estudos sobre a mesma. No entanto, ao criarmos nosso próprio método no intuito de entendermos os conceitos que utilizamos para constituir sentido ao que escrevemos, podemos assim, fundamentar os saberes experienciais que

---

<sup>1</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB), linha de pesquisa Letramento, Identidades e Formação de Educadores. Orientador: Prof. Dr. Carlos Magno Santos Gomes. Endereço eletrônico: jussarafgomes@hotmail.com.

adquirimos em nosso processo de formação, levando sempre em consideração o método em Crítica Cultural como um campo heterogêneo e de interpretações.

Desse modo, podemos compreender que o método em Crítica Cultural abrange a relação de poder que construímos por meio das inter-relações dialógicas. Se pensarmos o método como uma forma do fazer cultural, podemos assim argumentar, que este encontra-se no entremeio das relações de poder. Ou seja, ele ecoa o lugar de confronto e de tomada de decisões, o que promove o conhecimento científico na contemporaneidade.

Segundo Derrida (2001), o entremeio é o ponto de quebra do real. Ou seja, a partir desse lugar podemos confrontar o já dito e reformular outros questionamentos sobre o que já existe. Sendo assim, pensar a teoria do método levando em consideração os argumentos de Derrida (2001) implica-nos realizar ligações de pontos divergentes para construirmos a lógica do fazer cultural, o que gere as relações discursivas no contexto sociocultural. Desse modo, podemos pensar a interação do sujeito com a teoria do método o lugar da Crítica Cultural no contexto em que este se encontra.

A partir disso, compreendemos que pensar o método em Crítica Cultural na pesquisa é crucial para entendermos os processos contrastivos da relação de poder entre sujeitos na sociedade. Assim, podemos compreender que o método em Crítica Cultural desempenha um papel de bastante relevância para instituímos o lugar da crítica a partir de nossas inquietações sobre o processo de formação contínuo que estamos inseridos, o que buscamos fundamentar e alicerçar o conhecimento crítico/reflexivo que estamos construindo.

Assim, é possível perceber, a partir dos estudos em Crítica Cultural, que a construção do conhecimento constitui-se por meio de mecanismos que norteiam a interação dos sujeitos permitindo ao mesmo adentrar em espaços já revisitados pela crítica. Desse modo, se levarmos em consideração as ponderações trazidas por Derrida (2001), podemos compreender que esse processo de construção do saber constitui-se no entremeio das relações dos sujeitos com a crítica. Nesse sentido, é possível argumentar a partir do que discorre o autor, que o entre-lugar constitui-se o ponto chave para desestabilizar conceitos já formulados pela própria crítica, proporcionando dessa forma, outras possibilidades para se buscar o conhecimento a partir de novas reflexões do que já existe.

No entanto, se pensarmos a indústria cultural como um método que dissemina a produção cultural no contexto social, podemos então argumentar, que vivenciamos a propagação da mesma nos espaços que norteiam o conhecimento científico. Ao criarmos uma teoria do método para

fundamentarmos nossas produções e reflexões críticas, fortalecemos a indústria cultural, já que sempre buscamos a exposição de nossas produções no mercado industrial.

Em contrapartida, para conseguirmos construir o pensamento crítico a partir de nossas experiências de forma que este sobreviva ao aparato da indústria cultural, precisamos utilizar as linhas de fuga apontadas por Deleuze & Guattari (1995). Assim, se analisarmos o método como um processo rizomático, compreendemos que este permitem-nos entender a crítica como um espaço heterogêneo e de interpretação, o que pode nos proporcionar saberes diversos.

Nesse sentido, podemos argumentar que a construção do método em Crítica Cultural nos possibilita adentrar a diversas fontes do conhecimento se levarmos em consideração o sistema arbóreo apontado por Deleuze & Guattari (1995). Isso pode ser entendido como uma forma de subsistir as reações do mercado industrial. Assim, é também pertinente pensar no papel da linguagem na formação de nossos discursos no contexto social.

Foucault (1996, p. 9) afirma que

[...] Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder. [...] – o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar.

Desse modo, é pertinente pensar que os diversos discursos tecidos a partir das relações entre sujeitos em seus espaços de convivência pressupõem de certa maneira, as formas de dominação dos mesmos nestes lugares. Logo, se pensarmos os discursos produzidos nos espaços de convivência dos sujeitos como formas de dominação, precisamos levar em consideração o que direciona os embates políticos e o lugar de poder do sujeito que fala. Dessa forma, é pertinente argumentar que o lugar de poder corrobora para subsistir a luta entre classes no contexto social.

Sendo assim, podemos compreender que os discursos produzidos no contexto social são formas de dominação. Estes, por sua vez, constituem a relação de poder entre classes na sociedade. Se pensarmos a linguagem como a propagadora do discurso podemos compreender que ela rege a sociedade e confere ao indivíduo o poder de voz, mesmo que este esteja à margem.

Dessa forma, refletamos, o principal propagador do sistema opressor é a linguagem. Esta, ao mesmo tempo que liberta, também oprime. Nesse sentido, compreendemos que o condutor dessa libertação ou opressão configura-se a partir da posição ocupada pelo sujeito que fala. Isso, de certa forma, acaba afetando a vida das pessoas, o que interfere de certo modo, nas relações dialógicas dos sujeitos em seu contexto sociocultural.

Assim, buscando entender os processos de formação dos sujeitos da linguagem para comunicar-se em seu contexto social, compreendemos que os vários espaços acessados por estes indivíduos promovem o conhecimento por meio de suas relações socioculturais. Sendo assim, é importante analisar os discursos que estão sendo disseminados nesses contextos, pois a partir deles é possível desconstruir ou instituir formas de dominação nos espaços de convivência.

No entanto, se pensarmos nos processos de formação discursivas dos sujeitos na contemporaneidade a partir de seus discursos sobre a vida em sociedade, podemos argumentar que a vida humana contemporânea pode ser entendida como um processo heterogêneo. Nesse sentido, os sujeitos formadores de opiniões tornam-se autores de seus próprios discursos, o que permite outro viés para a discussão sobre a realidade social.

Então, se analisarmos os processos de formação discursiva com base nos discursos sobre a vida social emergidos na sociedade contemporânea podemos compreender os processos metodológicos que são utilizados para enfatizar que o contemporâneo confere à subsistência do novo.

A partir do pensamento de Agamben (2009) entendemos que o contemporâneo permeia o passado e o presente. Assim, podemos argumentar que estes campos são revisitados pelos sujeitos por meio da linguagem. Nesse sentido, é pertinente pensar que a linguagem é constituída como um método repleto de especificidade que norteia o passado e o presente na contemporaneidade.

Agamben (2009, p. 71) afirma que

[...] o contemporâneo coloca em ação uma relação especial entre os tempos. [...] é o contemporâneo que fraturou as vértebras de seu tempo (ou, ainda, quem percebeu a falha ou o ponto de quebras), ele faz dessa fratura o lugar de um compromisso e de um encontro entre os tempos e as gerações.

Entendemos a partir do pensamento de Agamben (2009), que o novo propõe transformações do que já existe, mas que faz uma relação com o passado presente na contemporaneidade. Ou seja, ele trata a contemporaneidade como o lugar de inferência para conflitar sempre a aparição do novo no contexto social.

Todavia, se estudarmos os discursos que permeiam o campo da aprendizagem dos sujeitos por meio da linguagem literária, é pertinente observarmos de que forma se procede o ensino de literatura no contexto escolar analisando quais instrumentos são utilizados para desenvolver o trabalho com o texto literário na sala de aula.

Nesse sentido, pensando a heterogeneidade do texto literário como um processo arbóreo podemos levar em consideração a forma rizomática que Deleuze & Guattari (1995) defendem. Assim,

o texto literário visto como um instrumento rizomático permite que o sujeito leitor adentre a vários caminhos para construir o pensamento crítico/reflexivo sobre a contemporaneidade, criando desse modo, seu próprio método para fundamentar suas escolhas.

Deleuze & Guattari (1995, p. 6) discorrem que “[...] um rizoma pode ser rompido, quebrado em um lugar qualquer, e também retoma segundo uma ou outra de suas linhas e segundo outras linhas”. Nesse sentido, se relacionarmos a heterogeneidade da obra literária com o processo rizomático pensado por Deleuze & Guattari (1995), podemos compreender que as diversas possibilidades de leituras que realizamos de um texto são ramificações que este possui. Então, estas ramificações permitem que o sujeito adentre ao corpo textual por meio da leitura realizada e explore o desconhecido através dos vários caminhos que nele existe. Sendo assim, são essas dimensões que permitem ao sujeito constituir sentido e conhecer os processos de transformações sociais existentes na sociedade a partir das leituras e releituras do texto.

Nessa perspectiva, pensando o texto numa visão rizomática, percebemos sua influência na construção do conhecimento crítico como forma de garantir o debate sobre os assuntos emergentes em nossa sociedade. Desse modo, é possível também argumentar que o rizoma age como uma força libertadora que possibilita o enfrentamento nas relações de poder entre sujeitos.

No entanto, se analisarmos o texto literário como um instrumento lucrativo da indústria cultural podemos levar em consideração a linha de pensamento de Adorno & Horkheimer (1947) que discutem sobre os processos de ascensão do mercado industrial na sociedade contemporânea.

Assim, se pensarmos a literatura a partir da escolarização do sujeito no ambiente escolar, podemos observar nesse contexto que a disseminação do texto literário pode está sendo realizada através do livro didático, já que muitos estudantes têm o contato com a literatura a partir deste instrumento utilizado pela escola para realização do ensino de língua e de literatura.

Então, entendendo a padronização da leitura literária no livro didático como forma de mecanização do estudo do texto literário podemos argumentar que o ensino de literatura acontece no contexto escolar através da utilização deste material. Sendo assim, é pertinente também pensar no livro didático como uma mercadoria didático-metodológica para a disseminação do ensino na escola.

Dessa forma, se enxergarmos o livro como um dispositivo de reprodução da indústria cultural, compete a instituição de ensino uma avaliação rigorosa deste material para que o uso dessa técnica não prejudique o ensino e aprendizagem dos estudantes. Podemos assim dizer que é responsabilidade da escola escolher com cautela o produto que norteará o conhecimento na sala de

aula, já que é notória a existência de diversas propostas no mercado que disponibilizam com facilidade este material nas instituições de ensino. Também é preciso averiguar a qualidade do conteúdo ofertado nos livros para não comprometer a formação dos sujeitos.

Nesse sentido, a escola passa a ser um ambiente propício para a reprodutibilidade e circulação tecnicista do mercado industrial e da cultura do livro na formação do sujeito. Dada esta importância da produção cultural do livro no ambiente escolar, é pertinente pensar que a escolarização do sujeito promovida neste contexto vislumbra a ideia de padronização do ensino. Então, sendo o livro didático um dispositivo mercadológico para o ensino de língua e de literatura no contexto escolar, precisamos questionar sua função no mercado.

Desse modo, se entendermos o livro didático como um instrumento de aquisição de poder da indústria cultural que gera lucros aos seus reprodutores, é notória uma grande disputa de mercado para introduzir seu produto no ambiente escolar como um dispositivo de formação cultural que norteia o conhecimento sistemático neste contexto.

Pensando o sistema escolar como qualquer outro sistema, este também está sujeito a falhas. Nesse sentido, é pertinente argumentar que nem sempre as escolhas tomadas pelas instituições de ensino rendem resultados à formação crítica dos sujeitos. Com isso, podemos entender que a formação cultural do sujeito dada pelo livro didático constitui um tipo de padronização do ensino na sociedade contemporânea, ou seja, o sujeito é encaminhado a pensar a partir do dispositivo livro que é dado e esquematizado como forma de garantir o lucro a quem está nos bastidores da indústria cultural e do monopólio político embrenhados na sociedade.

Assim, a cultura da leitura por meio da utilização do livro didático passa a ser um mecanismo de aprendizagem de caráter raso que contribui para a padronização do currículo escolar, engessando, desse modo, a formação do sujeito.

Adorno & Horkheimer (1947, p. 17) dizem que “na indústria, o indivíduo é ilusório não apenas por causa da padronização do modo de produção. Ele só é tolerado na medida em que sua identidade incondicional com o universal está fora de questão”. A partir disso, podemos assim supor que o empoderamento político cultural regula e formatiza a produção cultural na sociedade. E esta, intensifica a popularidade da técnica de reprodutibilidade da indústria e o processo de culturalização do conhecimento das massas que partilham suas especificidades por meio da cultura padronizada como o caminho das relações de poder em seu contexto sociocultural.

Para Adorno & Horkheimer (1947, p. 21),



A cultura é uma mercadoria paradoxal. Ela está tão completamente submetida à lei da troca que não é mais trocada. Ela se confunde tão cegamente com o uso que não se pode mais usá-la. É por isso que ela se funde com a publicidade. Quanto mais destituída de sentido esta parece ser no regime do monopólio, mais todopoderosa ela se torna.

Nesta perspectiva compreendemos que a cultura constrói o mercado da indústria cultural, e este dissemina na sociedade a relação de poder de forma sutil fazendo as controvérsias da realidade da vida social para garantir o mercado industrial a partir da política que a rege, o que pode limitar ou expandir suas formas de dominação.

Se pensarmos a política como o fio condutor que promove o ensino na sociedade, possivelmente constataremos que as relações de poder construídas no contexto social por meio das instituições e das políticas de ensino formalizam e regulam a apropriação do conhecimento a partir da interação dos grupos de convivência no mundo contemporâneo.

Em contrapartida, para pensar na escolarização do sujeito a partir da política cultural do livro precisaremos refletir em quais circunstâncias este material foi produzido e o que importa para a disseminação do conhecimento entre sujeitos em seu contexto histórico e cultural. Logo, entender o que leva esse mecanismo a se propagar no ambiente de aprendizagem e sua utilização é de grande relevância para assim podermos compreender sua função e possível contribuição à formação do sujeito. Desse modo, podemos pensar a indústria cultural como um mercado que rege a sociedade contemporânea. Esta, a partir da maneira que vem sendo propagada passa a liderar o mercado capitalista por meio da reprodução em massa de produtos.

Adorno & Horkheimer (1947, p. 14) discorrem que:

A indústria só se interessa pelos homens como clientes e empregados e, de facto, reduziu a humanidade inteira, bem como cada um de seus elementos, a essa fórmula exaustiva. Conforme o aspecto determinante em cada caso, a ideologia dá ênfase ao planejamento ou ao acaso, à técnica ou à vida, à civilização ou à natureza. Enquanto empregados, eles são lembrados da organização racional e exortados a se inserir nela com bom-senso.

Partindo desse pressuposto entendemos que a indústria cultural se encarrega de encaminhar o homem às formas emergentes dos meios de produção, o que permite sua inserção a uma organização cultural que sustenta o poderio da técnica de reprodução e fundamenta a relação de controle da humanidade. Nesse sentido, intuímos que a partir da pregação de ideologias se consolida a vida em sociedade e se constitui as históricas relações de poder no mundo contemporâneo. O que prisma, paradoxalmente, o poder entre dominador e os sujeitos dominados. Podemos assim argumentar, que essa relação de poder rege a vida cotidiana das massas.

Assim, a partir do pensamento de Adorno & Horkheimer (1947), é pertinente refletir que a indústria cultural recruta fiéis consumidores para a garantia do poder e do extraordinário lucro. Ela também pode permitir a unificação da cultura no contexto social dos sujeitos. Nesse sentido, o modelo social de sociedade dá o poder aquisitivo tão almejado pela indústria.

A indústria cultural como àquela que direciona a escolarização das massas a partir do dispositivo livro, podemos compreender que sua relação com o público escolar visa apenas a disseminação de seu produto neste contexto. Sendo assim, é possível argumentar que a relação da política industrial com a política escolar é constituída a partir da inserção e da reprodutividade do produto cultural (livro). O que pode, intencionalmente, fissurar a conduta social da vida humana por meio da técnica construída para o controle das massas.

Nesse sentido, os mecanismos que formalizam o conhecimento sistemático e intelectual na contemporaneidade podem estar vinculados a ascensão da sociedade, o que pode ter contribuído sistematicamente para o empoderamento das elites e às lutas de classe. Desse modo, podemos argumentar que o poder impõe condutas sociais a serem seguidas, o que corrobora para se instituir o discurso do dominador e a *obediência* das massas para com o sistema. Logo, através da língua, o domínio da sociedade é exercido por poucos.

Eagleton (2006, p. 132) afirma que “a língua é um campo de forças sociais que nos modelam até as raízes”. Conforme discorre o autor, podemos enxergar a língua com uma potência disseminadora do conhecimento crítico e intelectual e como uma forma de cultura que surge fundamentada no discurso do dominador. Essa, vista nessa perspectiva, outorga a ascensão do conhecimento através da linguagem construída a partir das vivências sociais.

Assim, tendo a língua como um dispositivo de dominação, entendemos que os discursos construídos em relação à vida em sociedade encaminham o sujeito às possibilidades de interação social e possibilita o mesmo a construção do pensamento crítico/reflexivo em seus espaços de convivência.

Então, sabendo que nós, seres humanos, habitantes de uma sociedade meramente lucrativa, somos os consumidores dos produtos da indústria cultural, podemos assim argumentar, que ao mesmo tempo em que a potencializamos consumindo seus produtos também tecemos críticas ao seu sistema pelo próprio sistema, que de certa forma, é regido pela língua utilizamos.

Se pensarmos a escola como um mecanismo de difusão do conhecimento científico por meio da língua, podemos compreender sua importância na formação do pensamento crítico e reflexivo dos sujeitos neste ambiente como forma de debater as questões sobre a massificação e

padronização do conhecimento na contemporaneidade. Nesse sentido, é pertinente também pensar a escola como o lugar de debates sobre a técnica da reprodutividade da indústria cultural no mundo contemporâneo.

Em suma, sabemos que tanto o conhecimento advindo do espaço escolar, assim como o que vem de outros espaços sociais, são importantes para entendermos o processo de construção dos saberes e os processos dialógicos e discursivos que compreendem a vida social como um procedimento de formação cultural, política e ideológica, contribuindo, dessa forma, para a constituição do sujeito formador de opiniões e construtor de seus próprios discursos. Também é possível tratar o espaço escolar como o lugar de reflexão dos próprios discursos que a partir da mesma língua que os constrói podem ser criticados. Podemos assim concluir que o sujeito não desconhece totalmente a intenção da indústria cultural no mundo contemporâneo, já que ele é um consumidor ativo do mercado.

## REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. A indústria cultural: O esclarecimento como mistificação das massas. In: *Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos*. Diagramação, 1947.
- AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo e outros ensaios*. Trad. Vinicius N. Honesko. Chapecó: Argos, 2009.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. v. 1
- DERRIDA, Jacques. *Posições*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2001
- EAGLETON, Terry. O que é literatura. In: *Teoria da literatura: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola. 1996.



## CRÔNICAS CONTEMPORÂNEAS DE AUTORIA FEMININA: UM OLHAR SOBRE OS MODOS DE PRODUÇÃO E RECEPÇÃO DE MARTHA MEDEIROS

Silvana Nascimento Lianda<sup>1</sup>

Profa. Dra. Jailma dos Santos Pedreira Moreira

*Resumo:* Trata-se de uma reflexão sobre o sumário provisório da dissertação, composto por 3 capítulos, divididos em 3 subcapítulos. No primeiro, intitulado *Crônica e imprensa: da conquista da escrita feminina às reescritas contemporâneas*, é realizada uma discussão sobre o gênero crônica e a formação da imprensa feminina, além de apresentada a escritora Martha Medeiros. No capítulo seguinte, intitulado *Martha Medeiros e seus textos: impasses e estratégias para a sua recepção*, são apresentadas as crônicas selecionadas para a realização das oficinas com os estudantes de Letras, as noções que o mercado atribui à cronista em questão e as percepções afirmadas pelo público receptor. E no último capítulo, *A escrita de crônicas e a escrita de si: modos de produção da subjetividade feminina*, é proposta uma discussão e relação sobre a escrita de si presente nos textos de Martha Medeiros e as identificações e autorreflexões que eles promovem, tendo em vista, neste contexto mercadológico, as imagens que os estudantes apresentam sobre a literatura, o ofício de escritora e o feminino. Assim, esperamos provocar uma reflexão sobre a recepção de Martha Medeiros frente a um público em formação na área de Letras, em um contexto mercadológico.

*Palavras-chave:* Crônicas. Produção e recepção. Martha Medeiros.

O presente paper consiste em uma reflexão sobre o sumário provisório da dissertação que tem como objetivo geral: Identificar os modos de produção e recepção de Martha Medeiros, por meio de suas crônicas, analisando como as estratégias utilizadas pela cronista, para defender seu ponto de vista, atuam sobre o leitor e os indícios da construção da subjetividade da escritora, via seu texto, em um contexto mercadológico. Assim, no primeiro capítulo intitulado *Crônica e imprensa: da conquista da escrita feminina às reescritas contemporâneas* buscamos apresentar, através do primeiro subcapítulo, *Noções sobre o gênero crônica*, as características da crônica, seu conceito e origem, considerando que este foi o gênero literário escolhido dentre os produzidos pela escritora Martha Medeiros, sujeito da pesquisa em questão. Nesse sentido, partimos da definição expressa por Massaud Moisés a respeito da crônica:

Do grego *chronikós*, relativo a tempo (*chrónos*), pelo Latim *Chronica* (*m*), o vocábulo “*crônica*” designava, no início da era cristã, uma lista ou relação de acontecimentos ordenados segundo a marcha do tempo, isto é, em sequência cronológica. Situada entre os anais e a História, limitava-se a registrar os eventos sem aprofundar-lhes as causas ou tentar interpretá-los. (MOISÉS, 2006, p. 245)

Já Afrânio Coutinho (1994), acerca da origem da crônica, afirma que a princípio, no século XIX, chamavam as crônicas de “folhetins” que eram estampados em rodapés dos jornais, mas venceu e

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB), linha de pesquisa Literatura, produção cultural e modos de vida. Orientadora: Profa. Dra. Jailma dos Santos Pedreira Moreira. Endereço eletrônico: sil\_lianda@hotmail.com.

generalizou-se afinal o termo “crônica”, ficando “folhetim” para designar mais a seção, na qual se publicavam não só crônica como também ficção e todas as formas literárias. A esse respeito Antonio Candido complementa:

Antes de ser crônica propriamente dita foi "folhetim", ou seja, um artigo de rodapé sobre as questões do dia - políticas, sociais, artísticas, literárias. [...] Aos poucos o "folhetim" foi encurtando e ganhando certa gratuidade, certo ar de quem está escrevendo à toa, sem dar muita importância. Depois, entrou francamente pelo tom ligeiro e encolheu de tamanho, até chegar ao que é hoje. [...] A linguagem se tornou mais leve, mais descompromissada (CANDIDO, 1992).

No que diz respeito às características da crônica, ainda segundo Coutinho, a partir do Romantismo a crônica foi crescendo de importância, assumindo personalidade de gênero literário com características próprias, sendo um dos gêneros que mais se abasileiraram, no estilo, na língua, nos assuntos, na técnica. E conforme Moisés a crônica é um texto curto de meia coluna de jornal ou de página de revista, de consumo fácil, imediato, acessível ao leitor de jornal ou revista, cujo estilo encontra-se entre o coloquial e o literário. Possui a ambiguidade, brevidade, subjetividade, diálogo, temas do cotidiano e efemeridade como requisitos essenciais. E sobre esses traços Antonio Candido defende a importância de insistir no papel da simplicidade e graça próprias da crônica pois aprende-se muito quando se diverte, sendo esses traços constitutivos da crônica um veículo privilegiado para mostrar de modo persuasivo muita coisa que divertindo, atrai, inspira e faz amadurecer a nossa visão das coisas.

Dando sequência à divisão de subcapítulos, em *A formação da imprensa feminina* buscamos refletir sobre como surgiu a imprensa feminina, como as mulheres começaram a escrever e publicar seus textos, considerando que embora tenhamos uma colunista como sujeito da pesquisa, o acesso à escrita foi resultado da luta de muitas outras mulheres que a antecederam nesse ofício. Assim, em relação ao contexto que favoreceu a formação da imprensa feminina, Maria do Rosário Pereira defende:

A vinda da família real para o Brasil, em 1808, e a instalação da corte portuguesa no Rio de Janeiro transformaram essa localidade em ponto privilegiado para o recrudescimento da questão cultural e de novos modos e hábitos europeus que vão sendo incorporados pela população brasileira. Intensifica-se o processo de urbanização, ocorre a chegada da imprensa em 1816. Salienta-se que entre o início do século XIX e o início do XX as crônicas passavam por um processo lento de mudanças, acompanhando ao mesmo tempo as mudanças históricas que ocorriam (PEREIRA, 2010, p. 2).

Rosário explica ainda como a partir da chegada da República as mulheres começam a modificar seu modo de vestir, a ir à ópera, ao teatro, iniciando-se a construção de uma nova mulher, ocupada com a vida que a cercava, ao invés de ficar estritamente reclusa ao seio familiar. Esclarece que até

1814 as mulheres brasileiras estiveram fora da escola e poucas recebiam uma educação básica em casa e esse fato impressionava negativamente os estrangeiros que aqui aportavam.

Já acerca da inserção das mulheres na imprensa, Karina Janz Woitowicz (2016) explica que o marco inicial aconteceu ainda no século XIX, com a publicação de jornais que discutiam principalmente a participação política das mulheres e as mudanças de costumes. Ou seja, as experiências de produção de veículos inicialmente femininos, depois feministas, acompanharam as lutas das mulheres por direitos, inclusive o direito à escrita e lançaram as bases do que seria, décadas mais tarde, uma imprensa assumidamente feminista.

No que se refere à função da imprensa feminina, Dulcília Buitoni (1986) afirma que a imprensa feminina era um canal de expressão para as sufocadas vocações literárias das mulheres, principalmente no caso das produções menores, uma vez que discutiu a posição das mulheres na sociedade e defendeu seus direitos colocando em foco as interferências do público no privado. Nesse sentido, segundo Constância Lima Duarte (2016) a literatura, a imprensa e a consciência feminista surgiram praticamente ao mesmo tempo no Brasil, nas primeiras décadas do século XIX, uma vez que quando as primeiras mulheres tiveram acesso ao letramento, imediatamente se apoderaram da leitura, que por sua vez as levou à escrita e à crítica. Duarte complementa que a leitura lhes deu consciência do estatuto de exceção que ocupavam no universo de mulheres analfabetas, da condição subalterna a que o sexo estava submetido e proporcionou o surgimento de escritos reflexivos e engajados, tal a denúncia e o tom reivindicatório que muitos deles ainda hoje contêm. Assim, os jornais e as revistas foram os primeiros e principais veículos da produção letrada feminina, que desde o início se configuraram em espaços de aglutinação, divulgação e resistência.

Encerrando as discussões do primeiro capítulo, no terceiro subcapítulo *A cronista Martha Medeiros e seus espaços de construção*, apresentamos Martha Medeiros, a sua formação, o início do seu ofício como escritora, os veículos de divulgação de seus textos, as obras publicadas. Martha Medeiros é jornalista, poetisa, romancista, aforista e cronista de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. É colunista do jornal Zero Hora, de Porto Alegre (no Caderno Donna, com circulação aos domingos, e no Segundo Caderno, com circulação as quartas), e do jornal O Globo, do Rio de Janeiro (no caderno Revista O Globo que circula aos domingos). Em entrevista, ela explica o início de seu trabalho como escritora: “Tudo na minha vida literária aconteceu assim, meio ao acaso, meio circunstancial. Nunca projetei uma carreira literária. Uma vez, mandei um trabalho para uma editora, outra vez uma pessoa me procurou, amigos indicam, sempre foi uma coisa meio informal”.

Já a respeito do início da escrita e publicação de crônicas, Martha Medeiros explica que não tinha a pretensão de ser cronista, que foi circunstancial. Afirma que em 1993 seu ex-marido recebeu

uma proposta para trabalhar em Santiago do Chile e ela, cansada do trabalho com propaganda, deixou o emprego e nos oito meses que lá ficou passava os dias escrevendo. Nessa época, o jornalista Fernando Einchenberg, que trabalhava no jornal Zero Hora, esteve em Santiago, ficou hospedado em sua casa e pediu seus textos para mostrar em tal jornal. Relata que quando voltou a morar no Brasil pediram uma crônica, depois outras, e em pouco tempo lhe deram uma página no Zero Hora e a partir de então passou a viver da escrita, como fica perceptível em seu comentário:

Tenho um vínculo profissional, um trabalho que envolve disciplina, responsabilidade, e que eu acabo privilegiando porque não posso chegar no dia da entrega e não ter nada. [...] A crônica é um trabalho que tenho muito prazer em fazer, mas é a minha profissão, pela qual ganho um salário mensal (MEDEIROS, 2006, p. 14).

Formada em Comunicação Social, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em 1982, e tendo trabalhado cerca de treze anos como redatora publicitária em diversas agências de propaganda, em setores de criação e de redação, Martha Medeiros explica a contribuição dessa formação e atuação para a escrita de suas crônicas. Afirma, nesse sentido, que como a propaganda trabalha muito com a objetividade, tem pouco tempo e espaço para passar o máximo de informação, e está sempre seduzindo alguém através da TV, da revista, do anúncio no jornal, ela foi uma escola de síntese e sedução. Além disso, afirma que a propaganda brasileira trabalha muito com o humor rápido, o que também influenciou a sua escrita. Ainda sobre os traços de sua escrita ela comenta que escreve como se estivesse conversando, que se coloca muito, sendo quase um bate-papo por escrito.

Dando continuidade à descrição dos demais capítulos previstos, no segundo capítulo, definido como *Martha Medeiros e seus textos: impasses e estratégias para a sua recepção*, passamos a apresentar o olhar do leitor diante de suas crônicas, os textos da escritora selecionados para a pesquisa e o que eles discutem. Logo no primeiro subcapítulo apresentamos *Os textos selecionados e seus desdobramento*, onde explicamos quais foram os textos selecionados para a realização das oficinas com os estudantes de Letras e o porquê da escolha, além de uma síntese sobre o que cada crônica discute, quais são as temáticas desenvolvidas. No segundo subcapítulo, intitulado *Entre apropriações do mercado e percepções do leitor: imagens sobre Martha Medeiros expressas pelos estudantes de Letras*, buscamos identificar qual a noção que o mercado atribui à Martha Medeiros e como os estudantes lidam com essa noção, se eles confirmam, desconstruem, ou ainda que noções criam. E no terceiro subcapítulo, *Produzindo atrativos, driblando rejeições: em foco a sedução do leitor*, fizemos um levantamento das estratégias de escrita utilizadas por Martha Medeiros que se mostraram mais atrativas ao leitor e das que despertaram alguma rejeição.



No terceiro e último capítulo, *A escrita de crônicas e a escrita de si: modos de produção da subjetividade feminina*, desenvolvemos acerca dos relatos de si presentes nas crônicas de Martha Medeiros e do modo como é construída a subjetividade feminina, via seus textos, considerando, inclusive, as noções do mercado que os divulgam. Assim, no primeiro subcapítulo, *A escrita de si presente nos textos de Martha Medeiros*, descrevemos como Martha Medeiros se constrói em seus textos, quais são os relatos de si abordados nas crônicas, quais as intencionalidades desse comportamento, bem como as representações identificadas. No segundo subcapítulo, *As crônicas e as identificações e autorreflexões promovidas*, buscamos verificar e relatar como os estudantes de Letras enxergam os acontecimentos pessoais narrados pela cronista, em que medida eles se identificam, se esses relatos provocam reflexões sobre suas vidas e quais. E no terceiro subcapítulo, *Para além do mercado: o olhar para a literatura, o ofício de escritora e o feminino*, discutimos o modo como o mercado vende a imagem da subjetividade feminina produzida nos textos de Martha Medeiros e como a escritora a discute, em que medida ela se apropria do mercado para propor novas reflexões.

Enfim, esperamos desenvolver cada uma das discussões propostas, e aqui mencionadas de modo resumido, através da apresentação dos capítulos e subcapítulos que compõem o sumário provisório, visando o atendimento aos objetivos já citados.

## REFERÊNCIAS

BUITONI, Dulcília Schroeder. *Imprensa feminina*. São Paulo: Ática, 1986.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: CANDIDO, Antonio (Org.). *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. São Paulo: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 1992.

COUTINHO, Afrânio. Ensaio e crônica. In: COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil – v. 6*. São Paulo: Global, 1994.

DUARTE, Constância Lima. *Imprensa feminina e feminista no Brasil. Século XIX: dicionário ilustrado*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

MEDEIROS, Martha. *A sedução do texto*. Coleção Autores Gaúchos. Porto Alegre: IEL, 2006.

MOISÉS, Massaud. *A criação literária*. São Paulo: Cultrix, 2006.

PEREIRA, Maria do Rosário. *A crônica feminina brasileira no século XIX*. In: *Fazendo Gênero 9 – Diásporas, diversidades, deslocamentos*. 2010.

SÁ, Jorge. *A crônica*. São Paulo: Ática, 2008.

WOITOWICZ, Karina Janz. *Marcos históricos da inserção das mulheres na imprensa: a conquista da escrita feminina*. In: *Jornal Alcar*, n. 38, 2016.



## TURMA 2017

### A COR NA LITERATURA: DOS PROCESSOS ASSUNÇÃO DE UMA IDENTIDADE NEGADA E VILIPENDIADA EM *VIVA O POVO BRASILEIRO*.

Adilton da Cruz Santana (Pós-Crítica /Uneb)<sup>1</sup>

*Resumo:* Em *Viva o povo brasileiro* os quadros historiográficos de um país em busca da identidade nacional são remontados e recontados a partir de uma perspectiva inusitada. João Ubaldo Ribeiro neste romance histórico contrasta a História oficial do Brasil, questiona as posições de sujeitos e objetos da história e propõe um fazer literário em que as minorias subalternizadas se apropriem das ferramentas do discurso para contrapor as condições que lhes aviltam. O estudo em questão é uma proposta de análise e revisão crítica das construções discursivas e os processos de assunção, branqueamento e negação que constituem a identidade étnico-racial da personagem Amleto Ferreira, este que nega sua identidade originária e passa a assumir modos e hábitos da cultura europeia para ascender socialmente. Nessa perspectiva pretende-se utilizar a análise e percepção do discurso literário e os seus efeitos de produção na sociedade como instrumentos discursivos úteis para evidenciar e problematizar o estudo das relações étnico-raciais na literatura brasileira.

*Palavras-chave:* Literatura brasileira. Relações Étnico-raciais.

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho objetiva discutir e analisar à luz da crítica literária e cultural os efeitos das transições identitárias e mortificação do corpo negro, na obra *Viva o povo brasileiro*, de João Ubaldo Ribeiro.

O projeto a ser desenvolvido terá como metodologia a revisão da crítica sobre a obra em questão, especificamente os discursos evocados do personagem, Amleto Henrique Nobre Ferreira-Dutton, e as possíveis relações entre a representação, percepção, assunção e negação da identidade negra na produção do texto literário.

A partir desta perspectiva pretende-se utilizar a análise e percepção do corpus literário e os seus efeitos de produção na sociedade como instrumentos discursivos úteis para evocar e problematizar o estudo das relações étnico-raciais na literatura brasileira. Em consonância com as discussões abordadas por autores como HALL (2011), MUNANGA (1986; 2008), TELLES (2012), FRANÇA (1998), CÂNDIDO (2000), GODET (2014), DURÃO (2016), MIGNOLO (2008), GINZBURG (1990), DELEUZE; GUATTARI (1977) dentre inúmeros outros autores que contribuíram e ainda contribuem para o debate e fomento das temáticas aqui citadas.

---

<sup>1</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB), linha de pesquisa Literatura, produção cultural e modos de vida. Orientador: Prof. Dr. Arivaldo de Lima Alves.

A pesquisa aponta para fricções entre o discurso histórico-literário e chamada realidade, bem como permite a análise e percepção de tensões que rediscutem velhas posições sociais subalternizadas nos discursos sociais e conseqüentemente literatura sendo necessária uma provocação reflexiva que perpassasse o literário e desemboque no campo do social como uma potência discursiva de reterritorialização das subjetividades marginalizadas.

### **ONDE A PESQUISA SE REVELA**

Todo estudo parte de uma perspectiva particular, interior e muito própria que nos conduz a olhar para diferentes direções na busca de uma verdadeira direção, se é que há, ou aquela que julgamos ser adequada. A partir dessa relação que se estabelece entre uma proposta de estudo com um campo de pesquisa é que se revela ao pesquisador neófito o surgimento de diferentes pontes, caminhos, o caos e alguns rumos que apontam uma perspectiva da pesquisa.

A literatura é um lugar onde os constructos de realidade social acontecem revelando processos de construção das subjetividades e por ela são veiculadas visões e percepções que traduzem uma dada tessitura social. É por meio deste caráter dialógico que homem constrói identificações que lhes permite pensar as condições sociais que lhe são determinantes.

O interesse pela identidade negra, diáspora e as inúmeras temáticas que envolvem a população negra surgiu durante a graduação na disciplina de Literatura Brasileira ministrada pelo professor Edvaldo Conceição. O laborioso percurso de percepção da identidade negra presente na corporalidade ainda não identificada se deu em contato com teorizações que se propunham discutir noções como negritude, identidade, racismo, etnicidade, literatura, relações étnico-raciais desses conceitos surgem direcionamentos que aportam na literatura especificamente o romance, *Viva o povo brasileiro*, de João Ubaldo Ribeiro.

Obra que inverte os valores de uma historicidade hegemônica e traz a centralidades discursos e vozes de grupos sociais minoritários. Há no romance uma extensa lista de personagens que merecem um estudo *Maria da Fé*, *Caboco Capiroba*, *Rita Popó*, *Patricio Macário*, *Nego Leleu*, *Meirinha* dentre outros, porém este projeto se ocupará da análise crítica do personagem na obra, *Amleto* Henrique Ferreira-Dutton.

Para descentrar, problematizar e revisar visões equivocadas do negro brasileiro na literatura é que pretendo propor na dissertação de mestrado uma análise que perpassa a crítica cultural dos processos de construção ficcional discursivo de negação da identidade negra no personagem *Amleto Ferreira*.

## **OBJETIVA-SE**

Analisar a construção discursiva literária que constitui a identidade do personagem Amleto Henrique Nobre Ferreira-Dutton na obra *Viva o povo brasileiro*, a partir da crítica cultural e dos processos discursivo-formativos que nega uma identidade em detrimento de outra. Bem como estabelecer relações entre às contribuições da literatura para debate, fomento e desconstrução das temáticas relativas ao racismo, discursos hegemônicos e relações étnico-raciais.

## **ESPECIFICAMENTE**

- Discutir e problematizar as narrativas sociais literárias e estereótipos que se referem ao negro na literatura ubaldiana;
- Utilizar a crítica cultural como perspectiva teórica de análise global da obra em estudo;
- Promover discussões que operem criticamente conceitos de negritude, relações étnico-raciais, mestiçagem, corpo negro como agentes desconstrutores de estereótipos relativos ao negro na literatura;
- Situar a função do personagem literário na promoção do debate crítico que põe em evidência tensões culturais.

Em consonância com as discussões aqui promovidas, o presente trabalho enquanto produção crítico-reflexiva propõe-se também descortinar os modelos hegemônicos de produção de fala, conhecimento e saberes. Eis o paradoxo desse romance contemporâneo: escrever para negar a escrita e afirmar o direito transversal da oralidade; investir textualmente no retorno de vozes recalçadas como condição de possibilidade de uma crítica da escritura ou escrituralidade do Ocidente (SANTOS, 2013).

## **CAMINHOS A SEREM PERCORRIDOS**

Visa-se por meio desta pesquisa a realização e cumprimento dos objetivos aqui listados com rigor e competência crítica. Desta maneira espera-se:

- Um aprofundamento em escala maior em um projeto de doutoramento;
- Promoção, discussão e reflexão dos temas aqui abordados fora dos espaços e ambientes acadêmicos;

- Ampliar o leque de pesquisas cujas temáticas sejam relativas ao universo das relações étnico-raciais no Brasil e a literatura;
- Potencializar as subjetividades negras subalternizadas através de discursos de desconstrução de representação de estereótipos negativos;
- Aliar a crítica cultural aos estudos interpretativos da obra.

### **CONSIDERAÇÕES POSTERIORES...**

A investida de João Ubaldo Ribeiro em personagens que são dissonantes com o establishment literário é uma proposta de inversão que ousa promover um debate sobre a representação dos subalternizados ao longo da História oficial e conseqüentemente na Literatura. Esta que desponta e aponta problemas sociais que tipificam os modos de produção de conhecimento do homem e conduzem a saída das centralidades ocidentais que hegemonomizam o conhecimento, demoniza alteridades e lhes relegam, por meios de aparatos dominantes, condições de sujeição.

Em *O entre-lugar do discurso latino-americano o crítico*, Siviano Santiago discute os olhares sobre as condições delimitam certo olhar sobre as formas de pensar a identidade da produção literária brasileira bem como a situação que condiciona uma dependência cultural presente no discurso cultural e literário latino americano. A este questionamento do entre-lugar, dos interstícios, do fronteiroço é que Viva o povo brasileiro expõe relações culturais problemáticas que integram a controversa formação da identidade nacional.

Com um viés analítico e engajado a obra descortina o palco social onde as cenas traduzem as insatisfações do povo de uma maneira crítica, irônica e por vezes divertida o que não retira do texto histórico-literário a relevância ao discutir os mecanismos de poder engendrados na atuação disciplinar dos corpos (FOUCAULT, 2014) subalternizados e seus domínios ao longo da condição colonialista.

Nessa perspectiva de compreensão do corpo assujeitado que se aplicam os conceitos que reposicionam o papel do negro enquanto objeto na literatura brasileira ficcional, ou seja, a noção de sujeição, dominação e ausência de voz não podem mais caracterizar o corpo negro que foi durante muito tempo objeto de estudo dos chamados “homens da ciência” como afirma em *o Espetáculo das raças* (1993) a antropóloga e historiadora Lilia Moritz Schwarcz.

Para a desconstrução de visões paradigmáticas que ainda estão presentes em nossa literatura faz-se necessário construir conhecimentos que estejam voltados para a promoção de novas noções

que visem potencializar não só negro como também todos aqueles sujeitos que foram inferiorizados em sua história e em seus processos sócio formativos.

O ser político não se dissocia do ser humano uma vez que ele interage com o outro, cria possibilidades, burla dominações conseguindo vencer os desafios impostos pela sociedade excludente e preconceituosa, sendo todas estas características dos personagens na obra. E é através desta maneira da fala politizada na obra vai ganhando força, pois na medida em que se instauram os embates sociais na busca pelo direito de representação, de reconhecimento enquanto ser, pelo direito de exercer o poder, os discursos vão se afirmando e passa a repercutir na sociedade.

Em uma perspectiva crítica enquanto método de análise é que este trabalho se direciona na tentativa de desmontar saberes preestabelecidos, questionar posições e condições hierarquizantes argumentando que a identidade em política é crucial para a opção descolonial (MIGNOLO, 2007).

## REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. *Infância e História: destruição da experiência e origem da história*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
- BERND, Zilé. *Negritude e literatura na América Latina*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1987.
- CANDIDO, Antônio. *Formação da literatura brasileira*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda, 2000.
- CUNHA, Eneida Leal *Viva o povo brasileiro: história e imaginário*. Portuguese Cultural Studies: Vol. 1: Iss. 1, Article 3, 2007.
- DALCASTAGNÉ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Rio de Janeiro: Horizonte, 2012.
- FANON, Frantz. *Pele Negra, máscaras brancas*. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Trad. Raquel Ramallete. 42ª Edição. Petrópolis: Vozes, 2014.
- GODET, Rita Olivieri. *Viva o povo brasileiro: a ficção de uma nação plural*. Coord. João Cezar de Castro Rocha. – 1. ed. – São Paulo. Biblioteca Textos Fundamentais 2014.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomás Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 11. Ed., 1. reimp. – Rio de Janeiro: DP&A, 2011.
- MIGNOLO, Walter D. *Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política*. Traduzido por: Ângela Lopes Norte. Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade, 34, p. 287-324, 2008.
- MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Belo Horizonte, Autêntica, 2008.
- RIBEIRO, João Ubaldo. *Viva o povo brasileiro*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011. 639p.
- SANTOS, Osmar Moreira dos. *Folhas venenosas do discurso: um diálogo entre Oswald de Andrade e João Ubaldo Ribeiro*. Salvador: Instituto de Letras da UFBA, 1996.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O Espetáculo das Raças. Cientistas, Instituições e Questão Racial no Brasil de 1870 – 1930*. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.

TELLES, Edward E. *O Significado da Raça na Sociedade Brasileira*. Trad. Ana Arruda Callado. Versão divulgada na internet em Agosto de 2012.



## CRÍTICA LITERÁRIA EM VLOG:

### TENSÕES E DESLOCAMENTOS NOS ESPAÇOS DA CRÍTICA

Andréa Paula Oliveira de Carvalho<sup>1</sup>

*Resumo:* Estado "agonizante" ou "morte" da crítica são, assim, os termos que os críticos literários têm se referido ao trabalho crítico. Mas descortinando esse viés alarmista e plafletário como também dessa possível "crise", esse artigo pretende investigar como o *Vlog* surge, emergencialmente, e tenciona ainda mais os espaços da crítica, modificando seus meios de produção e publicação. Entre mercado e literatura, o *Vlog* se constitui como um propulsor de uma produção crítica cheias de elementos específicos do capitalismo e se coloca antes de tudo como produto. O *Vlog* se constrói como modelo que dialoga diretamente com o mercado e abarca tanto os textos canônicos e não canônicos, e possibilita a discussão dos mais variados assuntos que permeiam o meio literário se tornando mais uma opção, mas que dessa vez parece possível e acessível à todos, tencionando e deslocando uma crítica que por muito tempo passou ao largo da maior parte da população e que hoje encontram-se restrita no ambiente universitário e pontualmente publicados em jornais e em blogs.

*Palavras-Chave:* Vlog. Crítica Literária. Mercado.

## INTRODUÇÃO

Depois de mais de quatro anos no grupo pesquisa de estudos filológicos da Universidade Federal da Bahia, resolvi abandonar à equipe para mergulhar de vez nos estudos literários. A literatura sempre foi minha paixão e motivo pelo qual eu havia feito licenciatura em letras vernáculas. Mudar naquele momento foi essencial para me impulsionar a ler e a escrever quase que gratuitamente. Dentre tantas questões que foram surgindo ao longo da minha trajetória, uma passou pela necessidade de conhecer e me debruçar mais sobre a crítica literária brasileira, que segundo alguns teóricos passam por um momento de "crise" aguda.

A disciplina de crítica literária no Brasil me fez refletir sobre a tal da "demissão da crítica" é o título de um famoso panfleto publicado por Paulo Franchetti, texto lido no lançamento do número 7 da revista Sibila, no dia 12 de abril de 2005. Apesar de se tratar de um texto de comunicação, percebe-se o abandono da dicção acadêmica em face à abordagem alarmista e extremada, o que poderia, sim, na falta de uma melhor opção chamá-lo de panfletário, tendo em vista a reflexão da problemática em questão e do iminente "desaparecimento" da crítica literária na contemporaneidade.

Mas eu percebi que dentro do debate atual não era somente Paulo Franchetti que parecia lamentar e prever apocalipticamente o futuro da crítica. Segundo Leyla- Perrone- Moises, a crítica se

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB), linha de pesquisa Literatura, produção cultural e modos de vida. Orientador: Prof. Dr. Roberto Henrique Seidel. Endereço eletrônico: andrea\_paula17@hotmail.com.

encontra em "estado agonizante", uma "prática em vias de desaparecimento", em texto publicado em 1996 no jornal Folha de São Paulo. No entanto, essa afirmação, não menos panfletária, não será suficiente para manter o debate sobre o modo que tem se processado a crítica na atualidade. A busca tem que ser pela visão investigativa e não tentar somente resgatar valores tradicionais que a pós-modernidade<sup>2</sup> parece não comportar.

O que se pode afirmar é que a crítica perdeu espaço em algumas instituições como, por exemplo, O Suplemento Literário" de O Estado de São Paulo ou os rodapés literários, ou mesmo o Folhetim. Essa mudança é causada, principalmente, pela perda de centralidade dos estudos literários. É necessário, portanto, repensar como a relação entre estudos literários e estudos culturais fazem suscitar um outro comportamento perante aos objetos culturais, que tem potencializadas as possibilidades interpretativas. Dentro dessa mesma discussão, Eneida Souza (1998, p. 77), escreve um texto para discutir o "não-lugar" da literatura frente a abordagem dos estudos culturais e conclui que existe um preconceito na relação entre o conceito de literatura e o de classe social assim afirma:

A luta por territórios e a posição defensiva da crítica contra a falta de critérios de valor na escolha dos objetos culturais revelam a necessidade de controle desse estado de turbulência, no qual a literatura se acha inscrita. E se, atualmente, a abolição de hierarquias discursivas corresponde ao semelhante descrédito diante das diferenças entre classes sociais, tais como o juízo do gosto e da preferência estética, como entrar na discussão dos valores da arte e da literatura a partir de parâmetros que fogem do controle institucional e participam do jogo competitivo do mercado? (SOUZA, 1998, p. 82).

Essa perda de centralidade deve-se, principalmente, aos estudos interdisciplinares, que através do trânsito entre diferentes campos do saber possibilitaram a diversificação dos objetos de estudo. Como confirma Souza, (1998, p. 21) "A antropologia de Levi-Strauss, a psicanálise de Lacan, a leitura sintomal de Althusser, para citar algumas das tendências, contribuem para o diálogo que a crítica literária francesa irá manter com outros campos do saber".

Os críticos literários se veem diante de uma "crise" por que passa a disciplina e a causa está, justamente, nas transformações culturais e políticas das últimas décadas. Essas transformações não estão restritas somente ao campo da crítica literária como também abrangem a área das ciências humanas como todo. Esse fator corresponde à diluição e abertura epistemológica e ao enfraquecimento dos territórios. Tendo em vista a "ameaça" dos estudos culturais que tem invadido

---

<sup>2</sup> O pós-modernismo é um fenômeno contraditório, que usa e abusa, instala e depois subverte, os próprios conceitos que desafia - seja na arquitetura, na literatura, na pintura, na escultura, no cinema, no vídeo, na dança, na televisão, na música, na filosofia, na teoria estética, na psicanálise, na linguística ou na historiografia. HUTCHEON, 1991, p. 19.

as academias e interferido nos estudos literários e comparativistas, sendo, portanto, esses estudos considerados os responsáveis pelo deslocamento e pelo descaso atual da literatura, retirando-a da sua devida importância.

Com o mundo globalizado as teorias estrangeiras atravessam sem muitas barreiras os lares acadêmicos. A maior causa desse conflito nos caminhos percorrido pela crítica é a influência dos estudos culturais de origem anglo-saxônica, e hoje também sendo desenvolvido nos Estados Unidos. É esse fato que supostamente estaria ameaçando os estudos literários e corrompendo o objeto de análise modificando a teoria literária. Assim, segundo Eneida Souza (1998, p. 68), a mudança do centro produtor de saberes ligado às ciências humanas- que se desloca dos Europa para os Estados Unidos- considerando é claro a Europa a principal fonte de princípios norteadores e desconstrutores da teoria literária, ainda se reflete num fato a ser observado por diversos teóricos, contrários às transformações por que passa o campo dos estudos literários.

Mas a reação dos críticos frente ao debate sobre os estudos culturais e suas principais consequências não se resume à postura dos críticos brasileiros, encontram-se nos representantes europeus e entre os próprios norte americanos. Eles se manifestam insatisfeitos não somente com a "perigosa" diluição do objeto de análise, como também com a presumida ausência de rigor teórico e sistematização metodológica, "provocada pelas influências das teorias da multiplicidade, da desconstrução e da descontinuidade pós-estruturalista de Gilles Deleuze e Guattari, Jacques Derrida e Michel Foucault, referências as quais foram também importantes para que os americanos fizessem uma releitura." (SOUZA, 1998, p. 21).

Em uma reflexão acerca do momento atual da crítica, João Cezar de Castro Rocha em seu texto *A crítica literária e seus descontentes* publicado em 2014, pela Revista Brasileira, traz à tona o posicionamento de críticos e teóricos que para ele convertidos em apressados coveiros revelam seus critérios em estágio ultrapassado e afirma:

É isso mesmo: literalmente, seus critérios pertencem ao século passado, pois os pressupostos que ajudaram a estabelecer os princípios da teoria e da crítica literária foram desenvolvidos a partir da revolução modernista e das conquistas das vanguardas históricas (ROCHA, 2014, p. 1).

Assim, pude perceber que boa parte desses estudiosos ainda permanecem presos nas noções formuladas no início do século XX, o que não adianta simplesmente afirmar a "morte" da crítica, colocá-la em um lugar "prontamente acabado" sem analisar as devidas proporções de onde e como e em que meio elas se encontram e se estabelecem no contexto atual. Para Rocha (2014, p. 1), "a reinvenção da crítica hoje em dia, assim como o reconhecimento da Literatura Brasileira

Contemporânea exige nova perspectiva, capaz de desconstruir a potência da circunstância que nos cabe entender e talvez transformar."

Em um dos capítulos de seu livro *O cosmopolitismo do pobre* (2004), Silviano Santiago discute a ideia do caráter atual da crítica e suas relações entre produtor/ produção literária e o espaço de circulação de ideias de uma escrita não especializada. E um dos pontos de sua discussão é tentar repensar em como escritores e críticos especialistas (universitários) podem de maneira mais sistemática participar em benefício da (literatura, da universidade, da imprensa, do público e até mesmo em benefício próprio) das páginas dos grandes jornais e revistas de circulação nacional e internacional.

Para Santiago (2004, p. 156), o "beco sem saída" encontra-se de um lado pelo gênero ensaio e do outro a crítica literária participante, pois um fornece excesso de pedantismo e notas de pé de página; e do outro abandonou o exercício criterioso da razão e da sensibilidade tornado pelo seu caráter teórico- metodológico, especializadíssimo. Mas esse fator é consequência da história da imprensa escrita ocidental e a história da sua desliteraturização, assim, o que chamamos de literatura perde espaço e prestígio na imprensa semanal e dá lugar ao cinema, cadernos de culturais, que dialogam diretamente com as condições do mercado e, não somente, mas também com a produção do saber, nas palavras de Santiago (2004, p. 113):

Dentro dessa perspectiva geral, uma das contradições insolúveis da vanguarda (científica, artística e tecnológica) periférica contemporânea encontra no cinema uma metáfora radical para o estágio periclitante em que ela vive, já que o cinema aponta para dois pólos que a sustentam, tanto a indústria quanto o saber. SANTIAGO, (2004, p. 113)

Hoje, ainda circula nos grandes jornais da internet, uma crítica especializada, e também os centros universitários fazem e publicam em revistas específicas, anais e em *sites*, da própria universidade, as suas produções críticas. Esses diversos gêneros, meios e suportes diluem mais ainda o espaço da crítica e entra em concorrência com outras formas de artes: o cinema, as telenovelas, a música, seriados formas amplas divulgação e popularização.

É comum, no entanto, que os críticos encontrem outras maneiras de lidar com as novas construções tecnológicas da pós-modernidade, ou seja, busquem outras alternativas de divulgação e publicação do seu trabalho, menos formal, de fácil acesso e sem barreiras institucionais. Tendo em vista, todas essas questões, que de alguma maneira, o meu trabalho começou a se desenvolver, indagações como: será que a crítica literária sofreu essas mudanças porque o mercado não abarcava sua produção naquele formato mais antigo? Seria preciso surgir uma crítica nova que como já observou Benjamin na arte precisaria estar relacionada a sua reprodutibilidade técnica e também na

coletividade? O que posso destacar é: o fato de termos hoje publicações em *blogs*, *Twitter*, *facebook* e o objeto mais recente os *vlogs*, que incrementam os estudos literários no Brasil. E é sobre este último que se debruça este artigo, pois após ter em vista essa crise, o que seria o *vlog* de crítica literária dentro desse novo contexto atual? Como e por que continuam surgindo lugares alternativos de publicação de crítica literária, como o *vlog*, se a crise permitiria a "morte" ou o "desaparecimento" dela?

É Nesse viés e dentro dessa problemática que se justifica esse trabalho, objetivando analisar o “comportamento” funcional e estrutural de uma produção emergente nessa sociedade tecnológica, conhecido como “*vlogs*” ou “*Vídeoblogs*”, refletindo sobre essa nova ferramenta de comunicação utilizada, hodiernamente, pelos (novos) críticos literários brasileiros, apresentando suas problemáticas de definição e sua constituição.

### **O VLOG ENQUANTO ELEMENTO TEXTUAL: ALGUMAS PROPOSIÇÕES**

Instigada pelos assuntos de gênero textuais e seus suportes na disciplina Gêneros Textuais de Língua Portuguesa na UFBA, me vi, novamente, na busca de compreender um pouco mais sobre as teorias que, de alguma maneira, abordam os seguintes temas, que passam pelos meios e modos de produção e divulgação de textos. Nessa disciplina, feita ainda no período da graduação foi que encontrei o meu objeto de estudo do mestrado. Sabendo que continuaria meus estudos em crítica literária no Brasil, pois se tornou para mim algo de muita paixão e incitação, comecei a escavar uma possibilidade de trabalhar qualquer gênero que me viabilizasse essa via de mão dupla: entre gêneros textuais e crítica literária.

A pedido da professora começamos a procurar gêneros não tão convencionais socialmente, como, por exemplo, o grafite de banheiro, panfletos pregados em ônibus, memes da internet. Foi quando percebi que já assistia e seguia o *vlog*, mas ainda não sabia ao certo se tratava de um gênero ou suporte, esse fato é que vai caminhar para minha busca de compreensão desse novo espaço literário, perpassando por diversos elementos que inclusive deixaram de ser mais linguístico e passaram a ser mais literário.

Não sabendo ao certo se tratava de um gênero ou um suporte, fui pesquisar mais a fundo tais conceitos. Assim, segundo Bakhtin (apud ELIAS, V. M; KOCH, I. V. 2006), os gêneros textuais são uma construção comunicacional que possuem uma estrutura previamente definida pela sociedade (o que se convencionou chamar de “plano composicional”), uma função comunicativa (“conteúdo temático” - não se confundindo nesse caso com o assunto do texto) e um “estilo”. O Plano Composicional

refere-se à organização e à sequenciação estrutural do texto. A estrutura é o que lhe confere um formato de reconhecimento.

Já o suporte é a materialização física do gênero, ou seja, a superfície a partir do qual o gênero é veiculado. A ideia aqui expressa comporta três aspectos:

- \* suporte é um lugar físico ou virtual
- \* suporte tem formato específico
- \* suporte serve para fixar e mostrar o texto

O vídeo é um instrumento no qual está incluído o *vlogueiro*. Esse poderá ou não se valer da potencialidade cinematográfica do vídeo, pois a montagem pode produzir uma finalização complexa com jogos de imagens, de sons, de textos, de vídeos e até mesmo pode conter uma propaganda de alguma marca na qual a empresa que financiou tenha tido o interesse, visto que dependerá exclusivamente da quantidade de acessos e seguidores que eles obtenham por mês. Sem contar a localização do próprio site, que incluirá na mesma página outros vídeos, permitindo a visualização imediata também dos comentários.

No entanto, a problemática de definição do *vlog* como um gênero ainda nos é presente. Embora a própria idealizadora, que no caso aqui específico é da Isabella Lubrano, jornalista que apresenta o seu canal *Ler Antes de Morrer*, assim, chame as críticas que faz aos livros de resenha, é perceptível uma autonomia do *vlog* muito grande em relação às resenhas convencionais, mesmo àquelas em que a construção textual tem o objetivo de ser o mais próximo do leitor (encontradas nos blogs, por exemplo).

Nesse caso, pensei no quesito suporte do gênero. Para Marchuschi (2006, p. 174, grifos do autor) suporte é um *“locus físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação de gênero materializado como texto”*. No entanto, os suportes também cumprem um papel de categorização de um gênero textual, o que dificulta a observação do *vlog* como gênero: estamos falando aí de uma resenha com um suporte diferenciado ou estamos lidando com um gênero digital novo? Pelo complexo plano composicional que vimos até agora, podemos dizer que estamos frente a uma nova modalidade de gênero textual.

Pensando em crítica literária, essa resenha é feita de forma bem mais complexa, por isso não pode ser considerado, o *vlog*, apenas uma resenha oralizada ou uma resenha oral: aconteceu uma mutação que produziu o que entendemos hoje como *vlog*. O blog, por exemplo, não é o diário na internet, o email não é uma carta em meio digital, e assim o *vlog* não é um suporte nem caberia essa noção, pois o suporte para Marchuschi é a própria internet e o *vlog* não é um local estático, tem

propósitos comunicativos (as curtidas, os seguidores). Entender esses novos gêneros produzidos pela tecnologia é entender o gênero em seu aspecto múltiplo e não apenas com uma função, um propósito comunicativo, com apenas uma linguagem, mas no emaranhado de coisas (linguagem, imagem, gestos, sons, propósitos, funções), próprias das exigências da vida contemporânea.

A partir desse último fato acima, que comecei a questionar a partir do meu conhecimento Benjaminiano já dentro do mestrado. E comecei a ver o *vlog* não mais como um gênero, era insuficiente essa denominação pelo simples fato do conceito de gênero não incluir elementos tão essenciais no *vlog* como: as técnicas e os meios materiais que se conduzem para a produção desse espaço que estão para além dos suportes e de qualquer elemento composicional linguístico já conhecidos pelos gêneros.

Refletir sobre esses fatos e conceitos e percebi que o melhor era sair dos conceitos linguísticos e entrar os nos conceitos literários como o da poesia concreta e sociais como o da reprodutibilidade técnica de Benjamin. Isso me fariam ir num teor mais amplo e complexo exigidos pelos *vlogs* de literatura, também conhecido como *bookturbe*, nome dado exclusivamente a *vlogueiros* que trabalham com crítica literária de forma ampla. Mas o que é o *vlog*? Qual o seu conceito?

O conceito que este trabalho aborda sobre o *vlog*: é aquele cuja junção se dá através da abreviação *vídeo + blog*, pois o gênero se constitui num *tipo de blog em que os conteúdos predominantes são os vídeos* (Disponível em: [www.significados.com.br/vlog/](http://www.significados.com.br/vlog/) acessado em: 17/10/2016). Os meios de comunicação eletrônicos têm um papel importante no que se refere às práticas sociais e culturais hoje. A divulgação e a utilização desse espaço que se tornou algo tão avassalador, possibilitou uma confluência rápida, prática e, por que não dizer mais acessível ao conhecimento.

Assim, para se observar o *vlog* enquanto espaço diferencial no meio desse turbilhão de informações que caracterizam os espaços digitais, o presente trabalho o interpretará enquanto instrumento usado pelos novos críticos literários brasileiros, que marcam, por assim dizer, um híbrido contexto da crítica literária na qual jamais poderia ser pensada na década de 40 e 50, dessa maneira, pois o formato e a flexibilização das vozes por onde ecoam essas outras formas de pensar e agir são hoje a marca dessa diluição da crítica, frutos do avanço tecnológico e da popularização da internet com uma conexão mais rápida .

O *vlog* é construído no que chamo de *zona cinestésica*. Cinestesia diz respeito à senso-percepção dos movimentos corporais em relação ao ambiente à sua volta (Disponível em: <<<http://www.psiqweb.med.br/>>>). A zona cinestésica é tentativa de dominar a consciência que

temos do próprio corpo e tudo que está a sua volta direta ou indiretamente, e envolve as diversas partes e segmentos instrumentais que estão envolvidas as diversas partes de sua montagem, inclusive a técnica, ela se encontra no meio fluído entre o ato, o meio, os utensílios, a dispersão e sua tração que envolve a recepção, mas não se restringe a ela. O que diferencia da performance, pois a performance diferentemente da *zona cinestésica* não pode ser montada sobre um olhar cinematográfico, porque nela não está embutido os aparelhos que lhe permite a captura e o armazenamento.

Segundo Zumthor, (2005):

Quanto à presença, não somente a voz, mas o corpo inteiro está lá, na performance. 2 O corpo, por sua própria materialidade, socializa a performance, de forma fundamental [...] A performance é uma realização poética plena: as palavras nela são tomadas num único conjunto gestual, sonoro, circunstancial tão coerente (em princípio) que, mesmo se distinguem mal palavras e frases, esse conjunto como tal sentido (ZUMTHOR, 2005, p. 86-7).

Assim, para Zumthor (2005), a ideia de performance sempre esteve no centro da teoria do texto poético oral. Com o passar dos anos, o termo performance se tornou um fenômeno da comunicação, sendo estudada em diversas áreas e percebida em qualquer manifestação de linguagem, seja ela oral ou escrita.

A performance pode ser entendida como a tentativa dos indivíduos em ultrapassar os eixos da linguagem que já foram preestabelecidas socialmente. Encontrar uma maneira não estruturalista da linguagem, estabelecer signos diversos e encontrar como na linguagem poética algo para ser sentido e não passível simplesmente de uma explicação.

Essa é a produção de um espaço que tem tantos elementos que convergem para um único ponto que não permite mais que simplesmente se encaixe em qualquer teoria linguística de definições lineares e estruturais, ela requer mais devido à sua complexidade e principalmente construção no eixo de montagem que requer uma nova gramática textual concreta. Para pensar melhor sobre esses elementos me permito trazer dois conceitos: o da tradução intersemiótica e da poesia concreta.

Começarei pela última: a poesia concreta. A teoria da poesia concreta que trago como método de leitura desse artigo se restringe aos trabalhos muito específicos de Augusto de Campos, Décio Pignatári e Haroldo de Campos, principais autores responsáveis pelo marco inicial do concretismo no Brasil. Esse movimento marcou e mudou profundamente a história e reflexão sobre as formas e os conteúdos dos poemas brasileiro e mundiais, e, tem como principais características gerais o banimento do verso, o aproveitamento do espaço do papel, a valorização do conteúdo através de



diversos ângulos. Fatos teóricos que me serviram para pensar o *Vlog* e suas dimensões que transborda o campo visual de linguagens.

Nesse sentido, formas, conteúdos e instrumentos se tornam para mim algo crucial, pois todos os elementos são responsáveis pela significação. Segundo Koffka (apud DÉCIO, 1975, p. 86):

Não podemos resolver nenhum problema de organização, se nos dispomos a resolver cada um de seus pontos separadamente, um após o outro: a solução tem de vir para o todo. Vemos dêsse modo, que o problema da significação está intimamente ligado ao problema da relação entre o todo e as partes. Já foi dito: o todo é mais do que a soma de suas partes, já que somar é um processo sem sentido, enquanto que a relação todo-parte é cheia de significado" (KOFFKA, apud DÉCIO, 1975, p. 86).

Mesmo que, para o homem, a capitação de "um todo" seja uma coisa praticamente impossível, vale sempre a reflexão dada pela própria incapacidade de completude, mas uma certa consciência de sua infinitude. Como na cartografia, a cada posição se privilegia uma parte específica do campo da terra, sendo impossível perceber o todo sem algum tipo de perda em específico. Mas privilegiar um campo pode e deve ser um ato político, por isso, a medida que avançamos e tomamos impulso a novas descobertas, essas devem ser mediadas pelo sempre senso crítico de democratização do conhecimento como também posicionamento econômico e político com uma visão diferenciada e mais igualitária.

Depois de fazer essa breve reflexão de como um posicionamento teórico e uma teoria são apenas formas de olhar o mesmo objeto e requer uma postura de impossibilidade real de sua capitação, dentro em vista que, tudo são pontos de vista, que ao mesmo tempo que esclarece, nos ajuda a avançar, como também, nos aprisiona e nos estaciona, portanto, vou agora pôr em diálogo com teoria da intersemiótica, estudada pelo teórico Julio Plaza (2003).

Eu também estudei esse texto na disciplina de literatura e outras artes, na qual eu já havia estudado a poesia concreta. Ao diferenciar as linguagens entre literatura e cinema, cinema e teatro, música e poema e pintura e fotografia, comecei a notar como é constante a necessidade do ser humano de reinventar, se apropriar, reproduzir de formas diferente o mesmo objeto, tema, arte dentre outros. Segundo Roman Jakobson (apud Plaza, 2003, p. 6):

A tradução intersemiótica ou "transmutação" foi por ele definida como sendo aquele tipo de tradução que "consiste na interpretação dos signos verbais por meio de sistema de signos não verbais", ou " de um sistema de signos para outro, por exemplo, da arte verbal para a música, a dança, o cinema ou a pintura, ou vice e versa, poderíamos acrescentar. (JAKOBSON, apud PLAZA, 2003, p. 6).

Para mim, esse fato é importante para entender como a crítica literária sai das resenhas, dos suplementos literários, dos ensaios, dos rodapés literários e migram para vlog ou booktube, como assim são chamados os indivíduos que se ocupam da literatura no meio digital em vídeo. Quais os

ganhos e as perda dessa nova linguagem? E como ela deve ser entendida como: repetição com variação. Cada linguagem tem seus elementos que à tornam de alguma maneira importante e diferencial. Não as hierarquizar é a melhor forma de compreendermos os objetos que estão disposto socialmente e isso não significa que não deva ser criticada minimamente, mas não é como muitos acreditam ser uma abominação, uma visão simplista e também alarmista que não só não explica como se distanciam da ciência, quando parte para adjetivações que não corresponde o caráter científico de interpretação de uma obra, que deve ter o mínimo de distanciamento para não ser levado pelas emoções.

### **O FAZER CRÍTICO/LITERÁRIO NO VLOG: ALGUMAS PROPOSIÇÕES SOBRE O TRABALHO DA JORNALITA ISABELLA LUBRANO EM SEU CANAL LER ANTES DE MORRER**

A Isabela Lubrano é jornalista midiática, e é um exemplo de booktubers na internet. O nome do seu canal no youtube é *Ler antes de Morrer*, no qual é foco desse trabalho. Todos os vídeos são contabilizados, como, por exemplo, *Dom Casmurro, de Machado de Assis (#54)*, nota-se no final do nome de cada livro a inscrição *hashtag* e o número da quantidade de livros que ela já conseguiu ler até o momento, mas por que isso? Esse fato se deve as primeiras ideias para criação do canal, que realizou-se a partir de um questionamento da criadora ao passar em frente a uma livraria e ver um nome de um livro *1001 livros para ler antes de morrer* e pensou: será que é possível alguém ler essa quantidade de livros? Foi nessa expectativa que o canal foi idealizado a fim de tentar ler o maior número de livros possíveis e compartilhar essa experiência com os internautas; o nome do canal passou a ser *Ler antes de morrer* e a cada semana a idealizadora lê e crítica um livro.

Essa é uma leitura forjada pelo capital, pois o tempo de leitura não é o tempo de reflexão da obra, e, quantidade não implica em qualidade. Essa necessidade de ler sem mesmo pensar no tempo de debruçamento dessa da obra está incutido na pressão de mercado. Assim, para se aproximar de um grande público, o *booktube* se constrói como um gênero cuja linguagem é uma conversa informal, uma linguagem cheia de elementos de retórica. É importante destacar que esse é um tipo de crítica em que, o leitor, é quem escolhe muitos dos livros para ser resenhados nos canais, esse é um dos aspectos importantes do *vlog* o que vai possibilitar os mais variados tipos de textos.

O Vídeo que trago para interpretação neste artigo é a análise do livro "*Cinquenta tons de Cinza*". A Isabella Lubrano convida uma jornalista especialista em educação sexual para falar sobre obra junto com ela, tendo em vista, que o livro gerou muitas polêmicas e que precisava de alguém que tivesse feito uma investigação mais específica da obra. A jornalista, sobre o nome de Nathalia

Ziemkiewicz, tem um *vlog* chamado *Pimentaria* e um *blog* chamado *Na Pimentaria*. Segundo a própria especialista o site é mais que um *blog*, é uma marca de informação sobre sexualidade. Nas palavras de Nathalia Ziemkiewicz:

[...] Eu sou jornalista, sempre trabalhei como repórter de comportamento, então eu resolvi me especializar. Como tem gente que se especializa em política e economia, eu fiz uma pós-graduação em educação sexual. E aí hoje eu tenho um blog, hoje não, há dois anos eu tenho o blog de pimentaria. Na verdade é um marca de informação sobre sexualidade sem blá, blá blá científico, né?! e com muito bom humor. (ZIEMKIEWICZ, 2015.)

Ziemkiewicz, havia feito há algum tempo uma pesquisa sobre a obra *Cinquenta tons de Cinza* que foi publicada na revista *Época*. A reportagem foi capa da revista e foram feitas um *print screen* do vídeo em que mostra exatamente o momento em que aparece a capa da revista sobre o título *Um pornô para mulheres* e também o momento que marcou a discussão entre Isabella e Nathalia:

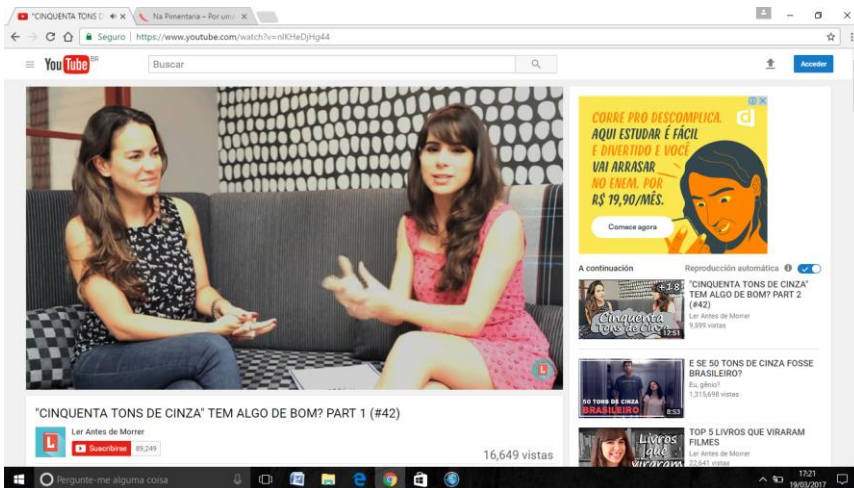
Figura 8 página do youtube com vídeo: "*Cinquenta tons de Cinza*" Tem algo de bom? (#42).



Fonte: cópia de tela do canal do youtube *Ler antes de Morrer*.<sup>3</sup>

Figura 9 página do youtube com vídeo: "*Cinquenta tons de Cinza*" Tem algo de bom? (#42).

<sup>3</sup> Disponível em: < <http://www.youtube.com.br/>>Acessado em março de 2017.



Fonte: cópia de tela do canal do youtube *Ler antes de Morrer*.<sup>4</sup>

Pude constatar em pouco tempo que as intenções de quem faz tanto *vlog* quanto *blog* é fugir da linguagem acadêmica o que ela chama de "blá, blá, blá científico". Isso já foi muitas vezes discutido por Silviano Santiago (2004) que questiona que a crítica perdeu seu maior espaço em jornais devido ao que ele chamou de "beco sem saída" de uma escrita que está em imersa num caráter teórico metodológico especializadíssimo, reflexão feita por mim no início desse trabalho, quando me deparei com o estado atual da crítica e sua possível crise.

A Isabella (2015) e Nathalia (2015) em diálogo destacam a obra *Cinquenta tons de cinza* de E. L. James, como uma obra que não merece o status de texto literário e afirma:

**Isabella:** É polêmico[...] é polêmico.

**Nathalia:** É polêmico é polêmico.

**Isabella:** Tanto do ponto de vista do conteúdo, né?! sexo é muito quente, tal, quanto do ponto de vista literário porque quem entende de literatura, quem gosta de falar de bom livros e boas obras, geralmente, torce o nariz.

**Nathalia:** Exatamente! [...] É o que eu costumo dizer que literalmente o livro é bom, literariamente não.

O best-seller: literatura ou não? A discussão e definição do que é ou não literário sempre foi uma preocupação da crítica literária que impôs seus limites e seus alcances. A produção contemporânea é tão contundente e complexa que nas últimas décadas o caráter literário dos bestsellers precisou ser discutido com mais afinco. Segundo Terry Eagleton (1997, p. 12), “podemos pensar na literatura menos como uma qualidade inerente, ou como um conjunto de qualidades evidenciadas por certos tipos de escrita [...]”, não se sabe exatamente a respeito do que é literário, uma vez que “não existe uma ‘essência’ da literatura”. Eagleton (1997) ainda propõe que não há consenso entre o literário e assim é “qualquer tipo de escrita que, por alguma razão, seja altamente valorizada” (EAGLETON, 1997, p. 13).

<sup>4</sup> Disponível em: <<http://www.youtube.com.br/>>. Acesso em: mar. de 2017.

Eagleton (1997) discute sobre o que vem a ser considerado literatura vai depender da linha teórica seguida pelos críticos literários e também do contexto de sua publicação. Ele chama de juízo de valor, fincados em questões ideológicas, de indivíduos e de grupos ou classes, que ditam regras do que vem a ser ou não literatura. Eagleton (1997) conclui dizendo que “se não é possível ver a literatura como categoria ‘objetiva’, descritiva, também não é possível dizer que a literatura é apenas aquilo que, caprichosamente, queremos chamar de literatura” (EAGLETON, 1997, p. 22), ou seja: literatura pode e deve ser também aquilo que queremos que seja literatura, contudo, isso não deve determinar objetivamente o que ela é.

O sucesso dos bests sellers é que muitas vezes fazem surgir novos romances como explicam as vlogueiras. O livro Cinquenta tons de cinza surgiu a partir da saga Crepúsculo, pois a escritora E. L. James escreveu seus livros inspirados na obra. Nas palavras das vlogueiras:

**Nathalia:** Pois é! ah! E. L. James era Dona de casa que escrevia *fanfiction*, aí ela começou apenas num romance a[...] em que o foco, o forte desse romance seria.. essa coisas mais pornô.

**Isabella:** *Fanfiction*! deixa eu esclarecer, é um tipo[...] é uma atividade de fã ne?! o nome ficção de fãs. É uma atividade que fãs de alguma obra faz muito sucesso, por exemplo, Harry Potter, Senhor dos anéis e a saga Crepúsculo que até trouxe aqui para vocês verem, tão famosa e tão polêmica, tão famigerada. *Fanfiction* é uma atividade de fãs, de escrever contos próprios, inspirados ficção que eles gostam.

**Nathalia:** São interpretações próprias das obras que eles gostam.

**Isabella:** E a L. James escrevia *fanfiction* baseada em Crepúsculo.

**Nathalia:** Engraçado imaginar né?! que Crepúsculo tenha gerado de alguma forma tenha sido a origem que acabou[...] com Cinquenta tons de cinza.

O *fanfiction* é a prova viva que o leitor é participante ativo do processo interpretativo de uma obra. Uma das definições encontradas para este gênero pode ser retirada de Black (2006, p.3) Apud Calvacant (2010):

*Fanfiction* é escrita na qual os fãs usam narrativas midiáticas ou ícones culturais como inspiração para criar seus próprios textos. Em tais textos, os fãs autores imaginativamente estendem o enredo ou a cronologia original [...], criam novos personagens [...], e/ou desenvolvem novos relacionamentos entre personagens já presentes na fonte original. Obs:[tradução feita por Calvacant, 2010].

O que se pode destacar é que o leitor faz a legitimação do texto do autor a partir do consumo. Assim, entende-se que o leitor passa a assinalar o ato de escrita do autor. Com Aranha (2009), o leitor contemporâneo pode ser compreendido como aquele capaz de legitimar o que pode ou não se chamar de literatura. De encontro a essa forma de agir e pensar muitos acadêmicos ainda insistem em ir contra essa ideia e assumem uma postura mais hermética do que vem a ser literatura, pois seu valor estar restrito ao meio intelectual e ali reside a ideia de que literatura se encerra na prática de estudo.

A literatura pode comungar com aquilo que Eagleton chamou de juízo de valor e assim, para ser considerada literatura, é necessário que determinado texto se encaixe no padrão dos críticos para serem legitimados por eles. O autor sinaliza que “pode variar o conceito do público sobre o tipo de escrita considerado como digno de valor” (EAGLETON, 1997, p. 15).

Os juízos de gosto, de valor ainda estão relacionados às ideologias sociais variadas, que impõem suas próprias maneiras de ver o texto, e cria uma barreira muito forte entre os possíveis leitores. Concorde-se com Eagleton quando afirma que “eles se referem [...] não apenas ao gosto particular, mas aos pressupostos pelos quais certos grupos sociais exercem e mantêm o poder sobre outros” (EAGLETON, 1997, p. 22). Tem-se, portanto, uma gama de preconceitos pessoais que forjam suas qualificações, censurando os próprios textos antes de serem lidos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Dessa forma, a internet se mostra um poderoso modelo de contradições, ao mesmo tempo que ela é emergente sobre forças combativas contra as tradições e sua imposição, ela favorece um poderoso instrumento de dominação. No entanto, é notável que há ainda um espaço paralelo aos veículos tradicionais, como, por exemplo, o *blog* e o *vlog*, que surgiram com força a se manter abastecendo um mercado de crítica literária que toma uma postura menos tradicional quando comparados a revistas especializadas e jornal diário. Cada espaço busca um diferencial e se mantém no estilo que busca utilizar o gênero e o suporte da melhor maneira, afim de abarcar os diferentes público leitor. O *vlog* surge como promoção do texto literário e busca de forma performática propagar o livro como objeto de valor estimável, pois são livrarias que patrocinam os canais, então, não há uma valorização, por exemplo, do texto em pdf, que é claro está disponível muitas vezes para download na internet sem custo financeiro.

Então, elementos como editora, volume, edição, são especificamente comentados nos vídeos e marcam essa preocupação que vai para além do conteúdo do livro e do estilo do escritor. O livro é um produto simbólico desejado caracterizado e faz parte de apelo há um mundo que segundo Lipovetky e Seroy (2015, p. 20) é um "mundo trans-tético, uma espécie de hiperate, em que a arte se infiltra nas indústrias, em todos os interstícios do comércio e da vida comum" e no caso aqui na crítica em *vlog* que usa estratégias estéticas com finalidades mercantil, produzindo sonho, mexendo com o imaginário e com as emoções, e assim artealiza a crítica e tudo que há compõe.

Mas, ao mesmo tempo, extrapola essa noção e abre para discussões sobre as questões mais profundas sobre o estudo do texto literário, como, por exemplo, seus aspectos de literariedade. Vai

ainda mais além, estuda os porquês de certas polêmicas e se envolve nas discussões culturais de livros que ainda teimam em não fazer parte da academia com a força que exige esses textos, pois por serem menosprezados não são devidamente estudados nem cientificamente pesados como deveriam o que aumenta entorno desses livros um ranço interpretativo e impede muitas vezes de possíveis leitores iniciar suas leituras e tornarem grandes leitores de textos diversos por vergonha de lê-lo porque se criou entorno desse ou daquele livro um apelo solitário de texto óbvio e vazio.

Há muitas queixas de críticos brasileiro sobre a falta do círculo ou clube de leitura nas escolas e nas comunidades. Mas no Brasil existe ainda um preconceito muito grande com obras que fazem grande sucessos como *Crepúsculo* e *Harry Potter*. Ao partimos desse aspecto, Gláucio Aranha (2009), em *Literatura de massa e de mercado*, destaca o pensamento de Walter Benjamin: “a obra de arte toma uma proporção coletiva não apenas por se dirigir a uma massa, mas também por ser custeada por esta, pela coletividade de consumidores” (ARANHA, 2009, p. 122). Assim, ele conclui que “a comunidade de leitores-consumidores passa a desempenhar um importante papel de legitimação” (ARANHA, 2009, p. 123). O que de fato pode-se concluir é que os círculos existem, mas não das obras que apeteçam os gostos e os critérios dos críticos tradicionais.

## REFERÊNCIAS

- ARANHA, Gláucio. *Literatura de massa e mercado*. Revista *Contracampo*, n. 20, Niterói, RJ, UFF, agosto de 2009.
- BENJAMIN, W. *A Obra de Arte na Era de Sua Reprodutibilidade Técnica*. In: *Magia e Técnica, Arte e política*. Obras escolhidas I. Trad. Rouanet S. P. São Paulo: Brasiliense, 1985D.
- ELIAS, V. M.; KOCK, I. V. *Ler e Compreender os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2006.
- EAGLETON, Terry. *Introdução: o que é literatura?* In: EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- FRANCHETTI, P. *A demissão da crítica*. *Germina Revista de arte e literatura*. Edição n 8, dossiê sobre o estado da crítica no Brasil. Abril, 2005.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes louro. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 2009.
- LUBRANO, ISABELLA. *Dom Casmurro*, de Machado de Assis (#54). *Canal ler antes de morrer*. 18 de 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=cgEDCx6yq10>> Acessado em: 22 de mar 2017.
- LUBRANO, ISABELLA. *Cinquenta tons de cinza, tem algo de bom?* (#42). *Canal ler antes de morrer*. 18 de 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=cgEDCx6yq10>> Acessado em: 22 de mar 2017.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Org.). *Série Estratégias de Ensino 18. Gêneros textuais & ensino*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010, p. 19-38.

PERRONE-MOSÉS, Leyla. *Que fim levou a crítica literária?* Em Especial para Folha. São Paulo, domingo, 25 de Agosto de 1996. Disponível em: <[www1.folha.com.br](http://www1.folha.com.br)> Acessado em 13 set de 2017.

SANTIAGO, Silviano. *O Cosmopolitismo do Pobre*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004. 151 p (Humanitas).

SOUZA, Eneida Maria de. *Crítica Cult*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002. 169 p. - (Humanitas).

SIQUEIRA, Lidiane dos S. S. *Best-seller e literatura: uma análise da saga Crepúsculo*. Alumni- Revista Discente da UNIABEU. [online]. v. 2. n 4 agosto-dezembro de 2014. Disponível em <<file:///C:/Users/D3a/Downloads/1729-6171-1-PB.pdf>> Acessado em: 22 março de 2017.

ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz*. Trad. Amálio Pinheiro, Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Cia das Letras, 1993.

ZUMTHOR, Paul. *Tradição e esquecimento*. Trad. Jerusa Pires Ferreira, Suely Fenerich. São Paulo: Hucitec, 1997.

ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção, leitura*. 2 ed. São Paulo: Cosac Naify, 2002.

ZUMTHOR, Paul. *Escritura e Nomadismo: Entrevistas e Ensaios*. Trad. Jerusa Pires Ferreira, Sonia Queiroz. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.

ZUMTHOR, Paul. *Falando de Idade Média*. Trad. Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Perspectiva, 2009.

ZUMTHOR, Paul. *Introdução à poesia oral*. Trad. Jerusa Pires Ferreira (et all). Belo Horizonte: UFMG, 2010.

Disponível em [www.significados.com.br/vlog/](http://www.significados.com.br/vlog/) acessado em 17/10/2016.

Disponível em: << <http://alias.estadao.com.br/noticias/geral,fenomeno-dos-booktubers-difunde-classicos-literarios-para-publico-jovem,70001898464>>> Acesso em: 20 de ago. 2017.

Disponível em: <[www.significados.com.br/vlog/](http://www.significados.com.br/vlog/)> Acesso em: 17 de out. 2016.



## A CONFIGURAÇÃO DO MOVIMENTO DE CONTRACULTURA HIPPIE NO BRASIL: IDENTIDADE, CULTURA E MODOS DE VIDA

Antonio Cláudio da Silva Neto<sup>1</sup>

*Resumo:* A pesquisa em andamento tem a pretensão de investigar a desconfiguração do movimento hippie, em território nacional, como elemento constitutivo de sujeitos híbridos que se autorreconhecem como “malucos de estrada”, “malucos de BR” ou “malucos”. Para tanto, toma-se como suporte o documentário de Rafael Lage, “Malucos de Estrada – Parte II: Cultura de BR”, que põe em palco as práticas de deslocamento que permeiam o imaginário social a respeito deste movimento social. Assim, o presente trabalho preocupou-se em analisar as narrativas documentadas nas entrevistas desses sujeitos, para alcançar as referências e paradigmas de suas origens e o discurso no que concerne aos seus modos de vida na atualidade.

*Palavras-Chave:* Malucos de estrada. Documentário. Modos de vida.

### INTRODUÇÃO

Motivado pelo caos social que se estabeleceu no final da década de 1950, em virtude dos conflitos de classes sociais e entre nações, um grupo de indivíduos, envolvidos por um intenso sentimento de contestação, passou a ocupar as ruas dos Estados Unidos em meados dos anos sessenta com o intuito de realizar protestos pacifistas em desfavor da cultura convencional, o que resultou na eclosão do movimento de contracultura hippie, visando instaurar uma nova ordem de vida.

Em território nacional, este movimento de contracultura se configurou com a quebra de paradigmas e referências que marcaram seu surgimento. Preocupados com a ecologia e o equilíbrio energético do ecossistema, os adeptos ao movimento hippie reaproveitam materiais orgânicos e naturais para a construção artesanal, de onde extraem seu sustento. Estes adotaram um modo de vida comunitário e seminômade, se autodenominando “malucos de BR” ou “malucos de estrada”.

As observações aqui apresentadas substanciam-se nas narrativas que compõem o documentário “Malucos de Estrada – Parte II: Cultura de BR”. Este se propõe a uma primeira abertura sobre alguns dos conceitos que norteiam a cultura e os modos de vida destes sujeitos. Nesse sentido, no que concerne aos seus modos de vida dos “malucos de estrada”, fez-se necessário verificar as formas discursivas dos entrevistados para traçar uma pesquisa etnográfica do objeto em observação.

---

<sup>1</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB), linha de pesquisa Literatura, produção cultural e modos de vida. Orientador: Prof. Dr. Washington Luís Lima Drummond. Endereço eletrônico: antonioclaudio.neto@live.com.

## A CONFIGURAÇÃO DO MOVIMENTO HIPPIE NO BRASIL

À luz das palavras de Carlos Alberto M. Pereira (1992, p. 76), os chamados “hippies” apresentavam desempenho inteiramente essencial diante do panorama contracultural. “Com seu mundo psicodélico, seus cabelos agressivamente compridos, suas roupas coloridas e exóticas, enfim, com seu ar freak (estranho, extravagante)”, bancaram aglomerações nas avenidas norte-americanas, mais especificamente na Califórnia, nos anos iniciais da década de 1960. Rapidamente, dessa região, passaram a propagar-se por todo o mundo. Neste sentido, frisa-se por oportuno:

As raízes do movimento de contracultura hippie podem ser detectadas desde os anos 40, após o final da II Guerra Mundial, findo um período de 30 anos com duas guerras altamente destrutivas e uma prolongada depressão econômica, começaram a despontar sinais de um forte movimento de contracultura, contestatória do sistema (FIALHO; DUARTE, 2012, p. 1).

Esse período caracteriza-se por diversas manifestações pacifistas em desfavor da guerra e por direitos dos cidadãos. O autor aponta ainda para o crescimento, nos Estados Unidos, da resignação quanto à finalidade que o governo dava as pecúnia advindas de impostos, a saber: armas nucleares, guerra do Vietnã, etc. Constata-se também o aumento da aversão ao serviço militar, alistamento e embarques para as frentes de combate, chegando-se, até mesmo, à queima de cartões de recrutamento, numa clara demonstração do repúdio dos jovens norte-americanos à guerra do Vietnã (PEREIRA, 1992, p. 76).

Dito isso, importa situar que os primeiros indícios de habitação hippie em território nacional, de acordo com resultados encontrados pelo pesquisador Getúlio Cavalcante de Souza em seus estudos sobre a herança da contracultura, ocorreram ainda no final década de 1960, “quando mochileiros vindos de Woodstock chegaram a um território pertencente ao município de Camaçari, no Estado da Bahia, onde hoje se conhece por Arembepe, última aldeia hippie legítima” (2013, p. 1). O mesmo estudo preocupou-se com a resignificação desses sujeitos ao longo do tempo: “sem dúvida, eles mudaram de configuração”.

“– Não, hippie, hippie, não, né?! Porque a galera chama a gente de hippie, mas, o conceito ‘hippie’ pra mim é outro. Eu acho que os hippies nem trampo num fazia, né?!”. A narrativa da artesã entrevistada aos treze minutos e trinta e um segundos do documentário “Malucos de Estrada”, aponta para a desconfiguração do movimento de contracultura hippie, ao tempo que, em território nacional, a resignificação desses sujeitos pauta-se em práticas de deslocamento e resistência, compondo seu hibridismo cultural. É preciso dizer, então, que os protagonistas desta análise são os “malucos de estrada”, como se autorreconhecem esses artesãos.

## IDENTIDADE, CULTURA E MODOS DE VIDA NO DOCUMENTÁRIO “MALUCOS DE ESTRADA”

Com direção de Rafael Lage, pesquisador e vivente das práticas que circundam o universo dos “malucos de estrada”, e produção do Coletivo Beleza da Margem, o documentário participa das ações de enfrentamento intuídas em trazer à baila discussões sociais sobre a marginalização desses artistas. Trata-se de um suporte disponibilizado na plataforma *YouTube*, rede social voltada para compartilhamento de vídeos, e financiado coletivamente por dois mil e setenta e dois colaboradores, através de uma campanha de *crowdfunding*.

As práticas de deslocamento escancaram as cenas iniciais: trilhos, estradas, avenidas, asfaltos, mochilas, bicicletas e o artesanato. A atenção aqui é voltada para um elemento marcante dentre os característicos dos “malucos de estrada”, a condição de transeunte. Estar de passagem. Não é à toa que, ao longo do vídeo, as legendas apontam localizações sempre distintas e distantes, demonstrando que os “malucos” percorrem as estradas de todos os estados brasileiros, mas não sem exceção, já que há quem escolha fixar residência.

“– Às vezes tu fala: fulano é hippie! Não... Eu acho que no meio dos malucos mesmo, da galera, normalmente, ninguém diz ‘E aí, hippie’, diz: ‘E aí, maluco’, entendeu?!” (13’19”). Essa narrativa tem como base a própria experiência, fenômeno apontado por Giorgio Agamben em *Infância e História* (2005). Segundo este, se é através da linguagem que o sujeito encontra sua origem e o seu lugar, na linguagem e apenas na linguagem o homem se constitui como sujeito. E, ainda, é na linguagem que este vai representar suas percepções sobre o que se é. Neste sentido:

A concepção de cultura como um conjunto de significados partilhados é a origem do raciocínio de Hall (1997) sobre o funcionamento da linguagem como processo de significação. Se a linguagem atribui sentido, conforme lembra o autor, os significados só podem ser partilhados pelo acesso comum à linguagem, que funciona como sistema de representação. Portanto, a representação através da linguagem é central para os processos pelos quais é produzido o significado (SANTI, SANTI, 2008, p. 2).

Ora, se estamos tratando de autorrepresentações por intermédio de narrativas sobre o que se é, tentar estabelecer um conceito para “malucos de estrada” seria castrar o objetivo tanto do documentário quanto desta pesquisa. Até porque a identificação com a expressão “maluco” surge do necessário distanciamento de nomenclaturas que não alcançaram transformações socioculturais.

Trampo de maluco, pano, asa, manguieio. As narrativas documentadas costuram significados próprios a termos cotidianos na vivência desses artesãos. A “asa”, estrutura artesanal confeccionada em cano PVC e tecido, é utilizada para expor os tramos, tanto em movimento quanto no “pano” do

maluco, condição de exposição na ocupação de determinado espaço urbano: o chão de uma praça, calçada, qualquer lugar público. Já o “mangueio” é o oferecer. “– O mangueio é a arte de poder... Meu brother, cede-me um minuto da boa educação, por favor?” (47’37”). É chamar a atenção para o objeto artístico que é colocado em negócio, bem como a possibilidade de convencimento – a potência da linguagem em favor da própria representação cultural.

Aos doze minutos e quarenta e cinco segundos do documentário, o maluco Lúcio Carranca manuseia seu tablete. “– São duas coisas que eu uso mais, né? Acho que é o... Fazer uma pesquisa no Google e trocar ideia com os amigos... São duas coisas... E como não tem ninguém que tá, tá sem sinal, o jeito é sair fora também”. O que se percebe aqui é “um completo de processos e forças de mudança, que, por conveniência, pode ser sintetizado sob o termo globalização” (HALL, 1992, p. 67). Diante dessa observação, chamar a atenção para a desconfiguração do movimento de contracultural hippie e, conseqüentemente, a formação dos sujeitos que o documentário em comento representa como “malucos de estrada”, é atentar para as transformações decorrentes da globalização.

O exemplo aqui utilizado para ilustrar essas intervenções, um maluco de estrada se apropriando de aparelhos tecnológicos, não é o único suporte capaz de sustentar tais ideias. Neste ponto, podemos apontar as narrativas pessoais sobre as circunstâncias que levaram esses sujeitos a adotar os modos de vida aqui representados. Distante de uma posição unânime, o que se percebe é uma semelhança com os ideais de insatisfação que levaram os hippies a realização de protestos pacifistas no período de sua ascensão. Isto posto, é possível identificar que esses sujeitos contrapõem-se ao que eles chamaram de “sociedade normal”.

Existem ainda outras discussões que envolvem os modos de vida desses sujeitos: drogas, filosofia, religião. É válido esclarecer que tais temáticas ficarão de fora deste artigo posto o seu objetivo, a saber, analisar as práticas de deslocamento como agente influenciador no hibridismo cultural dos “malucos de estrada”. Entretanto, importa mencionar que esses temas não ficaram acobertados nas representações narradas no documentário. Isso pode ser percebido em cenas de cultos religiosos com esses artesãos, gritos de posicionamento a favor da descriminalização das drogas e na trilha sonora composta por “malucos” que têm como “trampo” a música, como Robson Lira e Ventania.

Destarte, a própria subsistência desses indivíduos está subordinada ao consumo das peças artesanais que estes confeccionam. A arte aqui é tida como um produto. Nesse sentido, Adorno e Horkheimer apontaram que “quanto maior a certeza de que não se poderia viver sem toda essa indústria cultural, maior a saturação e a apatia que ela não pode deixar de produzir entre os consumidores” (2006, p. 21). Contrapondo aos pontos em questão, pode-se considerar ainda que as

características aqui transcritas fogem de serem critérios delimitadores do que é ser “maluco de estrada”. Afinal, o que se percebe nas retóricas, performances e na trilha sonora do documentário, é a procura da liberdade.

“– Ninguém vira maluco, o cara já nasce com aquilo, acho que é um dom... É um dom, uma qualidade, é um defeito... Mas, o cara nasce, já vem de berço!” (17’16”), as demais narrativas atribuem aos “malucos de estrada” uma condição de estar, ou seja, é uma prática vivente, não uma sentença. É se dispor às estradas, à “família”, como se referem ao conjunto de sujeitos que se autorreconhecem “malucos”. Todavia, os efeitos da globalização estão presentes nas representações documentadas posto o tempo em que se preocupa em demonstrar: como se encontram esses sujeitos na atualidade.

## CONCLUSÃO

Implica salientar ainda, que os “malucos de estrada” têm resistido a uma série de ataques institucionalizados no intuito de defender seu hibridismo cultural. Isto se deve a um histórico de repressão das autoridades pública contra as suas atividades, postura esta contraposta por práticas de resistência. Tais reivindicações têm como argumento o fato de estarem habilitados como atores de uma expressão cultural nacional e, por este motivo, pretendem ter seus direitos reconhecidos. Fade out. Uma pequena amostra das lutas cotidianas contra os abusos estatais finda o documentário. É possível que seja a porta de entrada para uma nova produção, mas ainda não se falou nisso.

O que se tem como conclusão jamais poderá findar as proposituras das práticas de resistência e deslocamento que acompanham as transformações do espaço e do tempo e suas influências no contexto das narrativas culturais aqui apresentadas. Além disso, o atraente no movimento do que é social, é não permanecer intacto. Por tais motivos, o documentário “Malucos de Estrada” envolve uma pesquisa fluida, onde a práxis de um sujeito se posiciona diante do seu universo para se representar através do outro, que por sua vez, precisou tomar distância de imposições conceituais para compreender a legitimidade do seu hibridismo cultural.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor Ludwig Wiesengrund; HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*. Trad. Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

AGAMBEN, Giorgio. *Infância e história: Destruição da experiência e origem da história*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HALL, Stuart. *The work of representation*. In: HALL, Stuart (Org.). *Representation. Cultural representation and cultural signifying practices*. London/Thousand Oaks/New Delhi: Sage/Open University, 1997.

LAGE, Rafael. *Artesanato: Trampo de maluco*. Disponível em: <http://belezadamargem.com/artesanato-ou-trampo-de-maluco/> Acesso: em 13 de jul 2017.

LAGE, Rafael. *Malucos de estrada: Parte II – Cultura de BR*. Brasil: Coletivo Beleza da Margem, 2015. Disponível em: <https://youtube.com/watch?v=FkNQzEckvF0/>. Acesso em: 15 de jul. 2017.

PEREIRA, Calos Alberto M. *O que é Contracultura*. São Paulo: Brasiliense, 1992.

SANTI, Heloise Chierentin; SANTI, Vilso Junior Chierentin. *Stuart Hall e o trabalho das representações*. Revista Anagrama, Ano 2, Edição 1, setembro/novembro de 2008.

SOUSA, Getúlio Cavalcante de. *Herança da contracultura: A comunidade hippie de Arembepe, Camaçari-Bahia (1970 - 2012)*. Anais do XXVII Simpósio Nacional de História: Conhecimento histórico e diálogo social. Natal/RN, 22 a 23 de julho de 2013.

## A CENA, A CRISE, O MÉTODO!

Fabiane Fernandes Guimarães<sup>1</sup>

*Resumo:* o objetivo deste artigo é apresentar um método científico que proponha uma linha de fuga para sobrevivência dos outsiders na escola, espaço cuja função atribuída, teoricamente, sempre fora a de educar cognitivamente, moral e civicamente, mas que ao longo da história tem se revelado local de reprodução, segregação e manutenção das desigualdades socioeconômicas e culturais, sob um prisma colonial e heteronormativo. Embasaram este estudo autores como Adorno e Horkheimer (2005), Agamben (2005; 2009), Nietzsche (1998; 2001; 2002), Deleuze e Guattari (1995), Guacira Lopes Louro (2003), Berenice Bento (2008), Bachelard (2005), entre outros que compõem a cena pós crítica da epistemologia da cultura. Os resultados esperados para o projeto em andamento, são os de mobilizar forças e reflexões suficientes para causar rupturas na ordem preestabelecida e trazer os sujeitos oprimidos para as cenas de debate.

*Palavras-chave:* Método. Outsider. Escola. Linha de fuga.

### INTRODUÇÃO: CONTEXTUALIZANDO AS CENAS

Pensar em método em uma sociedade instável, fragmentada e célere, exige de nós um trabalho crítico acerca do que nos circunscreve culturalmente, uma autocrítica do que somos e nos tornamos a todo instante.

A sociedade hodierna, conceituada por Adorno e Horkheimer (2005, p. 114) como “falsa sociedade”, embebida por discursos progressistas e libertários deturpa, cinicamente, o sentido de tudo, forjando inclusive, os conceitos de autonomia e liberdade, que ao invés de visar emancipar os indivíduos colocam-os encurralados e enfileirados rumo ao abate.

Na contemporaneidade, a sociedade da desordem, altamente ordenada em torno do capital, explode em choques midiáticos que conquistam, alienam e iludem os indivíduos que, cegos pelo brilho espetacular das promessas, põem-se a marchar no ritmo frenético das máquinas com o objetivo de atingir o inatingível, felicidade plena, travestida de consumismo. Seduzidos por esses valores, que tipo de indivíduo podemos ser? Qual preocupação nos passa em relação aos outros? Como buscamos resolver demandas que não são somente as minhas?

Os indivíduos da contemporaneidade, em busca do ideal de progresso e sucesso, não podem responder a essas perguntas com exatidão. Somos todos seriados como mercadorias, nossos desejos devidamente unificados em prol da era da reprodutibilidade técnica, buscamos alta produção, alta

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB), Linha de pesquisa: Letramento, Identidades e Formação de Educadores, Endereço eletrônico: fabianeguimmaraes@gmail.com.

performance. Somos individuais apenas no que tange “olhar para nosso próprio rabo”, ou melhor, individualistas. A reificação das coisas e do humano nos cega, nos torna frios e nos empedrece.

Os indivíduos “fabricados” nesta sociedade do progresso, fragmentados e assolados pelo capitalismo, deixam, sem perceber, escoar por entre as cifras a experiência, a humanidade, a vida. Corpos são mortificados diariamente na repetição mecânica do labor diário, o sabor da experiência significativa, da memória coletiva, perde sua importância para as ocupações do mercado e a digitalização das vivências. Enquanto isso, a cultura passa a (re) produzir o que já está dado, o que já foi incutido nos sujeitos como desejável, único e absoluto. Em tempos de diversidade, a homogeneização e universalização parece ser a única opção de manutenção da ordem.

Neste engodo social as diferenças são acentuadas, a crise é instaurada fazendo surgir a necessidade de métodos e conhecimentos que tentem subverter a ordem preestabelecida, novos pensamentos, necessidade de mudança do espírito científico que rege a todos. A clemência é por um espírito emancipado e liberto das amarras impostas culturalmente (BACHELARD, 2005), que possa retirar as vendas dos sujeitos para que estes possam perceber sua potência e potenciais, tornando-se donos de si e agentes da revolução, o que para Nietzsche (2002) é uma característica imanente e pulsa nos próprios sujeitos alienados.

Para Nietzsche, na própria alienação é que as feridas supuram e empurram o sujeito para a mudança. É neste contexto, e acreditando que precisamos despertar nossa vontade de potência, definida por Nietzsche (idem., p. 36) como: “O mundo visto de dentro, o mundo determinado por seu ‘caráter inteligível’ – seria justamente ‘vontade de potência’, e nada mais”, que o objetivo deste escrito é rascunhar uma possibilidade de método de pesquisa que busque ampliar e corroborar com a busca de sentido científico, perdida com a técnica mecânica do positivismo, encorajando a autonomia e liberdade dos menores, os *outsiders*<sup>2</sup>, tomando como lócus de ação a escola, a qual sempre aparece como porta de salvação da humanidade, mas revela-se um verdadeiro campo de concentração.

A Escola, e todas as demais instituições que compõem o Estado, articulam-se sistematicamente como um câncer, agressivo, impiedoso, a favor do sistema, acentuando diferenças, produzindo desigualdades, oprimindo quem ou o quê, por ventura, discorde dele. O espaço escolar, cuja função atribuída, teoricamente, sempre fora a de educar cognitivamente, moral e civicamente, revela-

---

<sup>2</sup> Neste texto o termo é adotado com o intuito de refletir as relações de poder entre sujeitos estabelecidos e não-estabelecidos quanto a questão da sexualidade e gênero na escola tomando por base a definição deste por Norbert Elias e John L. Scotson em: ELIAS, Norbert, SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.



se ao longo da história, local de reprodução e manutenção das desigualdades socioeconômicas e culturais, utilizando-se de tentativas disciplinares de contenção dos corpos, punições e segregações, cujos critérios de categorização são coloniais e heteronormativos<sup>3</sup>.

Diante dessas urgências, propor um método soa ligeiramente audacioso. Portanto, a intenção de pensar criticamente uma possibilidade de subversão a (des) ordem moderna que se manifesta preconceituosa e excludente, mais especificamente no que tange a questão da diversidade sexual nas escolas, se faz urgente e necessário. Como transformar o campo de concentração escolar em lócus de diversidade e justiça social? Essa pergunta tentará achar conforto no decorrer desta proposta ao passo que será esboçada algumas estratégias de superação da realidade que se apresenta como única e incontestável, apoiando-se nas possibilidades de entropia que um método pode oferecer, porque resistir é também uma questão de método.

## **O EU NA CENA CONTEMPORÂNEA: UM BREVE MEMORIAL METODOLÓGICO**

Poderia em forma de prosa ou poesia  
Fazer versos que rimassem com uma vida vazia  
Decidi que as estrofes apenas com felicidade rimariam  
Fabiane Fernandes

O Eu-autora que propõe este artigo divide em cenas sua intenção de método com o intuito de apresentar aos leitores seu percurso, sua vida e seus métodos de sobrevivência, para então apresentar a proposta que embasa seus estudos de mestrado<sup>4</sup>.

Em tempos de choque midiáticos e vivências efêmeras e instantâneas, rememorar o passado para influenciar no presente é tarefa urgente, mas que exige de nós, ‘pós-modernos’, esforço e concentração para não cair nas malhas da mesmice e experiência vazia, a qual se refere Benjamin:

o homem contemporâneo não contém quase nada que seja ainda traduzível em experiência [...] volta para casa a noitinha extenuado por uma mixórdia de eventos – divertidos ou maçantes, banais ou insólitos, agradáveis ou atroz - , entretanto nenhum deles se tornou experiência (BENJAMIN, 1987, p. 22).

Confesso que muito me custou resgatar da memória a infância e as experiências as quais muitas negocieei, outras sublimei, poucas guardei e tantas matei, me rasgando de um lado a outro, diariamente, para sobreviver. Imersa no contemporâneo, filha da fissura, não me foi facultado o

---

<sup>3</sup>. Ver conceito de heteronormatividade em: FOSTER, David W. Consideraciones sobre el estudio de la heteronormatividade en la literatura latinoamericana. Letras: literatura e autoritarismo, Santa Maria, n. 22, jan./jun. 2001. p. 19.

<sup>4</sup> Este método será explicado no decorrer do artigo, sobretudo em sua cena final.

direito de viver a experiência de outra maneira que não fosse a atual, no seu mais pleno esvaziamento.

Em busca de superação e na luta para não atender ao que me era imposto, algo me fazia diferente de muitos que eu observava: uns muito prósperos e felizes, porém fúteis, outros, extremamente tristes, desiludidos e fracassados. Eu não me sentia nem um, nem outro, poderia dizer naquela época que estava em cima do muro, hoje, rememorando Silviano Santiago (2008), estava no *entre-lugar*, no caminho do meio, conforme defendido por Deleuze e Guattari (1995), sentia uma força, uma potência que, por estar aprisionada em um corpo oprimido, mostrava-se pelas beiradas, meio que sem saber como e para quê. Meu método: vontade de potência, ainda que inconsciente. Minha justificativa: retribuir à minha avó, fio de amor único do qual tenho lembrança, como a de uma experiência moderna, pelo apoio e incentivo.

Em um percurso de altos e baixos vi muita gente desistir. Vi pessoas sucumbirem pela impotência de atenderem aos desejos alheios, vi também pessoas que atenderam maestrosamente ao imposto e lograram um sucesso financeiro e material esplêndido. Muitas tinham algo em comum, a busca incessante pelos bens materiais. Não que eu não os queira, entretanto, meu ideal de sucesso, bem-estar e bem viver ultrapassa essa meta. Me pegava a pensar como esses desejos se constituíam, como essas pessoas quase que igualavam suas metas de vida ao mesmo objetivo: enriquecer, enriquecer, enriquecer, mesmo que isso levasse à falência do corpo e da alma.

Esses sentimentos infantis apontados acima, sem nenhum fundamento teórico na época em que foram vivenciados, foram formulados e cultivados no campo do sentir, do intuitivo, da observação humana. Conseguia identificar as mazelas que me açoitavam, conseguia olhar as mazelas alheias e as pessoas que se mantinham alheias a isso também. Em que mundo elas viviam? Conseguia também perceber que elas se mostravam mais leves do que eu, talvez ser alheio seja uma boa válvula de escape, ao menos enquanto o alheio não se tornar um menor, um *outsider*, em alguma relação de poder ou situação de catástrofe. A fuga do caos, a busca pela ordem, nos traz uma sensação de conforto, como se estivéssemos fora dele...

Pedimos somente um pouco de ordem para nos proteger do caos. Nada é mais doloroso, mais angustiante do que um pensamento que escapa a si mesmo, ideias que fogem, que desaparecem apenas esboçadas, já corroídas pelo esquecimento ou precipitadas em outras, que também não dominamos (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 259).

Ainda que com pouca idade minha opção, embora não indolor, foi o enfrentamento e autocrítica. Estive anos em um mundo paralelo, distante da fala, da escrita, da opinião própria. Estive distante, observando, encontrando as fissuras, pensando em estratégias, em um processo de

autoanálise, solitário, mudo, mas hoje concluo que, eficaz! Então eu pergunto, quantos tem a mesma consciência? Quantos acessam sua potência, *quicá*, sabem possuí-la? Quanto sofrimento, quanta injustiça poderia ser banida se soubéssemos, todos, da nossa força, das nossas potencialidades?

Como esta é a cena escrita na qual me reservo o direito de expor, eu respondo: conheço poucos. São poucos que tomam a distância necessária para perceber-se no caos e dele sair como sugere Agamben. Este cenário contemporâneo exige novos métodos não só para fazer ciência, mas para sobreviver. Essa necessária distância, traduzida em autodesenvolvimento, autocrítica, estabelece uma relação sujeito-tempo que em si já reflete uma possível subversão ao que é imposto, de forma que ao se afastar a visualização de todo o contexto moderno possibilita ao sujeito diferenciar-se das imposições e até rejeitá-las:

A contemporaneidade, portanto, é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias; mais precisamente, essa é a relação com o tempo que a este adere através de uma dissociação e um anacronismo. Aqueles que coincidem muito plenamente com a época, que em todos os aspectos a esta aderem perfeitamente, não são contemporâneos porque, exatamente por isso, não conseguem vê-la, não podem manter fixo o olhar sobre ela (AGAMBEN, 2009, p. 59).

O sujeito que fui no passado não é o mesmo que escreve este texto. Pensando com Bachelard, o deslocamento dos sujeitos e objetos pela história precisa ser condição *sine qua non* de reflexão do eu atual ou de qualquer escolha de objeto de estudo. Assim, faço aqui um resgate memorístico que, segundo Benjamin (1972, p. 5), com certa distância, propicia a criticidade necessária para proposta de um método que possa refutar o presente frio, racional e técnico. Sem saber, sempre fui uma pesquisadora!

Lembro-me que agarrei a escola como única possibilidade de não sucumbir ao sistema. Hoje, chego à conclusão que não fora a escola a salvadora da pátria, mas minha vontade de potência imanente. De qualquer sorte, a possibilidade foi agarrada como forma de empoderamento dentro do próprio sistema. Já que o que não te exclui é seguir a manada, me adaptei temporariamente a tudo que me foi imposto com o único intuito de concluir os estudos, entrar no mercado de trabalho, passar na universidade pública e então respirar, me dar o 'luxo' de pensar em quem sou, o que quero e como fazer.

Da escola à Universidade fingi ser tudo o que não aceitava. Fui oprimida, silenciada. Tudo o que hoje sei e descubro sobre conhecimento científico positivista e engessado foi o que fiz até então, somente ao chegar no mestrado<sup>5</sup> hoje, me permito refletir sobre o que escuto, o que leio e então

---

<sup>5</sup> Não me refiro a qualquer mestrado, refiro-me ao curso de Crítica Cultural/Campus II/Alagoinhas-Ba que, democraticamente, nos permite refletir, errar, propor e experienciar conhecimento, formação.

ousar fazer e propor meu próprio conhecimento. Não preciso dizer que cada texto, cada autor revelado nas leituras diárias, teorizam as angústias que guardei por toda a vida. Aprender a pensar, formular ideias, propor mudanças não é nada fácil quando se aprende que mudar não é preciso. Nesse contexto, toda diferença é sempre combatida. Com todo esse pensamento inconformado as injustiças sociais sempre me saltaram aos olhos e hoje, como educadora, não é diferente. Ao escolher o pós-crítica, vi a possibilidade de contribuir para mudança da realidade escolar.

A escolha por pensar a diversidade sexual e de gênero na escola situou-se na minha experiência enquanto coordenadora pedagógica nos anos de 2015 e 2016, a partir da qual, imersa no contexto escolar contemporâneo e rodeada de sujeitos múltiplos, as situações cotidianas que culminavam em pura difusão e reprodução dos padrões coloniais e heteronormativos fundantes de nossa sociedade, incitavam angústia, revolta, medo e indignação. Esse misto de sensações corrobora com a cena contemporânea de instabilidade, rompimentos e fluidez já supracitada e a todo instante retomada neste escrito, e exige uma reflexão urgente para mudança de paradigmas e condição humana. Foi então, que ao decidir pela seleção do mestrado no pós-crítica resolvi aprofundar-me nestas questões como uma forma de negar os absurdos que acontecem no interior das escolas.

A necessidade científica de conceituar, categorizar e minimizar a tudo e todos dentro de categorias e conceitos sólidos e determinantes, atua de forma cruel, não apenas cientificamente na linguagem, mas nos corpos, nos indivíduos. A escola como espaço de construção de conhecimento científico, permanece tanto na formação científica quanto humana, ensinando como escrever dentro das normas, como agrupar substâncias por categorias e nomeá-las, como definir cada palavra e fechar conceitos coerentes. Assim, faz também com os sujeitos que a compõe. Meninos e meninas são identificados/as pelo aparelho reprodutor genital que deixam ver no momento do nascimento, a partir de então tem sua concepção de masculinidade e feminilidade definidas e a escola não apenas reforça, como ensina como fazer e massacra os que se negam a fazê-lo.

Nesta condição, como criar novos valores nesta sociedade caótica? Nietzsche nos diz que cada sujeito tem o desejo intrínseco de dominar e subverter a ordem, fazer-se mais forte, entretanto, iludidos pelo furor das promessas modernas e acorrentados a padronização de normas e conceitos em pró de uma estabilidade, de uma ordem, os indivíduos, socialmente ordenados, adormecem seus potenciais e curvam sua potência ao célere processo de imbecilização dos sujeitos e disciplinarização dos corpos (ADORNO; HOCKHEIMER; BACHELARD).

A proposta do projeto então é buscar uma forma de, ainda que não apoiada pela instituição escolar, a temática seja refletida por entre estudantes e professores com fins de mudança na práxis e

extermínio das exclusões e rejeições às diferenças. Quem sabe assim, de pouquinho em pouquinho, vamos mudando a ordem.

## O MÉTODO NA CENA

“O cisco no teu olho é a melhor lente de aumento”  
Adorno.

Em tempos de instabilidade e incertezas, as árvores que prometem frutos, se os dão, são podres! A estagnação de tempos sombrios nos convoca a cortar raízes fincadas em solo infértil, nos empurra a estabelecer múltiplas conexões de cá, de lá, de todos os pontos, a todos os momentos, com o intuito de desestabilizar o efeito, também rizomático, porém negativo, da hegemonia política, epistêmica, financeira e cultural que nos governa.

Do campo científico um único método não é suficiente para resistir ao domínio linear das investigações e soluções propostas. Nesse sentido, o Rizoma, travestido de si mesmo, precisa romper consigo próprio para ramificar-se de outras formas. Como linha de fuga, escapar do que, por rizomatização do mal, difundiu-se e dominou o espírito científico é condição para uma formação mais humana e justa. Em suma,

Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas. A árvore é filiação, o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo “ser”, mas o rizoma tem como tecido a conjunção “e...”. Há nesta conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser. Entre as coisas não designa uma correlação localizável que vai de uma para outra reciprocamente, mas uma direção perpendicular, um movimento transversal que as carrega uma e outra, riacho sem início nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio. (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 36).

Diante desta atual conjuntura, as possibilidades que surgem são tentativas de rizomatizar-se de maneiras outras por entre o sistema estável a fim de desestabilizá-lo, resistindo e subvertendo-se a qualquer âncora, qualquer tipo de sistematização que proponha ordenar, classificar, conter as possibilidades e tolher as necessidades.

Sistematizar a pesquisa prescinde em sistematizar o método, o que impede a ramificação do Rizoma. Para Bachelard (2005, p. 23) o pensamento científico significativo, o método eficaz, é rizomático, um conceito liga-se a outro produzindo sentidos variados. Para ele, a crítica é constituinte do Espírito Científico (idem, p. 29). Quanto esse método é aprisionado em sistematizações irrefutáveis quem dialoga com o objeto não é o desejo de ação, é a inércia, a técnica. Por isso, “quando um rizoma é fechado, arborificado, acabou, do desejo nada mais passa; porque é sempre por rizoma que o desejo se move e produz” (DELEUZE; GUATTARI, 1995).

Em uma consonância rizomática com Deleuze e Guattari (1995), Bachelard (2005), de forma clara, ressalta que para vencer os obstáculos epistemológicos impostos à construção do conhecimento:

[...] deve começar [...] por uma catarse intelectual e afetiva. Resta, então, a tarefa mais difícil: colocar a cultura científica em estado de mobilização permanente, substituir o saber fechado e estático por um conhecimento aberto e dinâmico, dialetizar todas as variáveis experimentais, oferecer enfim à razão razões para evoluir (BACHELARD, 2005, p. 23-24).

Condição primeira para acontecer a catarse proposta por Bachelard consiste em, parafraseando Mignolo (2008), aprender a desaprender, tarefa nada fácil se observarmos por quanto tempo fomos 'adestrados' a como falar, escrever, ser, pensar, sem se quer nos darmos conta deste processo de colonização. Por isso, propor um método torna-se tão difícil e problemático, em tempos de deslocamentos e diversidade não há método que possa dar conta, integralmente, de responder e viabilizar as questões levantadas.

Como salienta Baudrillard (2001, p. 47): “estamos hoje em um mundo aleatório, um mundo em que não há mais um sujeito e um objeto harmoniosamente separados no registro do saber”. Isso posto, podemos inferir que um método efetivo não pode requerer da pesquisa uma distância fria entre sujeito e objeto que muitas vezes é imposta pela técnica. Acreditando nesta premissa, como forma de difundir uma proposta crítica e fluida, em um espaço ideológico como a escola, a proposta de meu método de pesquisa consiste em colocar na cena os sujeitos outsiders, objetos de pesquisa e protagonistas na cena escolar.

A utilização dos sujeitos menores, *outsiders*, como narradores e proponentes de uma proposta pedagógica emancipatória, será organizada a partir do meu convívio com estes enquanto pesquisadora. A intenção é o recolhimento das narrativas destes, as quais serão organizadas em um livro que, como uma arma de guerra clandestina, poderá apresentar aos professores algumas respostas e reflexões na tentativa de diminuir suas angustias frente a diversidade que experimentam no seu labor diário e que segundo, Louro, não sabem como agir. Louro afirma que:

Nós, educadores e educadoras, geralmente nos sentimos pouco à vontade quando somos confrontados com as ideias de provisoriedade, precariedade, incerteza – tão recorrentes nos discursos contemporâneos. Preferimos contar com referências seguras, direções claras, metas sólidas e inequívocas (LOURO, 2003, p. 43-44).

A dificuldade na lida com a diversidade tem raízes – não rizoma – profundas e simétricas na colonização do ser e do saber que nos circunscreve desde sempre, a qual foi pautada em ideais brancos, heteronormativos e masculinos. Berenice Bento situa a escola nesse contexto ressaltando que:

[...] a escola, que se apresenta como uma instituição incapaz de lidar com a diferença e pluralidade, funciona como uma das principais instituições guardiãs das normas de gênero e produtora da heterossexualidade. Para os casos em que as crianças são levadas a deixar a escola por não suportarem o ambiente hostil é limitador falarmos em “evasão”. No entanto, não existem indicadores para medir a homofobia de uma sociedade e, quando se fala na escola, tudo aparece sob o manto invisibilizante da evasão. Na verdade, há um desejo em eliminar e excluir aqueles que contaminam o espaço escolar. Há um processo de expulsão e não de evasão (BENTO, 2008, p. 129).

Nessa passagem a autora reforça a urgência de métodos que deem visibilidade e espaço de fala aos excluídos que, por não corresponderem a coerência imposta pelo sistema, são brutalmente eliminados do espaço escolar, e da sociedade, por um processo de violência simbólica<sup>6</sup> que atormenta os indivíduos tidos como incoerentes até que estes “batam na lona” a fim de não serem mortos e/ou esmagados, como em um ringue de boxe.

As perguntas que precedem minha proposta são: como reverter esta barbárie? Como tirar o véu que encobre a visão dos profissionais da educação, se estes estão imersos no sistema escolar o qual segue aos padrões sociais preestabelecidos ao tempo que promete a todos um pedacinho no céu, a salvação eterna? O que podem os outsiders? Como podem?

Tendo em foco a formação docente como construção social e que essa acompanha o célere devir cultural, Tardif (2002) destaca a possibilidade de atuar sobre os sujeitos formadores, a partir de um método rizomático, proporcionando-lhes uma (re)construção de saberes e colocando a subjetividade dos mesmos no centro das pesquisas sobre o ensino, situando-os como sujeitos ativos e produtores de saberes.

Para tal, a ideia é propor uma formação embasada na voz dos sujeitos excluídos. O que pensam os sujeitos desviantes? O que passam esses sujeitos? O que esperam da escola? O que vivem na escola? Bebendo na fonte de Deleuze (1987, p. 2), ter ideias é tão simples quanto importante, é através delas que se expande, em uma perspectiva rizomática, o potencial criador confrontando uma ideia a outra de outrem, transformando-a. incitar e apoiara vontade de potência desses sujeitos pode ser o ponta pé para uma formação docente significativa e transformadora a caminho de uma sociedade mais justa e igualitária, começando pela escola, cujos formadores serão os próprios “outros”, os outsiders. Esse “Eu atualizado do discurso é a forma primeira na qual se institui o sujeito: é o eu que me inscreve [...] como sujeito – ator da história que conto sobre mim mesmo. (DELORY - MOMBERGER, 2008, p. 98-99).

---

<sup>6</sup> Conceito tomado de Bourdier, o qual se refere a uma violência não física, mas psicológica, que ocorre no interior das instituição escolar.

A escolha por este tipo de abordagem surge do interesse de, a partir das narrativas apresentada pelos participantes da pesquisa, buscar refletir sobre suas necessidades, a partir de seus próprios pontos de vista e por fim, fazer circular o produto destas reflexões, o livro-manifesto, que orientará os professores apresentando a estes os sujeitos emudecidos na diversidade negada.

Para tanto, fazer circular no interior da escola essa ideia considerada subversiva, requer estratégia, requer método. Por conseguinte, o livro organizado com as narrativas dos outsiders deverá ser publicado por uma editora séria e comprometida com conteúdo de cunho cultural e revolucionário, pois o mesmo revela-se como uma máquina de guerra no enfrentamento dos valores machistas e patriarcais imputados ao sistema pelo próprio sistema. A proposta é distribuir alguns exemplares aos professores da região de alagoinhas e adjacências fazendo-o circular como um manual docente no acolhimento à diversidade.

Revisitando Bachelard (2005, p. 309): “Na obra da ciência só se pode amar o que se destrói, pode se continuar o passado negando-o, pode-se venerar o mestre contradizendo-o”. É esse processo entrópico de destruir os padrões e ligar-se a outras perspectivas que permite que a revolução rizomatize-se e cause a fissura necessária para a aceitação das diversas possibilidades que nascem dos encontros das forças.

## **(IN) CONCLUINDO AS CENAS**

”É sempre sobre uma linha de fuga que se cria, não é, é claro, porque se imagina ou se sonha, mas, ao contrário, porque se traça algo real, e compõe-se um plano de consistência. Fugir mas, fugindo, procurar uma arma.”  
Deleuze.

Seja uma metateoria, seja um método, o que trago é a tentativa de criar uma linha de fuga, uma alternativa real que possibilite a liberdade do ser *outsider* usando a escrita como linha, e o livro como arma, com vistas a alcançar os formadores que, assim como toda uma sociedade, agem seduzidos pelo engodo de uma pseudoliberalidade, uma pseudoformação.

Trata-se de uma resistência ao que está posto, uma fuga ativa que objetiva contaminar os indivíduos e retirá-los do estado ilusório e angustiante em que se encontram. Enxergar as trevas, fixar no presente e visitar o passado constitui o devir rizomático que pode causar uma entropia na ordem preestabelecida, partindo de si para afetar o outro. *É como se o sujeito em seu tempo presente pudesse olhar para o passado, através de sua ruptura, de maneira a utilizar as sombras do passado para extrair luz para escuridão presente.* Traduzindo esse axioma em Nietzsche, é preciso o caos para gerar uma estrela!



Na luta pelo poder, vamos extraíndo de nós o melhor e o maior que podemos ser, aparando arestas, (re) criando conceitos e teorias, movimentando-se,

partindo do mais simples ao mais múltiplo, do quieto, mais rígido, mais frio, ao mais ardente, mais selvagem, mais contraditório consigo mesmo, e depois outra vez... esse meu mundo dionisíaco do eternamente-criar-a-si-próprio, do eternamente-destruir-a-si-próprio, sem alvo, sem vontade... Esse mundo é a vontade de potência — e nada além disso! E também vós próprios sois essa vontade de potência — e nada além disso!”. (Nietzsche, Fragmento Póstumo, 1881).

Para homem moderno, vontade de potência, para o método, o caos!

## REFERENCIAS

- ADORNO, Theodor. *Minima moralia: reflexões a partir da vida lesada*. Rio de Janeiro, Azougue, 2008.
- ADORNO, Theodor. Teoria da Semicultura. In: *Primeira versão*. Porto velho, 2005. ano IV, n.191., p.2-20, agosto.
- ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. Indústria Cultural. In: *Dialética do esclarecimento: Fragmentos filosóficos*. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1985.
- AGAMBEN, Giorgio. *Infância e História: destruição da experiência e origem da história*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2005.
- AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Trad. Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.
- BACHELARD, GASTON. *A Formação do Espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.
- BAUDRILLARD, Jean. *Senhas*. Trad. Maria Helena Kuhner. Rio de Janeiro: DIFEL, 2001.
- BENJAMIN, Walter. Experiência e Pobreza. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. In: *Obras escolhidas*, v. 1. Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 114-119.
- BENTO, Berenice Alves de Melo. *O que é transexualidade*. São Paulo; Brasiliense, 2008.
- BOURDIEU, Pierre. *Escritos de educação*. (Org.). Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani. Petrópolis: Vozes, 1998.
- DELEUZE, G; GUATTARI, F. *O que é a filosofia?* Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Ed. 34 Letras, 1992.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Editora 34. Trad. Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa, 1995.
- DELEUZE, Gilles. O ato de criação. Trad. José Marcos Macedo. In: *Folha de São Paulo*, 27/06/1999. Transcrição de conferência realizada em 1987.
- DELORY-MOMBERGER, C. *Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto*. Natal: EDUFRRN, São Paulo: Paulus, 2008.
- LOURO, Guacira Lopes. *Currículo, gênero e sexualidade: o “normal” o “diferente” e o “excêntrico”*. Petrópolis: Vozes, 2003.

MIGNOLO, Walter D. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. *Cadernos de Letras da UFF: Dossiê: Literatura, língua e identidade*, n. 34, p. 287-324, 2008. Disponível em: [www.uff.br/cadernosdeletrasuff/34/traducao.pdf](http://www.uff.br/cadernosdeletrasuff/34/traducao.pdf) Acesso em: mar. 2017.

NIETZSCHE, F. *Além do Bem e do Mal*. Trad. Paulo César de Souza. 2 ed. São Paulo: Cia das Letras, 2002.

NIETZSCHE, F. [1886]. *Genealogia da moral: uma polêmica*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

NIETZSCHE, F. [1882]. *A Gaia Ciência. Tradução e notas de Paulo César de Souza*. São Paulo: Companhia das letras, 2001.

SANTIAGO, Silvano. *Uma Literatura nos Trópicos*. 2 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

TARDIF, Maurice. *Saberes Docentes e Formação profissional*. 11 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

## CAMINHOS PERFORMÁTICOS: ENTRE A MESA POSTA E AS 7 VIDAS DE KASSANDRA

Geisa Lima dos Santos (UNEB)<sup>1</sup>

*Resumo:* O presente memorial busca através da articulação entre experiência, métodos e o objeto de pesquisa discutir o papel do artista como propositor, na luta para não se deixar capturar e nem tombar em modos de estruturação que petrifiquem os processos sociais, culturais, poéticos, etc. É preciso produzir num envolvimento com os processos de desterritorialização, construir performances rizomáticas que causem rupturas de percepção dos indivíduos, valorizando as expressões heterogêneas e desinvestindo as dominantes. Ou seja, é preciso romper com a produção de signos e consequentemente de subjetividades falocêntricas, racistas, eurocêntricas, através de manobras e articulações artísticas como nos trabalhos de Ana Fraga e Geisa Lima. Propõe-se ainda de modo frágil a performance como dispositivo ou método para romper e criar discursos/mapas, através das marcas do corpo, da memória, da relação com os espaços e com as pessoas.

*Palavras-chave:* Corpo. Arte. Mulher.

### TRAJETÓRIAS E IMAGENS INICIAIS

Ao longo do Curso de Artes Visuais foram inúmeros os contatos meus com obras de artistas que em suas produções representavam a mulher, o corpo feminino nu, a sensualidade, etc. E estas imagens foram, no decorrer do percurso, me estimulando a uma reflexão sobre esse tipo de exposição na arte e a permanência da exploração, submissão e violação da mulher na vida real. Posteriormente, agregaram-se aos conceitos pensados outros aspectos como: a resistência/fragilidade, a espiritualidade, as reencarnações, os sentimentos de dor, abandono, solidão, amor, etc. Assim, começaram a ser feitos trabalhos artísticos de minha autoria que transformavam estes pensamentos em imagens, como exemplo disso menciono: *En.car.ne*, *Silêncio*, *A Mala de imagens* e *As 7 Vidas de Cassandra* (produção final do curso de Artes Visuais e mais importante desse percurso), entre outros.

O passo inicial para o surgimento de *As 7 Vidas de Cassandra* aconteceu na disciplina de desenho e pintura (que contribuiu de forma significativa como espaço de desenvolvimento de ideias) ministrada pelo professor Marcos Olegário; onde criei uma obra chamada *A Mala de imagens*, que foi selecionada e exposta na 1ª Bienal do Sertão de Artes Visuais, em 2013, na cidade de Feira de Santana, Bahia. *A Mala de imagens* mantém uma relação com a instalação *As 7 Vidas de Cassandra* (figura 7), pelo discurso proposto, as expressões presentes nos desenhos, o uso de alguns materiais, a ideia de expor as histórias de mulheres que sofreram violência, assim como na instalação.

---

<sup>1</sup> Pedagoga, Artista visual, mestranda do Programa de Pós Graduação em Crítica Cultural na Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB), linha de pesquisa: Literatura, Produção e modos de vida, orientador Osmar Moreira Dos Santos, endereço eletrônico: geartelima@gmail.com.

É importante destacar que esse trabalho foi o desencadeador de uma série de outras produções sobre a violência contra a mulher e todos eles possuem uma conexão, principalmente pelo uso feito do corpo como lugar de criação de discurso e da linguagem da performance como meio ou como fim; posto que ela possibilita como diz Barbosa (2010), às vezes por ações violentas, através do corpo, a realização de questionamentos da relação entre natureza e cultura. Portanto percebemos aí, que a arte pode ser o lugar tanto da criação cultural, de signos, como da problematização das construções humanas.

Segundo Barbosa a arte expressa fragmentos da realidade e os rituais performáticos são maneiras de expulsar as incertezas e medos que o sujeito e seu corpo possuem. “Assim, ao agir como sujeito e objeto artístico, o artista expõe o imaginário do Corpo e seus reflexos culturais em confronto com o público” (BARBOSA, 2010, p. 1204).

*As 7 vidas de Cassandra* é composta de sete (7) baús, 125 fotografias e 26 desenhos/pinturas, medindo 6 metros de comprimento, 2, 60 metros de largura e 1,90 metro de altura. Ela constitui-se como um diário-baú, contendo versos, imagens e frases que reconstroem/desconstroem narrativas pessoais; a mesma teve por objetivo instalar, por meio da minha imagem, um discurso poético através das experiências de sofrimento e de liberdade na busca de empoderamento. Por meio de fragmentos de histórias autobiográficas, foram inseridas na instalação as vivências ligadas à dor e aos amores de minhas sete vidas passadas, propondo uma reflexão sobre a violência contra a mulher. Buscou-se questionar definições preconceituosas criadas em relação a ela e, através da arte, fazer uma espécie de delação desta realidade.

Essa obra tem um caráter autobiográfico, pois eu como artista narro às histórias das minhas vidas passadas, concentradas na denominação genérica de uma só pessoa – Cassandra –, que vem a ser (e simbolizar) as sucessivas experiências que tive em outras vidas, através da instalação e dos elementos que a compõem, os quais possuem uma materialidade simbólica, pois eles evidenciam a espiritualidade e as minhas (de Cassandra) vivências cotidianas.

O maior desejo com essa obra era mostrar que o ambiente familiar possui um caráter forte de violência contra a mulher, e que a própria sociedade regulariza tais atitudes, fazendo com que se tornem práticas normais e impõem para nós papéis sociais rígidos, velados, embebidos pelo medo e pela subjulgação.

Uma experiência relevante durante o curso de Artes Visuais e estadia em Cachoeira, foi conhecer Ana Fraga, nascida e residente em São Félix no Recôncavo da Bahia. Artista do interior, ela é considerada *performer* de percurso consistente, por trazer em suas produções a performance

como linguagem principal; no cenário baiano, destaca-se com diversas premiações, aborda com a sensibilidade feminina questões inerentes ao ser humano e a sociedade contemporânea, provocando incômodo e inquietação através de temas relacionados às angústias existenciais. Ela alinhava através das performances, como quem costura uma roupa, as mazelas e doenças sociais, usando suas memórias afetivas e materiais do cotidiano “feminino”, ressignificando-os. Suas obras tratavam também de temas vinculadas ao universo feminino, apresentavam discussões relevantes e o modo que ela fazia performance chamava a minha atenção para o uso politizado que podemos fazer do corpo. De 2013 á 2014 participei do projeto “Nós pelas Costas”, coordenado por ela; onde realizei a produção dos “nós”, de linhas brancas, presentes em tubos enormes, que seriam utilizados em algumas de suas obras. Posteriormente ao lado do meu orientador Dilson Midlej, a convidamos para participar da banca examinadora, na minha defesa do memorial de conclusão do curso de Artes Visuais, em maio de 2015. Esses vínculos estabelecidos de forma tão natural viriam a ser retomados a posteriori com o projeto do mestrado.

Posterior à realização de Cassandra o desejo era continuar investigando e problematizando tais questões. Nessa perspectiva comecei a pensar no mestrado como uma maneira de realizar esses estudos; assim em 2016.2 fui aprovada como aluna especial para a disciplina Cultura e Biopolítica (no Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural na Universidade do Estado da Bahia, linha de pesquisa Literatura, produção cultural e modos de vida), ministrada pelo professor Washington Luís Lima Drummond. A partir desse breve contato principiei a pensar na seleção para aluno regular, mas existia um entrave que era de que forma propor o projeto, qual seria o melhor caminho? Já que meu desejo era abordar a violência contra a mulher, mas sem sair do lugar da arte.

No meio desse embate a partir do diálogo com o professor Washington, pensei na possibilidade de fazer o encontro entre os meus debates e os de Ana Fraga; desenvolvi o projeto pensando inicialmente em pesquisar a trajetória dela enquanto mulher/artista/baiana, falar sobre as influências de sua história de vida em suas obras, fazer um levantamento de suas produções, significados e como elas questionam as visões construídas socialmente; falar da utilização do próprio corpo ou do corpo da cidade para fazer performance, realizar algumas conexões entre nossas obras e produzir outras como resultado da pesquisa.

O presente projeto possui vínculos diversos com a minha trajetória e forma uma espécie de rede de conexões, pois as reflexões propostas perpassam por minhas experiências, memórias, os objetos simbólicos do cotidiano, o corpo como território de resistência; assim, arte e vida vão se conectando e recriando significados e sentidos.

## BIFURCAÇÕES TEÓRICAS E LINHAS DE FUGA

As ideias de Guatarri e Deleuze buscam combater as raízes dicotômicas, através de linhas de fuga, das multiplicidades, da desterritorialização, da oposição à lógica binária, que compartimenta, fraciona a vida e os fazeres dos sujeitos. Para que a diversidade de ações, pensamentos, formas de vida, sexualidades, expressões sejam valorizadas é preciso fazer o múltiplo, um sistema chamado de rizoma onde

[...] cadeias semióticas de toda natureza são aí conectadas a modos de codificação muito diversos, cadeias biológicas, políticas, econômicas, etc., colocando em jogo não somente regimes de signos diferentes, mas também estatutos de estados de coisas (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 14).

Percebe-se que para realizar a construção de um sistema rizomático é necessário fazer um jogo com os signos, pois é dentro da tripartição (eu, a imagem do mundo e instituições) que reside à constituição de dispositivos de poder e dominação do sujeito. O conceito de signo/semiologia segundo Derrida, pode aprovar ou abalar os preceitos logocêntricos e etnocêntricos; assim é necessário no interior da semiologia, transformar os conceitos, ou seja, desmontá-los, colocá-los contra suas conjecturas e re-inventá-los de outras formas para modificar o campo. Por conseguinte é imprescindível questionar o que é a coisa, quem deu esse significado para ela e por que. O sujeito da resistência se torna sujeito da linguagem, por isso:

Um método de tipo rizoma é obrigado a analisar a linguagem efetuando um descentramento sobre outras dimensões e outros registros. Uma língua não se fecha sobre si mesma senão em uma função de impotência (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.15).

O crítico cultural precisa ser o sujeito do jogo para identificar a estrutura, quebrar o sistema e inventar outros sistemas, ou seja, ele precisa ser artista, revolucionário, provocador, pois é preciso criar agenciamentos, para o crescimento das multiplicidades, das margens, do fora, das conexões impensadas, do heterogêneo, do transversal. Fazer rizoma é criar dentro da ruptura, é quebrar com os aparelhos de fabricação da homogeneidade, da hierarquia e dos gerais.

Diferente é o rizoma, *mapa e não decalque*. Fazer o mapa, não o decalque. [...] Se o mapa se opõe ao decalque é por estar inteiramente voltado para uma experimentação ancorada no real. O mapa não reproduz um inconsciente fechado sobre ele mesmo, ele o constrói. Ele contribui para a conexão dos campos, para o desbloqueio dos corpos sem órgãos, para sua abertura máxima sobre um plano de consistência. Ele faz parte do rizoma. O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 20-21).

A Construção de mapas, de desenhos pelos lugares, montagem de cartografias, de narrativas ocultas e marginais, implica na feitura de escritos/linguagens/pictogramas, enfim em signos, que

devem ser desvestidos de seus sentidos e reinventados com outros desejos. “A questão é produzir inconsciente e, com ele, novos enunciados, outros desejos: o rizoma é esta produção de inconsciente mesmo” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 27). Portanto ele está sempre no meio, ele é inter-ser e evoca o princípio da diferença, como discutido por Derrida, que de acordo com ele impele não apenas a não privilegiar uma substância em detrimento de outra; mas coloca em importância toda ação de significação como um jogo formal de diferenças, em outras palavras, de rastros.

Trata-se de produzir um novo conceito de escrita. Pode-se chamá-lo grama ou *différance*. O jogo das diferenças supõe, de fato sínteses e remesas que impedem que, em algum momento, em algum sentido, um elemento simples esteja presente em si mesmo e remeta apenas a si mesmo. Seja na ordem do discurso falado seja na ordem do discurso escrito, nenhum elemento pode funcionar como signo sem remeter a um outro elemento, o qual ele próprio, não está simplesmente presente. Esse encadeamento, esse tecido, é o texto que não se produz a não ser na transformação de um outro texto. [...] Não existe, em toda parte, a não ser diferenças e rastros de rastros (DERRIDA, 2001, p. 32).

Pode-se relacionar a estas ideias de rizoma de Deleuze e Guattari e a noção de rastros de diferenças proposto por Derrida, o paradigma indiciário que se afirma no final do século XIX nas ciências humanas, apoiado precisamente na semiótica. Há milênios o homem, o caçador, teve como base para viver a observação dos sinais, aprendendo a registrar, decifrar e classificar rastros mínimos que encontrava; e através dessas pistas remontava a realidade, construía uma narrativa dos acontecimentos. No método indiciário a experiência serve como base para interpretar os sinais, por isso é também semiótico, posto que os rastros, a linguagem, sintomas (*semeion*), as escritas, vão ser estudados.

As formas de saber presentes nos gestos, na capacidade de ver, sentir, na voz, na oralidade baseavam-se em detalhes fora da formalidade, às vezes nem traduzível em um plano verbal, formava o patrimônio de muitos homens e mulheres pertencentes a diversas classes sociais. Esse patrimônio nascia de suas experiências; pode-se aqui traçar um diálogo com a ideia de Derrida ao falar que toda experiência é uma experiência do sentido, assim tudo o que aparece à consciência, logo é sentido.

[...] aquilo que chamamos de “sentido” [algo a ser “exprimido”] é, já, em toda a sua extensão, constituído de um tecido de diferenças, na medida em que há já um texto, uma rede de remessas textuais na qual cada “termo” pretendidamente “simples” é marcado pelo rastro de um outro, a interioridade presumida do sentido é, já, trabalhada por seu próprio exterior. Ela se dirige, já e sempre, para fora de si. Ela já difere (de si) antes de todo ato de expressão. E é apenas sob essa condição que ela pode construir um sintagma ou um texto. É apenas sob essa condição que ela pode “significar” (DERRIDA, 2001, p. 39).

Um grande exemplo do uso totalizante da ideia de sentido e da experiência, mas no sentido de dominação, aconteceu o século XVIII, quando a burguesia toma posse de grande parte do saber tido como indiciário e não-indiciário, com o propósito de realizar um processo de aculturação. Nesse

sentido o crítico cultural precisa estar atento aos usos feitos dos signos como instrumentos de dominação, pois a cultura como já foi visto, não é livre das lutas de classe, das ideologias segregacionistas, etc.

Dentro dessa valorização feita pelo método indiciário dos pormenores, o que se sobressai é a apresentação do lado individual, e da sensibilidade que o olho humano tem em relação às diferenças (talvez marginais) entre os seres humanos.

[...] alguns indícios mínimos eram assumidos como elementos reveladores de fenômenos mais gerais: a visão de mundo de uma classe social, de um escritor ou de toda uma sociedade. Uma disciplina como a psicanálise constitui-se, como vimos, em torno da hipótese de que pormenores aparentemente negligenciáveis pudessem revelar fenômenos profundos de notável alcance (GINZBURG, 1989, p. 178).

Conforme Derrida a Semiologia vem do grego *sêmeion*, "signo" e através dela pode se perceber o que eles são e as leis que o regem. Por meio deles, o emissor comunica uma mensagem a um receptor; a coisa transmitida precisa ser avaliada, pois os signos não são neutros, assim é preciso segundo Derrida esgotar os recursos críticos do signo para que se realize uma crítica ao campo.

O grama é um conceito geral da semiologia, que deve ser envolvido por um contexto interpretativo, pois ele não é suficiente por si só.

O grama como *différance* é, pois, uma estrutura e um movimento que não se deixam mais pensar a partir da oposição presença/ausência. A *différance* é o jogo sistemático das diferenças, dos rastros de diferenças, do espaçamento, pelo qual os elementos se remetem uns aos outros (DERRIDA, 2001, p. 33).

As pesquisas que propõem discutir o semiótico como no caso do projeto: Artistas baianas em diálogo: o trabalho do signo e do si em Ana Fraga e Geisa Lima; devem servir para se colocar contra os pressupostos metafísicos de um discurso semiótico pautado no hegemônico, patriarcal, sexista, etc. o semiótico deve ser usado para desconstruir o semiótico e sua cadeia de padronização dicotômica e trabalhar dentro do sistema de diferenças, dos rastros, das conexões.

## **INTINERÁRIO TEÓRICO PERFORMÁTICO**

*A Mesa Posta* (figura 8), uma instalação-performance, foi o primeiro momento onde Ana Fraga teve a ação ou performance como princípio de sua poética, o que foi um divisor de águas no uso de seu corpo nas suas produções posteriores. Essa obra realizou-se em 2005, tendo como tema principal as obras do pintor Pancetti, porém o que conduziu a produção de Ana Fraga foram os relatos sobre a relação violenta do artista com sua esposa Anita Caruso e outras histórias que ela ouviu de mulheres em situação de violência em sua cidade. De acordo com a artista uma delas relatou que "o marido



quebrou toda a louça do enxoval tentando acertá-la e de como ela escapou das mãos dele depois de estar encharcada com o álcool que ele mesmo derramou tentando queimá-la viva” (FRAGA, 2014, p. 20). A instalação-performance tinha uma cadeira branca de madeira e dispunha de trezentos pratos de louça. Segundo a artista tinham frases impressas na porcelana e “Num canto da sala expositiva se encontrava uma enorme, caixa de madeira com rodinhas que podia circular pelo ambiente. [...] até despontar por uma das entradas a performer Bárbara Ferreira provocando o público amontado até o momento que ela iniciava a quebra dos pratos” (FRAGA, 2014, p. 21). Nos pratos tinham frases consideradas indigestas, por exemplo, “Matei porque não tive ereção”. Isso mostra o quanto à vida de muitas mulheres ainda é violentada e como o trabalho mencionado acima, pode contribuir para mudanças no contexto social.

No outro fio da observação trato de *As 7 Vidas de Cassandra*, da artista, educadora e poetisa baiana Geisa Lima, que também aborda as problemáticas do universo feminino através das experiências de sofrimento e de liberdade na busca do empoderamento de si mesma. A obra é uma instalação que em sua mistura de linguagem procura mostrar partes de histórias de 7 encarnações distintas de vidas, nas quais Geisa Lima sofreu algum tipo de violência.

Levando em consideração que as obras: *A Mesa Posta* e *As 7 Vidas de Cassandra*, propõem a criação de linhas de forças, que divergem do verticalmente estabelecido, escrevem bifurcações fugindo do totalizador, buscam escapar dos padrões em seus discursos; são raízes que crescem mostrando outros caminhos, tentam quebrar prisões, operam dentro da multiplicidade, provocam um olhar horizontal, o conceito de rizoma de Deleuze e Guattari consequentemente se faz presente na pesquisa. Percebe-se um pensamento em rede, ou seja, como artistas de locais, idades e formações diferentes, produzem um discurso que se conecta, pautado dentro de linguagens que se encontram, por exemplo, no uso de objetos simbólicos, do corpo como ferramenta, etc.

Nessa perspectiva, um dos pontos importantes de conexão das obras das duas artistas é a reflexão sobre o corpo da mulher como um espaço de acontecimentos, de lutas, que ao longo dos tempos, foi um território hora de dominação e em outros momentos de resistência.

A presente reflexão proposta aqui busca falar da importância de entender como a representação do corpo feminino repercute na ideia do corpo da mulher como gerador do corpo social, ou seja, pretende-se pensar no corpo como lugar rizomático, por onde o mundo entra e se inscreve. No contexto contemporâneo o debate sobre ele torna-se cada vez mais latente, problemático e necessário, diante das novas maneiras de relações estabelecidas nos diversos âmbitos, seja da sexualidade, da cultura, da tecnologia, do consumo, etc; isso possibilitou que o corpo ganhasse ainda mais evidência no discurso atual e assim cada vez mais se ouve falar sobre as

formas de violência contra ele, e como elas estão camufladas no dia-a-dia. Foi a partir do corpo e suas marcas que esse objeto de estudo foi e vem se delineando.

De acordo com Barbosa o corpo e os locais que ele ocupa, vem sendo alvo de muitas reflexões que influenciam nas mudanças no social, e a arte expressa estas possibilidades, pois o artista mostra o imaginário que o corpo possui ao agir como sujeito e objeto artístico. O debate sobre esse campo é necessário para construção/desconstrução de signos no espaço artístico e na sociedade.

A noção de mapa será ativada, por pensar-se no uso que é feito de alguns elementos como: escritos, cartas, diários, desenhos feitos no papel e nos ambientes, ou seja, existe a presença do lugar/tempo nas obras e o processo de criação delas é como uma carta geográfica e social. Pretende-se dentro do estudo desses mapas, traçar um diálogo entre Ana Fraga e Geisa Lima, seus encontros e desencontros, discutindo as forças que emanam das obras, dos discursos, os jogos das formas e das imagens, a capacidade de propor resistência, poder e liberdade.

Espera-se, refletir sobre como as subjetividades das artistas se fazem presentes nas obras e apreender de que modo o signo e o si se instituem e organizam conexões entre os trabalhos delas; como o discurso é construído e de que maneira a arte se torna arma de luta na busca da emancipação feminina, desse modo este estudo pode ser significativo ao passo que corrobora para criticar padrões hegemônicos e falocentricos de subjugação da mulher. Pretende-se fomentar um posicionamento crítico, mostrando estratégias de fugas criadas pelas artistas Ana Fraga e Geisa Lima e pensar como essas formas de invenção refletem no olhar delas sobre si mesmas.

A investigação busca visualizar a criação do discurso através das obras de duas mulheres baianas como um lugar de formação/destruição de ideologias. Existe, por conseguinte a possibilidade de partindo do método indiciário, analisar também escritas, pinturas ou discursos no interior de um sistema de signos construídos culturalmente, posto que

[...] o mesmo paradigma indiciário usado para elaborar formas de controle social sempre mais sutis e minuciosas pode se converter num instrumento para dissolver as névoas da ideologia que, cada vez mais, obscurecem uma estrutura social como a do capitalismo maduro. [...] Se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas— sinais, indícios— que permitem decifrá-la (GINZBURG, 1989, p. 177).

Estudiosos apontam que a violência contra a mulher é resultado desses padrões internalizados pela sociedade, que estão imersos de significados e relações de poder. Os grupos que organizam a sociedade e as forças que emanam sobre a vida privada, exercem um papel regulador de comportamentos. Nesse sentido podemos mencionar as ideias de Foucault ao tratar das formas de controle social, do poder como uma instância conectada ao saber, “O poder produz saber [...], não há

relação de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder” (FOUCAULT, 2010, p. 31).

Portanto, o homem ao estabelecer um território de poder sobre as mulheres, também começou a produzir saber sobre a existência delas, criando modos cada vez mais imponentes de dominação; tal ideário precisa continuar a ser desfeito por ações em todos os espaços de conhecimento (como se propõe nas obras citadas), pois ao gerar novas formas de perceber o ser feminino e o seu estar no mundo conseqüentemente ela vai se empoderar e mudar os modelos de agenciamentos milenares que existem, ou seja, as verdades construídas historicamente sobre ela.

A ideia é que a partir da articulação da teoria com o objeto de estudo possa-se edificar uma constelação, ou seja, um pensamento em rede para a construção de mecanismos de combate da imagem da mulher inferiorizada; para a constituição de lugares de desarticulação de discursos e organização de rotas artísticas de fugas para a compreensão do eu, da imagem do mundo e das instituições. O rizoma como um método e um dispositivo para repensarmos o mundo e suas constituições verticalmente estabelecidas, dicotômicas. Proponho como método de crítica cultural “a performance artística politizada”, como um meio rizomático e indiciário para combater o sistema, produzindo signos através das marcas do corpo, dentro e fora do domínio da arte (desfazendo e refazendo o campo).

Logo, os trabalhos artísticos também suscitam reflexões sobre a necessidade destas quebras e buscam o esmaecimento das fronteiras simbólicas, propondo reflexões no campo do conhecimento como uma espécie de performance onde as pessoas resignifiquem, modifiquem os símbolos e sentidos culturais no espaço social e político.

## **CONCLUSÃO**

Investigar *A Mesa Posta* e *As 7 Vidas de Cassandra*, enquanto obra de arte, é questionar e criar perfurações nas caricaturas machistas sobre a mulher; pois no campo da arte ocidental, percebe-se que o corpo feminino talvez tenha sido o tema de maior exploração, e a variedade de formas e representações mostram um espaço significativo dos papéis simbólicos que lhe foram conferidos no transcorrer do tempo; Assim, inscreve-se uma estética da inferiorização da mulher, do corpo enquanto coisa. Conseqüentemente faz-se necessário produzir no âmbito teórico e prático, discursos, ações, imagens, ou seja, signos rizomáticos que desmanchem estruturas sócio-culturais-políticas que trabalham para o aprisionamento do indivíduo.

Refletir sobre a arte como um lugar de criação do signo e invenção do si, constitui-se um terreno fértil de investigação, porque as artes visuais possuem um conjunto de significações que assumem um papel simbólico e atuam no lócus social. Por conta disso existe nesse ambiente uma tensão entre o embate ou normatização sobre os pensamentos políticos e seus signos dominantes, ou seja, como os signos artísticos agem e influenciam as representações, as relações na sociedade, criando lugares de poder e controle das condutas sociais.

Nessa perspectiva este memorial se insere no campo da crítica cultural como uma pequena discussão sobre a produção dos signos no território da arte e suas reverberações nas construções sociais, seja como instrumento politizador, ou de dominação.

A performance artística politizada seria então um dos instrumentos para este desmonte, um dos caminhos para o sujeito enxergar no seu corpo as marcas sociais e tentar se despir do emaranhado de modelos delimitadores; uma arma para desfazer dispositivos de dominação sobre a mulher e uma força produtora de pensamento, que pode mostrar como o signo e o si vão sendo pensados, discutindo deste modo a ligação entre arte, saber e poder na produção de “verdades”.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Eduardo Romero Lopes. *O corpo representado na arte contemporânea: o simbolismo do corpo como meio de expressão artística*. Disponível em: <[http://www.anpap.org.br/anais/2010/pdf/cpa/eduardo\\_romero\\_lopes\\_barbosa.pdf](http://www.anpap.org.br/anais/2010/pdf/cpa/eduardo_romero_lopes_barbosa.pdf). Acesso em: 20 de jan. 2014.

DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. *Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

DERRIDA, Jacques. *Posições*. Trad. Tomaz Tadeus da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Trad. Raquel Ramallete. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

FRAGA, Ana Maria da Silva. *Escombros processos poéticos em performance-instalação*. Salvador, Bahia, 2014.

GINZBURG, Carlos. *Mitos, Emblemas, Sinais – Morfologia e História*. Trad. Fedfrico Carotti. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

## ANEXO



Figura 7. Geisa Lima. *As 7 Vidas de Cassandra*, 2015. Instalação. Foto: Acervo pessoal.



Figura 8. Ana Fraga: *A Mesa Posta*, 2005. Performance. Fotografia: Isabel Gouvêa.



## SENTIDOS DA CULTURA: BURI LÊ BURI

Heitor Rocha Gomes<sup>1</sup>

*Resumo:* A dissertação em andamento apresenta um projeto de pesquisa a ser realizado na localidade do Buri – zona rural de Alagoinhas-Ba. Objetiva compreender o que a população percebe como cultura local em meio aos afazeres cotidianos e que sentidos são atribuídos à mesma. Numa abordagem inspirada na compreensão da cultura, mediante a descrição densa (Geertz, 1989), de teóricos do campo da crítica cultural, a exemplo de Eagleton quando introduz uma genealogia do conceito de cultura, Derrida que explora o conceito de semiótica a partir da semiologia e gramatologia e, na perspectiva de problematizar os sentidos, raízes e consequências dos saberes envolvidos na efetivação do projeto traremos como contraponto as discussões (conceitos) esclarecimento de Theodor Adorno e Horkheimer. Para ampliar as perspectivas sobre o principal instrumento de documentação que será a produção de fotografias traremos dialogaremos com Roland Barthes a partir do conceito de câmara clara. Isso na expectativa de provocar, entre os moradores, reflexões, participativas, sobre suas próprias percepções e as consequências das supostas transformações ocorridas durante a experiência vivenciada. Primeiro será proposto identificação dos objetos, cenas, pessoas e momentos culturais por parte de membros da comunidade por meio de registros fotográficos: os moradores (com variedade de idade, gênero, raça, renda, religião, etc.) serão convidados a participar de uma oficina de fotografia. Num segundo momento os participantes realizarão, em diálogo com o pesquisador, um mapeamento daquilo que percebem como expressões culturais presentes, criando um registro fotográfico que testemunhará as poéticas orais locais na ótica dos seus moradores. Seguidamente socializarão os registros ao mesmo tempo em que externarão e problematizarão suas percepções, tanto sobre os objetos, as pessoas, cenas e vivências culturais identificadas, quanto sobre as conjecturas produzidas durante as etapas do projeto. A pesquisa qualitativa de caráter participante documental e a construção do diálogo produtivo e reflexivo com a comunidade do Buri, serão acompanhadas, sistematizadas e problematizadas a partir dos estudos bibliográficos e debates da crítica cultural.

*Palavras-Chave:* Cenas. Narrativas. Representações.

### INTRODUÇÃO

Pesquisas sobre a produção cultural de uma determinada localidade, definida como território, comunidade, aldeia e/ou quilombo torna cada vez mais comum. Em geral, essas pesquisas visam produzir informações relevantes para localidade pesquisada, para a academia e/ou ambas. No Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB), linha de pesquisa Literatura, produção cultural e modos de vida, generalizando, os estudos críticos giram em torno dos modos de realização da pesquisa sociocultural, suas justificativas, resultados e conseqüentemente interesses que originam, mobilizam e articulam a realização das pesquisas, sejam elas bibliográficas sejam de campo. O presente trabalho pretende responder aos desafios propostos pelo referido programa ao mesmo tempo se abrir para

---

<sup>1</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB), linha de pesquisa Literatura, produção cultural e modos de vida. Orientadora: Profa. Dra. Katharina Döring. Endereço eletrônico: cenarocha@gmail.com.

descobertas provocadas nos tempos, espaços, cenas, sujeitos e objetos que comporão a pesquisa. Esta escrita, que se sabe provisória, é atravessada por leituras e discussões realizadas no âmbito de três disciplinas, a saber: Teorias e críticas da cultura, Metodologia da pesquisa em crítica cultural e Tradição oral e cultura popular. Dessa forma, além dos autores supracitados no resumo, outros serão convidados a tomar parte nas proposições apresentadas no corpo deste texto. Esta primeira reelaboração do projeto de pesquisa, constitui-se, também como exercício vital, embora doloroso, de criticar as estratégias anteriores, de ordenar meu pensamento na forma escrita. Isso compreendendo que as leituras realizadas, conforme orientação dos professores, precisam escapar do confortável lugar da interpretação e assumir a posição da crítica. Assim a pretensão é desvencilhar-me das conceituações bitoladas no dizer de Geertz (2008, p. 9) que sobre uma ideia se faz necessário: “aplicá-la e ampliá-la onde ela realmente se aplica e onde é possível expandi-la, desistindo quando ela não pode ser aplicada ou ampliada. Se foi verdade uma ideia seminal, ela se torna, em primeiro lugar, parte permanente e duradoura do nosso arsenal intelectual”.

Ao definir como campo de estudo a pesquisa cultural, no intuito de compreendê-la por meio da percepção crítica dos próprios produtores culturais, percebi a necessidade de, antes de tudo, estabelecer uma base da/na qual se provocaria a tessitura de apreensão de sentidos culturais. Geertz (2008, p. 10) informa que Max Weber entendia que o homem: “é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu”. Para este autor, a cultura é tanto as teias que envolvem o homem quanto sua análise. Desse modo a pesquisa cultural acontecerá não como busca de respostas estreitas preconcebidas, nem como um experimento como nos adverte Agambem (2008) e sim como uma experiência na qual a ciência se dá de forma curiosa, crítico-interpretativa, à procura de significados.

Os estudos dentro do campo da crítica cultural indicam, mesmo parca e superficialmente, que, uma pesquisa que pretenda se embrenhar naquilo que pode ser reconhecido, apresentado ou descoberto como cultura, precisará calçar-se de instrumentos teóricos que sirvam para interpretar e criticar a realidade e o próprio processo/modo de pesquisa. Isso aceitando que cultura, nos termos do Programa de Crítica Cultural, é um campo de batalha para além do binômio conceito e prática.

Na sua introdução, a pesquisa a ser realizada se sustentará numa abordagem inspirada na compreensão da cultura, mediante a descrição densa de Geertz (1989), que toma emprestado de Gilbert Ryle<sup>2</sup> o conceito de descrição densa, mostrada, por meio de diversos exemplos, que uma descrição bem feita pode ir além da pura interpretação dos fenômenos, indicar o que nas cenas de

---

<sup>2</sup> Gilbert Ryle (19 de agosto de 1900-6 de outubro de 1976) foi um filósofo britânico pertencente a uma geração influenciada pelas teorias de Wittgenstein sobre a linguagem.



uma determinada localidade pode ser percebido como simulação, deliberação, cópia, engano, jogo etc.. e que uma vez interpretados ganham outros sentidos. Numa única atividade rotineira de uma localidade é possível encontrar códigos, significações que fazem todo sentido para os moradores e nenhum sentido para um observador externo desatento à teia de significações que geraram a necessidade intencional ou não de tal atividade. Todavia, a despeito das interpretações que podem ser construídas, Geertz (1989, p. 19) nos alerta que:

A força de nossas interpretações não pode repousar, como acontece hoje em dia com tanta frequência, na rigidez com que elas se mantêm ou na segurança com que são argumentadas. Creio que nada contribuiu mais para desacreditar a análise cultural do que a construção de representações impecáveis de ordem formal, em cuja existência verdadeira praticamente ninguém pode acreditar (p. 19, 1989).

Vejo a reflexão de Geertz é desconfortante, pois retira das costas do pesquisador a obrigação de alcançar resultados idealizados por ele ou quem quer que seja, porém, responsabiliza-o por encontrar formas de sistematização de processos e resultados que tenham legitimidade perante a academia e a comunidade na qual se originou a matéria básica da pesquisa. Ao longo dos seus escritos, Geertz mostra como as interpretações conclusivas e precipitadas sobre um conjunto de comportamentos em redor de um fato observado pode gerar grandes equívocos. É como se a realidade pesquisada quisesse ou precisasse alcançar o status de ficção, onde aquilo que é – por conta das diversas e minuciosas teias de relações e inter-relações – devesse representar uma coisa qualquer idealizada para se tornar crível – na perspectiva do intérprete. É diante desta labuta que está colocado este projeto de pesquisa é a partir dela que se construirão os relatos sobre os sentidos da cultura na Localidade do Buri. O que existe de antecipado, proposto na forma de objetivos, pode ser encarado, no máximo como suspeitas, decorrentes e incitadas pelas leituras e discussões produzidas, principalmente, no Curso de Pós-Crítica (UNEB). Estas suspeitas no dizer de Geertz fundamentadas em leituras e descrições de outras realidades culturais não subtraem o valor da pesquisa, se bem garimpadas e utilizadas, podem servir de filtros que permitirão ao pesquisador incorrer em erros e equívocos desnecessários.

Sobre a articulação entre a pesquisa etnográfica e a fundamentação teórica Geertz (1989) nos assevera o seguinte:

Os estudos constroem-se sobre outros estudos, não no sentido de que retomam onde outros deixaram, mas no sentido de que, melhor informados e melhor conceitualizados, eles mergulham mais profundamente nas mesmas coisas. Cada análise cultural séria começa com um desvio inicial e termina onde consegue chegar antes de exaurir seus impulsos intelectuais. Fatos anteriormente descobertos são mobilizados, conceitos anteriormente desenvolvidos são usados, hipóteses formuladas anteriormente são testadas, entretanto o movimento não parte de teoremas já comprovados para outros recém-provados, ele parte de

tateio desajeitado pela compreensão mais elementar para uma alegação comprovada de que alguém a alcançou e a superou (1989, p. 24).

Este fragmento indica o ponto de partida e retrata bem a situação em que me encontro, tateando, identificando discursos, experiências teóricas que possam de alguma forma explicitar as minhas suspeitas em relação ao campo que será o lócus da minha pesquisa. Navegando na incerteza dos discursos que proponho e/ou articulo, espero tombar assertivamente em questões que justifiquem, além de um empreendimento científico acadêmico, a minha admissão na rotina da localidade a fim de provocar o desvelar sentidos de cultura vivenciados e expressos pelos moradores.

Outro teórico do campo da crítica cultural convidado esta conversa que antecede a pesquisa, é Eagleton (2003). O autor estabelece aproximações e distanciamentos no binômio cultura e natureza. Argumenta sobre a impossibilidade de derivações ou oposições puras e simples em relação a conceitos e práticas culturais. Quanto mais nos esforçamos em criar contornos claros para aquilo que caracterizamos como natural, dentro e fora de nós, mais exacerbamos o que nos caracteriza seres culturais: “Assemelhamo-nos à natureza na medida em que nós, tal como ela, devemos ser modelados, mas distinguimo-nos dela na medida em que podemos fazê-lo a nós próprios, introduzindo desta forma no mundo um grau de auto-reflexibilidade ao qual o resto da natureza não pode aspirar (EAGLETON, 2003, p. 13)”. Esta pesquisa, mesmo com a falta de contornos mais precisos e amparada na fundamentação teórica possível, quer se encontrar neste entre-espaços, na brecha que surgirá entre o dado, o pretendido e o tropeço acidental. Pensar essa brecha significa reconhecer que a cultura, enquanto lugar, cena de pesquisa constitui-se como campo de disputas e batalhas, que o movimento de afastamento daquele/daquilo eu que nos foi apresentado como natural é constituído por aparatos culturais diversos e com múltiplas intenções no tempo, este pressuposto pode ser dito da seguinte forma: “A cultura é uma espécie de pedagogia ética que nos torna aptos para a cidadania política através da libertação do eu ideal ou colectivo sepultado em cada um de nós, um eu que encontra a sua suprema representação no domínio universal do Estado (EAGLETON, 2003, p.18)”. O que poderemos depreender dessa modelagem cultural do Estado é que ela merece todas as suspeitas possíveis, e, retomando os exercícios críticos do programa em que este trabalho se insere, questionar as múltiplas intencionalidades explícitas e subjacentes de uma formação cultural implementada pelo Estado por meio dos seus diversos tentáculos, em uma cenário que se mostra perversamente contraditório no que diz respeito, por exemplo, ao tratamento de toda identidade que se mostra, minimamente divergente, destoante, desajustada, marginal. Um Estado que alimenta a farsa da cordialidade frente a ostensiva face da morte que atinge todos os desprivilegiados da Terra.

Com Derrida, exploraremos o conceito de semiótica (2001) a partir da semiologia e gramatologia e, na perspectiva de problematizar os sentidos, raízes e consequências dos saberes envolvidos na efetivação do projeto. Isso considerando que um dos instrumentos de documentação será a fotografia e que este instrumento será território de provocação de sentidos. Com este autor o que se pretende é problematizar os conceitos de signo, significante e significado além de buscar lançar sobre estes os sentidos das falas dos sujeitos participantes da pesquisa. A fotografia, insere-se neste contexto, por ser em si mesma, objeto de leituras, interpretações e pela sua condição de portadora de elementos que evocam a realidade retratada. Uma das problematizações lançadas sobre o construto de Saussure (DERRIDA, 2001, p. 27) é que na sua gramatologia, na estruturação matematizada da língua escrita ele acaba por enfatizar esta em detrimento da fala, da substância fônica. O significante (escrita) ganha status superioridade em relação ao significado (fala). Derrida afirma que isso é um equívoco por a fala ser notória e primordialmente presença viva nos sujeitos falantes e por ele juntar em si mesmo as condições de produzi-la atribui-lhe valor e sentido. Compreendendo que a fotografia, enquanto linguagem, também carrega em seus determinismos, modelos impostos de leitura e interpretação, talvez fundados nos alicerces seculares da referência análoga no processo construção e identificação de sentidos da/na fotografia. Se o ato fotográfico carrega uma intencionalidade no momento do que será fotografado, seja por meio da composição, do recorte a realidade retratada ou do foco, esta intencionalidade, baseada na seleção daquilo que será revelado na foto, por mais que se queira não se mostra objetiva. O autor encontrará, possivelmente, na sua fotografia elementos não previstos, sejam estes ausências ou presenças daquilo que compõe a realidade retratada. Dessa forma é possível esta analogia da seguinte maneira:

O grama como *différance* é, pois, uma estrutura e um movimento que se deixam mais pensar a partir da oposição presença/ausência. Esse espaçamento é a produção, ao mesmo tempo ativa e passiva(o a da *différance* indica essa indecisão relativamente a atividade e à passividade, aquilo que não se deixa ainda ser comandado e distribuído por essa oposição), dos intervalos sem os quais os termos “plenos” não significariam, não funcionariam. A subjetividade – como a objetividade – é um efeito de *différance*, um efeito inscrito em um sistema de *différance* (DERRIDA, 2001, p. 33).

Neste ponto, será preciso questionar sobre a fotografia, o ela é em si mesma, como diria o Professor Osmar<sup>3</sup>, indagar “o que é que é que ela é”. Como a fotografia poderia ser instrumento utilizado como aparato de registro documental e posteriormente objeto interpretação crítica por parte dos participantes da pesquisa, escapando dos convencionalismos e servindo como provocadora de de sentidos. Para este fim mobilizarei algumas considerações de Roland Barthes no seu livro A Câmara Clara(1984). Uma primeira questão que Barthes se coloca é se a fotografia existe em si

---

<sup>3</sup> Professor Doutor do Curso de Pós-Graduação em Crítica Cultural – UNEB –Alagoinhas.

mesma, que marca a distinção de outras formas de imagens, na tentativa de estabelecer uma questão para seu estudo percebeu que todas acabavam caindo em classificações ligadas ao empirismo (uso por profissionais ou amadores); retóricas (Paisagens, Retratos, Objetos, Nus); estéticas (Realismo, Pictorismo), todas estas externas a própria fotografia e extensivas a outras formas de imagens. Sua conclusão provisória foi que a fotografia era indecifrável. Sua conclusão inicial foi que: “Em primeiro lugar, encontrei o seguinte. O que a Fotografia reproduz ao infinito só ocorreu uma vez: ela repete mecanicamente o que nunca mais poderá repetir-se existencialmente”. Seguindo Barthes nos diz da impossibilidade de se tocar, perceber o que é a fotografia senão por meio daquilo que ela não é: os significantes nela colados e dos quais não pode se apartar. O dilema existencial da fotografia desafia o autor a buscar uma explicação que escape das generalizações que tratam ora do significante ora do significado. Decidiu buscar aquilo que poderia constituir o singular e nesse ponto informa:

Nesse debate, no fim das contas convencional, entre a subjetividade e a ciência, eu chegava a essa ideia bizarra: por que não haveria, por assim dizer, uma ciência nova por objeto? Uma *Mathesis singularis* (e não mais *universalis*)? Aceitei então tomar-me por mediador de toda a Fotografia: eu tentaria formular, a partir de alguns movimentos pessoais, o traço fundamental, o universal sem o qual não haveria Fotografia (BARTHES, 1984, p. 19).

Nesse ponto, Barthes apresenta-se como medida do saber fotográfico que pretendia elaborar indicando para tanto três perspectivas primárias no campo das emoções ou das intenções que poderiam ser objeto de práticas ligadas ao: fazer, suportar, olhar. Como acontecimento a fotografia se sustentaria no seguinte tripé: O Operator que é o fotógrafo; O Spectator, que segundo o autor, são todos que compulsam, nos jornais, livros, álbuns etc.; por último o lugar do Spectrum (em sua origem ligada a ideia de espetáculo), aquele que é o alvo, o referente, espécie de pequeno simulacro.

É novamente neste lugar inconveniente que situo a produção e uso da fotografia como principal instrumento da pesquisa. Isso supondo que, estendendo os estudos com Roland Barthes surjam evidências para um registro fotográfico, que no mínimo reconheça criticamente o que pode existir entre a intenção que gera o ato fotográfico e aquilo que está entre a fotografia revelada e suas possíveis leituras.

Finalmente, será preciso, durante o processo de produção da pesquisa, da consequente produção de conhecimentos peneirar, garimpar buscar as aproximações, distanciamentos, os escambos possíveis com as suspeitas que geraram este movimento de pesquisa. Por conta da tarefa árdua e contínua de seleção dos achados relacionados aos sentidos da cultura na localidade do Buri. Para criar rotas de escape de escolhas feitas por meras oposições, juízos ou níveis de importância e trataremos como contraponto e/ou aparato as reflexões acerca do conceito de esclarecimento

apresentado por Adorno e Horkheimer. Para os autores a busca do homem, desde a idade antiga até os dias atuais, para superar as explicações e razões mitológicas e escapar do determinismo absoluto, passou por várias etapas. No entanto, afirmam que tudo que foi feito para livrar-se das obrigações de oferecer sacrifícios e oferendas, de render-se a toda espécie de corporificação humana, de toda espécie de identidades divinas foi substituída pelo conhecimento nascido do esclarecimento. O determinismo mágico, ritualístico fora substituído, ao longo do tempo, pelo absolutismo da lógica, pelo que poderia ser provado pelo pensamento esclarecido positivista. Pela nova lógica de conhecimento, deve-se fechar os ouvidos e virar as costas a tudo que estiver ligado a sedução, ao homem natural. Pelas formas de mediações vigentes, dentre elas a razão, assim:

No trajecto da mitologia à logística, o pensamento perdeu o elemento da reflexão sobre si mesmo, e hoje a maquinaria mutila os homens, mesmo quando os alimenta. Sob a forma das máquinas, porém, a *ratio* alienada move-se em direcção a uma sociedade que reconcilia o pensamento solidificado, enquanto aparelhagem material e aparelhagem intelectual, com o ser vivo liberado e o relaciona com a própria sociedade como seu sujeito real (HORKHEIMER, 1947, p. 18).

A razão que pretendia tornar os homens senhores de si mesmos acaba por tornar-se instrumento de dominação. Os autores revelam que o saber, nascido do pensamento esclarecido, desconhece limites o conhecimento científico não se faz sensível “nem a escravização da criatura, nem a complacência em face dos senhores do mundo”. Coloca-se a serviço do poderio econômico, daqueles que dominam a técnica. Da forma que definem os autores é possível presumir que o principal produto produzido pelo Iluminismo perdeu sua principal finalidade, a liberdade do homem conforme argumentam:

No trajecto para a ciência moderna, os homens renunciaram ao sentido e substituíram o conceito pela fórmula, a causa pela regra e pela probabilidade. A causa foi apenas o último conceito filosófico que serviu de padrão para a crítica científica, porque ela era, por assim dizer, dentre todas as ideias antigas, o único conceito que a ela ainda se apresentava, derradeira secularização do princípio criador (HORKHEIMER, 1947, p. 2).

Sem a condição de aprofundar com o merecido cuidado os escritos de Adorno e Horkheimer, nos contentaremos, ao menos por agora, em refletir sobre os fragmentos citados na perspectiva de que evidenciam a complexidade embutida no trato das produções de saberes, que no caso desta pesquisa, estão vinculadas as produções de sentidos, que por sua vez, perderiam a relevância na medida em que enfatizasse os meios ou os fins e esquecendo-se/negando do dinamismo dos sujeitos e das cenas que lhes dão contexto.

A metodologia de pesquisa será qualitativa, de carácter participante e documental com abordagem de análise crítica e autobiográfica das fotografias produzidas pelos próprios sujeitos da pesquisa. Severino nos apresenta a pesquisa participante como sendo (2007, p. 120):

É aquela em que o pesquisador, para realizar a observação dos fenômenos, compartilha a vivência dos sujeitos pesquisados, participando, de forma sistemática e permanente, ao longo do tempo da pesquisa, das suas atividades. O pesquisador coloca-se numa postura de identificação com os pesquisados. Passa a interagir com eles em todas as situações, acompanhando todas as ações praticadas pelos sujeitos. Observando as manifestações dos sujeitos e as situações vividas, vai registrando descritivamente todos os elementos observados bem como as análises e considerações que fizer ao longo dessa participação.

O compartilhar de vivências na localidade do lugar de pesquisador, pede reconhecimento por parte dos participantes da pesquisa, saber das intenções, segurança quanto aos procedimentos que efetivarão o processo de pesquisa e sobre os resultados. No caso da pesquisa no Buri, interessa saber sobre como e quando ocorrem as cenas que trariam à tona as representações culturais na localidade. Esse entrosamento nos daria condições, tanto de registro quanto do tratamento posterior das informações coletadas.

A produção dos sentidos culturais sobre a localidade nascerá do registro audiovisual das narrativas nos momentos em ocorrerão a apreciação das imagens fotográficas. Sobre a pesquisa qualitativa com o uso de imagens na antropologia Barbosa e Cunha nos dizem que:

...a imagem não é vista como dado empírico objetivo, mas como ponto de partida para uma reflexão conjunta sobre determinados contextos e situações, e podem ou não constituir material a ser incluído no formato final de apresentação dos resultados da pesquisa, seja tese, artigo ou relatório. São imagens de um processo e a decisão de expô-las na reflexão final depende das escolhas e dos objetivos do pesquisador (CUNHA, 2006, p. 25).

A amplitude das percepções sobre cultura que se farão presentes nas narrativas dos sujeitos envolvidos na pesquisa pede que a metodologia da pesquisa tenha a plasticidade necessária para acolher a diversidade de respostas possíveis às provocações geradas, sem, no entanto, perder a objetividade na organização e sistematização das mesmas. Assim é preciso concordar com Durão (2015) quando afirma que o conceito de metodologia no âmbito dos estudos literários não poderá agir autonomamente, será sempre submetido a crítica. Aqui tratar de cultura, no âmbito do Programa em Crítica Cultural da UNEB, “tem como pré-condição incontornável criticar o desejo de reificar a metodologia como um fim em si” (DURÃO, 2015).

A partir destes pressupostos a expectativa é provocar, entre os moradores, reflexões, participativas, sobre suas próprias percepções e as consequências de supostas transformações ocorridas nas formas de perceber e reagir à realidade durante a experiência vivenciada. Isso considerando que os envolvidos no processo e resultado da pesquisa atuarão ativamente por tomarem e serem parte dos sentidos culturais reconhecidos, identificados e produzidos. A ideia é que todos estejam, na própria medida, expostos e integrados no fazer e pensar sobre a pesquisa. Primeiro serão identificados e mobilizados os sujeitos que participarão da pesquisa (com variedade

de idade, gênero, raça, renda, religião, etc.). Isso a partir de critérios que gerem a maior diversidade de perspectivas possível sobre as representações culturais do Buri. Seguindo os moradores mobilizados para participar da pesquisa serão convidados a participar de uma oficina de fotografia com a finalidade de identificar: dos objetos, cenas, pessoas e performances culturais. Num terceiro momento os participantes realizarão, em diálogo com o pesquisador, um mapeamento daquilo que percebem como expressões culturais presentes, criando um registro fotográfico que testemunhará as poéticas orais locais na ótica dos seus moradores. Seguidamente socializarão os registros ao mesmo tempo em que externarão e problematizarão suas percepções, tanto sobre os objetos, as pessoas, cenas e vivências culturais identificadas, quanto sobre as conjecturas produzidas durante as etapas do projeto. A última etapa de trabalho na localidade consistirá em uma avaliação dos participantes quanto a relevância das etapas vivenciadas para a construção de novas percepções sobre as representações culturais do Buri.

## **1 BURI - UM RETRATO SOBRE SUSPEITA**

Durante registros fotográficos que comecei a realizar no Buri sobre família e posteriormente sobre as formas de geração de renda, a pedido de professoras de uma escola comunitária, refletiu-se sobre os sentidos que os moradores davam para cenários culturais daquela localidade, situada na zona rural do município de Alagoinhas-Ba. A suspeita de ter topado com uma possibilidade de pesquisa acadêmica surgiu no momento da seleção e tratamento das fotografias que seriam devolvidas à escola e posteriormente às famílias dos estudantes da referida escola. Comecei a indagar sobre os significados de registros de trabalhos comuns, realizados em espaços da casa ou do quintal, tais como debulhar feijão de cordas, raspar e ralar mandioca: o uso do tempo, dos espaços, objetos de trabalho de lazer. Essa aproximação mobilizou e deslocou meu interesse: refleti de que forma essa breve vivência com os moradores do Buri, me daria subsídios para a construção de um projeto de pesquisa. E para materializá-lo comunguei com uma noção de cultural que contemple uma construção simbólica tecida pelos sujeitos, que nesta pesquisa se configuram como os moradores do Buri.

Gostaria de apresentar este anteprojeto nas perspectivas de Hall (1997), quando afirma que os seres humanos são seres interpretativos e instituidores de sentidos; com Geertz (1989) quando reflete sobre o pensar, na perspectiva cultural, que este requer muito mais acontecimentos na cabeça, mesmo admitindo a necessidade deste, analisa que outros elementos como sons, desenhos entre outros são artifícios importantes ao pensar; e com Cardoso (2006), quando problematiza os

possíveis distanciamentos e aproximações do pesquisador com o sujeito/tema pesquisado, dentre outros.

A leitura aprofundada levantará questões que merecerão considerações que estão no campo das lutas históricas travadas entre a ciência – economia, trabalho: explorador e explorado, identidade – subjetividade, territorialidade – ancestralidade. Isso concordando que nenhuma prática cultural, por mais singular que seja, se dá apartada dos conhecimentos e conflitos vivenciados, em certo contexto e tempo cultural, e concomitantemente que todos os fazeres e pensares dos sujeitos de qualquer localidade estão influenciados pelas práticas culturais e ideológicas mais amplas e intencionalmente construídas ao longo da história.

Se aceitarmos que qualquer espaço de relação entre pessoas reflete, em maior ou menor escala, os conflitos da sociedade na qual está inserido, as questões que envolvem o fazer e a promoção da cultura no âmbito da comunidade indicam que:

Há interesses que vão desde a obtenção de recursos financeiros para a simples organização de eventos e apresentações de músicas e danças populares como prática artística, assim como busca-se aproximação com políticos, secretários de Estados, prefeitos e empresas patrocinadoras, na busca de domínio do setor, com tentativas até de propor e interferir politicamente na aprovação e regulamentação de leis que se voltem para o fomento e a salvaguarda das expressões das culturas populares (IKEDA, 2013, p. 9).

A participação dos sujeitos nas políticas voltadas para o desenvolvimento, produção, apropriação e disseminação de produtos culturais locais torna-se complexa por exigir dos mesmos, no mínimo, duas questões: a primeira, aqui definida no âmbito das oportunidades, que seria, constando-se a potência cultural e a necessidade de produção e difusão desta, as pessoas, de uma determinada localidade, teriam meios internos e externos para dar à mesma o destino que melhor lhe aprouvesse. A segunda, estreitamente ligada à primeira, trata das condições, as competências, habilidades e os meios necessários à participação. Isto é, existência de possibilidades dos envolvidos voltarem-se para si mesmos e assumirem a capacidade de identificar, interpretar, decidir e informar de que forma e em que nível interessaria participarem desta ou daquela política voltada para sua localidade. Entre os aspectos da participação, podemos refletir sobre o interesse e a compreensão dos moradores de uma localidade acerca de programas e ações realizadas pelo Estado. As ações deveriam partir de uma consulta que revela os interesses e necessidades de uma população específica e teria amplo e restrito sentido, estimulando efetiva participação nos seus desdobramentos. De acordo com Oliveira e Silva (2011, p. 132):

A problemática que se coloca aqui é a da ampliação com relação à participação do conjunto da sociedade nos diversos níveis de gestão e produção da cultura, afim de



que se possa transformar o complexo em políticas que tenham alguma garantia de continuidade nas próximas décadas.

Ampliar a participação da sociedade nos diversos níveis de gestão e produção cultural, necessariamente significa também repensar de que maneira e de que lugar os sujeitos e seus saberes são considerados, avaliar que há um distanciamento entre fazer e pensar, entre aqueles que refletem a realidade a partir daquilo que observam, sistematizam, propõem e aqueles que fazem e supostamente não refletem sobre a realidade e os problemas vividos. Claro que estamos falando aqui de enfrentamentos políticos daqueles que detêm os meios de canalizar atenção e recursos, que por isso podem promover distinção daquilo que serve ou não como bem ou produto cultural para a maioria, isso baseado em critérios, capitalistas, clientelistas e segregadores, pautados em interesses privados que no dizer de Williams (1969, p. 55) apresenta-se da seguinte forma:

[...]percebeu-se também que esse tipo propriedade privada, que impede o pleno acesso do povo como um todo a suas instituições governamentais, também comanda os rumos da atividade da comunidade, principalmente nas formas de controle sobre o trabalho. Propriedade privada dos meios de trabalho resultou em uma situação na qual as atividades da maioria das pessoas, sob pressão rigorosa e geralmente insustentável, acabam por ser decididas por uma minoria; se isso é assim, em uma parte tão fundamental de nossas vidas, há certamente um impacto nos processos pelos quais significados e valores poderiam ser criados e permitidos.

Nessa perspectiva, onde quer que se faça o debate cultural, faz-se vital considerar a conjuntura de elementos sociais, políticos, econômicos e como estes articulam os interesses, as forças e os enfrentamentos em torno de si e de elementos, a exemplo da cultura. A forma como estes são manipulados, disponibilizados e disputados interferem na produção, usufruto e disseminação da cultura, por esta pertencer ao mesmo sistema de significação social. Dizer isso implica que, será necessário localizar os agentes de produção cultural de uma determinada comunidade, como capazes de realizar os enfrentamentos necessários a garantia de acesso aos meios de produção/reconhecimento de bens materiais e imateriais que lhes pareçam importantes. Significa assumir que todos os membros de uma sociedade, não importa sua posição social, produzem cultura relevante, independentemente do juízo de valor que façam dessa produção.

## **CONCLUSÃO**

A pretensão de me debruçar sobre a temática Os sentidos da cultura: Buri lê Buri, ao usar a fotografia como a ferramenta que estimula este debulhar sentidos, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, na Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB), linha de pesquisa Literatura, produção cultural e modos de vida em ampliaram-se complexidade e responsabilidade acadêmica e social. Os estudos prévios sobre o desdobramento da pesquisa

indicaram a exigência de um posicionamento crítico, fundamentado, e, ao mesmo tempo, atento as revelações previstas e emergentes no trabalho de campo. Infiro que a realização desta pesquisa ampliará e estruturará meus conhecimentos acadêmicos e de mundo, para além da temática, por outro lado abrirá perspectivas para outras pesquisas na localidade, ao mesmo tempo em que amplia o acervo de informações do programa ao qual está vinculada a pesquisa. Dentro dos objetivos estabelecidos, do mesmo modo se espera que a documentação e interpretação crítica das cenas, pessoas, memórias, acontecimentos, objetos, presenças e ausências de sentidos criem caminhos alternativos para que os participantes da pesquisa possam desvendar-se e posicionarem-se provocando as mudanças desejadas dentro e fora da realidade cultural vivida.

## REFERÊNCIAS

- BARTHES, R. *A câmara clara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984
- CHAUÍ, M. *Cidadania cultural: o direito à cultura*. São Paulo: Perseu Abramo, 2006.
- DERRIDA, J. *Posições*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- DURÃO, F. A. *Reflexões sobre a metodologia de Pesquisa nos estudos literários*. Campinas: DELTA, 2015.
- EAGLETON, T. *A ideia de cultura*. Lisboa: Rolo & Filhos Artes Gráficas Ltda, 2003.
- GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa. Por uma teoria interpretativa da cultura. In: *A Interpretação das Culturas*. RJ: LTC. 1989. p. 13-41.
- GERTZS, C. *A interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- GIORGIO, A. *Infância e história*. Belo Horizonte: UFMG, 2005.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*/ Stuart Hall; Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 5 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- HALL, Stuart. *A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo*. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-46, jul./dez. 1997.
- HALL, Stuart. Estudos culturais e seu legado teórico. In: *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Org. Liv Sovik. Trad. Adelaide La Guardiã Resende (et al). Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003, p. 199-218.
- HORKHIMER, T. W. *A dialética do esclarecimento: Fragmentos filosóficos*. Amsterdam: Zahar, 1947.
- KLINGER, Diana. *Escrita de si, escrita do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.
- GURAN, M. *Documentação Fotográfica e Pesquisa Científica*. Rio de Janeiro: Funarte, 2012.
- M. W. Org., *Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som*. Petrópolis - RJ: Vozes, 2002.
- ORTNER, Sherry B. *Subjetividade e crítica cultural*. Horiz. Antropol., Porto Alegre, v. 13, n. 28, Dec. 2007. Available retirado de <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010471832007000200015&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010471832007000200015&lng=en&nrm=iso)>. acessado em 21 de mar. 2013. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832007000200015>.

PÁDUA, Elisabete Matallo Marchesini de. *Metodologia da pesquisa: abordagem teórico-prática*. 13 ed. Campinas, SP. Papirus, 2004. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

SALGADO, Sebastião. *Outras Américas*. São Paulo: Cia das Letras, 1999.

SANTOS, Osmar Moreira dos. *A luta desarmada dos subalternos*. Belo Horizonte: Editora 2011.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do Trabalho Científico*. 23 ed. São Paulo: Cortez Editora, 2012.

TEDESCO, Silvia. *A natureza coletiva do elo linguagem subjetividade. Psic.: Teor. e Pesq.* [online]. 2003, v. 19, n. 1, p. 85-89. UFMG, 2016.

WILLIAMS, Raymond. *Cultura e sociedade*. Trad. Leônidas H. B. Hegenberg, Octany Silveira da Mota e Anísio Teixeira. São Paulo: Editora Nacional, 1969.



## A DUALIDADE DO MASCULINO E FEMININO EM *O MUNDO SE DESPEDAÇA*

Ilauanna Teles Silva<sup>1</sup>

*Resumo:* As noções de masculino e feminino tem pautado os padrões pré estabelecidos pela sociedade ocidental, na qual os gêneros se tornam um protótipo ideal, uma ideia formatada de identidade e comportamentos em que seres afins devem assumir por meio de performances dentro das relações sociais. Tomando essa afirmação como base, a presente pesquisa tem como propósito examinar a dualidade masculina e feminina em dois personagens específicos (Nowye e Enzimna) do romance *O mundo se despedaça* (*Things Fall Apart* – 1958), visto que nessa obra, seu escritor, Chinua Achebe, adensa o debate colonialista e cultural ao inserir a questão de gênero, assinalando o papel social e cultural de homens e mulheres na tribo nigeriana *ibo*. Nesse sentido, esse trabalho procura identificar a formação ideológica das identidades de gênero, ao problematizar o que é o masculino e o feminino, cujos conceitos oferecem representações do gênero como aspectos identitários. Para tal, o embasamento teórico dessa pesquisa bibliográfica, de cunho exploratório, será sob as considerações de Thomas Bonnici (2000, 2003) que norteia o debate pós colonial e suas relações com as produções culturais e literárias, ao passo que Homi Bhabha (1986) e Said (1990), fundamentam a noção de que os gêneros são constituídos por meio de práticas culturais. Judith Butler (2015) e Romeu Gomes (2008) reforçam o debate de gênero, que alicerçam o conceito da dualidade masculina e feminina.

*Palavras-Chave:* Gênero. Identidade. Dualidade.

### CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente trabalho é parte da pesquisa de Mestrado, ainda em andamento, no Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, cujo título é “*Things fall apart: transposições culturais do texto literário para a reescrita cinematográfica*”. Desde o período da graduação, desenvolvi interesse em trabalhar com literaturas africanas em língua inglesa, que é o caso do presente objeto de pesquisa, o romance *O mundo se despedaça* (*Things fall apart* - 1958), livro de estreia do aclamado escritor nigeriano Chinua Achebe, escrito quando o autor ainda era um jovem de vinte anos e descreve de maneira vívida o cotidiano por meio das tradições orais e das práticas culturais da tribo *ibo*, bem como as consequências nefastas da invasão colonialista britânica na Nigéria. A obra, que reforça o debate teórico-crítico a respeito das transformações ocorridas na sociedade advindos dos processos de colonização, tornou-se um marco na literatura moderna nigeriana e uma espécie de *magnum opus* no movimento literário contemporâneo denominado “literatura pós-colonial”, apresentando ao mundo a complexidade e a diversidade cultural dos povos que habitam uma região do continente africano, ao mesmo tempo em que coloca em xeque uma longa tradição narrativa eurocêntrica de representações negativas e depreciativa desses povos.

*O mundo se despedaça*, destaca o papel social e cultural de homens e mulheres durante um período um tanto conturbado e não apenas expõe ao mundo os meandros de uma sociedade considerada

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós - Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB), linha de pesquisa Literatura, produção cultural e modos de vida. Orientador: Prof. Dr. José Carlos Felix. Endereço eletrônico: ilau\_ts@hotmail.com.

“selvagem e primitiva” pelos europeus, mas de forma literária, assinala a maneira pela qual as guerras e as disputas de poder tanto internas quanto externas interferem e afetam a formação da identidade cultural de um grupo. Dentre os vários temas e questões abordadas no romance em foco, chama-se a atenção a tese de que a emergência e o projeto “civilizatório” das nações europeias resultaram a rigor no declínio, quando não o extermínio dos aspectos culturais de outros povos. Mesmo quase sessenta anos após a sua publicação, lançado dois anos antes da Independência da Nigéria, *O mundo se despedaça* ainda suscita uma série de questões acerca da intolerância e da dificuldade dos povos e compreenderem e aceitarem as diferenças culturais entre si, e propõe uma reflexão sobre as relações de poder não apenas entre colonizadores e colonizados, mas das questões de gênero e do papel da mulher na estruturação social nigeriana.

Nesse sentido, cabe informar que este trabalho é uma pesquisa bibliográfica, visto que ele será desenvolvido sob o embasamento teórico de Thomas Bonnici (2000, 2003) que norteia o debate pós-colonial e suas relações com as produções culturais e literárias, ao passo que Homi Bhabha (1986) fundamenta a noção de que os gêneros são constituídos por meio de práticas culturais. Judith Butler (2015) e Romeu Gomes (2008) reforçam o debate de gênero, que alicerçam o conceito da dualidade masculina e feminina. Sob a perspectiva exploratória e explicativa, retomo que, o principal objeto da pesquisa é a obra *O mundo se despedaça*, de Chinua Achebe, tendo como finalidade explorá-lo, dando ênfase a dualidade do masculino e feminino, constatadas em *Enzimna* e *Nowye*, dois dos filhos de Okonkwo, o personagem principal. Este trabalho objetiva abordar as particularidades do masculino e feminino, sob a conjectura de ambos enquanto produtos de uma construção sociocultural, que buscam determinar a formação ideológica das identidades de gênero. Busca-se problematizar o que é o masculino e o feminino, cujos conceitos oferecem representações do gênero como aspectos identitários.

Salienta-se que esta produção está dividida em 3 partes, sendo que a primeira é um breve esclarecimento sobre o período Pós-colonial, as influências literárias e sociais da época assim como do próprio Achebe. A segunda parte apresenta como a tradição oral transpassava as ideias dos padrões pré-estabelecidos dos gêneros, dentro do grupo *ibo*. A terceira e última parte, seguida das considerações finais, discute a questão da dualidade homem/mulher, e como os estereótipos de cada gênero são instituídos na contemporaneidade, dando espaço às considerações finais, que ratificam, homens e mulheres enquanto indispensáveis, e no mesmo nível, dependentes de um para com o outro.

## QUESTÕES PÓS-COLONIAIS E A FORMAÇÃO CULTURAL

Até hoje não foi dada aceção da expressão pós-colonialismo, no entanto compreende-se que este carrega consigo resquícios de luta, acompanhados de termos como: dupla colonização feminina, o período do subalterno sem voz, e as transformações de identidades ocorridas no colonialismo e manifestadas no período depois deste. Tem-se usado o termo pós-colonialismo como uma condição de descrição de cultura do processo imperial, assim sendo, muitos fatores, como os recém citados, influenciaram na formação desse período. A literatura pós-colonial é, então, as produções desenvolvidas entre os séculos XV e XX, pelos povos colonizados pelas potências europeias (Ashcroft *et al.* 1991 in BONNICI 2000: 9).

Sabe-se que para se dar o processo de pós-colonização é necessário existir primeiramente a colonização, dada pelo desejo de domínio sobre o outro. Esse domínio é expresso principalmente pelo discurso, usado para induzir e/ou encetar e aprimorar força para com a sociedade, ao passo que este reforça e subverte o poder, pautada na finalidade de induzir ou encetar e aprimorar força para/com a sociedade. Todavia, para Stuart Hall (2011) esse mesmo termo “pós” precedente de colonialismo é utilizado de forma errônea, uma vez que ele indica o fim de um período, dando a entender que tudo o que aconteceu na colonização, tivesse chegado a um fim definitivo, discernimento este, também compartilhado por Anne McClintock. (1991 apud HALL 2011) e Shohat, (1991 apud HALL 2011). Para Hall, esse termo não pode indicar uma “diferença” do colonialismo, que ainda hoje apresenta resquícios em nossa sociedade.

Edward Said (1990) reforça que o Pós-colonialismo é uma prova concreta da presença machista, na qual a mulher é duplamente colonizada, fato presente na obra a ser examinada. Cabe informar que dos dez personagens mais significativos de *O mundo se despedaça*, cinco são mulheres, no entanto pouco se manifestam durante a narrativa. Dessas cinco mulheres temos: 1) Ekwefi, a segunda esposa do personagem principal, Okonkwo, é a que representa o maior estereótipo feminino: a mulher que fora bela quanto jovem, decepcionou a família (marido), inicialmente por não gerar filhos vivos, e por fim por gerar uma menina, e não um menino, como era esperado pelo pai. 2) Ojiugo é a terceira esposa, rotulada como causadora de discórdia, inclusive, considerada culpada por um momento de fúria de seu marido, que a agride fisicamente. 3) Anasi, primeira esposa de Okonkwo, basicamente servia para exibir os títulos do marido, através de tornozeleiras que ficavam expostas a fim de ostentar as façanhas do guerreiro. Ela é uma das que mal se manifesta enquanto personagem. 4) A mãe do protagonista é apenas citada pelo narrador, não é ativa na história. 5) Enzimna é a mulher de maior representatividade no romance. Filha do protagonista e amada por ele, só possuía um defeito: ser mulher. É sob os aspectos dessa personagem que o presente trabalho será envolto, em conjunto com Nowye, irmão de Enzimna, jovem cujo temperamento se distanciava de padrões masculinos, o que incitava a cólera de seu pai.

## **A TRADIÇÃO ORAL ENQUANTO FERRAMENTAS DE CONSTRUÇÃO E VALORIZAÇÃO DA HISTÓRIA.**

Em *O mundo de despedaça*, Achebe se propõe a expor a real cultura *ibo* quando usa de diversos provérbios durante sua narrativa. Esses provérbios ou histórias geralmente eram contados pelos mais velhos da tribo, seres de extremo valor diante de toda a experiência adquirida em seus anos de vida. O uso de provérbios é frequente no decorrer do romance, geralmente citado por um ancião, mas também usado pelo povo em geral, seja para esclarecer algo ao seu interlocutor, seja para dar ênfase ao que se está sendo mencionado.

Nossos mais velhos dizem que o sol brilhará sobre os que permanecem de pé, antes de brilhar sobre os que se ajoelham (p. 28).

[...] Pinto que um dia há de ser galo, a gente conhece assim que sai do ovo (p. 85).

Os provérbios são, na narrativa das sociedades tradicionais africanas, formas de transpassar suas crenças, de maneira que seus valores não se percam através do tempo. Tal feito é desenvolvido mediante a uma manifestação cultural de vasta importância conhecida como *tradição oral*, que permite o repasse das crenças de um povo por meio das narrativas de geração para geração. PADILHA (2007: 35) afirma que “A milenar arte da oralidade difunde as vozes ancestrais, procura manter a lei do grupo, fazendo-se, por isso, um exercício de sabedoria”.

As culturas orais alicerçam as sociedades mediante as tradições ancestrais tendo a memória como sustentação para a transmissão de saberes, uma vez que a memória registra informações e age como responsável pela aquisição de conhecimentos. Outrossim, a oralidade está relacionada com a fala, sendo que esta segunda, é “considerada como a materialização, ou a exteriorização, das vibrações das forças” (HAMPTÉ BÂ, 1982: 185). A supervalorização da fala, enfatiza a importância da tradição oral nas sociedades africanas, pois ela pode tanto construir, quanto destruir, conforme afirma HAMPTÉ BÂ “Uma única palavra imprudente pode desencadear uma guerra, do mesmo modo que um graveto em chamas pode provocar um grande incêndio” (185-186).

A tradição oral é uma das mais indispensáveis ferramentas de construção e valorização da história, haja vista que ela é moldada pela experiência de diversos povos provenientes de uma cultura imensurável em riqueza.

## **A CONSTRUÇÃO BINÁRIA HOMEM E MULHER**

O conceito de identidade, é algo complexo, especialmente quando ele é direcionado à identidade de gênero. Bhabha enfatiza o fato de o processo cultural ser relacionado ao processo de identidade, destarte, ressalta que as “diferenças culturais, raciais, de gênero, de classe, etc. não seriam problemáticas se fossem



apenas diferenças, a questão central é que elas são hierarquizadas socialmente e se transformam em desigualdades” (1958:76), isso, conseqüentemente, desencadeia desacordos a respeito do ser masculino e do ser feminino.

Por décadas, a visão do ser feminino se restringiu ao sensível e frágil tanto fisicamente, quanto intelectualmente, cuja qualidade se dava por ser alguém com dons específicos aos cuidados do “lar”. A imagem feminina limitou-se a sua anatomia, em que a própria criação é resquício do feito primeiro, o homem. Sendo assim, firmou-se a ideia que a mulher, como uma espécie de agradecimento, deveria não apenas servir ao homem sexualmente, mas submeter-se a este, enquanto superior. Todas as qualidades femininas passaram a ser vistas como pontos negativos, desenvolvendo as frases clichês e de conotação pejorativa, por exemplo, as afirmações que alguém “age feito mulherzinha”, geralmente dita para homens como forma de insulto, ou até mesmo um suposto elogio, como “você nem parece que é mulher”, se esta não segue o que lhe foi pré-estabelecido nas sociedades patriarcais. No entanto, para Judith Butler (2015: 18) “o próprio sujeito das mulheres não é mais compreendido em termos estáveis ou permanentes”. O fato de “ser mulher” não deve ser considerado a única coisa que a pessoa “é”. Essa separação da noção gênero, relaciona-se com as “modalidades raciais, classicistas, étnicas, sexuais e regionais”.

A imagem masculina também passou por processos de formação identitária, aos quais apresentam um modelo ideal, desde a própria genética (um homem de verdade deve ser forte), provando a sua masculinidade a todo tempo, assegurando o padrão ideologicamente social. A virilidade masculina, representada muitas vezes pelo órgão sexual, é cobrada com bastante intensidade, e homens que não correspondem a essa cobrança são vítimas do “seja homem”, como se fosse necessário provar a sua masculinidade constantemente. Pinho (2005: 139) discorre a respeito da masculinidade enquanto a presença, e a feminilização a ausência, do poder. Esse poder pode ser sobre um ser feminino, ou mesmo outro masculino. Assim, as descrições para homens e mulheres se opõe, enquanto o forte, bruto, dominador, é atribuído ao masculino, o delicado, gentil, meigo e vulnerável é encetado ao feminino. Conseqüentemente, passou a existir padrões em que as identidades masculinas e femininas deveriam se firmar.

Todavia, Gomes (2008, p. 74) argumenta que alguns homens apresentam uma irresignação em representar o ser masculino ao passo que este oponha o ser feminino, utilizando o argumento que da mesma forma que existem homens agressivos, também existem os delicados, e o mesmo vale para as mulheres. Logo, o ser homem não se fixa a uma determinada descrição de “isto e aquilo” mas em ser também “isto ou aquilo” e possibilita o pensamento de uma masculinidade múltipla.

## ENZIMNA E NOWYE

A cultura apresenta diversos conceitos a respeito dos gêneros, podendo ser estes fixos ou não. Assim, tanto o gênero quanto o sexo, são determinados por ela. Dessa forma, os discursos legitimados sobre os gêneros reforçam que a sua construção é estabelecida, não por uma questão biológica, mas por uma questão cultural, compreendo assim que, a formação identitária do sujeito é construída pelos diversos conceitos de gênero e sexo. Hall (1997) enfatiza que esse discurso é que compõe o sujeito, e os lugares que devem ser ocupados por ele, e isso deixa a teoria da representação vulnerável, por trazer implicações radicais a respeito da posição sujeito e o discurso que o construiu.

De acordo com Hall (1997), a cultura abrange todos os elementos cognitivos e sociais, por conseguinte, essa extensão cultural liga-se diretamente às questões religiosas, artísticas, educativas, e claro, considerações a respeito dos gêneros e suas formações identitárias. Em *O mundo se despedaça*, é possível notar essa formação a partir da divisão de mundo entre homens e mulheres, evidenciando a sociedade patriarcal em que o grupo *ibo* era envolto. As cerimônias descritas na obra, apresentam a importância das tradições para esse povo.

Cada rito, denota um acontecimento em específico. Um exemplo é a cerimônia de visita de um vizinho, em que o visitante deve levar vinho de palma e noz de cola, por uma questão de respeito e tradição, e entre as pessoas presentes, a mais velha deve ser a primeira a provar do vinho, desde que seja homem. À parte da cerimônia de visita, o rito de beber o vinho também deveria seguir a tradição de o homem da casa sempre tomar primeiro, em seguida todos os presentes deveriam beber, iniciando sempre do mais velho, e por fim, suas esposas dariam sequência, começando também sempre da esposa mais velha, geralmente a primeira esposa. No romance, isso acontece quando Anasi, não se encontra em casa durante um rito de beber vinho, e a demais esposas deveriam aguarda-la para poder tomar o vinho. “Anasi era a primeira mulher a as outras não podiam beber antes dela” (p. 40).

Acredita-se nas sociedades ocidentais do século XVIII, homens e mulheres possuíam o mesmo órgão sexual, um pênis, no entanto, na mulher era algo interno e reprimido. Com o passar do tempo, as necessidades econômicas e culturais acentuaram os papéis de gênero, ou seja, dois sexos, com isso tornou-se inevitável uma diferenciação entre esses sexos, surgindo assim o masculino e o feminino (LAQUEUR, 2001). O problema é que essa diferenciação se embasou no masculino como viril e no feminino como afável.

Essa afabilidade não era notada em Ezinma, isso era percebido até mesmo na forma que a menina chamava a sua mãe. “— Ekwefi — disse ela —, é verdade que, quando as pessoas são crescidas, o fogo não as queima? — Ezinma, ao contrário da maioria das crianças, costumava chamar a mãe pelo nome” (p. 60).

Chamar a mãe pelo nome mostra desapego à família, em especial a mãe, algo que deveria ser característico dos homens daquele clã. Essa é uma característica tão marcante da personagem, que o narrador enfatiza novamente: “Enzinma não chamava a mãe de *Nna*, mamãe, como as outras crianças. Chamava-a pelo nome. Ekwefi, tal como faziam o pai e os demais adultos” (p. 96). Outro atributo que foge do feminino, é a afeição em luta livre, apresentado por Enzinma durante um diálogo com a mãe.

- Ekwefi - continuou Enzinma, que se juntara a mãe, para ajudá-la a depenar a galinha -, minha pálpebra está tremendo.
- Isso quer dizer que você vai chorar – disse a mãe
- Não – retrucou Enzinma -, é a pálpebra de cima.
- Isso significa que você vai ser alguma coisa.
- O que é que eu vou ver? – indagou a menina.
- Como é que eu posso saber? - Ekwefi queria que a filha descobrisse por si mesma.
- Há, há! Exclamou Enzinma por fim. – Já sei o que é. É o torneio de luta livre. (p. 61)

Numa sociedade patriarcal, o nascimento de filhos homens é motivo de celebração. Pois este, certamente denota a virilidade de seu pai, que fará do jovem orgulho mediante a aldeia. Ter um filho, forte, másculo e que segue seus preceitos, vai além dos desejos de progenitor patriarcal. Isto posto, as mulheres, enquanto geradora de uma criança de gênero masculino, cumpre o dever de esposa, e se penaliza ao conceber uma menina, pois sabe que esta terá um destino não tão promissor quanto teria se fosse um menino, um desejo que Okonkwo possuía, como se pode perceber nas seguintes afirmações:

A menina sentou-se com as pernas estendidas. Okonkwo principiou a comer, sem prestar atenção ao que fazia. “Ela devia ter nascido menino”, pensou, contemplando a filha de dez anos.

[...]

Com uma das mãos Ezinma pegou a tigela de comida e com a outra a cumbuca vazia, e regressou à cabana da mãe. “Ela deveria ter nascido menino”, tornou a pensar Okonkwo. (p. 83)

[...]

Se Enzinma fosse um menino, eu me sentiria mais feliz, ela é quem tem o temperamento certo. (p. 85)

Contraposto ao sentimento de Okonkwo por Enzinma, o seu relacionamento com Nowye, seu primogênito, era conturbado pois esse, apresentava tudo aquilo que o pai desaprovava: a fraqueza. Isso se dava tanto fisicamente, uma vez que o jovem era esguio, quanto por meio de seu comportamento.

O primogênito de Okonkwo, Nwoye, tinha na época doze anos, mas já provocava grande apreensão no pai, por sua incipiente preguiça. Essa era a impressão que sua atitude dava ao pai, que procurava corrigi-lo com pancadas e críticas incessantes. Dessa forma, Nwoye crescia e se tornava um jovem de rosto tristonho. (p. 33)

A verdade é que a chamada “preguiça” se dava apenas porque o jovem não tinha interesse nas atividades que deveriam ser desenvolvidas por homens, como cortar o inhame corretamente para o plantio. (p. 52-53). Pode – se dizer que para o protagonista, a vergonha era a única coisa que descrevia seu

filho, afinal um homem conhecido como “Chama Estrondosa”, certamente não seria genitor de um menino que apresentava características femininas.

Okonkwo fora popularmente apelidado de Chama Estrondosa. Nesse momento, ao contemplar o fogo produzido pela lenha, lembrou-se dessa alcunha. Como era possível, então, que tivesse gerado um filho como Nwoye, degenerado e efeminado? Talvez Nwoye não fosse seu filho. Isso mesmo! A mulher o havia enganando. Dar-lhe-ia uma lição! (p. 179).

Ser efeminado está contextualizado a algo negativo. O feminino se aparta de atributos guerreiros, e apresenta o homem como provedor da família. Assim sendo, ser “macho” deve ser uma conquista, não é algo que se herda, mas que se alcança. A figura masculina deve se dar por “costumes conservadores, rústicos, ásperos, masculinos; um macho, capaz de resgatar aquele patriarcalismo em crise; um ser viril, capaz de retirar sua região da situação de passividade e subserviência em que se encontrava”, segundo Albuquerque Jr (2003: 62). Disso, surgem questionamentos como: o que é ser masculino afinal? Em que categoria, se encaixam os homens que não seguem o padrão “machão”? Deixam de ser homens por isso? Pode-se dizer que muitos homens são vítimas desse padrão pré-estabelecido e sofrem repressão caso não o siga:

Como poderia ter procriado uma mulher, em vez de um filho macho? Na idade de Nwoye, Okonkwo já se tornara famoso em toda Umuófia por sua maneira de lutar e por sua bravura. Suspirou fundo e, em sinal de solidariedade, a lenha, já sem chama, também lançou um suspiro. Nesse preciso instante, os olhos de Okonkwo se abriram e ele compreendeu tudo com absoluta clareza. O fogo ardente procria a cinza fria e sem força... (p. 174)

Okonkwo tinha um carinho especial pela filha, no entanto, importante se faz, compreender que o afeto demonstrado para *Enzinma*, por seu pai, era deveras singular porque todas as atitudes da menina refletiam em comportamentos masculinos, “Se Enzinma fosse um menino, eu me sentiria mais feliz, ela é quem tem o temperamento certo. (p. 85), conseqüentemente, a aversão com *Nwoye* era proveniente da visão feminizada espelhada na conduta do jovem. “— Nwoye já tem idade suficiente para fecundar uma mulher. Na idade dele, eu já sabia me defender sozinho. Não, meu amigo, o garoto não é mais tão criança.” (p. 85). O que reforça a afirmação da masculinidade estar vinculada a virilidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conceito de gênero, apresenta a relação dos sexos como uma construção social, advinda das práticas culturais. A divisão entre o masculino e o feminino, tem percorrido um longo caminho e sofrido diversas mutações no entendimento do que é considerado um comportamento de homem e/ou de mulher, a fim de estudar os papéis de gênero para analisar outras formas do ser homem e do ser mulher na contemporaneidade.

Aos poucos, homens e mulheres tem conseguido se libertar dos padrões lhe impostos, descaracterizando os estereótipos provenientes da formação cultural das sociedades pós-coloniais, no entanto, ainda há um longo caminho a ser percorrido, a fim “desrotular” os gêneros, assunto esse, que tem ganhado bastante espaço na área de pesquisa e discussões teóricas.

Sabe-se que a colonização desencadeou transformações nas mais diversas sociedades, trazendo grande impacto ainda na contemporaneidade, especialmente, nas temáticas de gênero, o que tem permitido a exploração de um pensamento descolonial e de restauração de identidades.

Ainda em fase de pesquisa bibliográfica, estudar as construções identitárias de um determinado grupo, ainda que por meio de características apresentadas em um romance, reforça a necessidade e importância de desnaturalizar o masculino e o feminino enquanto seres opostos como um todo, mas acentuar a indispensabilidade igualitária de ambos.

## REFERÊNCIAS

- ACHEBE, Chinua. *Things fall apart*. United States: Anchor books, 1958.
- ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval M. de. *Nordestino: uma invenção do falo - uma história do gênero masculino (Nordeste 1920/1940)*. Maceió: Edições Catavento, 2003.
- BONNICI, T. *O pós-colonialismo e a literatura: estratégias de leitura*. Maringá: Eduem, 2000.
- BONNICI, T. Teoria e crítica pós-colonialistas. In: *Teoria Literária; abordagens históricas e tendências contemporâneas*. (Org.). Thomas Bonnici e Lúcia O. Zolin. Maringá: EDUEM, 2003.
- BONNICI, T. *Pós-colonialismo e representação feminina na literatura pós colonial em inglês*. Acta Sci. Human Soc. Sci. Maringá, v. 28, n. 1, p. 13-25, 2006.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço Reis e Gláucia Rate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998. BHABHA, Homi K. 1986.
- BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Trad. Renato Aguiar. 9 ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2015.
- GOMES, Romeu. *Sexualidade masculina, gênero e saúde*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2008.
- HALL, Stuart. Quando foi o pós colonial. In: *Da diáspora. Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 95-118.
- HALL, Stuart. *A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo*. Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-46, jul/dez 1997.
- HAMPATÉ BÂ, Amadou. A tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph (Ed.). *História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África*. 2 ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010, p. 167-212.
- LAQUEUR, Thomas. *Inventando o sexo. Corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Ed. Relume Dumará, 2001.
- SAID, E. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Cia das letras, 1990.

PADILHA, Laura Cavalcante. 1995. *Entre voz e letra: o lugar da ancestral idade na ficção angolana do século XX*. Niterói: Ed. UFF.

PINHO, O. A. *Etnografias do Brau: corpo masculinidade e raça na refricanização em Salvador*. *Estudos Feministas*, 13(1): 127-145, 2005.

## ESTUDO DE PRÁTICAS DE LEITURAS LITERÁRIAS EMANCIPATÓRIAS PARA INFÂNCIA

Ivonice da Silva Nunes<sup>1</sup>

*Resumo:* O trabalho em questão pretende analisar as práticas de leituras emancipatórias desenvolvidas na Educação infantil que superem a reprodução das práticas literárias convencionais e possibilitem a emergência de abordagens alternativas ao modelo tradicional escolar, quebrando assim a barreira do adultocentrismo. Para tanto será realizada uma pesquisa de campo em uma Escola do Município de Alagoinhas-BA, com o intuito de identificar que práticas de leituras emancipatórias são desenvolvidas na Educação infantil que ultrapassem a reprodução e estimulem a criação, preservando as possibilidades de regionalidades e singularidades na formação literária da criança. Embasando-se teoricamente nos estudos sobre o letramento literário, o trabalho se constituirá através de observação da prática docente seguida de entrevista semiestruturada direcionada aos educadores, para um possível enfrentamento do material coletado à luz dos estudos culturais, tendo-se por hipótese que o potencial emancipatório da literatura literária pode ser um dispositivo de construção da autonomia leitora desde a pequena infância. O artigo escrito nesse momento se constitui como os primeiros passos para a construção do trabalho, trazendo alguns questionamentos e reflexões a partir das discussões estabelecidas nas aulas de metodologia da pesquisa a fim de evidenciar as contribuições teóricas que se fazem pertinentes à tarefa do pesquisador que aqui se delinea.

*Palavras-chave:* Leituras emancipatórias. Educação infantil. Prática pedagógica

### INTRODUÇÃO

Considerando as constantes transformações pelas quais a educação infantil tem passado, tanto no sentido de pensar a criança enquanto sujeito que integra o contexto sociocultural, quanto no sentido de entender que o desenvolvimento dos mesmos vai depender de processos ambientais que se estabelece desde a interação familiar até os primeiros anos escolares, ambos responsáveis pela construção da aprendizagem dos mesmos, e, levando-se em conta que a literatura, é um instrumento de extrema importância para o ingresso dos pequenos no seio da sociedade, tem-se a necessidade de um estudo das práticas de leituras desenvolvidas na escola que superem a reprodução das práticas literárias convencionais e possibilitem a emergência de abordagens alternativas ao modelo tradicional escolar quebrando assim a barreira do adultocentrismo. Nesse sentido entrelaçando os estudos teóricos acerca do letramento literário à prática pedagógica do professor da Educação Infantil numa perspectiva educativo-cultural de desenvolvimento da criança frente ao contato com a literatura, inscreveu-se no Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural associado à linha 2: Letramento, identidade e formação de educadores o projeto *Estudo de práticas de Leituras Literárias emancipatórias para infância*, com o intuito de realizar uma pesquisa de campo para evidenciar que práticas de leituras emancipatórias são desenvolvidas na Educação

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica\ UNEB), linha de pesquisa Letramento, identidades e formação de educadores. Orientadora: Profa. Dra. Maria de Fátima Berenice da Cruz. Endereço eletrônico: nicynunes2009@hotmail.com.

infantil que ultrapassem a reprodução e estimulem a criação, preservando as possibilidades de regionalidades e singularidades na formação literária da criança.

É importante salientar que estando à pesquisa em processo de construção, muitos questionamentos ainda surgirão em detrimento das diversas leituras que estão sendo feitas ao longo dos semestres que se seguem, aqui se trata apenas do caminho que se está percorrendo para a futura escrita desse trabalho, o qual já passou e certamente passará por novas modificações.

Delineando metodologicamente, trata-se de uma pesquisa de campo, que será realizada em uma instituição do Ensino fundamental do Município de Alagoinhas- BA. No primeiro momento será realizado o levantamento da fundamentação teórica sobre o tema proposto, tendo em vista a leitura como alternativa de emancipação criativa e construtiva no contexto escolar. Em seguida, será construído um cronograma de observações de campo da escola a ser pesquisada, estudando-se o projeto político pedagógico da mesma no que se refere ao trabalho com a leitura literária. Posteriormente o trabalho seguirá com a elaboração de entrevista semiestruturada para os educadores, a fim de estabelecer relações entre a prática pedagógica com o referencial teórico trabalhado na pesquisa e por último realizar-se-á a análise do material recolhido nas entrevistas e observações para um possível enfrentamento destes com a prática docente evidenciando-se um estudo crítico dos dados coletados na perspectiva dos estudos culturais.

A princípio devo dizer que o interesse em estudar as práticas de leitura literária no contexto da educação infantil surge nesse momento como uma maneira de compreender o que é literatura para crianças e o que de fato se evidencia dentro das vivências escolares desses sujeitos em fase de construção identitária, familiar e social. A emergência da criança enquanto parte integrante da sociedade passou por diversas transformações ao longo da história. Atualmente, segundo Paheco (2014) a Educação Infantil vem se consolidando como uma área de conhecimento específica, na qual, aspectos ambientais que promovem ou põem em risco o desenvolvimento da criança na tenra infância são destacados.

De acordo com Faria (2003) a política nacional para Educação Infantil tem passado por mudanças, provocando alterações na metodologia de pesquisa na área, possibilitando que a criança possa ser vista como produtora de cultura, portadora de história e sujeito de direitos. Partindo do ponto de vista desse autor tem-se percebido que a criança passa a integrar o espaço social não mais como sujeito desprovido de algo que necessariamente precisa ser suprido pelo o outro, “o adulto”, mas sim do ponto de vista de suas necessidades e desejos que precisam ser satisfeitos a partir do convívio destes com outras crianças e com o próprio adulto.

Partindo dessa perspectiva e sabendo-se que o processo de ensino e aprendizagem da leitura literária no contexto escolar perpassa pela diversidade social e cultural da sociedade contemporânea, na qual a



inserção cada vez maior dos recursos tecnológicos tem contribuído cada vez mais para o apagamento do objeto livro na vida dos pequenos leitores, traçaremos a seguir algumas reflexões em torno das discussões que emergem sobre a Educação Infantil, principalmente as que dizem respeito ao ensino da literatura para a pequena infância, tendo em vista as contribuições das disciplinas trabalhadas no primeiro semestre, em relevância, Metodologia da Pesquisa em Crítica Cultural, a qual certamente tem sido a responsável por muitos dos questionamentos que refletirão ao longo de todo o processo de construção desse trabalho.

## **1 LITERATURA E INFÂNCIA: CAMINHOS E REFLEXÕES DE PESQUISA**

Quando me inscrevi no Programa de Pós- Graduação em Crítica Cultural da Uneb, campus II, não tinha ideia do que estava por vir nessa nova estrada acadêmica que se seguia, tanto, que o projeto inscrito para possível aprovação no programa fazia referência ao trabalho de pesquisa realizado entre os anos de 2014-2015 durante minha graduação nessa mesma Universidade, todavia ao deparar-me com as discussões teóricas das disciplinas do primeiro semestre, descobri que questionar simplesmente é pouco, refletir é um mero exercício de esforço mental. É preciso extravasar o ato de pensar, é preciso encontrar um ponto chave de desmantelamento do próprio pensamento crítico e como salienta o professor Dr. Osmar Moreira, é necessário que o desejo implique uma semiótica e que esta possa criar uma práxis política.

A princípio não entendia muito bem porque tanto ele se referia a ter um pensamento forte para combater a tripartição. Mas nesse exato momento, lembrando-me do meu primeiro projeto de pesquisa, no qual busquei compreender a construção da identidade leitora ao estudar a autobiografia literária do autor Miguel Sanches Neto, foi possível visualizar que de fato é preciso transbordar para além do papel o fruto de nossos trabalhos, fazendo-se necessário que enquanto pesquisadora eu possa como diz o referido professor, criar uma imagem do mundo e identificar todos os suportes e os lugares onde se nomeiam determinadas representações. Em vista disso pude evidenciar que dar continuidade ao projeto de pesquisa trabalhado na graduação através da proposta inserida no programa de mestrado em crítica cultural, seria apenas mudar o objeto de estudo, todavia, deixando o trabalho com o mesmo foco, ou seja, com o olhar da primeira experiência. Por essa razão em total acordo com as ideias e suportes construtivos da minha orientadora, considereirei assim com esta, necessário mudar o objeto de pesquisa, por pressupormos a necessidade de compreender como está sendo construída a identidade leitora dos sujeitos a partir do contato com o texto literário e justamente por esse motivo entender que para usufruir de bons frutos desse trabalho e torná-lo produto transformador de uma realidade sociocultural, é preciso estudar a base da formação leitora que se dá desde a mais tenra infância.

Nesse sentido implica-se a partir dessas suposições inscritas nas aulas de Metodologia da pesquisa os seguintes questionamentos como base para a construção do futuro trabalho. Qual o lugar da criança no campo sociocultural da sociedade contemporânea? Qual o lugar da infância no contexto escolar e familiar, considerando as novas configurações de família e escola do século XXI? Cabe à criança enquadrar-se ao modelo representativo do adultocentrismo? Ou cabe ao adulto compreender o tempo-espaço da infância para produzir novos conhecimentos? É preciso literatura para a menor infância ou é preciso à singularidade da criação, a arte se reinventar o campo político cultural para situar o lugar da criança enquanto sujeito produtor de cultura? Quais os fundamentos que sustentam a prática pedagógica para o ensino de literatura infantil, frente às novas demandas tecnológicas? O aparato pedagógico tem se sustentado a partir de reprodução ou ruptura ao modelo eurocêntrico?

Esses questionamentos servirão a princípio para nortear os primeiros passos da pesquisa, no sentido de que enquanto pesquisadora, eu não me perca nos obstáculos epistemológicos da primeira experiência como nos afirma Bachelard (1938) agarrando-me aos conhecimentos primários como únicos e verdadeiros, construídos a partir de opiniões, sem dar espaço para as novas descobertas. Todavia, que a mesma consiga a partir do campo da pesquisa e dos conhecimentos empíricos produzir uma nova base de desconstrução a toda e qualquer forma representativa de um modelo que se supõe inviabilizar a construção do conhecimento como instrumento de potência do sujeito enquanto produtor da esfera social e cultural.

A importância das discussões desse autor na construção desse trabalho se constitui tanto pelas colaborações que o mesmo traz no que diz respeito aos obstáculos epistemológicos do campo da pesquisa e do conhecimento científico, quanto da abordagem que ele traz sobre a infância em seu livro *“A poética do devaneio”* (2009) no qual se tem como princípio a existência de uma infância como núcleo de permanência da alma humana, disfarçada em história e que só apresenta um ser real através de um instante poético. Desse ponto de vista, se o intuito da pesquisa é por em questão o lugar da infância dentro de um contexto, cujas necessidades de se pensar a construção das bases educativas se faz urgente, nada melhor que dialogar com os estudos de Bachelard (2009) como aporte para compreender a infância em sua posição de ser e estar no mundo, levando-se em consideração sua capacidade de imaginação e invenção de um mundo que se faz somente seu, fruto de seus devaneios e que é consolidado através de suas vivências entre fantasia e realidade.

Para dar visibilidade ao trabalho do ponto de vista do letramento literário, faz-se importante abordar as discussões pertinentes trazidas por Kleiman (2005) e Soares (2003) uma vez que as autoras trabalham com o letramento do ponto de vista social, considerando relevante o uso que os sujeitos fazem da leitura e escrita em seus respectivos contextos sociais. Todavia, é preciso dizer que o recorte desses estudos entrelaçados aqui trata do contexto do letramento literário para infância, ressaltando que esses sujeitos

ainda não escrevem e nem leem o código linguístico, mas são capazes de interagir e fazer leituras fantásticas através das possibilidades trabalhadas pelo professor, utilizando-as em suas vivências e relações com a linguagem, esta, que é condição necessária para inserção do homem na história, como nos afirma Agamben (2005), visto que é na e através da linguagem que os sujeitos se constituem enquanto tal e representam-se socialmente.

Segundo Cosson (2006) o letramento literário diferencia-se dos outros tipos de letramento, pois a literatura ocupa lugar único em relação à linguagem, uma vez que cabe a arte literária o papel de tornar o mundo compreensível através da transformação de sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas.

Desse ponto de vista entendendo a complexidade das relações humanas, bem como as dificuldades que possivelmente se evidenciam no trabalho com texto literário em sala de aula, uma vez que a institucionalização do saber desconsidera as subjetividades dos sujeitos ali inseridos, para moldá-los a normatividades postas e creditadas como única maneira de inserção do indivíduo na sociedade, busca-se com essa pesquisa encontrar caminhos horizontais para visualizar as práticas docentes na Educação Infantil, sem se prender a estruturas fixas e sem destruir a experiência do prazer. Considerando as discussões teóricas dos autores Deleuze e Guattari (1995) como proposição para pensar a condição de se trabalhar com a literatura desde a menor infância, entende-se que é necessária a ruptura da verticalidade do conhecimento produzido e a desconstrução de regras e conceitos de unicidade de modo a vislumbrar novas perspectivas sobre o texto literário, para que através das leituras emancipatórias para a infância, o docente seja capaz desmontar criticamente toda e qualquer forma de dominação, podendo construir a partir da arte literária novas significações do contexto político e social no qual se insere e se pensa a Educação Infantil.

## **2 INFÂNCIA E LINGUAGEM: O LUGAR DA EXPERIÊNCIA**

Tecendo algumas considerações sobre os autores inseridos no programa de mestrado em crítica cultural e colocando em foco meu objeto de pesquisa, trago a seguir as contribuições de Agambén (2005) a partir do texto “Infância e História: Ensaio sobre a destruição da experiência”, como o primeiro texto norteador deste trabalho, por considerar que tratando-se de um tema que põe em questão discussões sobre a infância, não poderia deixar de entrelaçar aos meus questionamentos às colaborações desse autor, pois, ao problematizar sobre a perda da experiência do homem contemporâneo, enfatizando que a experiência na modernidade foi substituída pelo conhecimento, o autor, nos permite compreender que o homem não nasce já falante, que antes, tenha tido uma (in-fância) ou seja, sem fala e é justamente esse fato que explicita os limites da linguagem, de modo a não considerá-la como uma totalidade, muito menos

como uma verdade última do sujeito, pois, sem a experiência, não poderíamos pensar uma infância do homem e se assim fosse “a língua seria um “jogo”, cuja verdade coincidiria com o seu uso correto segundo regras gramaticais” (AGAMBEN, 2005, p. 62). Dessa maneira, a infância, antes de ser uma etapa cronológica, como habitualmente é concebida, torna-se para esse autor como uma condição da experiência humana que se apresenta como tensão constante na passagem entre experiência e linguagem.

Nesse sentido, reportando-me ao meu primeiro trabalho de pesquisa, já citado anteriormente, quando a partir da leitura do livro *Herdando uma biblioteca*, pude evidenciar através da escrita autobiográfica de Miguel Sanches Neto, os conflitos e percursos de sua construção leitora, e, percebendo a infância como solo da “experiência muda”, como nos diz Agambén (2005) é possível salientar que se o mesmo foi capaz de rememorar sobre determinado período de sua vida, expondo fatos que estavam guardados em seu inconsciente foi justamente por ele ter sido capaz de acionar o infantil, voltando ao passado carregado de acontecimentos e referências, de inscrição e presença do outro e as marcas deixadas por este em sua vida, pois, “experienciar significa, portanto, necessariamente voltar a acionar o infantil, essa pátria transcendental da história” (AGAMBÉN, 2005, p.65) que permite ao homem de modo atemporal instituir o ponto de abertura para o singular da enunciação, através do encontro com o mutismo do outro, o sujeito da infância, ou seja, aquele que determina os limites do campo da linguagem e que permite ao sujeito sua entrada na história, de maneira que como nos afirma o autor, é na linguagem que o sujeito tem o seu lugar de origem e somente através dela é possível configurar a apercepção transcendental como um eu penso.

Nesse aspecto, Agambén (2005) salienta ainda que a infância instaura na linguagem a cisão entre língua e discurso, sendo a língua o fator que diferencia o homem do animal, uma vez que os animais não se inserem na língua, pois estão já sempre nela e o homem, todavia, não sendo já sempre falante, instaura sua historicidade na medida em que possui uma infância, esta que cinde a língua e fala abrindo à história o seu próprio espaço. Dessa maneira tem-se que pensar o campo da educação infantil remetendo-a as discussões estabelecidas por Agambén (2005) sobre o problema da experiência, significa que devemos entender a infância como a origem da linguagem e a linguagem como origem da infância, tendo em vista que ambas se remetem num ciclo que as tornam uma só e como o próprio autor salienta, talvez seja neste círculo que devemos procurar o lugar da experiência enquanto infância do homem, tendo em vista que:

[...] a experiência, a infância que aqui está em questão, não pode ser simplesmente algo que precede cronologicamente a linguagem e que, a uma certa altura, cessa de existir para vesar-se na palavra, não é um paraíso que, em determinado momento, abandonamos para sempre a fim de falar, mas coexiste originalmente com a linguagem, constitui-se aliás ela mesma na expropriação que a linguagem dela efetua, produzindo a cada vez o homem como sujeito (AGAMBÉN, 2005, p. 59).

Em vista disso percebemos que não há como separar o homem da linguagem, não existe essa experiência pura, muda, muito menos uma infância humana destituída da linguagem, pois “é um homem falante que nós encontramos no mundo, um homem que fala a outro homem e a linguagem ensina a própria definição do homem” (AGAMBÉN, 2005, p. 60), [...], por mais que remonte ao passado, a linguística não chegará nunca a um início cronológico da linguagem, sem que esta esteja na origem da própria história humana. Desse ponto de vista, as questões que versam sobre a Educação Infantil deve buscar compreender que as crianças constroem suas relações com o outro e com a própria linguagem a partir de suas vivências.

No passado, o cotidiano era considerado como a fonte primária da experiência que as gerações transmitiam umas às outras através da imitação do aprendizado, da continuidade dos saberes e fazeres, de modo a primar pela autoridade da experiência, hoje o passado não é mais transmissível enquanto tradição compartilhável, visto que a transmissão da experiência foi substituída pelo experimento, o conhecimento da idade moderna é proporcionado pela ciência, deixando de lado a capacidade de vivê-las e transmiti-las. Assim tendo em vista o processo de aquisição da leitura no contexto da infância torna-se importante ressaltar sobre o lugar dessa experiência no contato com a leitura. As crianças precisam viver, enxergar, sentir, cheirar e imaginar todas as possibilidades de leitura e isso só é possível quando as mesmas têm a oportunidade de experimentar a vida através da leitura de mundo, esta, a qual nos diz Paulo Freire, precede a leitura da palavra.

Percebe-se, porém que essa modernidade instaurada e consolidada pelo sistema capitalista ao passo que aproxima os sujeitos do processo de desenvolvimento tecnológico afasta-os cada vez mais de sua capacidade de ter experiência, e isso, observa-se, tem afetado não só os adultos, mas também às crianças. A infância do século XXI começa a “ler” muito cedo, nos celulares, nos tabletes, nos computadores, todavia, a essas leituras, podemos chamar de simbólica, capazes de levá-los a qualquer lugar do mundo, sem que necessariamente estejam em lugar algum, leituras essas que limitam as emoções e furtam as sensações, tendo em vista que a experiência da vivência foi substituída pela representação limitada do conhecimento a partir do experimento. No mundo moderno, já nos é dado pronto o conteúdo e a experiência, tornando-nos incapazes de traduzi-los em fala. Nesse sentido como nos afirma Castro (2013) a experiência singular, o acontecimento nem antecipável, nem repetível que transforma uma vida, foi expropriada da modernidade, provocando nos sujeitos cada vez mais a incapacidade compartilhá-las.

Segundo Agambén (2005) uma experiência, tem seu correlato na autoridade da palavra e da fala, não no conhecimento. Essa autoridade hoje foi expropriada do sujeito, permitindo que a experiência se efetue sempre fora do homem. Nesse aspecto pensando o papel da docência e refletindo sobre como os professores têm transmitido experiências de leituras para os pequenos em sala de aula, compreende-se que é preciso mais que valer-se da produção dos conhecimentos alheios, capturados e repassados

automaticamente de forma repetitiva e técnica sem que antes seja feita alguma reflexão, sem que antes esses saberes tenham se tornado experiência para o próprio professor, uma vez que deixando este de experimentar, ou seja, de se apropriar significativamente dos eventos de leitura, perde a autoridade e a capacidade de ser sujeito de sua própria experiência, de modo que a autoridade deixe de ser vivenciada enquanto experiência e passe a ser entendida apenas do ponto de vista do que fora conhecido enquanto conhecimento adquirido por meio da instrução ou do reconhecimento dos saberes produzido fora do sujeito.

A infância, da qual jamais alcançaremos uma visualização plena, posto que as mesmas são já desde muito pequenas moldadas a representar a caricatura do adulto, perdeu-se nesse invólucro social do consumo, não brinca mais de pique esconde, nem desenha um sol na terra para que a chuva cesse de chover e a brincadeira possa continuar, a criança dessa sociedade ver televisão como o melhor dos entretenimentos e os aparatos tecnológicos, como celulares e computadores são as ferramentas de suas brincadeiras, assim ao contrário da infância idealizada pelos humanistas durante séculos como:

Essa alma sem linguagem, afásica, titubeante, soçobrada, atordoada, descompassada, colecionadora, sonhadora, ingênua, metida para si em seu próprio mundo, enroscada nas próprias sensações, corresponde a uma época distinta da de hoje. Não sobreviveu à globalização, à escolarização cada vez mais precoce, nem às imagens pervertidas da publicidade, nem às representações *naïves* que todos reproduzimos. Não sobrevive nem a demasiada fome nem ao demasiado consumo. Torna-se outra coisa. Algo uniformemente informe. Algo que não é a “criança hoje na escola” (XAVIER; KOHAN, 2012, p. 15).

Nessa perspectiva colocando em foco as questões que tentarei elucidar nesse trabalho sobre as leituras emancipatórias para infância, salienta-se o quanto necessário é essa construção da experiência com a leitura no contexto da sala de aula, principalmente levando-se em consideração a capacidade que as crianças têm de reconstruir os sentidos, de dar formas, cores, odores e sabores a cada texto lido, a cada história contada, fazendo uso das mesmas nas leituras de suas vivências, nas relações que estabelecem consigo mesma e com o outro. Em vista disso, refletindo sobre o lugar da infância tanto no contexto familiar, quanto no contexto da escola e da sociedade, e reconhecendo a escola a partir do que nos ressalta Xavier e Kohan (2012) como o lugar aonde a maioria das crianças vão para se tornarem adultos homens, sobretudo, brancos, normais, com futuro laboral, aptos a se tornarem mais velhos, a trabalhar, a adequar-se, a normalizar-se e viver nas grandes cidades, reafirma-se aqui a importância do experimentar essas leituras na sala de aula partindo de um ponto de desconstrução dessas regras e normas pré-estabelecidas para manipulação e dominação dos sujeitos.

A infância precisa do seu tempo, do seu lugar de existência, de experiência, para que o futuro adulto não se deixe atropelar pelo veículo do tempo corrido, da vida gasta pelo trabalho, da rotina que mata e expropria a capacidade de compartilhar momentos. O homem moderno como nos diz Agamben “volta pra

casa à noitinha, extenuado por uma mixórdia de eventos- divertidos ou maçantes, banais ou insólitos, agradáveis ou atrozés, entretanto nenhum deles tornou-se experiência” (2005, p. 22). Pensar o contexto da educação infantil, diante de todos os obstáculos vistos como destruidores da experiência, significa pensar em primeira instancia num desmonte desse sistema que impera como soberano, como feroz consumidor da ludicidade e do prazer. Tendo em vista que a ciência moderna destruiu a experiência para dar lugar à condição do conhecimento através do experimento, entende-se que a condição para o homem contemporâneo voltar a experienciar se dá somente e através do retorno à infância. Pois como salienta Silva (2013) àquele que se permite viver a experiência com a infância é o que não fala tudo, nem pensa tudo e não sabe tudo, mas que pensa de novo e faz pensar de novo, permitindo-se fazer um *experimentum linguae*.

O retorno à infância do homem esta no ato de se expropriar da experiência, essa que em nada os faz experienciar, que atropela o tempo numa velocidade de fatos e acontecimentos rotineiros e doentios. A verdadeira experiência do homem está na capacidade de transformar a vida a partir da criação, da imaginação, do poder inventivo, na capacidade de construir e produzir sentidos, novos modos de se romper o pensamento regrado, alienado pelo sistema dominante e essa forma de conduzir o mundo só à infância consegue acessar. Nessa perspectiva o papel do educador faz-se de extrema importância no sentido de que este possa experimentar juntamente com as crianças através do exercício da experiência novas possibilidades de significar e trabalhar com a leitura do texto literário na sala de aula.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Posto em reflexão o objeto de estudo em questão, é preciso salientar que pensar as práticas de leituras literárias emancipatórias para a infância significa a princípio buscar compreender os caminhos históricos que perpassam a definição de Educação Infantil, principalmente no que tange o contato da criança com a literatura, pois, como salienta Charréu (2014) uma literatura de qualidade para a infância deve ser experienciada e proporcionada desde os primeiros ciclos educativos, visto que é parte significativa para a formação da subjetividade dos pequenos enquanto futuros leitores. Em vista disso, muitas discussões precisam ser estabelecidas se pensarmos que lidamos não apenas com a necessidade da criança em seu potencial de formação leitora, mas também lidamos com a práxis docente e com a estruturação do modelo pedagógico trabalhado em sala de aula.

Nesse contexto, faz-se necessário dizer que o processo histórico que por muito tempo considerou a criança como mera reprodução da imagem adulta, passou por inúmeras transformações e que a partir delas começa-se a considerar a relevância de inseri-las no seio social como novos consumidores do produto

cultural, é justamente nesse momento que se faz importante repensar as bases da Educação Infantil, onde se delineiam as condições sociais para a emancipação do discurso que implicará na percepção desse novo sujeito atuante e, por conseguinte consumidor dessa “cultura literária”.

Por tanto a proposta dessa pesquisa é justamente ir a campo evidenciar quais as práticas de leituras literárias emancipatórias estão sendo trabalhadas no contexto da Educação Infantil que desconsidere o modelo tradicional escolar do ensino de literatura e recrie um novo espaço-tempo de aprender a ler e principalmente que busque promover o empoderamento desses sujeitos, enquanto futuros leitores dentro e fora da sala de aula, partindo da condição de viver e compartilhar experiências, sendo esta, condição necessária na prática do educador construindo novas estratégias do saber produzido na infância e para a infância.

#### REFERÊNCIAS:

- AGAMBÉN, Giorgio. *Infância e história: destruição da experiência e origem da história*. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.
- BACHELARD, Gaston. A noção de obstáculo epistemológico. In: BACHELARD, Gaston. *A formação do espírito científico*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço (coleção os pensadores)*. São Paulo: Abril Cultural. In: <http://docs12.minhateca.com.br/854235749,BR,0,0,Cole%C3%A7%C3%A3o-Pensadores--Bachelard.pdf>. Acesso em: 5 de set. 2017.
- CASTRO, Edgardo. *Introdução a Giorgio Agamben. Uma arqueologia da potencia*. (trad. Beatriz de Almeida Magalhães) Belo Horizonte: Autentica 2012. In: [file:///C:/Users/Fillnet/Desktop/A\\_mensagem\\_errada\\_risico\\_censura\\_e\\_a\\_lut.pdf](file:///C:/Users/Fillnet/Desktop/A_mensagem_errada_risico_censura_e_a_lut.pdf). Acesso em: 15 de ago. 2107.
- CHARREU, Leonardo. *Arte, ilustração e literatura para a infância: Temas essenciais na educação infantil*.Org. Lilian Miranda Bastos Pacheco. Salvador: EDUFBA, 2014.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. Introdução: Rizoma. In: *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- KLEIMAN, Angela B. *Preciso ensinar o letramento? Não basta ensinar a ler e escrever? Linguagem e letramento em foco*. Cefiel/ Unicamp, 2005-2010.
- SOARES, Magda. Letramento e escolarização. In: RIBEIRO, Vera Masagão (Org.). *Letramento no Brasil: reflexões a partir do INAF 2001*. São Paulo: Global, 2003.
- SILVA, Anilde Tombolato T. da. *Experiência e linguagem. Um pensar sobre a infância*. Londrina. Seminário 16º COLE. Vinculado: 13. V Seminário: Linguagens e Educação. 2013. In: [http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes\\_anteriores/anais16/sem13pdf/sm13ss02\\_05.pdf](http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sem13pdf/sm13ss02_05.pdf). Acesso em: 5 de set. 2017.
- XAVIER, Ingrid Muller; KOHAN, Walter Omar. *Filosofar: aprender, ensinar. Infância e alteridade*. Belo Horizonte: Autentica 2012. In: [file:///C:/Users/Fillnet/Desktop/A\\_mensagem\\_errada\\_risico\\_censura\\_e\\_a\\_lut.pdf](file:///C:/Users/Fillnet/Desktop/A_mensagem_errada_risico_censura_e_a_lut.pdf). Acesso em: 15 de ago. 2017.



## **SURPREENDIDO PELA ALEGRIA: UMA ESTÉTICA DA EXISTÊNCIA A PARTIR DA DOCTRINA CRISTÃ**

João Lucas Alves dos Santos<sup>1</sup>

*Resumo:* O presente artigo é fruto de um exercício metodológico que buscou a fundamentação de uma pesquisa que estuda a relação entre sujeito, experiência estética e cristianismo dentro do campo da crítica cultural. Partindo de uma teoria do sujeito contida no pensamento de Friedrich Nietzsche e Michel Foucault que trabalha a possibilidade da constituição do sujeito como uma criação artística, a pesquisa propõe saber se é possível uma estética da existência a partir da doutrina cristã, uma vez que, para esses autores, a subjetividade cristã foi historicamente sempre o oposto desse modo estético de produção de subjetividade. Tomamos como objeto para essa investigação a obra autobiográfica do escritor e crítico literário C. S. Lewis *Surpreendido pela Alegria*, em que o autor descreve seu percurso epistemológico do ateísmo para o cristianismo através de suas experiências com a arte e a literatura. Diante da teoria e do objeto a ser trabalhado, restou-nos a tarefa de desenvolver uma teoria do método capaz de fundamentar o tipo de abordagem apropriado para essa investigação. Nesse sentido, lançamos mão do método indiciário desenvolvido por Ginzburg e da transcendência pela linguagem proposta por Agamben, a fim de estabelecer o caminho mais seguro para os futuros desdobramentos da pesquisa.

*Palavras-chave:* Subjetividade. Experiência estética. Cristianismo. Teoria do método.

### **DA TEORIA**

Não dá para pensar a cultura como um sistema de signos e sentidos sem antes lançarmos mão de uma teoria do sujeito. É a partir daí que o pós-estruturalismo ou mesmo os estudos culturais se constituem um avanço ao pensamento estruturalista que, oriundo do campo da linguística, influenciou significativamente as ciências humanas na segunda metade do século XX. É claro que temos de reconhecer a importância do estruturalismo em seu gesto de recusar a centralidade do sujeito da metafísica que prevaleceu no paradigma moderno; um sujeito autônomo, universal, não histórico e doador de sentidos. Todavia, pensar a realidade desprezando completamente a dimensão subjetiva e suas relações com a cultura, torna o método estruturalista insuficiente para realizar bem essa tarefa.

Desta perspectiva, destacamos a contribuição de Michael Foucault para a concepção de uma teoria do sujeito na pós-modernidade. Em um artigo intitulado *O sujeito e o poder*, Foucault (1994) revela que o tema central de suas pesquisas sempre esteve relacionado a questão do sujeito. A maneira como o ser humano se transforma em sujeito, para ele, estava diretamente ligado com a produção dos discursos. Por discurso Foucault entendia não somente a produção de sentidos a partir da linguagem, mas também práticas sociais que implicam sentido e influenciam ou definem nosso modo de vida.

Na última fase de seus escritos, entretanto, Foucault vai trabalhar uma outra possibilidade de constituição do sujeito, uma subjetividade ligada “à própria identidade pela consciência ou pelo

---

<sup>1</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB), linha de pesquisa Literatura, Produção Cultural e Modos de Vida. Orientador: Prof. Dr. Roberto Henrique Seidel. Endereço eletrônico: lucasfanglic1@hotmail.com.

conhecimento de si”. Essa constituição do sujeito, a partir não mais das práticas de sujeição, mas agora através de práticas de liberdade, é para ele a possibilidade do sujeito fora de uma construção discursiva. Assim, Foucault chega a ideia de “estética da existência”, que, dito de outra maneira, seria um modo de vida que se constrói da perspectiva do fazer artístico, da experiência estética.

O que me surpreende em nossa sociedade, é que a arte se relacione apenas com objetos e não com indivíduos ou a vida, e que também seja um domínio especializado, um domínio de peritos, que são os artistas. Mas a vida de todo indivíduo não poderia ser uma obra de arte? Por que uma mesa ou uma casa são objetos de arte, mas nossas vidas não são? (FOUCAULT, 1995 apud LOPONTE, 2003, p. 75).

A teoria foucaultiana da estética da existência propõe a construção de um projeto ético individual que se relacione ao trabalho artístico e não aos discursos morais. Foucault vai buscar os fundamentos desse projeto na ética greco-romana que tinha o “cuidado de si” como maneira de alcançar uma bela existência. Quando ele escreve os dois últimos volumes da história da sexualidade, *O uso dos prazeres* e *O cuidado de si*, Foucault destaca como a preocupação com a *aphrodisia* (desejo sexual) não estava ligado a uma questão moral no sentido de um conjunto sistemático de regras e valores prescritos por aparelhos sociais, mas se referia a uma certa relação do indivíduo consigo, através de formas de operar sobre si, na busca de se constituírem como sujeitos de uma conduta moral.

Essa concepção de uma existência humana pautada pelo viés estético presente na filosofia foucaultiana certamente é resultado da influência que o autor sofreu do pensamento de Friedrich Nietzsche. Em mais de uma oportunidade ele deixa claro essa proximidade de sua estética da existência com aquela que aparece formulada em seu antecessor. Nietzsche também vai desenvolver uma relação entre estética e existência, inicialmente relacionada a uma metafísica da arte presente em Schopenhauer, depois rompendo com esse pensamento e formulando uma estética da existência com traços estritamente materialistas.

Em *A origem da Tragédia*, trabalhando a oposição entre o espírito apolíneo e o espírito dionisíaco, Nietzsche vai conceber à experiência estética um papel consolador e de afirmação da vida.

Para poderem viver, os gregos, levados pela mais imperiosa das necessidades, criaram os seus deuses; [...] Como poderia este povo, de emoções tão delicadas, mas de desejos tão impetuosos, este povo tão excepcionalmente idôneo para a “dor”, suportar a existência se não tivesse contemplado nos seus deuses a imagem mais pura e radiosa? O mesmo instinto que exige a arte para a vida, que exige a arte que é o ornamento e a coroação da existência, que exige a arte que é o encanto que nos impele a continuar a viver, o mesmo instinto gerou também o mundo olímpico que foi, para a vontade helênica, o espelho onde ele via sua imagem transfigurada (NIETZSCHE; 2008, p. 30).

Nietzsche, no entanto, abandona essa concepção estético-metafísica da existência que herdou de Schopenhauer, sem, contudo, deixar de pensar a relação arte e vida como uma possibilidade de existência. Para ele, essa relação não podia mais remeter a uma espécie de fantasia ou além-mundo, que quer buscar

fora do homem uma justificativa para a existência, como é bastante recorrente na filosofia metafísica e na religião. A partir de *Humano, demasiado humano*, podemos observar essa ruptura em sua estética da existência, a qual passa a inverter o fluxo dessa relação, mudando de “objeto de arte - vida” para “vida - objeto de arte”.

Diversos trabalhos já buscaram as convergências entre a estética da existência em Foucault e em Nietzsche. Para além desses pontos de convergências, observamos que, para os dois teóricos, é na tradição cristã que se pode encontrar uma subjetividade diametralmente oposta a uma estética da existência. Mesmo na fase metafísica de Nietzsche, o cristianismo já se constituía, para ele, o maior inimigo da justificação puramente estética do mundo, uma vez que não é, nem quer ser mais do que moral. O ideal ascético do cristianismo afirma-se como uma negação de si, uma negação da vida. Em Foucault, guardadas as devidas especificidades, essa perspectiva não é diferente. A subjetividade cristã é constituída a partir da interpretação do desejo e da confissão da verdade sobre si, o que leva à busca pela purificação dos desejos carnis e finalmente uma negação do eu.

## **DO OBJETO**

Se, por um lado, o projeto de uma investigação histórica do sujeito revelou a ética cristã como uma tecnologia a serviço da dominação do eu; como uma opositora de uma subjetividade ligada à experiência estética; como inimiga número uma das formas de arte e dos artistas; por outro, não podemos negar também o modo que a relação entre arte e cristianismo, ao longo da história, resultou no florescimento de inúmeras obras de arte e de artistas. Na “Carta do Papa João Paulo II aos Artistas” (1993), podemos ver claramente como o cristianismo, não obstante as suas outras formas de subjetivação, parece ainda conceber uma espécie de estética da existência; “todo o homem recebeu a tarefa de ser artífice da própria vida: de certa forma, deve fazer dela uma obra de arte, uma obra-prima”.

Nesse sentido, lançamos mão da narrativa autobiográfica do crítico e escritor cristão C. S. Lewis, *Surpreendido pela Alegria*, que possivelmente é uma obra que muito pode contribuir para essa discussão. Lewis foi irlandês, radicado na Inglaterra, que se notabilizou no cenário literário através de sua obra infantil *As Crônicas de Nárnia*. Fora isso, Lewis é considerado o maior pensador cristão do século XX por sua impactante obra apologética do cristianismo. Qualquer um que leia os livros de Lewis, tanto os de ficções, quanto os de crítica literária ou de filosofia cristã, percebe que ali o cristianismo não aparece primeiramente pelo seu viés moral. Ao discutir o cristianismo, o autor vai recorrer muito mais à uma teoria estética do que a teologia.

A razão para essa leitura estética do cristianismo em Lewis se revela fortemente em *Surpreendido pela Alegria*. Nessa obra, que é uma espécie de diário espiritual de Lewis, ele narra o caminho epistemológico que o levou do ateísmo materialista para o cristianismo, a partir de sua experiência com a arte, principalmente a literatura e a música. Essa mudança de pensamento que o autor experimentou vai aparecer através de argumentos estéticos e, por isso, toda sua discussão posterior a respeito do cristianismo vai carregar essa forte dimensão estética. O ateísmo materialista, para ele, não se mostrou insuficiente no que tange a uma questão ética, mas carecia de força imaginativa e de criação. Para Lewis, o cristianismo, mais que qualquer outra filosofia, pode compreender melhor a relação entre arte e existência.

A “alegria” sugerida no título da narrativa de Lewis não corresponde ao uso comum que fazemos dessa palavra. Essa “alegria” difere do prazer e da felicidade e é desencadeada pelo prazer estético, mesmo que não seja o prazer estético ela mesma.

Alegria (no sentido que dou à palavra) tem de fato uma característica comum com os outros dois termos; o fato de que qualquer pessoa que já a vivenciou vai querer novamente senti-la. Fora isso, e analisada apenas por essa característica, pode quase igualmente ser considerada uma espécie particular de infelicidade ou pesar. Só que é do tipo que queremos. Duvido que qualquer um que a tenha experimentado vá trocá-la por todos os outros prazeres do mundo, se as duas opções estiverem ao seu alcance. Mas a Alegria nunca está ao nosso alcance, ao contrário, frequentemente do prazer (LEWIS, 1998, p. 25).

A partir do conceito de “alegria” como um desejo incommunicável que emerge da experiência estética, Lewis vai formular uma teoria cristã do sujeito pautada pela individualidade e pela diferença. Em Lewis, a experiência estética é um lugar de resignificação do sujeito, onde a subjetividade não é mais encarada a partir dos discursos sobre si, nem constituída pela interpretação dos desejos carnis, como Foucault observou, mas, nesse lugar, a forma como o indivíduo é tocado pela beleza, e como um desejo específico o conduz ao reconhecimento de sua singularidade, é o que dará sentido à sua existência como sujeito. Embora o conceito de individualidade trabalhado por Lewis ainda esteja embebido numa mística cristã, o valor atribuído à diferença pode ser uma chave para se pensar a questão da estética da existência sob a perspectiva da doutrina cristã.

É importante sublinharmos em tempo, qual a perspectiva da doutrina cristã que marca os escritos de Lewis e que essa pesquisa tenciona trabalhar. Sabemos que ao falarmos de cristianismo estamos falando de um conceito usado para representar diferentes realidades. Nesse sentido, diríamos que não existe um cristianismo, mas muitos cristianismos, não só na questão das vertentes doutrinárias, mas também nas próprias variações dessas vertentes ao longo da história. Na perspectiva lewsiana, denominada de “cristianismo puro e simples”, o que ele vai considerar como doutrina cristã é apenas o núcleo comum que, a despeito das diferenças dos muitos cristianismos, permanece inalterado como uma espécie de Máximo

Divisor Comum entre eles, sendo assim aquilo “que se distingue das crenças não-cristãs por um abismo ao qual as piores divergências internas da Cristandade não são de modo algum comparáveis” (LEWIS, 2009, p. XV).

Quando evocamos aqui uma estética da existência do cristianismo, a partir da carta aos artistas ou da narrativa de C. S. Lewis, não queremos de maneira nenhuma conciliar o lugar epistemológico destas com aquela existente em Nietzsche e Foucault. A questão que tencionamos problematizar é, no entanto, em que medida uma leitura estética da doutrina cristã possibilitaria uma estética da existência? Em outras palavras, é possível a ressignificação do sujeito da doutrina cristã pelo viés da experiência estética? Por isso, propomos uma investigação que ponha em diálogo essa autonarrativa lewsiana com algumas teorias contemporâneas a respeito do sujeito, do cristianismo e da arte.

## **DO MÉTODO PARA A PESQUISA**

Propor uma investigação que aborde a dimensão das experiências humanas, como é o caso da experiência estética, é uma tarefa das mais inseguras, depois que a ciência tomou como método o rigor matemático e o método experimental. O paradigma científico moderno, que herdou seu significado epistemológico de Galileu, pressupõe que daquilo que é individual não se pode falar, visto ser impossível a quantificação e a repetibilidade. É bem verdade que esse tipo de abordagem tenha, a princípio, se apoderado apenas das ciências da natureza. No campo das ciências humanas, entretanto, permaneceu a utilização de métodos ancorados no qualitativo.

Um desses métodos que, em parte, entendemos ser de extrema ajuda para nossa pesquisa, diz respeito ao método indiciário ou semiótico que exploraremos à luz do trabalho de Carlo Ginzburg (1990). Segundo o autor, o método indiciário teria sua gênese na atividade do homem primitivo. A habilidade que adquiriu pela experiência em farejar, registrar, interpretar e classificar as pistas de sua presa, constituíram-se em um aparato metodológico que, posteriormente, encontraríamos também no método da disciplina médica, ao diagnosticar as doenças inacessíveis à observação direta na base dos sintomas superficiais, às vezes, irrelevantes ao olho do leigo. O método indiciário constitui-se nesse sentido, um método interpretativo centrado sobre os resíduos, os dados marginais, indícios, sinais, vestígios ou sintomas.

Todavia, é no final do século XIX que o autor destaca a evidência do método indiciário no trabalho de três personalidades de diferentes áreas do conhecimento. Primeiro, temos o historiador de arte Giovanni Morelli, ao analisar as obras de arte para atribuí-las a seus verdadeiros autores ou, distinguir as cópias das originais, observando os pormenores ao invés das características mais vistosas e, por isso mesmo, mais

facilmente imitáveis; em seguida, encontramos o escritor Arthur Conan Doyle que, em seus romances policiais que tinham como personagem principal o detetive Sherlock Holmes, desvenda o autor dos crimes baseado em indícios imperceptíveis para a maioria; por último, nada menos que a figura do Dr. Freud, que na investigação psicanalista vê nos nossos pequenos gestos a revelação do nosso caráter mais do que qualquer atitude formal.

Nossa intenção ao evocarmos aqui o método indiciário como alternativa ao método das ciências naturais é, acima de tudo, seu caráter singularizante. Observe que, tanto o médico quanto o historiador de arte ou mesmo o detetive, têm em comum no seu trabalho investigativo a singularidade de seus objetos. Enquanto no método científico trabalha-se com a generalização dos objetos e a abstração dos fenômenos, a doença de um paciente, a obra de arte ou certo ato criminoso, só podem ser tomados em sua singularidade.

O método indiciário em seu caráter singularizante também influenciou uma tendência que fez com que os poderes estatais utilizassem a noção de indivíduo para um controle qualitativo de sua população a partir de traços mínimos e involuntários. A singularidade das impressões digitais passa então a funcionar para distinguir os indivíduos de uma determinada sociedade, visto que não existem duas impressões digitais idênticas.

Os fundamentos dessa filosofia do indivíduo, que no caso das impressões digitais foi usado como uma forma de controle social mais sutil e minuciosa, pode também se converter, como explica Ginzburg, “num instrumento para dissolver as névoas da ideologia que, cada vez mais, obscurecem uma estrutura social como a do capitalismo maduro” (GINZBURG, 1990, p. 177). Essa questão da ideologia na sociedade capitalista liga-se diretamente ao processo de uma produção de subjetividade de forma seriada e em escala industrial.

Se tomarmos a constituição da subjetividade, como é nossa intenção, o objeto de nossa investigação, o método indiciário permite que trabalhemos a questão da singularidade na experiência estética como um sinal da identidade/individualidade dos sujeitos. Sabemos que diversos trabalhos, com bases pós-estruturalistas e dentro dos estudos culturais, trabalharam esse processo da subjetividade a partir da identidade de gênero, etnia, raça, orientação sexual, entre outras dimensões da experiência humana mais facilmente reconhecíveis no indivíduo. Nesse sentido, diferentemente, propomos uma espécie de investigação do sujeito a partir de uma experiência fugaz, incomunicável e relativamente inútil.

Comparada a outras dimensões da experiência humana, a experiência estética torna-se um elemento pormenorizado, um dado marginal, ou mais precisamente na perspectiva que tentaremos dar, um sintoma, um sinal da singularidade. Nas palavras de Ginzburg: “ninguém aprende o ofício de conhecedor ou de

diagnosticador limitando-se a pôr em prática regras preexistentes. Nesse tipo de conhecimento entram em jogo (diz-se normalmente) elementos imponderáveis: faro, golpe de vista, intuição” (GINZBURG, 1990, p. 179).

De igual modo, a possibilidade de reler o cristianismo a partir da experiência estética permanece enxergando na lógica indiciária uma possibilidade de investigação. Vejamos por que: quando tomamos a leitura que Foucault ou Nietzsche faz do cristianismo e sua modelação da subjetividade nos indivíduos, observamos que essas leituras estão pautadas em discursos e práticas sociais de caráter ético/moral que ocorreram durante a história da igreja e da difusão do pensamento cristão no ocidente. Se olharmos a doutrina cristã por esse viés fatídico e institucional, concluiremos, sem nenhum contrassenso, que o cristianismo se opõe, invariavelmente, ao caráter de uma estética da existência como propõe Foucault. Mas quais serão os resultados se investigarmos o lugar, não da moral, das regras, das práticas sociais e individuais ou dos discursos, mas, sim, o lugar da experiência estética na doutrina cristã?

A releitura da doutrina cristã sob a luz do método indiciário é prescindir sobretudo das opções teológica e científica de investigação, e debruçar-se para o fenômeno da experiência estética como o lugar de ressignificação do sujeito. Esse caminho, que nos coube escolher, é de certa maneira a escolha de um estatuto científico frágil como Ginzburg argumenta. Mas o rigor científico, que nas ciências humanas foi mais ou menos atingido pela linguística (por isso pôs-se como modelo para outras disciplinas), “é não só inatingível mas também indesejável para as formas de saber mais ligadas à experiência cotidiana” (GINZBURG, 1990, p. 178).

Na tradição filosófica, os problemas ligados à questão da experiência estética foram sempre discutidos sob a égide do paradigma metafísico. A própria formulação do termo remete diretamente ao princípio da experiência com a Beleza, com o Uno, enfim, com o transcendente. O aparecimento, na segunda metade do século XIX e no início do século XX, de diversos pensamentos que minaram a viabilidade dos pressupostos metafísicos, principalmente a Ciência Linguística a partir de Saussure e a Filosofia da Linguagem com Wittgenstein, decretaram o limite do pensamento metafísico. Em outras palavras, “Os limites do pensamento são os limites da linguagem” e “Todos os problemas metafísicos surgem por causa da tentativa de dizer o que não pode ser dito” (SCRUTON, 2008, p. 344).

Ao trazer a linguagem como método de investigação para as ciências humanas, cenário que só começa a se modificar com o pós-estruturalismo, a dimensão da experiência do sujeito, que poderia ser compreendida através da metafísica, praticamente desaparece. Como então, estudar a experiência estética dentro desse novo paradigma da linguagem sem cair no cientificismo analítico e quantitativo? Um caminho

que podemos tomar para vislumbrar essa questão, pode ser encontrado em um ensaio de Giorgio Agamben (2013) sobre a destruição da experiência, “Infância e História”.

Agamben começa sua exposição apresentando uma constatação: “O homem contemporâneo foi expropriado de sua experiência. [...] O que não significa que hoje não existam mais experiências. Mas estas se efetuam fora do homem”. O que o autor está falando nessa constatação é que o homem contemporâneo perdeu a capacidade de transformar em experiência aquilo que ele experimenta em seu cotidiano.

Para o autor, essa condição teve início quando a ciência moderna unificou em um só sujeito a divisão que havia, tanto na psicologia cristã, quanto na metafísica grega, do sujeito da experiência e o sujeito do conhecimento. Essa unificação, inaugura um ente linguístico-funcional; em outras palavras, um sujeito do verbo, que dura apenas o instante de sua enunciação: “penso, logo existo”. Mais tarde, Kant e Hegel vão aprofundar essa unidade, o primeiro formulando o conceito de sujeito absoluto e o segundo o conceito de espírito.

Opondo-se à lógica do sujeito do conhecimento, mas de igual modo problemática, Agamben discute o aparecimento do psicologismo do século XIX com sua visão de substanciação psicofísica. Da oposição desse pensamento surgirá outro movimento tendendo para uma espécie de união mística com o uno, resultando dessa união a “experiência pura”. Husserl, por sua vez, tenta restaurar na visão da “experiência pura” o eu cartesiano, elaborando o conceito de experiência muda. É neste ponto, da experiência muda, que Agamben identifica o rasgo onde o diálogo entre experiência e linguagem foi possível acontecer; “existe uma experiência muda, existe uma in-fância da experiência? E, se existe, qual é a sua relação com a linguagem?”.

A partir de Benveniste, Agamben analisa a inserção da linguagem como o único viés onde é possível a concepção de sujeito e conseqüentemente de experiência. É na linguagem e através da linguagem que o homem se constitui como sujeito. A subjetividade nada mais é que a capacidade do locutor de pôr-se como um *ego*, que não pode ser de modo algum definida por meio de um sentimento mudo, que cada qual experimenta da existência de si mesmo, nem mediante a alusão a qualquer experiência inefável do *ego*, mas apenas através da transcendência do eu linguístico relativamente a toda possível experiência.

Seguindo o pensamento de Benveniste, temos que a “experiência pura”, e por assim dizer, muda, como acreditava Husserl, é inexistente em um sujeito constituído desde sempre pela linguagem. Uma experiência originária desse tipo, longe de ser algo subjetivo, seria algo anterior à linguagem, e, nesses termos, anterior ao homem. É pura fantasia acreditar em uma ideia que conceba a existência de um período original onde tivemos homens completos sem que a linguagem já não estivesse estabelecida. Todavia, embora uma experiência pura seja impossível no sujeito de linguagem, podemos procurar o lugar



da experiência enquanto infância do homem. O argumento é que, infância e linguagem não estão separadas cronologicamente, sendo a linguagem o limite da infância, antes linguagem e infância coexistiram desde sempre, produzindo cada vez mais o homem como sujeito.

Para entendermos como é possível ao sujeito constituído pela linguagem experimentar a infância, e, nesse sentido, a experiência muda, temos de fazer a distinção entre língua e discurso, ou, nos termos de Benveniste, semiótica e semântica.

O homem [...] na medida em que tem uma infância, em que não é já sempre falante, cinda esta língua una e apresenta-se como aquele que, para falar, deve constituir-se como sujeito da linguagem, deve dizer *eu*. [...] então a natureza do homem é cindida de modo original, porque a infância nela introduz a descontinuidade e a diferença entre língua e discurso (AGAMBEN, 2013, p. 64).

A possibilidade da infância no sujeito da linguagem estabelece o ponto de intersecção onde localizamos a experiência estética como uma experiência da infância. A experiência da infância é o momento da língua enquanto esta ainda não entrou em ação como discurso. Por isso, embora a experiência estética parta sempre do campo semiótico, deve permanecer afastada do campo semântico ou do discurso. Se é a infância que introduz a descontinuidade entre língua e discurso, podemos dizer que a experiência estética como uma experiência da infância opera a ressignificação do sujeito na medida em que acessá-la é deixar de ser o sujeito de discurso para ser o sujeito da experiência. Nesse ponto podemos entender melhor o pensamento de Foucault ao contrapor a subjetivação através do discurso à estética da existência.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A questão que se levanta no tocante à constatação que abre a exposição de Agamben e que, de certa forma, delinea a problemática de nossa pesquisa, é se ainda é possível ao homem contemporâneo desfrutar a experiência estética ou transformar em experiência estética seu contato com os signos artísticos. Cabe observar, no entanto, que o conceito de experiência estética que buscamos não é exatamente aquele formulado por Kant, que toma a obra de arte como mera disponibilidade para a fruição estética, mas como formulado pelo próprio Agamben,

[...] o êxtase original que abre para o homem o espaço do seu mundo, somente a partir do qual ele pode fazer a experiência da liberdade e da alienação, da consciência histórica e do extravio no tempo, da verdade e do erro (AGAMBEN, 2013, p. 163).

Estudar a experiência estética como esse espaço de constituição do sujeito, e, a partir disso, fundamentar uma estética da existência dentro da doutrina cristã em *Surpreendido Pela Alegria* de C. S. Lewis, em diálogo com as estéticas da existência de Nietzsche e Foucault, exige uma abordagem metodológica que contemple o aspecto singular da experiência subjetiva e a dimensão linguística do

homem e da cultura. Dessa forma, tanto o método indiciário desenvolvido por Ginzburg, como a transcendência pela linguagem proposta por Agamben, estando relacionadas tanto ao fenômeno da obra de arte como da experiência subjetiva, constituem-se juntas numa teoria do método para a investigação entre estética e existência.

Dessa forma, com a descentralização do sujeito, a “morte de Deus” e a mercantilização da obra de arte, os três aspectos que envolvem essa pesquisa, subjetividade, religiosidade e experiência estética, ao deixarem para trás uma relação harmoniosa e bem articulada que possuíam dentro do paradigma metafísico, precisam de outras abordagens que nos ajudem a pôr novamente em cena e rearticularmos essas dimensões do humano, que parecem totalmente esvaziadas na experiência do homem contemporâneo. Ao colocarmos a experiência estética da narrativa de C. S. Lewis sob os holofotes das teorias críticas da arte, do sujeito e da cultura, veremos se é possível pensarmos uma constituição do sujeito fora do discurso moral da doutrina cristã.

## REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. *Infância e história: destruição da experiência e origem da história*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
- AGAMBEN, Giorgio. *O homem sem conteúdo*. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2013.
- DIAS, Rosa Maria. *Nietzsche, vida como obra de arte*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 3: O cuidado de si*. São Paulo: Paz e Terra, 2014.
- FOUCAULT, Michel. *O Sujeito e o Poder/Entrevista com M. Foucault*. In: Ditos e escritos Vol. IX: Genealogia da ética, subjetividade e sexualidade. Organização, seleção de textos e revisão técnica Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014, p. 118-151.
- FOUCAULT, Michel. *Verdade e subjectividade (Howison Lectures)*. *Revista de Comunicação e Linguagem*. nº 19. Lisboa: Edições Cosmos, 1993. p. 203-223.
- GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. 1ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- JOÃO PAULO II, Papa. *Carta do Papa João Paulo II Aos Artistas* (14 de abril de 1999). Disponível em: [https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/1999/documents/hf\\_jp-ii\\_let\\_23041999\\_artists.html](https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/1999/documents/hf_jp-ii_let_23041999_artists.html). Acesso em 20 de ago. 2017.
- LEWIS, C. S. *Cristianismo puro e simples*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- LEWIS, C. S. *Surpreendido pela Alegria*. São Paulo: Mundo Cristão, 1998.
- LOPONTE, Luciana Gruppelli. *Do Nietzsche trágico ao Foucault ético: sobre estética da existência e uma ética para docência*. *Revista Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 28, n. 2, p. 69-82, jul/dez. 2003.
- SCRUTON, Roger. *Uma breve história da filosofia moderna: de Descartes a Wittgenstein*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

## A DISSOLUÇÃO DO CORPO E DA IMAGEM DE SUJEITO ADMINISTRADO EM CRASH: ANÁLISES A PARTIR DA MORTE DO AFETO

Jonathas Martins Nunes<sup>1</sup>

*Resumo:* O conteúdo narrativo ballardiano apresenta um intenso esforço de singularização, tanto na forma, ao apresentar uma prosa experimental, subvertendo as técnicas e convenções da tradição literária da prosa romanesca, em função do esfacelamento da construção de personagem, tempo e espaço narrativo; quanto em sua temática, marcada pela constante diluição das fronteiras comumente erigidas por categorias culturalmente determinadas: identidade, sexualidade, subjetividade e sociedade de consumo. Partindo do preâmbulo do aspecto mimético da forma em função do que é tematizado e/ou conceituado na escrita ballardiana, o presente trabalho propõe uma reflexão acerca das principais questões referentes a dissolução do corpo e da imagem de sujeito administrado nas produções e reproduções do texto ballardiano, entroposto ao conceito de morte do afeto, a diminuição do efeito de ser afetado por algo (cf. BALLARD, 1995), uma categoria conceitual elaborada na forma de letmotif em *Crash* (1969; 1971; 1974). Para tanto, tomaremos como objetos de escrutínio os fragmentos do compêndio de narrativas *The atrocity exhibition* (1969), do escritor inglês J. G. Ballard, e excertos de suas (re)produções em plataformas distintas: documentário televisivo, exposições em galerias, entre outros. Tais trabalhos provocam, em suas narrativas, reflexões acerca das dissidências entre as pulsões corpóreas e as tentativas de esvaziamento e padronização do sujeito e do corpo sob os ditames da exaustão e normatização sexual midiática/pornográfica/tecnológica/industrial, bem como imagens conceituais de morte na disposição dos textos, iluminando resíduos da experiência a serviço de um dever das fissuras no conceito que os resíduos da narrativa possam ainda conter em si. Por conseguinte, a discussão dos processos de subjetivação do sujeito, tensionadas a partir do corpo na lógica peremptória da mercadoria de massa da produção ballardiana, retoma a noção de mundo administrado, termo cunhado pelos críticos frankfurtianos Adorno e Horkheimer (2006), no qual os críticos evidenciam nos mecanismos e produtos da indústria cultural uma miríade de tentativas de coerção do pensamento, sob a cuidadosa manipulação e estultificação das massas.

*Palavras-Chave:* Morte do afeto. *Crash*. Teoria crítica.

Já se tornou lugar comum afirmar que o sujeito hodierno tem se deparado com um mundo de informações difusas, de identidades conturbadas, de um consumo exacerbado e de limitações estabelecidas pelas normatizações econômicas, sociais e comportamentais. No entanto, esta premissa tem ganhado visibilidade e problematizações diversas nas teorias contemporâneas e nas artes de um modo geral, evidenciando os inúmeros signos que constituem a crise da modernidade e o declínio do “indivíduo” perante a falência das utopias, a debilidade da unidade cultural fornecidas pela religião e, sobretudo, do declínio dos pilares da razão no construto do eu enquanto ser individual. Dentre o panorama de perspectivas críticas sobre a cultura capitalista contemporânea, reverberando a própria problematização do sujeito e seu corpo em meio a interação esquizofrênica com bens de consumo e representações simbólicas de realidade, encontram-se os escritos ballardianos, nos quais, ao longo de sua ficção, o escritor inglês James Ballard atenta em estabelecer uma narrativa temática, marcada pela constante diluição das

---

<sup>1</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB), linha de pesquisa Literatura, produção cultural e modos de vida. Orientador: Prof. Dr. José Carlos Félix. Endereço eletrônico: jonathasmn@gmail.com.

fronteiras comumente erigidas por categorias culturalmente determinadas: identidade, sexualidade, subjetividade e sociedade de consumo.

Apesar de sua notória inflexão no que assinalamos enquanto teoria contemporânea, também apontada por críticos da ficção pós-moderna como Bran Nicol (2009), ou mesmo por leituras cerradas no texto de Ballard por Jannette Baxter (2008), o conteúdo narrativo ballardiano apresenta um intenso esforço de singularização, tanto na forma, quanto na produção conceitual – de modo análogo à autores como George Bataille e sua escrita ficcional/retórica/conceitual – desafiando “as descrições marcadas pelos limites disciplinares e definições canônicas”, recusando “a linguagem acadêmica, aproximando a escrita da tradição literária criativa” (DRUMMOND, 2016, p. 3). Neste sentido, em textos como *The university of death*, apresentado no compêndio de contos/romances condensados *The atrocity exhibition* (1970), os conceitos são formulados sob uma forma de saber oposta ao conhecimento da razão instrumental:

A morte conceitual. Até agora, esses seminários tornaram-se uma inquisição diária no crescente sofrimento e incerteza de Talbot. Um aspecto perturbador foi a cumplicidade consciente da classe em sua avaria antecipada. O Dr. Nathan fez uma pausa na porta do teatro de conferências, debatendo se acabaria com este experimento único, mas desagradável. Os alunos esperaram enquanto Talbot encarava as fotografias de si mesmo dispostas em sequência no quadro-negro, sua atenção distraída pela figura elegante mas severa de Catherine Austin, observando os assentos vazios além do projetor de filme. Os noticiários simulados de acidentes automobilísticos e atrocidades do Vietnã (um comentário adequado sobre sua própria sexualidade destrutiva) ilustram o cenário da Terceira Guerra Mundial, em que os alunos estavam ostensivamente engajados. No entanto, como o Dr. Nathan percebeu, seu foco real estava em outro lugar. Uma figura inesperada agora dominou o clímax do cenário. Usando a identidade de sua própria palestra, os alunos idealizaram a primeira morte conceitual (BALLARD, 2014, p. 19).

Em termos formais, este ensejando o temático, temos logo a frente um preambulo conceitual “A morte conceitual”, uma espécie de imagem do conceito que é problematizado por uma narrativa ocasional. O conceito de morte é figurado na imagem do objeto “Talbot”, um modelo de automóvel e sobrenome de uma personagem, os quais refutam seu status de mera exemplificação, na construção do conceito de morte implicado em si: enquanto objeto/abjeto das escarificações do aparato mercadológico e tecnológico automobilístico, enquanto sujeito à violência dos acidentes nas rodovias e nos sujeitos espectadores apáticos “observando os assentos vazios além do projetor de filme”, mas participantes de um engajamento espectral de violência sob a teleobjetiva de “noticiários simulados de acidentes automobilísticos e atrocidades do Vietnã”. Nessa exegese, uma imagem conceitual de morte, trabalha tanto a favor como contra o pensamento conceitual – permanecendo fiel ao conceito ao traí-lo – na exigência de uma interpretação narrativa, iluminando resíduos da experiência a serviço de uma futuridade do aberto no conceito que os resíduos da narrativa possam ainda conter em si, como exposto no trecho “Usando a identidade de sua própria palestra, os alunos idealizaram a primeira morte conceitual”. Evidenciamos no fragmento supracitado um rito interpretativo para o conceitual e do conceito de morte para a interpretação

da narrativa, formulados sob uma forma de saber que refuta o conhecimento da razão instrumental. Deste modo, os ensejos de reflexão sobre a primeira colocação da morte, na diegese do molde ficcional, refutam uma lógica coerente e coercitiva imposta por regras e paradigmas da razão, possibilitando a ambiguidade do conceito. Assim, tem-se exatamente o contrário da abstração – ou nem sequer uma oposição – pois a ambiguidade é a complementação da interdição e transgressão de possibilidades dessa morte conceitual “idealizada”.

Partindo do preambulo da complexidade da forma em função do que é tematizado e/ou conceituado na escrita ballardiana, este ensaio pretende apresentar uma elaboração crítica acerca das principais questões referentes a dissolução do corpo e da imagem de sujeito administrado nas produções e reproduções do texto ballardiano, entreposto ao conceito de morte do afeto, a diminuição do efeito de ser afetado por algo (cf. BALLARD, 1995), esse formulado ao longo do *letmotif Crash* (1969;1971;1974). Para tanto, tomaremos como objetos de análise fragmentos do compêndio de narrativas *The atrocity exhibition* (1969), do escritor inglês J. G. Ballard, e excertos de suas (re)produções em plataformas distintas. Tais trabalhos ocasionam, em suas narrativas, reflexões das dissidências entre as pulsões corpóreas e as tentativas de esvaziamento e padronização do sujeito e do corpo sob os ditames da exaustão e normatização sexual midiática/pornográfica/tecnológica/industrial. Por conseguinte, ao adentrarmos na discussão dos processos de subjetivação do sujeito tensionadas a partir do corpo na lógica peremptória da mercadoria de massa, estaremos pactuados com a noção de mundo administrado, termo cunhado pelos críticos frankfurtianos Adorno e Horkheimer (2006), no qual os autores evidenciam nos mecanismos e produtos da indústria cultural uma miríade de tentativas de coerção do pensamento, sob a cuidadosa manipulação das massas.

No mundo administrado, tudo que está inserido na lógica cultural do capital é levado a passar pelo crivo da indústria cultural. É nessa conjuntura que Adorno e Horkheimer evidenciam a alteração não somente da perspectiva do mundo sob uma ótica iníqua do consumo massivo de bens culturais, mas do próprio sujeito enquanto consumidor de mercadorias que lhe agregam valor subjetivo. Segundo os filósofos frankfurtianos, “quanto mais firmes se tornam as posições da indústria cultural, mais sumariamente ela pode proceder com as necessidades dos consumidores, produzindo-as, dirigindo-as, disciplinando-as e, inclusive suspendendo a diversão”, diluindo qualquer tipo de barreira que possa elevar-se contra “o progresso cultural” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 13). À vista disso, a matriz dos bens culturais é manipulada e padronizada, antes mesmo de chegarem as massas, por meio de uma miríade de estratégias que começa na modulação de seus produtos até culminarem na homogeneização do próprio sujeito – empacotado em identidades estereotipadas. De forma meticulosamente ideológica, a indústria detém um falso liberalismo, falsa liberdade de escolha e distinção do universal e do particular, na qual os entrelaces de

signos da indústria “dirige-se às pessoas como sujeitos pensantes, quando sua missão específica é desacostumá-las da subjetividade” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 13).

Na tentativa de disseminação desse mundo administrado e homogeneização do sujeito pela indústria, o corpo orgânico e as experiências humana tornam-se gradativamente virtuais, na mesma proporção que: nos é oferecido bens culturais/produtos padronizados como tentativa de redução da multiplicidade das coisas a unidades uniformes pré-estabelecidas; promovendo uma alienação do homem às coisas, formando o distanciamento do sujeito com o objeto autenticamente real. Esse distanciamento do objeto real, típico de nossa cultura tecnológica atual, não só facilita a manipulação e manutenção deste mundo administrado, mas também, moldura o processo de reprodução da realidade, o qual Baudrillard (1994) define como simulação. Este mote é sinalizado por Ballard em seu livro *Crash* (1973), e propicia uma de nossas inquietações de leitura sobre seus textos, a qual intenta em compreender como os objetos ficcionais analisados articulam, em sua narrativa, uma autorreflexão sobre a natureza construída da existência pós-moderna, delimitadas nos bens culturais – do qual fazem parte – levando em consideração que aquilo que denominamos de vida real é mediada pela técnica narrativa e estética, tanto quanto a ficção:

[...] sinto que o equilíbrio entre ficção e realidade mudou de maneira significativa nas últimas décadas. Mais e mais seus papéis vêm sendo invertidos. Vivemos em um mundo dominado por ficções de todos os tipos – merchandising de massa, propaganda, política conduzida como um ramo da propaganda, a prevenção de reações inéditas a experiências por causa da tela da televisão. Vivemos dentro de uma imensa novela. É agora cada vez menos necessário que o escritor invente o conteúdo fictício de seu romance. A ficção já existe. A tarefa do escritor é inventar a realidade (BALLARD, 1995, p. 7).

A reflexão do romancista inglês acerca do status da ficção e da realidade sugere que nossa experiência de realidade se tornou tão moldada pelos sistemas de mediação pós-modernos de representação que a separação nítida de “realidade” e “ficção”, de “mundo” e “livro” chega a ser infactível, ao passo que essas instâncias se configuram em uma espécie de “fita de möbius” (cf. NICOL, 2009, p. 180).

A ideia de simulação apontada por Baudrillard é muitas vezes considerada como um tipo de estado situacional, na qual o sujeito está engajado, de alguma forma, com uma representação em vez do objeto autêntico. Neste contexto, se alguém consome algum tipo de produto em sua versão sintética, que apresenta as mesmas particularidades do produto real, podemos comicamente considerá-lo como hiper-real em vez de real. Neste sentido, a simulação refere-se ao processo pelo qual as tecnologias que dominam o mundo contemporâneo tentam moldar aspectos do real – o mundo não administrado – em entidades tangíveis e distinguíveis. Paradoxalmente, a simulação tenta fazer do real propriamente real ao tentar explicar tudo no mundo, eliminando o inexplicável e misterioso, e dividindo o mundo em um sistema de

oposições, diferenças e valores (cf. BAUDRILLARD, 1994). Com isso, podemos afirmar que a simulação não apenas elimina o real, ela cria, reelabora o real, definindo a realidade que nos situamos.

Nesse sistema, nós só ganharemos, ou validaremos, significativamente nossas asserções de identidade, uma vez que estivermos inscritos na ordem simbólica da sociedade contemporânea e sua rede de significados (cf. NICOL, 2009, p. 8). Porém, quando entramos nesta ordem simbólica e administrada de realidade, nos separamos do real que está atrelado aos nossos impulsos corporais, a nossa matriz orgânica, evidenciando que a vida cotidiana é essencialmente virtual e que tudo que é atribuído ou estabelecido como realidade só é significativo e reconhecível por meio da linguagem e os códigos da ordem simbólica. Isso resulta na criação do desejo do inconsciente e todos os sintomas da neurose e psicose, que são determinados por nossos esforços para lidar com o que não pode ser categorizado neste mundo de símbolos, ou seja, com o que não faz sentido para realidade cotidiana, tais como trauma ou morte.

O preambulo apresentado configura o que o escritor James Ballard conferia em sua retórica-ficcional *the death of affect*, diminuição do efeito de ser afetado por algo. Presume-se que o efeito de ser afetado é uma parte fundamental do existir, pois seria o modo como constituiríamos o sentido de nossa própria experiência com as coisas e com o mundo enquanto ser social. Partindo da falta desse sustentáculo, a temática que circunda em *Crash* é, nas palavras de Ballard (1995), “uma metáfora extrema para uma situação extrema”, a qual preside sobre nossas vidas os grandes motivos condutores das últimas décadas – sexo e paranóia (BALLARD, 1995, p. 4). De modo categórico Ballard argumenta que:

O casamento entre razão e pesadelo que tem dominado o século XX gerou um mundo cada vez mais ambíguo. Nossas vidas são governadas pelos grandes leitmotiv do século XX – sexo e paranóia. O Voyeurismo, o nojo de si, a base infantil de nossos sonhos e desejos – estas doenças da psique agora culminaram no mais terrível infortúnio do século: a morte do afeto (BALLARD, 1995, p. 2).

A morte do afeto nesse sentido elucida a relação do corpo sujeito na esfera de manipulação de símbolos que assinalam o consumo e modos de vida, em um mundo hiper-real do qual a noção de realidade é transfigurada pela ordem simbólica ubíqua de signos e mercadorias. Partindo de tal acepção, podemos inferir que o ‘individual’ e as relações interpessoais, sexuais, são experimentados por “experiências sem substância, coerência ou consistência” (NICOL, 2009, p. 184), resultando no que Jameson denomina de “declínio do afeto” (cf. JAMESON, 1991, p. 16). A convicção de Ballard é que a nossa capacidade de sentir emoção genuína tem se esfacelado desde o final do século XX. Com efeito, Jameson argumenta que a pós-modernidade deu início a uma mudança na estrutura de expressar e sentir emoções; período em que o sujeito já tomado por sentimentos como ansiedade, neurose e anomia, expressões do “sujeito centrado”, agora, “uma vez que não há mais um eu presente para fazer o sentimento”, estamos mais sujeitos às emoções mais “livres e impessoais”, denominadas por Lyotard de “intensidades” (JAMESON, 1991, p. 16).

O conceito, e mesmo temática, da morte do afeto ao ser propagado pelo mundo administrado e sua lógica simbólica e cultural reflete um subjugar negativo por parte dos teóricos e objetos apresentados. Contudo, essa negatividade, ou característica negativa, torna possível a tentativa de transgressão e dissolução da administração – quiçá a percepção da vida danificada. No movimento de negação, perpétuo e impossível de ser contida, mesmo sob uma imagem refletida da perda e do trauma, a ideia da redenção e a esperança que se liga ao negativo nunca podem ser totalmente dadas por mortas, assim como não pode haver a inicialização ingênua ou triunfalista de qualquer programa que procurasse restaurar a vida danificada a uma condição de completude e presença (cf. RICHTER, 2017, p. 26).

Mesmo sob o controle técnico e equalização das massas, surgem reproduções representativas a partir do corpo que retratam a dissolução deste sujeito restringido pelos símbolos e consumo de mercadorias fetiches. Essas reproduções corpóreas, muitas vezes hibridizadas, são convertidos em novas configurações identitárias amorfas e heterogêneas, representando um corpo violentado e confundido – ao longo do processo de relação/tensão do sujeito com a tecnologia, o mercado pós-industrial e suas mercadorias-fetice. Tal processo de dissolução do sujeito moderno via mutação e abjeção corporal são engendradas por meio de uma miríade de estratégias como: pulsão de morte, colisões automobilísticas, fissuras e ambivalência sexual, estabelecidas a partir da relação/tensão do corpo com as mercadorias fetiches da sociedade hodierna, os quais são convertidos em novas configurações identitárias amorfas e heterogeneizadas.

Por mais paradoxal que possa parecer, a morte tem uma função específica em Crash, a função de garantir a vida e o real – qual não pode ser explicado pelas estratégias simbólicas do mundo administrado. Embora os acidentes automobilísticos assegurem uma possível morte, estes acidentes também criam feridas e resíduas de vida indestrutíveis, cicatrizes, os quais sobrevivem à morte – ao inexplicável. Estas feridas, por sua vez, são encontradas tanto sobre o corpo humano quanto sobre o corpo/lataria do carro, fazendo com que ambos interiores sejam expostos ou descobertos. Segundo Baudrillard, na perspectiva clássica (mesmo cibernética), a tecnologia é um prolongamento do corpo, uma sofisticação funcional de um organismo humano, “que lhe permite igualar-se à natureza e investir contra ele triunfante” (BAUDRILLARD, 1994, p. 139). De Marx a McLuhan, a mesma visão instrumentalista das máquinas e da linguagem “são intermediários, prolongamentos, media-mediadores de uma natureza idealmente destinada a tornar-se o corpo orgânico do homem”, no qual o próprio corpo “é apenas um médium” (BAUDRILLARD, 1994, p.139). Contudo, Crash a tecnologia e a técnica fazem parte da própria desconstrução mortal do corpo, o qual não é mais um *medium* funcional, mas extensão da própria morte por meio do desmembramento e fragmentação de um corpo entregue ao que Baudrillard denomina de feridas simbólicas “de um corpo confundido com a tecnologia” na sua dimensão de violação e de violência (BAUDRILLARD, 1994, p. 139).



Na cena da adaptação de 1996, em que a personagem Vaughan (Elias Koteas) e o piloto Seagrave (Peter MacNeill) reencenam o acidente do ator James Jean, fica evidente que é sob a pulsão de morte e encenações que se estabelece a interação sexual do corpo orgânico com a lataria do automóvel. As pulsões corporais nessa ocasião, sob incisões, excisões, escarificações, caracteres do corpo, cuja chaga e gozo sexual não são senão um caso particular, evidencia o que Baudrillard aponta enquanto “um corpo sem órgãos nem gozo de órgãos”, inteiramente submetida à marca, ao corte, à cicatriz técnica “sob o signo resplandecente de uma sexualidade sem referencial e sem limites” (BAUDRILLARD, 1994, 139-140). Na idealização e encenação de acidentes pela personagem Vaughan, é por meio da morte de um indivíduo em um acidente de carro que o corpo/lataria destruída do carro segrega a energia sexual liberada no momento da morte de seu piloto. Assim, outro indivíduo, por meio da simulação do acidente real, atrela esta energia nas entranhas do carro em uma espécie de fusão e ato sexual com o automóvel. Por sua vez, este indivíduo, morre em um acidente e atinge a vida indestrutível de uma lenda – assim como aconteceu com James Jean. Adams Parveen (2000) faz a ressalva de que as encenações e estratégias presentes em *Crash* – assim como a pulsão de morte – não se tratam de signos acidentais que apenas pertenceriam às margens do sistema, mais sim, se tratam de signos e estratégias que excedem os limites do reino imaginário de dominação sobre a realidade (PARVEEN, 2000, p. 109).

Parveen ainda aponta que se considerados em nível simbólico, a repetição e reencenação de acidentes automobilísticos em *Crash*, esses estariam apenas reprimindo e ao mesmo tempo evidenciando seu material de análise, entretanto, o autor reconhece que este não é o nível no qual a repetição de *Crash* funciona (PARVEEN, 2000, p. 107). De fato, a reencenação de desastre automobilísticos existe no nível do real, colocando o espectador do filme na fronteira do simbólico e sua ordenação da realidade. Mas, o que possibilita essa interação do homem com o automóvel no nível do real em *Crash* são as feridas. Segundo Adams Parveen, o filme transborda de feridas e, na verdade, é dominado pela ferida (PARVEEN, 2000, p. 107). Portanto, o filme não trata necessariamente das relações de um homem, uma mulher e um carro, mas sim da ferida e as possibilidades que essa sugere.

Em meio a esses apontamentos, a cena que melhor exemplifica a relação do sexo, carros e feridas em *Crash* – e materializa a analogia entre o corpo orgânico e a máquina – é a cena da relação entre James Ballard e Gabrielle (Rosanna Arquette). A personagem é uma mulher jovem que sofreu vários acidentes automobilísticos, e é caracterizada por: seus membros semiartificiais, por seu caminhar puxado e por estar envolvida de parafernálias e pinças de metal. Na sua perna é visível uma enorme cicatriz, uma marca/ferida da realidade e limitação orgânica do corpo. No ato sexual, o corpo de Gabrielle é como um segundo carro desajeitadamente encaixada dentro do primeiro, sua cicatriz chama a atenção de James Ballard, como uma extensão da realidade e de possibilidades em um corpo marcado e hibridizado pela tecnologia, chegando

assim a penetrá-la. A personagem aparentemente parece resistir, até o momento em que James Ballard levanta e inclina partes de seu corpo em um momento de êxtase ao deparar-se com todo aquele hibridismo estranho. Durante a penetração, a personagem experimenta todo esse gozo terrível e a essência do prazer por meio de sua cicatriz.

Podemos concluir que as produções e reproduções aqui apresentadas destacam-se por ensejarem reflexões críticas acerca dos efeitos psicológicos da lógica cultural do capitalismo tardio, ao mesmo tempo em que as articulam ao atual debate sobre a posição do sujeito e suas pulsões diante da estrutura social e tecnológica da sociedade contemporânea em sua narrativa. Por meio do desencadeamento de eventos narrativos de tais obras, são problematizados e evidenciados possíveis representações de imagem fragmentada do sujeito moderno e a constância de identidades difusas e amorfas, engendradas pela tensão do corpo com objetos que agregam valor social e identitário ao sujeito.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, T. "A indústria cultural (reconsiderada)". In: Theodor W. Adorno. COHN, G. (Org.). São Paulo: Editora Ática, 1994, p. 92-99.
- ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento*. Trad. Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- BALLARD, James. *Crash*. London: Vintage, 1995.
- BALLARD, J. *The atrocity exhibition*. London: Fourth Estate, 1969.
- BAUDRILLARD, J. *Simulacra and simulation*. Ann Harbor: The University of Michigan Press, 1994.
- BAXTER, Jannette. (org.). *J. G. Ballard: contemporary critical perspectives*. London: Continuum, 2008.
- DRUMMOND, W. L. *Heterologia e sujeito em Georges Bataille*. 18 f. Artigo (pós-doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós- Graduação em Estudos Literários da UFMG, Salvador.
- JAMESON, F. *Postmodernism or, The Cultural Logic of Late Capitalism*. Durham: Duke University Press, 1991.
- LUCKHURST, Roger. *The angle between two walls: the fiction of J. G. Ballard*. Liverpool: Liverpool University Press, 1997.
- NICOL, B. *The Cambridge introduction to postmodern fiction*. New York: Cambridge University Press, 2000.
- PARVEEN, Adams. *The modern Fantastic: The films of David Cronenberg*. Michael, Grant (Ed.). London: Praeger, 2000.
- RICHTER, Gerhard. *Imagens de pensamento: reflexões dos escritores da escola de Frankfurt a partir da vida danificada*. Tradução de Fábio Durão. São Paulo: Nankin, 20

# A INSCRIÇÃO DOS *SANS-PAPIERS* NA PERSPECTIVA DA CRÍTICA CULTURAL EM *SAMBA*, DE DELPHINE COULIN

Juliane Cristian Silva Pinto<sup>1</sup>

## INTRODUÇÃO

Debruçar-se nas questões das minorias, enquanto sujeito, pesquisador e profissional da área de Letras tem sua relevância, sobretudo, no que diz respeito à afirmação do olhar crítico frente aos paradigmas da sociedade em que vivemos. Além da tomada de conhecimento sobre o poder de quem se é, qual práxis deseja abraçar, e na medida do possível, fazer uso do arcabouço crítico apreendido. Na atitude de levar as minorias para a sala de aula, com suas várias linguagens se revela o agenciamento do pensamento, compartilhamento de informações, reflexão e propostas sobre o ser pertencente à outra cultura que tem sua humanidade humilhada pelo discurso opressor.

Nessa perspectiva, encontra-se no presente estudo a discussão sobre um expatriado malinês chamado Samba Cisé da obra *Samba*, de Delphine Coulin — no original *Samba por la France* —, com ponto de partida a cena de sua prisão. Após o decurso de dez anos em solo francês, ele é algemado e conduzido ao encarceramento no CRA 2, centro de detenção de Vincennes, por ter o visto de permanência no país vencido. E isso implica no recebimento de um OQTF, documento que lhe obriga a deixar o território francês. Então, de repente Samba se torna um *sans-papiers*. E isso significa ter seu corpo marcado pela dor de não ser mais aceito no país que outrora o acolheu.

Samba como representante dos seus irmãos de condição, ama a França até descobrir a crueldade que trata os imigrantes ilegais. Mas, para manter-se em vida neste país, é constrangido a mudar várias vezes de nome, na ação irrefreável de vender a sua identidade. E não obstante suas limitações e ter o corpo mortificado pelo cansaço do trabalho pesado, encontrava forças onde não havia para pensar em dias melhores. Seu sonho é alcançar o êxito em terra estranha.

Analisar essa e outras cenas da trajetória dessa personagem parte da inquietação em pensar a dura realidade de mais um alvo da retórica da modernidade, o imigrante ilegal, que encontra na França um falso paraíso ao serem explorados de forma dissimulada. Isto é, deixam sua pátria e familiares na intenção de angariar fundos para sua sobrevivência e recomeçar uma vida nova. Contudo, desde quando colocam os pés no território francês percebem-se excluídos, apenas máquinas para o trabalho. Quando não são, logo

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB), linha de pesquisa Literatura, produção cultural e modos de vida. Endereço eletrônico: juuchristian@hotmail.com.

na decida do avião, condenados ao encarceramento e sujeitos à deportação. No modo particular francês de confrontar os direitos universais do homem, além, do valor desse Outro na humanidade.

## **A TEORIA DO MÉTODO EM CRÍTICA CULTURAL**

Refletir sobre o campo linguístico-literário na área de Letras é por em revista as providências que o crítico cultural deve tomar diante do seu papel na sociedade. No dever de analisar aspectos políticos, narrativas e representações de indivíduos feridos pelo sistema eurocêntrico, que fundamentado na colonialidade de raça, saber e ser ignora as minorias pertencentes às categorias de gênero, raça e sexualidades.

No tocante a esses tipos de dominação, sabe-se que tanto legitimaram a exploração colonial e apagaram o pensamento intelectual não europeu quanto desvalorizaram a vivência dos sujeitos subalternizados, marcadamente, homens e mulheres índios e negros. Nesse sentido, se faz necessário agarrar-se ao poder do crítico cultural de ir para linha de frente na guerra de desmonte do domínio eurocêntrico.

Nessas condições, nos compete rememorar as origens da crítica cultural, que é de certa forma retomar o engajamento intelectual de Stuart Hall (1932-2014). Esse jamaicano, ao lado dos pensadores ingleses Raymond Williams (1921-1988), Richard Hoggarts (1918-2014) e Edward Thompson (1924-1993), no período de 1950-1960 na Inglaterra, colaborou em transpor os obstáculos erigidos entre arte e sociedade.

Em *Dez lições sobre estudos culturais* (2003), a professora de Estudos Culturais e Literaturas em Língua Inglesa da USP Maria Elisa Cevasco apresenta um guia para aqueles que desejarem iniciar seus estudos acerca da formação do Centro de Estudos da Cultura Contemporânea que esses intelectuais formaram. Este foi o primeiro programa de pós-graduação em estudos culturais.

Segundo ela, a formação do Centro retoma a iniciativa de Williams e os referidos colegas professores de trabalhar com temas inerentes ao dia a dia de estudantes pertencentes à classe dos trabalhadores, inclusive, Hall. Estes possuíam preferências pela literatura não canônica e o uso coletivo dos meios de comunicação. Mas, se não fosse a atitude dos mestres em transgredir, deveriam aprender, passivamente, a alta cultura em detrimento das suas manifestações simbólicas e culturais.

Com vistas num ensino democrático Williams, em especial, provocou mudanças radicais na crítica da cultura em fins da década de 1950 ao propor uma visão de cultura engajada com mudança social para que todos tivessem acesso às formas e meios culturais. Infere-se aqui o caráter experimental dos Estudos Culturais em alcançar o objetivo de aliar a prática intelectual à política.

No estudo realizado por Stuart Hall, em “Estudos Culturais e seu legado teórico” presente no livro *Da diáspora: identidades e mediações culturais* (2003), ele trata dos aportes teóricos que influenciaram esse novo campo de estudo. A priori, discorre sobre as aproximações entre o marxismo e os Estudos culturais, em que ambos teorizam o poder nas mãos de uma minoria na ação de subjugar a maioria. Mas tece uma crítica ao marxismo pelo seu teor eurocentrista em que empreende uma análise econômica, e os Estudos Culturais focaliza a cultura.

Outra questão profundamente relevante para Hall é o interesse dos Estudos Culturais de promover a figura do intelectual orgânico, cunhada ao marxista italiano Antonio Gramsci (1891-1937). De acordo com esse teórico todo indivíduo é intelectual, mas apenas uma parte exerce essa função. Há o intelectual orgânico que surge de uma classe social, em determinado período, com conhecimento aprofundado para transmitir aos demais, sejam pertencentes ao seu próprio grupo ou não. Assim, opõe-se ao intelectual tradicional, uma vez que este é institucionalizado, ou seja, mantém as relações de poder pré-existentes.

Certamente, o crítico cultural comprometido com a pesquisa deve espelhar-se nessa teoria e emergir no tipo de intelectual orgânico. Hall também discorre sobre o papel social do intelectual, que com sua teoria deve intervir na sociedade para realizar alguma diferença, mas recomenda não recuar a pesar do trabalho nem sempre surtir efeito imediato ou trazer a mudança esperada.

Ainda é necessário a esse novo intelectual compreender como a crítica cultural trata da experiência. Nesse âmbito, o filósofo italiano Giorgio Agamben (1942-) merece atenção. No texto “Infância e história: ensaio sobre a destruição da experiência”, publicado em 1978 no livro *Infância e história: destruição da experiência e origem da história*, pretende responder a questão de se o homem ainda é capaz de experimentar e transmitir experiências. Ao tratar do tema e respaldar seus argumentos, ele mobiliza autores respeitáveis no campo filosófico e linguístico.

O autor contempla que o homem moderno foi expropriado de sua experiência, e respalda seu argumento na visão do filósofo alemão Walter Benjamin (1892-1940), com estudo que mapeia desde 1833 a “pobreza de experiência da época moderna”, ocasionada pela catástrofe da II Guerra Mundial. Uma vez que os combatentes voltavam silenciados do campo de batalha, sem experiências para compartilhar aos demais.

Mas para Agamben a própria vida em cidade grande à mercê das atividades rotineiras cotidianas já “denota a pobreza de experiência sem precisar de uma catástrofe” (*Ibidem*, p. 21). Mas até o século XIX, antes das guerras mundiais, na sociedade europeia a matéria prima da experiência era o cotidiano e a ser transmitido para as gerações seguintes. No entanto, hoje as experiências acontecem fora do homem, porque autoridade necessária para legitimar experiência nos é inacessível.

O autor acrescenta que a expropriação da experiência permeava os princípios da ciência moderna originária de uma desconfiança sem precedentes em relação à experiência tradicional, aquela traduzida em máximas e provérbios. Assim, a experiência deixa de ser uma autoridade quando relegada aos instrumentos e aos números mediante a comprovação científica efetuada no experimento.

O desejo pela certeza, pela comprovação por meio do método representando o caminho do conhecimento, de acordo com o autor, uniu experiência e conhecimento em um único sujeito absoluto, o *ego cogito* cartesiano. Grosso modo, a consciência. Mais adiante ele coloca em pauta de discussão que o problema da experiência é se deparar com o problema da linguagem.

Somente por meio da diferença entre língua e discurso introduzida pela infância, que o homem encontra a sua historicidade. “Porque existe uma infância do homem, a linguagem não se identifica com o humano, há diferença entre língua e discurso” que o homem é um ser histórico. (p.64) Então, com esse texto aprendemos que o crítico cultural deve lidar com sua própria memória, as marcas em seu corpo que provocaram inquietação a serem solucionadas. O crítico cultural deve ser artístico.

Frente à posição de Gramsci de que toda pessoa é intelectual, mas que é preferível ser do tipo orgânico carece refletir como àquele que tem perfil tradicional poderá mudar, uma vez que foi forjado pelas forças hegemônicas do poder. Para tornar-se crítico cultural esse intelectual, além de usar a linguagem de forma artística como nos aconselha Agamben precisa tomar conhecimento da necessidade de interrogar os binarismos enraizados na metafísica ocidental.

Tais quais homem/mulher, natureza/cultura, fala/escrita, realidade/aparência, entre outros. E superar esses conceitos dominantes demanda lançar-se na desconstrução formulada por Jacques Derrida (1930-2004), termo da arquitetura que se tornou um dos conceitos chaves da crítica cultural para aprimorar o olhar dos seus profissionais.

Na época da Nova Crítica nos Estados Unidos, em fins dos anos 1950, o texto literário era pensado em si mesmo sem relações com a sociedade e a história. Mas, a partir de 1970 esse franco-magrebino passou a desmontar os binarismos presentes no texto literário e filosófico, com aguçamento do senso crítico em revelar ambiguidade e contradições em discursos na área das Ciências Humanas.

Para Cevalco, em *O sentido da Crítica Cultural* veiculado à Revista Cult, nesse momento entra em cena o pós-estruturalismo, visão que o professor Neurivaldo Junior respaldado pela crítica literária Leyla Perrone-Moisés discorda no texto *Jacques Derrida e a desconstrução: uma introdução*. A seu ver, o pós-estruturalismo aconteceu ao mesmo tempo em que o estruturalismo operava.

Longe de desqualificar Saussure (1857-1913), a noção de desconstrução serviu como questionamento de lacunas em sua teoria, a exemplo, da preocupação com a estrutura linguística e não com os discursos. Em entrevista concedida a Jean-Louis Houdebine e Guy Scarpetta intitulada *Posições*, nos parece que a desconstrução é trazida por Derrida como corrente teórica e visa aniquilar os discursos que sustentam a metafísica ocidental.

A proposta de Derrida não é neutralizar essas oposições, mas invertê-las. Isto é, agir no seu interior como forma de desestabilizá-las e, minar seus limites fechados, sustentadores de “uma hierarquia violenta”. A utilização do termo *Nem/nem*, que pode vir a significar “ou um ou outro” (p. 48-50) é uma amostra da intenção do autor em abalar conceitos considerados canônicos que mantinham a hegemonia dos discursos. Ele mostrou que as oposições binárias são construções sociais, mas desconstruí-las não significará promover a sua destruição, e sim nos convencer a dar uma função diferente para elas.

Depois de o crítico cultural higienizar seus pensamentos ao desconstruir o que a metafísica ocidental defende como certo ou errado e que era apreciado por ele antes, é preciso desobedecer epistemicamente. Vamos ver como isso se sucede na voz crítica do argentino Walter Dignolo (1941-), professor de Literatura e Antropologia e diretor do Centro de Estudos Globais e Humanidades de Duke nos EUA.

Ao tratar da questão identitária, o texto *Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política* (2008) apresenta considerações importantes a serem agregadas. Ele respalda seu pensamento em duas teses inter-relacionadas, que são a desobediência política e epistêmica, ambas consideradas “os pilares da opção descolonial” (Ibidem, p. 287).

A primeira tese relaciona-se com a “identidade na política”, um pensamento e ação necessários a fim de romper as grades da teoria política da Modernidade, que por ser racista e patriarcal, não dá vazão ao agenciamento político às pessoas ditas inferiores da sociedade, seja por gênero, raça, sexualidade, dentre outros. A segunda tese se volta para a negação também do agenciamento epistêmico a essas pessoas consideradas inferiores.

De modo que a escrita de Dignolo se insira no que ele chamará de *identidade em política* e não na *política de identidade*. Esta, por sua vez, se “baseia na suposição de que as identidades sociais (condições de ser negro ou branco, mulher ou homem, homossexualidade e heterossexualidade) são aspectos essenciais dos indivíduos, que podem levar à tolerância” (Ibidem, p. 289).

Por concordar apenas, parcialmente, com essa imposição, ele opta pela identidade em política, porque a política identitária se utiliza de conceitos universais abstratos, como ciência, filosofia, Cristianismo, liberalismo, Marxismo, etc., para eleger identidades similares e opostas como essenciais e fundamentais. Nesse caso é prezado o ser homem, branco, e heterossexual. Esse tipo de identidade rege o

mundo “que não se parece como tal, mas como aparência “natural”. (*Ibidem*, p.289). E os homens e mulheres negros, indígenas amarelos são relegados à subalternidade, à escória.

Na tentativa de reverter esse quadro, a identidade em política se torna essencial para a opção descolonial “desnaturalizar a construção racial e imperial da identidade no mundo moderno em uma economia capitalista” constituído nas “teorias e ações políticas fundamentadas em identidades que foram alocadas por discursos imperiais racistas e patriarcais” (*Ibidem*, p. 288-289).

Até o momento tratamos como o crítico cultural poderá se munir das armas de guerra da intelectualidade orgânica, maestria artística, desconstrução para abalar o sistema e a desobediência epistêmica necessária. Veremos agora na prática como isso poderá acontecer na análise do romance *Samba*, e a maneira especial da crítica cultural usar outros teóricos de campos rivais para compreender os *sans-papiers*.

## **SANS-PAPIERS: CORPOS EXPATRIADOS QUE SE DEIXAM MORTIFICAR**

### **UM SUJEITO EXILADO A DEFINIR**

A observação de Edward Said (1935-2003) nos escritos de *Reflexões sobre o exílio* (2003) esclarece a tristeza existencial insuperável do sujeito exilado, com alma desassossegada por estar longe do seu lugar natal. Algo foi deixado para trás e não cabe a ele, se não aos deuses decifrar se terá como retomá-lo. O próprio autor sobre a expansão das obras de autores exilados, imigrantes e refugiados compiladas na cultura ocidental. Literatura essa que traz a angústia e a condição do autor.

Nesse ponto de vista Said (*Ibidem*, p. 49) prefere distinguir o nacionalismo do exílio, sendo que o primeiro se refere a grupos, o pertencimento a um povo e uma herança cultural, e o outro é “uma solidão vida fora do grupo: a privação sentida por não estar com os outros na habitação comunal”.

A ênfase defendida por Said que não nos parece restrita ao pensamento dele, dar lugar a outros teóricos referenciais no assunto. Assim, em *Do estrangeiro ao excluído: formas contemporâneas de classificação dos imigrantes africanos em uma organização humanitária francesa* (2011), Jaqueline Ferreira, professora adjunta do Instituto de Estudos em Saúde Coletiva da UFRJ, mostra como a política imigratória francesa usa a raça e as formas de classificação como um dispositivo para abolir o direito.

Primeiro, ela cita o sociólogo francês Alexis Spire (1999) para informar que o imigrante é relacionado ao trabalhador que não possui qualificação profissional, mas o estrangeiro é aquele que consideram apto para exercer os cargos mais elevados devido à boa formação. Nesse caso, o estrangeiro é o europeu



proveniente de países vizinhos, a saber, português, alemão, espanhol, entre outros, enquanto o imigrante são, sobretudo, os africanos, árabes e negros.

Contraopondo esse argumento, a filósofa francesa Julia Kristeva, em *Estrangeiros para nós mesmos* (1994), prefere elegê-lo como aquele que habita em nós e provoca questionamentos da nossa própria identidade. Ela não o concebe como um inimigo a ser aniquilado tal qual perpetua no imaginário das sociedades modernas.

A respeito do viajante e do turista, o antropólogo francês François Laplatine considera no livro *Aprender Antropologia* (1987) que nos séculos XVI e XVII, os viajantes coletam tudo quanto lhe fosse curioso de outros espaços, e no século XVIII, continua a fazer as observações, mas é o filósofo quem as esclarece. E para Jaqueline Ferreira em pesquisa realizada no dicionário Petit Robert, o turista seria uma pessoa que se desloca e viaja por prazer. Linhas à frente, ela afirma que são considerados perigosos. Sobre o refugiado, o narrador observador em *Samba* (*Ibidem*, p. 78) nos esclarece receber “o direito de asilo em troca de um passado terrível”.

Ferreira (2011) menciona a antropóloga e socióloga francesa Catherine Quiminal (1983) e o seu conceito de imigração intimamente ligado às sociedades imperialistas europeias que preferem os imigrantes brancos do sul da Europa ao invés dos árabes e negros. Portanto, é preferível que os últimos permaneçam em seus devidos países de origem, pois sua imigração em massa abalaria o mercado de trabalho e a identidade nacional.

Em relação aos *sans-papiers*, traz considerações de Didier Fassin (1996, 2005), antropólogo, sociólogo e médico francês, segundo o qual, a categoria clandestina se refere ao imigrante que não apresenta o visto de residência permanente tão pouco um trabalho regular. Dessa forma, eles são considerados pelos nacionais num largo repertório negativo como ilegítimo, criminosos, contestáveis. Porém, percebe-se que surgiram a partir das restrições cada vez mais adotadas na legislação francesa.

A ênfase defendida aqui propõe que nem todos os imigrantes estigmatizados chegam à França na condição de ilegais. Semelhantes à Samba, se tornam clandestinos à medida que leis são aprovadas para banir o seu direito de permanência no país. E os policiais são orientados a abordar qualquer um que tenha sua legalidade suspeita, mesmo sendo cidadão francês.

Parece pertinente inferir o pensamento do filósofo camaronês Achille Mbembe (2011), quando fala sobre *A universalidade de Frantz Fanon* e se encarrega de denunciar o processo de racionalização dos povos massacrados pela retórica da modernidade. Ele considera que a visão desse processo é marcar as minorias até onde possam circular e ocupar, a fim de afastar as ameaças e “assegurar a segurança geral” (*Ibidem*, p. 10).

Em sua contribuição para o debate, María Lugones, filósofa e feminista argentina se debruça em *Colonialidad y Género* (2008) na questão da colonialidade de gênero, denuncia a existência de um sistema moderno do colonialismo eurocêntrico, no qual os homens e mulheres brancas são considerados os detentores da razão e reprodutores da dominação colonial. E tendem a bestializar os negros e índios.

Ainda neste enfoque, o pensamento sobre a colonialidade do poder acerca da dominação e exploração colonial pelo suporte da raça tem o sociólogo peruano Aníbal Quijano como importante voz crítica. No capítulo “Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina” da obra *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas* (2005), ele afirma a raça como uma invenção moderna para legitimar a exploração colonial europeia.

Porém, a ficcionalidade do termo não impediu de causar perdas e danos reais em populações que foram exploradas e inferiorizadas pela raça. Ele nos mostra que a construção da raça remete aos binarismos branco/europeu/civilizado *versus* subalterno/irracional/bestializado cunhado aos indígenas, negros e amarelos. E vemos os *sans-papiers* serem subalternizados com base nessa cosmovisão etnocêntrica.

A perspectiva do filósofo francês Gilles Deleuze no texto *Em que se pode reconhecer o estruturalismo* (1982) aponta que toda estrutura se organiza em séries para manter as relações entre seus elementos e é, portanto, multisseriada. Então, podemos pensar que os países europeus selecionam o Outro, os enquadram em categorias de risco para impedir que sua livre circulação trouxesse perigos à nação. E, para agravar a situação do imigrante indesejado, ainda neutraliza-o por meio do encarceramento ou deportação.

É o que acontece com Samba, uma vez que ele algemado e interceptado com fita adesiva para que não tivesse ao menos ter a chance de defesa. Os policiais preferiram tão logo impedir que ele causasse algum dano à segurança nacional encarcerando-o e ao tentar deportá-lo. No seu desassossego antes de ser brutalmente impedido, ele grita, conta sua situação mesmo sem quererem ouvi-lo, e posteriormente reclama seus direitos junto à Cimade.

É importante notar que os vencedores (policiais franceses) tentam ao máximo convencer o vencido (imigrante clandestino) de que está errado. Estaria ele ilegal por escolha ou o país de destino que cuidou para que rapidamente fosse banido de sua fronteira? Ao não garantir o efetivo trabalho de entrega dos correios, Samba nem se quer pôde tomar conhecimento de sua condição ilegal. Soube por acaso.

Assim, começa a reconhecer a crueldade da França para com o imigrante. A respeito disso, em *O olhar do estrangeiro* (1995), o filósofo Nelson Brissac Peixoto descreve a pertinência do olhar estrangeiro como alguém que vê o que os originários do país destino não mais percebem. O estrangeiro é capaz de desmascarar a podridão do sistema. Diria que o imigrante ilegal na inconformidade da luta pelos seus direitos constitui-se como um forte aliado.

Samba Cisé, um representante da população de imigrante em situação irregular da França, os chamados *sans-papiers* advindos, sobretudo, da África Negra. As 47 nações<sup>2</sup> que compõem essa região, inclusive o Mali, país de origem desta personagem são considerados os mais pobres do mundo. Eles tiveram suas riquezas subtraídas pela Europa Ocidental, a qual se erigiu como um espaço cheio de riquezas e probabilidades das melhores condições de vida do planeta.

Se por um lado, os países ricos contraíram riqueza explorando os recursos naturais das nações que não puderam dizer não à invasão, a pobreza instaurada nos países da África Negra foi construída por eles. E a lógica da exclusão moderna é dificultar a entrada dos descendentes colonizados que buscam chances de manter-se em vida para além da pobreza de seus países de origem.

Podemos observar que a Europa ocidental na modernidade mudou a maneira de explorar e subjugar outros povos para manter a atualidade da colonização. Em relação, a exploração de trabalho, aproveita-se do imigrante que não é visto com bons olhos e tão pouco se considera isenta da dívida dos anos de exploração que lhe causou. Para ela, essa minoria nunca será bem-vinda. Quando não é propiciadora da criminalidade, será um mal que poderá ser aceito, apenas, como forma de contribuir com o crescimento da economia local.

Não obstante a má consciência que a Europa nutre a respeito do imigrante, eles continuam com o sonho de usufruir das possibilidades que ela poderá lhes oferecer. Os altamente qualificados recorrem à legalização e têm seus vistos de residência concedidos, mas por outro lado, os clandestinos se arriscam para alcançar a sobrevivência no país do colonizador. Portanto, nas duas formas eles têm sua força de trabalho absorvida na terra estranha configurando-se como potência para manutenção da lógica da colonialidade.

A respeito de sua condição imigrante, Samba não entra na França clandestinamente. Assim que chegou conseguiu um visto provisório, mas, após dez anos de estadia confiante na durabilidade do documento, vai à prefeitura pedir permissão para visitar a mãe que está doente no Mali, e descobre-se um

---

<sup>2</sup> A respeito dessa região, Rodolfo F. Alves Pena escreve:  
“A África Negra, também chamada de África Subsaariana, é a região da África que se encontra ao sul do deserto do Saara”. A expressão “África Negra” foi criada no século XIX pelos colonizadores europeus para se referir à região da África cuja população era majoritariamente negra e que ainda não tinha sido totalmente “descoberta” pela civilização ocidental.

Essa região é composta por 47 países, a saber, África do Sul, Angola, Benin, Botsuana, Burkina Fasso, Burundi, Camarões, Cabo Verde, Chade, Congo, Costa do Marfim, Djibuti, Guiné Equatorial, Eritreia, Etiópia, Gabão, Gâmbia, Gana, Guiné, Guiné-Bissau, Ilhas Comores, Lesoto, Libéria, Madagascar, Malauí, Mali, Mauritânia, Maurício, Moçambique, Namíbia, Níger, Nigéria, Quênia, República Centro-Africana, Ruanda, República Democrática do Congo, São Tomé e Príncipe, Senegal, Seychelles, Serra Leoa, Somália, Sudão, Suazilândia, Tanzânia, Togo, Uganda, Zâmbia e Zimbábue.

ALUNOS ONLINE. África Negra. Disponível em: <<http://alunosonline.uol.com.br/geografia/africa-negra.html/>>. Acesso em: 18 de jul. 2017.

*sans-papiers*. O visto tinha vencido e os correios não encontraram o porão em que vivia, com o tio para depositar o decreto de que precisava deixar o país imediatamente.

### **FORÇAS SUBTRAÍDAS EM ALHURES**

No artigo intitulado, *A mortificação do corpo em “É isto um homem?” de Primo Levi (2015)*, os professores José Carlos Felix e Juliana Cristina Salvadori constroem uma análise respaldada na violência e mortificação do corpo concebida pelo relato do autor na sua estadia em Auschwitz. A vertente evidenciada no texto se ancora na degradação humana provocada pelo trabalho. Havia uma lógica nos campos de concentração nazista na Segunda Guerra Mundial do corpo ser denegrado ao máximo por meio do trabalho, que chega a ser inumado na visão desses professores.

O *sans-papiers* não tem vida. As horas do seu dia são ocupadas pelo trabalho pesado. E a França precisa desses corpos mortificados pelo trabalho para manter-se limpa e em pleno funcionamento. Mesmo invisíveis, segundo a citação, eles estão lá dia após dia fazendo com que o lixo e a velhice pareçam não existir. No entanto, continuam a ser considerado um problema “já que o indivíduo-objeto é visto com hostilidade, como um animal cujo sacrifício não acarretaria nenhum prejuízo para a sociedade”(FELIX; SALVADORI, 2015, p, 51). Isso explica o porquê dele ser útil, mas condenado à deportação a qualquer momento.

Contudo, pouco a pouco essa minoria poderá ter uma tomada de consciência e perceber o mal que lhes afligiram para não permitirem mais alienar-se com o sistema. É isso que ocorre a Samba na descrição da narradora.

Em contrapartida, os *sans-papiers* usam os mais improváveis artifícios para permanecer usufruindo da estadia no na França. Eles aceitam os piores serviços e humilhações diversas para cumprir a promessa de enviar dinheiro às famílias deixadas no país de origem. Nesse caso, perdem a identidade original ao contrariar visto falso, emprestado ou roubado. Não raro passam a ser contratados nos *jobs* com nomes diferentes.

Em *A identidade cultural na pós-modernidade (1999)*, o sociólogo jamaicano Stuart Hall se preocupa com a questão da crise de identidade. A ocorrência do deslocamento da identidade mencionado por Hall é perceptível em Samba ao talhar sua desenvoltura, com trajés franceses, uso de pastas debaixo do braço e leitura de jornal no metrô para parecer-se um nacional. É aconselhado pelo tio, Lamouna Sow, que abraça essa astúcia e o encoraja a se portar de igual forma. Só assim, talvez, passassem despercebidos por uma

ronda da polícia e da denúncia dos olhares curiosos. Nesse sentido, o ressurgir de nossas identidades, segundo o autor, permite que o indivíduo moderno se torne fragmentado.

Há algo profundamente relevante ao tratar da fragmentação da identidade da personagem analisada que é a ausência da liberdade. Ele tinha se tornado um *sans-papiers* após a prisão, então, não poderia correr o risco de ser deportado.

O medo que tomou conta do seu ser tentava impedir que ele encontrasse forças para conservar-se longe de seus entes queridos. Pensava em deixar a França, mas certamente voltaria com as mãos vazias. De fato, o visto permanente emprestado pelo tio lhe permite encontrar empregos temporários variados, mas ele nem sabia mais quem era. A menção de seu nome só lembrava aos outros o simples desejo de dançar, e não o homem esperançoso que deixou o Mali para tentar a sorte na França.

Após a morte do pai por negligência de um hospital público no Mali, desperta em Samba uma aversão ao seu país. Para ele, somente a França daria condições dignas de sobrevivência e a expectativa de um futuro promissor. Dessa maneira, assim que conclui o Ensino Médio, aos exatos 19 anos, empreende uma viagem ao país dos seus sonhos. Houve quatro tentativas até conseguir chegar ao país destino. E ele foi pego todas as vezes, mas na última como um milagre consegue escapar da prisão e adentrar na França.

Com a perda do pai, sua mãe e duas irmãs precisavam dele para prover o sustento da casa. E isso o motiva sobremaneira a partir, a fim de trabalhar duro e angariar fundos de sobrevivência para a família que ficou dependente no Mali. Além de contribuir com o aluguel do espaço em que mora com o tio. Por isso, estava sem dinheiro algum no período que sucedeu a sua libertação.

Nessa perspectiva, a França que o encarcerou e obrigou a regressar, continuava lugar ideal para ele recomeçar. É interessante mencionar que Samba sofre um amadurecimento profundo após o encarceramento. Antes só pensava no dinheiro e depois, começa a ver que ser livre é mais importante.

Raiva da injustiça que os policiais lhe fizeram respaldados na política imigratória francesa, e no tempo que se dedicou exclusivamente em ajudar no crescimento econômico. Viveu dez anos para realizar os piores trabalhos. Ainda por cima ser considerado um peso para o país.

## **A SUBJUGAÇÃO DO ILEGAL NA FRANÇA IMIGRATÓRIA**

Ferreira (2011) elege uma seção em seu texto para se debruçar no panorama da participação dos trabalhadores imigrantes na França. Seu estudo afirma que os primeiros imigrantes foram recebidos no país como mão de obra no período de reconstrução do território na pós Segunda Guerra Mundial e na expansão econômica de 1960.

Os pesquisadores Bernard Dinh e Emmanuel Ma Mung ainda acrescentam no artigo *A política migratória francesa e o empreendedorismo imigrante* (2008), a recepção de imigrantes por causa do *déficit* demográfico ocorrido no período de final do século XIX. E sinalizam que a estratégia utilizada para atrair a mão de obra estrangeira foi à atitude do *laissez-faire* que concedia a mínima intervenção do Estado na entrada de imigrantes. E para atrair esses trabalhadores é criado, em 1945, o *Office National d'Immigration* (ONI), isto é, um Departamento Nacional de Imigração.

Entretanto, na década de 1970, com a recessão econômica e a elevação do custo de vida, a França decide abolir a imigração do trabalho e o imigrante passa a ser considerado o causador do retardamento econômico, aumento da criminalidade racial, e a ameaça à identidade nacional da nação como os africanos, árabes e negros. No intuito de controlar efetivamente a entrada deles na França, proliferam-se políticas públicas com leis que definem a sua situação legal. Mas que acabam condenando-os, a exemplo dos *sans-papiers*.

A professora da USP, Rosana Rocha Reis, pontua no texto *Migrações: casos norte-americano e francês* (2006) que de maneira estremada, nos anos de 1972 e 1980, o governo francês tentou aprovar a malograda imigração zero, que esbarrou nos direitos humanos. Já que os estrangeiros tinham o direito garantido pela Constituição de 1946 e a legislação da Europa de receberem seus parentes.

Afirma também que nos anos 1990 foram realizadas várias tentativas de reformular a política migratória francesa e dificultar a entrada e integração dos estrangeiros no país. Nesse sentido, ela cita a atitude do primeiro ministro socialista Michel Rocard que “ficou famoso ao justificar a adoção de voos *charters* para expulsar imigrantes ilegais afirmando: *A França não pode acolher toda a miséria do mundo*” (Ibidem, p. 69).

Denota-se na frase infeliz dessa personalidade política a predominância do olhar etnocêntrico para com o imigrante. No tocante a esse conceito, o professor, pesquisador e antropólogo Everardo Rocha no livro *O que é etnocentrismo* (1998) explica que na prática, o etnocentrismo se refere a um pensar sobre o mundo, cuja máxima é pensar o nosso grupo como centro. Enquanto os demais são analisados de acordo com os nossos princípios e valores.

Mas infere-se aqui a dificuldade percebida por Todorov (1993), linguista, filósofo e crítico literário búlgaro, que se consagrou como estudioso do humanismo francês e no tema da alteridade, em como nos abster em julgar o outro se o homem já nasce com a predisposição de ser etnocêntrico. Dito de outra forma, todos nós somos, por natureza, tendenciosos a eleger aspectos da nossa vida como melhores do que a vivência do outro, pois temos mais autoestima em nós mesmos. Então não podemos esperar que os governantes franceses agissem de maneira contrária... Seriam os únicos da Europa.

A personagem Samba é construída sob as bases da imigração seletiva atual. Segundo Eric Fassin, professor de ciência política na Universidade de Paris VIII, em 2005 o ex-presidente da França Nicolas Sarkozy fixou a divisão da imigração francesa entre escolhida e sofrida. Nesse caso, Caberia ao Estado determinar quem poderia ou não entrar na França. A primeira modalidade direciona a imigração para o trabalho enquanto a segunda seria familiar.

Mas Fassin aponta para a contradição existente na proposta do presidente, uma vez que família e trabalho estão correlacionados. Ou seja, o imigrante que ir à França para trabalhar poderá adquirir família ou levá-la se houvesse, e as famílias tendem a procurar emprego. Essa vertente mal formulada para dissimular o desejo francês em optar pela imigração zero mostra que, certamente, a situação do imigrante ilegal tem sido preocupante para o governo. O referido professor informa também que o problema da imigração existe porque é assistido e renovado.

Sobre essa questão, em *O triunfo da religião* (2005) o psicanalista francês Jacques Lacan menciona que as leis não evoluíram apesar do mundo ter evoluído. Infere-se aqui a indagação de que para quem as leis evoluíram ou não, pois em relação à política migratória elas mudam para manter o sistema ativo, sendo que rouba cada vez mais o direito de circulação do imigrante. Reis (2006) mostra um exemplo do tipo ao afirmar que se uma pessoa morar a 15 anos na França poderá permanecer no país pelo artigo 25 da lei de novembro de 1945. Mas as mudanças ocorridas na legislação em 1993 diz que o visto dessa pessoa não poderá ser renovado, caso esteja desempregada.

Foi nesse sentido que Samba imaginou ter o direito de permanecer na França por apresentar emprego fixo e viver no país há dez anos. Todavia, seu emprego de quatro anos na empresa de limpeza não estava na lista de trinta profissões que permitia obter o visto de residência, publicada em dezembro de 2008, o que dificultou sua condição de imigrante legal.

### **O DEVIR DESSE SUJEITO EXCLUÍDO**

Esse sujeito excluído pelo sistema, considerado criminoso, uma ameaça à economia e identidade nacional, mas que contribui com o desenvolvimento do mesmo, poderá emergir num sujeito novo engajando-se politicamente a fim de desmontar a discriminação legal. Samba luta pelos seus direitos ao recorrer à Associação de apoio aos imigrantes em situação irregular, mas poderia também aliar-se aos “irmãos” de mesma condição que se mobilizam nas ruas. Caso a autora se permitisse enveredar sua escrita nessa perspectiva.

De acordo com Reis, os *sans-papiers* foram bem ativos na década de 1990 e promoveram diversas manifestações para que o governo atentasse à sua causa. Uma vez que gostariam de tornar a imigração um direito humano. Impulsionado pela libertação de seu pensamento, Samba se revela como alguém que perdera tudo: seu nome, um emprego fixo e principalmente, o encantamento pela França.

Vale ressaltar que a autora denota a ideia de que o contingente de *sans-papiers* acabará um dia com a França e impedirá a sua felicidade. Essa citação soa como um etnocentrismo velado. Portanto, na procura dos rastros e sinais etnocêntricos como marcas individuais da autora, em menção ao texto *Sinais, raízes de um paradigma indiciário* (1990), do historiador italiano Carlo Ginzburg, até quem escreve a favor da causa dessa minoria deixa escapular a opinião da maioria. Mais do que nunca eles precisam se munir das armas de guerra e ir rumo à demolição da discriminação legal. Ir às ruas, mobilizar-se a favor do direito de permanecer no país que há anos condensou suas identidades.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão da proposta de pensar a condição dos *sans-papiers* sob o crivo da crítica cultural nos levou a constatar que o crítico cultural precisa se utilizar de conceitos inerentes a sua formação intelectual, com referência aos autores da área de Letras ou não, para tratar da questão das minorias. Os exemplos dados, mesmo que restritos a uma pequena amostra demonstrou o quanto é possível se apropriar de noções entre campos diversos.

A partir de Gramsci, que vem do marxismo, vimos à importância do intelectual orgânico e que todos podem vir a ser, caso deseje contribuir com intervenções sociais de modo a alcançar vidas subjugadas pelo discurso hegemônico e moralizador. E que seu conhecimento possa ir adiante da sua zona de conforto e grupo pertencente.

Agamben nos estimula como críticos da cultura, rememorar nossa infância, as fraturas e marcas que a metafísica ocidental e o sistema eurocêntrico colonial cravou em nós. Só restaram-nos inquietações, mas que podemos destrinchá-las por meio da escrita criativa. Dessa forma é preciso ir rumo à infância e o alcance da potência de inventar. Depois, avançar com nossos jogos e fantasias ao tempo em que nos reinventamos como pessoa e emergimos no intelectual que nossa sociedade precisa para mudar.

Com Derrida que auto se intitula antifilósofo aprendemos a desconstruir as oposições que nos foram dadas como verdade pela metafísica ocidental. Voltar o olhar para o subalterno, indivíduo relegado ao nada é o mesmo que tornar-se desconstrutor, uma vez que para ele nem uma estrutura nem outra é a verdade absoluta. Qual é o correto: imigrante legal ou ilegal? Cada um deve ser analisado, criticamente, de acordo



com as suas particularidades. Assim a noção de desconstrução abre espaço para discutir sobre as minorias, aquele que não está dentro da literatura canônica, mas fora e as suas diferenças.

Para Mignolo ainda se faz necessário abraçar a orientação descolonial como forma de agenciamento do pensamento e maneira de agir. Mas isso demanda ser desobediente epstemicamente. E esse é pensamento que redimirá nosso futuro para que as minorias que foram privadas do seu saber e modos de vida possam se revelar. Então, cabe ao crítico cultural desobedecer, se posicionar e lançar mão do seu poder social.

Na segunda parte do estudo volta-se a atenção para a análise do romance *Samba*, com ênfase no personagem Samba Cisé e a situação dos *sans-papiers* na França atual. Na ação do protagonista ter sido preso e condenado a ser expulso desse país sem ter nem o direito de explicar sua história construída em dez anos, foi possível perceber que os *sans-papiers* nunca serão bem-vindos na França. Por mais que trabalhem, paguem impostos e nunca façam nada de errado, além de não ter o visto permanente.

No entanto, esses excluídos têm suas forças de trabalho subtraídas nos serviços de limpeza e manutenção que os franceses rejeitam, e contribuem para manter a economia geral. Mas ainda são vistos como uma ameaça a essa economia. Assim, ao que parece como forma de desmontar a discriminação legal seria viável o engajamento político. Seria a revelação de num sujeito novo, revolucionário.

Esse exemplo é visível, parcialmente, na obra em questão, quando Samba luta pelos seus direitos ao recorrer à Cimade e conquistar mais 15 dias no solo francês, e que ele infringe. Confirmou-se que esse quadro não é puramente ficcional, pois os seus irmãos de mesma condição se mobilizam nas ruas, a fim de galgar o sonho de ver a imigração na francesa como um direito humano. Nessa perspectiva, como poderá o crítico cultural colaborar com esta causa? Parece-nos que em não se conformar com a discriminação legal e avançar em pesquisas sobre os *sans-papiers* para além das ideologias dominantes.

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. “Infância e história: ensaio sobre a destruição da experiência”. In: *Infância e história: destruição da experiência e origem da história*. Trad. de Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG; 2005.

CEVASCO, Maria Eliza. *As dez lições sobre os estudos culturais*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

CEVASCO, Maria Eliza *O sentido da Crítica Cultural*. Revista Cult. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/o-sentido-da-critica-cultural/>. Acesso em: 1 de set.2017.

DINH, Bernard; MUNG, Emmanuel Ma. “A política migratória francesa e o empreendedorismo imigrante”. In: OLIVEIRA, Catarina Reis; RATH, Jan (orgs.). Revista Migrações - Número Temático *Empreendedorismo Imigrante*, Outubro 2008, n. 3, Lisboa: ACIDI.

- FELIX, José Carlos Felix; SALADORI, Juliana Cristina. “A mortificação do corpo em “É isto um homem?” de Primo Levi”. In: *Ilha do Desterro* v. 68, nº 3, Florianópolis, set/dez 2015.
- FERREIRA, Jaqueline. *Do estrangeiro ao excluído: formas contemporâneas de classificação dos imigrantes africanos em uma organização humanitária francesa*. Revista *Anthropológicas*, ano 15, vol. 22, 2011.
- GILLES, Deleuze. “Em que se pode reconhecer o estruturalismo?” In: *História da filosofia: ideias, doutrinas*. Trad. de Hilton F. Japiassú. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- GINZBURG, Carlo. “Sinais, raízes de um paradigma indiciário”. In: *Mitos, emblemas e sinais*. Tradução de Federico Carom. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- HALL, Stuart. “Estudos Culturais e seu legado teórico” In: *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Liv Sovik (Org); Trad. de Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. de T. T. Silva e G. L. Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- JACQUES, Lacan. *O triunfo da religião*. Trad. de André Telles. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005.
- JUNIOR, Neurivaldo Campos Pedroso. *Jacques Derrida e a desconstrução: uma introdução*. Revista *Encontros de Vista*.
- KRISTEVA, Julia. *Estrangeiros para nós mesmos*. Trad. de Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- LAPLATINE, François. *Aprender Antropologia*. Trad. de Marie-Agnès Chauvel e prefácio de Maria Isaura Pereira de Queiroz. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- LE MONDE DIPLOMATIQUE. *A imigração seletiva na França*. Disponível em: <http://diplomatie.org.br/a-imigracao-seletiva-na-franca/> Acesso em: 30 de jun. 2017.
- LUGONES, María. *Colonialidad y Género*. Tabula Rasa. Bogotá - Colombia, julio-diciembre, 2008.
- MBEMBE, Achille. *A universalidade de Frantz Fanon*. Cidade do Cabo (África do Sul), 2 de setembro de 2011.
- MIGNOLO, Walter. “Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política”. Trad. de Ângela Lopes Norte. Cadernos de Letras da UFF: Dossiê: *Literatura, língua e identidade*, n.34, 2008.
- PEIXOTO, Nelson Brisac. “O olhar do estrangeiro”. In: NOVAES, Adauto (Org.) *O olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995
- ROCHA, Everardo. *O que é etnocentrismo*. São Paulo: Brasiliense, 1998.
- SAID, Edward. “Reflexões sobre o exílio”. In: *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Trad. de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- TODOROV, Tzvetan. *Nós e os outros: a reflexão francesa sobre a diversidade humana*. Trad. de Sergio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.
- WILLIAMS, Raymond. *A cultura é algo comum*. Trad. de Maria Elisa Cevalco. São Paulo: Departamento de Letras da USP, 1958.
- COULIN, Delphine. *Samba*. Trad. de Júlia da Rosa Simões. São Paulo: Paralela, 2015.
- PAIVA, Carlos Eduardo Amaral. *Cultura comum, reflexões acerca da obra de Raymond Williams*. Revista *Espaço Acadêmico*, nº 163, dezembro 2014.

## O NORDESTE E SUAS REPRESENTAÇÕES

Laisa Pinho de Souza<sup>1</sup>

Resumo: Nesta produção teórico-científica apresentamos o objeto de estudo da pesquisa de mestrado em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural da Uneb: o Nordeste e suas representações. Para cumprir com essa tarefa, nos respaldamos em Anjos (2000), Albuquerque Junior (1988; 1999) e Walter (2010) para discutir o Nordeste como espaço simbólico, construído histórica e culturalmente através de uma confluência de discursos e imagens.

Palavras-Chave: Constituição histórica. Espaço simbólico. Nordeste.

### INTRODUÇÃO

Nesta produção teórico-científica apresentamos o objeto de estudo sobre o qual debruçamo-nos para construir a pesquisa de Mestrado em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural da Uneb: o nordeste e a construção de suas representações. Ressalto, que embora o objetivo da pesquisa seja discutir essas representações na escrita literária, a partir da trilogia *Essa terra* (1976), *O cachorro e o lobo* (1997) e *Pelo fundo da agulha* (2006) de Antônio Torres, neste ensaio objetivamos uma discussão teórica sobre a constituição histórica e cultural do Nordeste enquanto espaço simbólico.

De início, é preciso raciocinarmos sobre o Nordeste brasileiro, o qual, para além de um espaço geográfico, é um espaço simbólico, investido de relações semióticas e de poder. Através de uma confluência de discursos e imagens, seus significados se constituíram historicamente, imprimindo-lhe uma identidade que, utilizando as terminologias de Anjos (2000) para nomear o processo de homogeneização dos espaços, não só no Brasil, mas em toda a América Latina, quis-se pretensamente *natural* e *totalizante*.

A esse respeito, Albuquerque Júnior (1988) argumenta que a imagem do nordeste está fortemente arraigada as secas, pois no momento em que a classe dominante da região norte do país descobriu nesse fenômeno climático uma arma para reclamar investimentos por parte do Estado para modernizar a infraestrutura produtiva da região e fortalecer-se politicamente, alicerçando-se as bases para a manutenção da conhecida indústria da seca, iniciou-se o processo de construção imagético-discursivo desse espaço.

Albuquerque Júnior (1999) também argumenta que o discurso regionalista da década de 1920 refletiu as diversas formas de se perceber e se representar o espaço nas diversas áreas do país. Segundo o autor, nesse momento a região centro-sul começou a se diferenciar das outras áreas do país, graças ao processo de industrialização e urbanização aí concentrados. Com a região centro-sul em latente

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB), linha de pesquisa Letramento, Identidades e Formação de Educadores. Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Maria Neuma Mascarenhas Paes. Endereço eletrônico: prof.laisa@hotmail.com.

desenvolvimento, passou a ocorrer um intenso movimento migratório, especialmente das regiões nordeste em direção ao sul (êxodo rural).

Esse processo de industrialização e urbanização do país, segundo Walter (2010) se intensificou durante os anos 1960 graças a tomada de empréstimos bilionários durante o governo militar, e nos anos 1980 graças aos planos de estabilização, a liberação e privatização econômica:

Em consequência do programa de modernização e industrialização do governo militar – projetos infraestruturais financiados mediante empréstimos de vários bilhões de dólares que criaram a dívida externa do país – e dos planos de estabilização, a liberação e privatização econômica dos anos 80 em diante, as contradições entre Nordeste agrário e o Sul tecnocrático não foram resolvidas, mas trasladadas para o interior nordestino e, por causa dos migrantes, para os centros urbanos, principalmente Recife, Fortaleza, Salvador, Rio de Janeiro e São Paulo (Ibid.: 32).

Assim, percebemos que durante muito tempo as políticas governamentais voltaram-se para a modernização da região sul. Apenas nos anos 1980 essa situação começa a mudar, mas ainda assim, a desconcentração industrial promovida pela relocação de empresas dos centros urbanos para as zonas do interior se mostrou tímida. Ainda segundo Walter (2010),

em consequência dessa distribuição econômica desigual entre as regiões e desse sistema de posse extremamente injusto, a pobreza é maior e mais comum no Nordeste do que no Sudeste e no sul. Ambos estes fatores estimularam a migração tanto das zonas rurais para as cidades e para o litoral, quanto do Nordeste para o Sudeste e o Sul entre os anos 60 e 90 do século passado (Ibid.: 33).

Ao lado dos discursos deterministas que condicionavam o Nordeste às secas e dos dados históricos acima expostos, a discurso literário teve grande influência na *invenção do Nordeste*. Segundo Walter (2010), a dicotomia geográfica nordeste/sul foi reinventada pela literatura, cujo marco foi a publicação de *Os Sertões* de Euclides da Cunha (1906). Desde então, segundo o autor “a oposição binária entre o paulista e o sertanejo tem se tornado uma constante do debate e da consciência nacional” (Ibid.: 33). O autor salienta que

A migração do Nordeste para o sul não foi somente promovida pelo discurso oficial e causada por fatores naturais (as secas) e econômicos, mas foi fomentada pelas imagens e discursos da ficção. *Vidas Secas* (1938) de Graciliano Ramos e *Seara Vermelha* (1946), de Jorge Amado, por exemplo, delinearam o Sul como lugar de esperança e sobrevivência para os nordestinos flagelados pelas secas e da exploração: o sul de Pernambuco com os engenhos de açúcar, o sul da Bahia com as plantações de cacau ou os estados de Rio de Janeiro e São Paulo com as plantações de café e as zonas industriais (Ibid.: 34).

Nessa perspectiva, Walter (2010) afirma que esse discurso literário desenhou o Sul como um *El Dourado*, a rota de fuga dos nordestinos que viviam em meio as intempéries climáticas e explorados por uma estrutura social comandada pelos oligarcas. Nas palavras do autor, o nordestino imaginava transformar sua condição de “flagelado explorado num trabalhador industrial que contribuiria para a construção e o progresso do país” (Ibid., p. 34).

Walter (2010) ainda cita Santiago que sugere que enquanto os escritores realistas/naturalistas deram ao nordeste uma imagem romântica, os escritores da década de 1920 e 1930 espelharam-se na realidade geográfica, social e histórica do Nordeste, denunciando suas injustiças e desigualdades sociais. Ainda segundo o autor, “escritores como Graciliano Ramos, Jorge Amado, José Américo de Almeida e Raquel de Queiroz incorporaram dialetos e idioletos regionais na sua escrita, denunciando a vida dura e o sofrimento do nordestino” (Ibid, p. 35), mas também, em resposta a uma concepção sulista de nação, na qual São Paulo foi eleito como a “capital cultural de um novo Brasil” moderno e industrial, o discurso regionalista criou uma “contra-imagem do nordeste [...] caracterizado como um lugar de miséria, fome, fanatismo religioso, economia latifundiária e cangaço, berço rural e tradicional da cultura e identidade nacional” (Ibid.: 35).

Nesse sentido, Walter (2010) faz uma crítica a este discurso fundado pela literatura regionalista, já que segundo o autor, não levava em conta a diversidade cultural que permeia o Nordeste, concebe-o como um bloco homogêneo, vejamos:

Este ufanismo regional, junto com a não problematização das diferenças intraculturais da região – penso em tais questões como raça, etnicidade e o gênero – criaram uma imagem homogênea de uma região altamente heterogênea (Ibid.: 35).

Dessa forma, o discurso regionalista acabou contribuindo com o discurso oficial, identificando a civilidade no sul do país e a barbárie no Nordeste. Assim, fica claro como o discurso regionalista teve um importante papel na construção da identidade do Nordeste, identidade esta, calcada em estereótipos sociais.

Anjos (2005), no entanto, de encontro a essa percepção homogeneizante dos espaços, advoga a existência de nordestes, tão diversos que não podem ser pensados a partir de uma identidade fixa. Nos rastros dos estudos culturais e pós-coloniais, Anjos (2005) investe em termos que evidenciam processos de hibridismo e flexibilidade cultural oriundos do processo de globalização cultural. Os artistas associados ao movimento mangue beat são citados por esboçar uma ideia mais madura do que seria a identidade cultural nordestina na contemporaneidade: a particularidade dos mangues se originarem das trocas orgânicas entre as águas do rio e do mar transformaram-se em metáfora para evidenciar as trocas culturais entre as formas de vida. A ideia de uma nordestinidade, seria “agora tecida sobre um delicado e complexo mapa de influências recíprocas e de negociações com outras culturas” (ANJOS, 2000, p.5).

Nessa perspectiva, a arte, devido ao seu potencial em representar/recriar artisticamente, é um dispositivo que tanto poderá reforçar discursos e representatividades hegemônicas, assim como desestabilizá-las. Dessa prerrogativa, questionamos: como a literatura contemporânea representa esse espaço na contemporaneidade? Com o fito de raciocinarmos sobre essa questão tomaremos a trilogia *Essa*

*terra* (1976), *O cachorro e o lobo* (1997) e *Pelo fundo da agulha* (2006) para desenvolver um trabalho que tentará entender que nordeste ou quais nordestes são representados artisticamente na escrita de Antônio Torres. Para justificar a escolha das referidas obras, passemos a apresentação de cada uma delas.

*Essa terra*, cuja cenografia é ambientada no Junco, hoje Sátiro Dias, terra natal de Antônio Torres, conta a história da família Cruz, composta pelo pai, pela mãe e pelos seus doze filhos. Totonhim, um dos filhos do casal, é o personagem que narra as histórias da família, assim como daquele universo sociocultural. A história desenrola-se através da história do personagem principal, Nelo, que seduzido pelo “Sul maravilha”, migra em busca de melhores condições de vida. Após vinte anos na metrópole e sem conseguir se inserir na lógica neoliberal, retorna à sua cidade natal, talvez acreditando reencontrar-se com as suas raízes, porém o suicídio cometido logo nos primeiros dias de seu regresso evidenciam a sua sensação de não-lugar. A narrativa termina, quando após o suicídio de Nelo, Totonhim também vai em busca de melhoria de vida e parte para São Paulo.

Por sua vez, *O cachorro e o lobo* retoma a história do romance *Essa terra*, quando, após 20 anos, Totonhim faz uma rápida visita ao Junco, graças ao aniversário de 80 anos de seu pai. Perdido em memórias, constata a chegada do progresso a sua terra natal. Nesse regresso passageiro, Totonhim faz um paralelo entre o Junco de vinte anos atrás e a do tempo presente e até mesmo entre aquele Totonhim sertanejo, cheio de sonhos e expectativas que vislumbrava nas luzes da cidade grande o caminho para sair da pobreza, e o Totonhim de agora, com 40 anos, casado, com dois filhos e empregado no Banco do Brasil (aterrorizado pela possibilidade de perder o emprego), que conquistara junto com a esposa a compra de um apartamento, pago em 15 anos. Em seu regresso, observa *in lócus* as mudanças ocorridas no lugar, a chegada do progresso. A cidade já tem luz, eletrodomésticos, posto telefônico, casas começam a ter arquitetura mais modernas, a estrada ganhou asfalto. Percebe que partir para cidades maiores, especialmente São Paulo, já não é novidade, mas uma situação rotineira.

Para fechar a trilogia, em *Pelo fundo da agulha* Totonhim, agora aposentado, divorciado e em um quarto de hotel, novamente imerso em fragmentos de memórias, refaz a sua trajetória de vida. É, pois, uma viagem introspectiva, um diálogo com o “eu” mais íntimo, no qual revisita seus sonhos pretéritos, seus amores, suas relações familiares, como foi se constituindo através de suas escolhas e dos lugares pelos quais passou e foi perpassado, enfim é um acerto de contas com o tempo. Segundo o autor, *Pelo fundo da agulha* foi a tentativa de “fazer uma reflexão sobre este crepúsculo do mundo em que vivemos. Um mundo pós-utópico, pós-modernista, pós-tudo. Entendo que por trás dos impasses do personagem Totonhim não estão apenas os meus próprios. Nem apenas da minha geração. O que me parece é que de repente nos vemos todos — jovens, adultos e velhos — numa espécie de encruzilhada do tempo, em busca de uma saída para o futuro. E onde está esta saída? Eis a questão” (TORRES, site pessoal).

Como vimos, há um dialogismo constitutivo na trilogia torresiana. Dado a esse dialogismo, leremos as obras como um *continuum*, tendo *Pelo fundo da agulha* como o fio condutor de uma costura enviesada da trilogia, posto que representa a fase de vida mais amadurecida do personagem e oportuniza a revisita a lugares, questões e conflitos postos em suas precursoras.

Com esse trabalho, acreditamos seguir os rastros de Deleuze (1974), pois ao discutirmos os significados sobre o nordeste como constructos sócio-histórico-culturais colocaremos a transparência da linguagem em questão, operando nos signos linguísticos e dissecando significantes e significados, assim como os rastros de Derrida nos convida a problematizar as bases que compõe o pensamento e a linguagem ocidentais, que funcionam de maneira binária e hierarquizada e revestem-se de uma falsa essência, pura, verdadeira e divina. Entendemos a dicotomia nordeste/sul como um binarismo que naturaliza a inferioridade do Nordeste.

É preciso questionar constantemente a linguagem e os seus pressupostos, atentar aos seus significados construídos. Dessa forma, problematizaremos como o espaço nordestino, através da linguagem, foi e é significado cultural e historicamente, quais as relações de poder que perpassam esses significados, quais investimentos ideológicos lhes foram feitos, assim como questionar se esse espaço é ressignificado pela escrita torresiana. Nas palavras de Agamben (2005), será um esforço para pensar/utilizar a língua como o lugar da política, de montar um discurso que fragilize e desconstrua os pressupostos hegemônicos.

Essa problematização e desconstrução dos pressupostos hegemônicos ocorrem à medida que tomamos consciência (crítica) daquilo que formou as nossas subjetividades e ordem sociocultural, isto é, a linguagem e a racionalidade *irracional* metafísica. A literatura para Barthes constitui-se como uma potente arma para desestabilizar os sentidos que já estão dados na e através da linguagem, fomentadora por excelência de reflexões que nos permitam reelabora-los, graças as suas três forças: a *mathésis*, sua forma singular de dialogar com outras ciências, sem a elas se curvar, numa reflexão infinita do próprio saber; a *mimésis*, a representação do irrepresentável (o real) através do jogo com os signos, isto é, a *sémiosis*.

Enfim, é inegável o potencial literário, no descortino de nossos (pre)conceitos, formas de significar o mundo e a nós mesmos, haja vista que “[...] tornar o mundo compreensível transformando a sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas” (COSSON, 2006, p. 17) é uma tarefa inegavelmente literária. E é devido a isso que embarcaremos no mundo proposto pela trilogia de Torres para pensar as estruturas de poder e de significação desse nosso espaço nordestino.

## REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. *Infância e história: destruição da infância e origem da história*. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005, 188p.
- ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. *A seca no imaginário nordestino de problema a solução (1877-1922)*. Unicamp: Dissertação de Mestrado 1988.
- ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Ed. Cortez, 1999.
- ANJOS, Moacir dos. *Vinte notas sobre identidade cultural no nordeste do Brasil*. Anais do Encontro de Arte Latina. UFRJ, 2000. Disponível em <<http://www.pacc.ufrj.br/artelatina/home.html>>
- BARTHES, Roland. *Aula*: Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Coutrix, s.d..
- COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006.
- DELEUZE, Gilles. *A lógica dos sentidos*. São Paulo: Perspectiva, 1974
- DERRIDA, Jacques. *Posições*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- TORRES, Antônio. *Essa terra*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1979.
- TORRES, Antônio. *O cachorro e o lobo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- TORRES, Antônio. *Pelo fundo da agulha*. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- WALTER, Roland. *A ficção de Antônio Torres e João Ubaldo Ribeiro: entre o deslocamento e a relocação num espaço não fronteiriçado*. In.: NOVAES. Cláudio Cledson; SEIDEL. Roberto Henrique, (org.). Espaço nacional, fronteiras e deslocamentos na obra de Antônio Torres. UEFS editora, Feira de Santana, 2010.



## PETROLÂNDIA VELHA: ENTRELAÇES DA MEMÓRIA E FIAÇÕES HISTÓRICAS

Laíze Siqueira Silva<sup>1</sup>

*Resumo:* A ideia de pertencimento a um lugar, ou talvez a um território, por vezes, se torna algo muito significativo na vida de pessoas ou sociedades inteiras. Objetiva-se com esse projeto analisar o deslocamento territorial e suas consequências na vida social, econômica e cultural dos sujeitos de Petrolândia Velha em Pernambuco, com base nas memórias da “Antiga Cidade” inundada pelas águas do Rio São Francisco, em consequência da construção da usina hidrelétrica “Luiz Gonzaga”. Uma ação em que se percebe o uso do poder em favorecimento dos interesses capitalistas e o desprezo pelas camadas populares e seus modos de vida. O estudo será realizado através de dados colhidos em pesquisa bibliográfica e a história oral de Petrolândia Velha. Logo, os dados informativos sobre a história da cidade serão coletados a partir de entrevistas, vídeos, coletânea de fotos e visitas a ambientes que preservam objetos da velha cidade, para que se possa ter o máximo de aproximação com os fatos. Esse trabalho tem como aporte teórico: Edil Silva Costa, Deleuze e Guatarri, Giorgio Agamben, Silviano Santiago, Jessé de Souza, entre outros. Entretanto, vale salientar que os primeiros contatos deixam entrever que o afastamento de seu território de origem constitui-se algo contundente por se tratar não apenas de uma mudança espacial, mas a interrupção de uma história arraigada na mente e no coração dos sujeitos ribeirinhos.

*Palavras-chave:* Narrativas. Territórios. Cidade Velha.

### INTRODUÇÃO

Falar do caminho traçado, ou da trajetória acadêmica rumo às realizações ou conquistas tão almeçadas, torna-se até um tanto emocionante, por olhar para trás e perceber que longos caminhos já foram percorridos, embora, muitos outros, quem sabe até mais íngremes, ainda estão por desbravar; no entanto, apesar das dificuldades, não vale a pena desistir, porque o valor das perdas é significativo, é muito mais sensato e compensador enfrentar o que vem pela frente. Assim sendo, tentarei mostrar, ainda que de forma bastante principiante, o meu acesso às atividades como pesquisadora.

Então, após a conclusão da Graduação em Letras com habilitação em Português/Inglês no ano de 2012, em que pude assistir aulas com o Professor de Literatura Raul Ferreira, que muito nos incentivou à crítica literária, dei continuidade aos estudos no ano seguinte, realizando a Especialização em Língua Portuguesa e Literatura, pelo Centro de Ensino Superior do Vale do São Francisco – CESVASF, na cidade de Belém do São Francisco - PE. Logo que conclui a graduação, fui convidada pela Instituição para trabalhar como professora substituta, onde dentre outras, lecionei a disciplina “Literatura Africana”, que muito contribuiu posteriormente para o meu ingresso no Programa de Pós-Graduação e Crítica Cultural – Pós-Crítica.

---

<sup>1</sup> Mestranda do programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB), linha de pesquisa Literatura, produção cultural e modos de vida. Orientadora: Prof.ª Dr.ª Edil Silva Costa. Endereço eletrônico: laizesiqueira@hotmail.com.

Concluída a Especialização de que falei anteriormente, passei a ensinar na Faculdade Sete de Setembro – FASETE, em Paulo Afonso – BA, onde ainda leciono como professora do curso de Letras. Assim, cresceu não só o desejo como também a necessidade de continuar me especializando; deste modo, parti para o mestrado. E daí, encontrar o objeto que se tornaria o ponto principal de pesquisa é fundamental para o acesso, permanência e conclusão desta nova etapa de vida acadêmica.

### **TRAJETÓRIA: ENCONTRO COM O OBJETO DE ESTUDO**

Fiz a inscrição para aluna especial em Crítica Cultural na Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campos II – Alagoinhas – BA durante dois módulos, isto é, cursei duas disciplinas da Linha II: “Políticas de Letramento” com a Professora Dr.<sup>a</sup> Cláudia Martins e, “Linguagens na Sala de Aula” com as Professoras Dr.<sup>a</sup> Nazaré Lima e Dr.<sup>a</sup> Lícia Barbosa, já que pensava em continuar com a temática trabalhada na especialização, “O Letramento no Processo da Produção Textual”.

No entanto, uma coisa me inquietava, a história de Petrolândia Velha – PE, sendo ainda mais fomentada nas aulas de Políticas de Letramento, quando foi trabalhado o filme ‘Narradores de Javé’, de Eliane Caffé, que dialoga extremamente com a história dos moradores de Petrolândia, em que numa mímese da realidade, os habitantes lutam para salvar o povoado de Javé de uma inundação, também proveniente da construção de uma barragem. Deste modo, teriam que comprovar a posse das terras, produzindo documentos científicos comprobatórios que validassem suas origens, seus antepassados como donos daquelas terras. Porém, sem sucesso, tiveram que ser transferidos do seu chão.

Sou paraibana, casada com um petrolandense. Desde que passei a morar na “nova” Petrolândia, em conversas com ribeirinhos, não só familiares, mas alguns outros remanescentes da “Antiga Cidade” percebi a consideração de perda e a demonstração saudosa com que rememoram a vida de outrora. Alguns colecionam vídeos, fotos, objetos e, até as ruínas da catedral que pontilha o lago que banha a Nova Petrolândia, tornou-se o cartão postal da cidade. Esse saudosismo está expresso em poemas, em músicas e muitas outras formas de declarações. Posso citar, dentre muitos outros, o poema:

Petrolândia, nós te amamos<sup>2</sup>  
Que felicidade falar da velha cidade  
Relembrar das boas recordações  
Da infância... das escolas... das amizades  
Do belíssimo rio São Francisco  
Da grandeza... da riqueza... da Natureza

---

<sup>2</sup> MELO, João Bosco de. (01/07/2017). Disponível em: <<http://www.assisramalho.com.br/2017/07/petrolandia-nos-te-amamos-homenagem-de.html?m=0/>>.

Petrolândia dos nossos corações.

Da rua da Linha, do Clube Piçarrinha,  
Da inesquecível Igreja Matriz  
Do Padroeiro São Francisco de Assis  
Da presença de Gilberto do Parque Lima  
Das manhãs de setembro... das alvoradas  
Do céu azul tão bonito... que faz recordar  
O grande artista denominado Ruy Sá.

Êta! Petrolândia amada  
Do Cruzeiro... do Shell... da cachoeira  
Do campo de aviação e seu Armandão  
Da radiante Neguinha do Restaurante  
Do cais do porto... do trem... da estação  
Dos estádio... o Hiltão e Gameleira  
Da Unsina e da família de "Edson Madeira".

Petrolândia da Pop Discos de Mauro  
Terra boa... do cinema de Valmir  
Lembrando dos anos oitenta  
Do show do ano de Waldick Soriano  
Do ator e humorista... Arnoud Rodrigues  
Que era um grande serra talhadense.  
Petrolândia do vivaz Jadilson Ferraz.

Do grupo musical Happy Men de Josemir  
Do grupo Novo Eskema de dona Marieta  
Do Clube Grêmio Lútero Recreativo...  
Da rua da Frente... de seu Valter da farmácia  
Da praça ornamentada Antônio Correia  
Da bonita rua Gonçalves Dias  
Aonde eu morei e jamais esquecerei.

Saudade da velha cidade  
Lembranças da velha Barreiras  
Petrolândia das festas juninas  
Do São João na casa de seu João Coringa.

Petrolândia de um povo festivo  
Dos carnavais do folião Pantaleão  
Do bloco avenida... da bonita multidão  
Do campo o Poeirão... do Letreiro e do Areião  
E um forte abraço pra Turma do Tacho.

Lembrando do showmício  
E da grande cantora Amelinha  
Ao lado do Clube O Piçarrinha  
E da música *Foi Deus que fez você*.

Resumindo e finalizando  
Com em Deus... Até para o ano  
Parabéns, Petrolândia-PE  
Pelos seus 108 anos.  
Nós te amamos!

Autor: João Bosco de Melo (01/07/2017)

Outrossim, trabalhando com alunos do 8º Ano em 2014, na Escola Municipal 07 de Setembro, desenvolvendo as atividades destinadas à preparação para as Olimpíadas de Língua Portuguesa, com a temática “O lugar onde vivo”, em que foi trabalhada a leitura e produção textual do “Gênero Memória”, também visitamos o espaço “Trupé Cultural”, onde estão expostas fotos, objetos, artigos diversos, provenientes da antiga cidade. Os alunos ainda realizaram atividades de entrevistas a familiares, contação de histórias, entre outros trabalhos. Isso acendeu ainda mais a curiosidade de pesquisar sobre a vida na cidade velha, o processo de inundação (continuando no tópico seguinte), a história, e registrar as memórias dos indivíduos moradores deste município.

Assim, surgiu o Projeto de Pesquisa “Petrolândia Velha: Entrelaces da Memória e Fiações Históricas”. E, em cada leitura feita, desde o momento que entrei como aluna especial, ainda que, cursando a princípio, disciplinas da linha II, fui instigada a pensar sobre o assunto, aflorando em minhas análises a crítica cultural.

Passando pelas aulas de Teoria Literária, com destaque dos autores Terry Eagleton e Raymond Williams, ambos pensadores da cultura popular, permitiram-me pensar as memórias a partir das modificações realizadas pela cultura, na cultura e na natureza do lugar de origem de cada indivíduo. Como também, nas aulas do Professor Osmar Moreira e da Professora Neuma Paes, que dentre tantas discussões, promovem a crítica sobre “democratização no Brasil” e sobre “como o país se deixa manipular pela elite”, que me faz analisar o motivo pelo qual a cidade que pesquiso foi inundada.

Em seguida, veio o olhar de minha orientadora, fazendo-me refletir e definir claramente o Objeto de Pesquisa.

Em toda essa trajetória, as informações adquiridas consistem em um constructo de ideias que vão chegando às vezes vagamente, outras vezes em turbilhões de fragmentos, que necessariamente, devem ser condensados e relacionados com o objeto, que passo a passo vai criando *corpus*, criando forma. E, conseqüentemente, vamo-nos firmando como críticos literários.

## **UM OLHAR CRÍTICO SOBRE O OBJETO DE PESQUISA**

As submissões a que são passadas o projeto de pesquisa vai simultaneamente promovendo transformações e tomando caminhos que estreitam a relação com o objeto de estudo, ou seja, vai tornando-o mais específico.

A primeira exposição do meu anteprojeto, após a entrevista, foi na aula de Metodologia Científica. Ele trazia o Título “A Desterritorialização na História e na Ficção: Memórias de Petrolândia Velha em diálogo

com o filme “Narradores de Javé”.” Até então, eu pensava a desterritorialização como foco de pesquisa, no entanto, o Professor Osmar Moreira começou o desmonte, dizendo que o meu objeto era “Petrolândia Velha”.

Passado também pelo crivo da Orientadora a Professora Edil Silva Costa e do Professor Arivaldo Lima, na reunião do Grupo de Pesquisa Nutopia, muitos outros questionamentos foram levantados sobre o objeto de estudo, como por exemplo, o que se deve pesquisar; o que se pretende alcançar com as entrevistas que provavelmente sejam realizadas.

Outra orientação feita por ela, é que, o filme não necessariamente faz parte do objeto, podendo apenas ser citado como referencia. E assim, o processo de estudo vai caminhando no intuito de concluir um rentável trabalho de arquivo de memória, já que poucos registros se têm grafado acerca dessa história.

Assim, por ocasião do Seminário Interlinhas, as Professoras M<sup>re</sup> Anória de Oliveira e Nelma Paes confirmam a orientação e, passo a trabalhar o tema “Petrolândia Velha: Entrelaces da Memória e Fiações Históricas”, como já citado anteriormente.

O que sei a principio, é que os habitantes desta antiga cidade pernambucana, dantes localizada no submédio São Francisco, no ano de 1988, receberam a bombástica notícia por intermédio da Companhia Hidroelétrica do São Francisco – CHESF, que todo o território municipal seria inundado por consequência da construção da usina hidroelétrica “Luiz Gonzaga”.

Assim sendo, todos os moradores deveriam abandonar tudo que até então havia sido construído por algumas gerações antepassadas, como também por eles próprios. Logo, O exílio acontece, levando consigo o sentimento de perda, as marcas de uma cultura arada, plantada, semeada no âmago dos exilados, que ainda carregam em suas lembranças a viva memória de outrora.

Portanto, o suposto desenvolvimento visado para a região parece lembrar uma espécie de colonização, que não inundou apenas o sitio histórico, mas também o passado histórico desse povo.

## **ARTICULAÇÃO DO OBJETO COM ALGUNS APORTES TEÓRICOS**

Pensando a história de Petrolândia, bem como de outras tantas cidades que foram também inundadas por consequência da construção de barragens, em nome de um progresso que se quer pensou nos impactos ambientais, nem tão pouco nos danos e mágoas causados aos ribeirinhos moradores destas comunidades, surgem os questionamentos: Até que ponto democracia é democracia? Será que em nome da democracia é aceitável burlar o direito do outro em busca de interesses convencionais ou de uma parcela que visa interesses próprios?

Há um dito popular que diz: “O meu direito acaba quando o direito do outro começa”. Ou será que nos fazemos de desentendidos, buscando muitas vezes não o bem comum, mas aquilo que irá nos beneficiar de alguma maneira, e assim, desrespeitamos ou minorizamos o que é do outro, sem avaliar os males causados por nossas iniciativas?

Vale salientar aqui, o questionamento feito por Silvano Santiago no texto “Democratização no Brasil – 1979-1981” (Cultura versus Arte)<sup>3</sup> : “Quando é que a cultura brasileira despe as roupas negras e sombrias da resistência a ditadura militar e se veste com as roupas transparentes e festivas da democratização?”. Talvez sejam estas “roupas festivas da democratização” que procuro achar, quando vejo a ideia de progresso estendida pela desapropriação do território que parecia ser dos ribeirinhos de petrolândia, como também de mais de um milhão de pessoas que já foram atingidas pela construção de barragens no Brasil, perdendo suas terras, expulsas de seus locais de vida, sem direito a optarem por proteger os seus bens. É o que nos passa a música “Recordações” do cantor e compositor petrolandense, Rui Sá, que além de revelar a saudade sofrida, faz uma crítica ao motivo do acontecimento:

Recordações<sup>4</sup>  
Rui Sá  
Temos às margens de um rio Petrolândia  
Cidade que um dia esse nome bonito se deu  
Famílias que tiveram seus filhos assim como eu  
Petrolândia  
Um dia chegou bem mais forte a força do progresso  
Falando primeiro e mais alto do que a própria razão  
Sangrando e desmarcando o compasso do coração  
Petrolândia  
Em cada manhã de setembro quando eu acordar  
Lembrarei de uma banda tocando alvoradas no ar  
O céu todo azul tão bonito  
Gente querendo olhar  
Bandeiras, crianças, desfiles  
E um hino pra se cantar  
Petrolândia  
Levo guardado na mente  
Lembranças que serão permanentes  
Recordações  
Quantas emoções  
Petrolândia  
Petrolândia

---

<sup>3</sup> SANTIAGO, Silvano. “Democratização no Brasil - 1979-1981. (Cultura versus Arte) – (p. 1). Disponível em: [www.reggen.org.br/midia/documentos/democratizacaonobrasil.pdf](http://www.reggen.org.br/midia/documentos/democratizacaonobrasil.pdf).

<sup>4</sup> SÁ, Rui. Recordações (cantor e compositor: Rui Sá). Disponível em: <http://www.assisramalho.com.br/2014/06/petrolandia-morre-o-cantor-e-compositor.html>.

Dentro desta perspectiva, para Jessé de Souza, no livro “A Tolice da Inteligência Brasileira” (2015, p. 9-10), “Indivíduos e classes sociais inteiras têm que, efetivamente, ser feitos de “tolos” para que a reprodução de privilégios tão flagrantemente injustos seja eternizada”.

É compreensível, portanto, que isso não apenas se restrinja a perdas materiais, mas a uma memória que perpassa, transcende o plano do aspecto físico e reflita em uma representatividade do “ser”, que a partir desse deslocamento não será mais o mesmo, embora, não consiga se desvencilhar completamente de sua história, a conduz para a construção de uma nova trajetória, tendo que conviver e enfrentar as consequências que provavelmente advenham.

Como no caso destas cidades, que se quer, foram cumpridos os projetos prometidos. A população chegando a ser transportada antes que fosse instalado necessariamente o saneamento básico, as ruas asfaltadas, dentre outros serviços que eram indispensáveis ao recebimento da população. Lembro-me que quando cheguei a Petrolândia no ano de 1999, a orla que circula as margens do Rio São Francisco era um matagal sem asfalto em que corriam alguns esgotos da cidade para o rio, e a orla propriamente dita, fora apenas construída posteriormente pelo governo municipal.

É possível que muitos munícipes da antiga cidade tenham sido facilmente ludibriados a acreditarem que a transposição para a nova cidade era sinal de progresso a esta comunidade, ideia esta que faz jus a pressupostos de uma cultura capitalista manipulada pelo Estado. Assim, abandonar todo um constructo de vida em troca de uma “nova civilização”, idealizada, construída pela cultura hegemônica, a cultura do outro, revela ainda mais que:

A reprodução de todos os privilégios injustos no tempo depende do “convencimento”, e não da “violência”. Melhor dizendo, essa reprodução depende de uma “violência simbólica”, perpetrada com o consentimento mudo dos excluídos dos privilégios, e não da “violência física” (SOUZA, 2015, p. 7).

Isso se configura em uma ordem política que modela o humano em uma configuração passiva, súdita, capaz de aceitar e muitas vezes se acomodar, acreditando não ter como lutar contra o poder que favorece os interesses capitalistas, desprezando as camadas populares e seus modos de vida. Que democracia é essa? Que progresso é esse? E, depois de ser transportada para o lugar idealizado, qualquer mínima solução empreendida pelo estado a esta comunidade, é realizada como se estivesse fazendo um favor, e, estes sujeitos passam a ser considerados um problema, sempre necessitando da ajuda do poder dominante.

Muitos privilégios acabam sendo reservados para poucos, poucos ostentam o poder e governam, e ditam, e se beneficiam com os bens dos outros, vão sempre terceirizando, passando a culpa adiante para não justificarem o acúmulo de suas riquezas ilícitas, “por exemplo, de que os problemas brasileiros não vêm

da grotesca concentração da riqueza social em pouquíssimas mãos, mas sim da corrupção apenas do estado” (SOUZA, 2015, pág. 08, 09). E, em forma de um conhecimento elaborado por mentes intelectuais:

Retira-se dos indivíduos a possibilidade de compreender a totalidade da sociedade e suas reais contradições e conflitos, os quais são substituídos por falsas questões. A fragmentação do conhecimento serve aos interesses dos que estão ganhando na sociedade, já que evitam sua mudança possível. A ação da mudança, a capacidade moral e política de escolher caminhos alternativos pela vontade de intervir no mundo, pressupõe “conhecimento do mundo” para não ser “escolha cega” (SOUZA, 2015, p. 14).

Entende-se, que isso acontece por meio da linguagem, “que por sua vez, serve para manifestar o conveniente e o inconveniente, assim como o justo e o injusto; isto é próprio e exclusivo dos homens perante os outros viventes, o ter a sensação do bem e do mal, do justo e do injusto” (AGAMBEN, 2005, p. 15). Nisso, a linguagem pode ser notada com uma espécie de poder, e que, quem sabe o convencimento quanto à saída da cidade submersa, embora traga tanta saudade, para alguns fora acentuado de forma tão forte que estas pessoas sofrem a perda, no entanto, aceitando que tinha que ser assim mesmo.

Por outro lado, partindo do processo de readaptação de reconstrução territorial ou reterritorialização, para DELEUZE e GUATTARI (1997, p. 224) “A função de desterritorialização: D é o movimento pelo qual “se” abandona o território. É a operação da linha de fuga.” No entanto, estes escritores também acreditam que “[...] A D pode ser recoberta por uma reterritorialização que a compensa, com o que a linha de fuga permanece bloqueada; nesse sentido, podemos dizer que a D é negativa”. É possível ser compreendido, portanto, que o encontro com o novo provoque realmente impactos desagradáveis, desconfortáveis, pois o diferente sempre causa estranheza.

Tenho bastante interesse em conhecer tudo isso de maneira mais aproximada e envolvente durante a pesquisa. Como diz a Professora Edil Costa<sup>5</sup>:

Seja na caixa de sapatos, seja em sacos plásticos [...] Esse passado, muitas vezes traduzido em objetos, quinquilharias, mas também em imagens, manuscritos e impressos é parte do sujeito e revela sua história. Desejo de preservação de uma memória, de uma época, fragmentos de vida dessas pessoas que, por pertencerem a classes populares e com poucos recursos materiais, encontram formas às vezes peculiares de manutenção.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este trabalho revela em partes as experiências vividas, principalmente, no Programa em Crítica Cultural, mostrando um pouco o caminho percorrido por estes momentos de intensa dedicação, pois,

---

<sup>5</sup> COSTA, Edil Silva. Arquivos do pobre: considerações sobre culturas populares, memórias e narrativas. (Pós-Crítica/UNEB).



embora não tenha registrado anteriormente, pretendo mencionar, que as dificuldades não foram poucas para chegar até aqui.

No entanto, caminhar em busca dessas narrativas imprime marcas que estarão gravadas por toda vida. Além, da sensação agradável de poder colaborar com a perpetuação das memórias de minha cidade amada, que apesar de não constituir meu lugar de origem, acolheu-me de uma forma amável e com sua história tão inquietante, ganhou minha atenção.

Vale salientar, que tudo está em processo de materialização do que, até então, constitui-se apenas projeto.

Demonstro também, a busca enquanto pesquisadora, aprendendo a desenvolver o senso crítico, lançar um olhar mais aguçado sobre o objeto, às vezes até me envolvendo emocionalmente, por perceber que as águas não submergiram apenas o material, o concreto, desta população...

Embora:

“De tudo, restam-lhes apenas memórias”.

## REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. *Infância e história: destruição da experiência e origem da história*/ Giorgio Agamben; tradução de Henrique Burigo. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
- COSTA, Edil. *Arquivos dopobre: considerações sobre culturas populares, memórias e narrativas*. In: Arquivos, testemunhos epobreza no Brasil, p. 51-62.
- MELO, João Bosco de. (01/07/2017). Disponível em: <http://www.assisramalho.com.br/2017/07/petrolandia-nos-te-amamos-homenagem-de.html?m=0>
- SANTIAGO, Silvano. *Democratização no Brasil - 1979-1981. (Cultura versus Arte)* –. Disponível em: [www.reggen.org.br/midia/documentos/democratizacaonobrasil.pdf](http://www.reggen.org.br/midia/documentos/democratizacaonobrasil.pdf)
- SÁ, Rui. *Recordações* (cantor e compositor: Rui Sá). Disponível em: <http://www.assisramalho.com.br/2014/06/petrolandia-morre-o-cantor-e-compositor.html>
- SOUZA, Jessé. *A Tolice da inteligência brasileira: ou como o país se deixa manipular pela elite* / Jessé Souza. – são Paulo: LeYa, 2015.



## OS SABERES DA EXPERIÊNCIA COMO PRINCÍPIO DA PRÁTICA DOCENTE

Lourdes Couto de Melo<sup>1</sup>

*Resumo:* Este artigo busca estabelecer relações entre a história e a experiência do docente e dialoga com o meu projeto titulado de “Saberes (auto) biográficos letramento e alfabetização”. Trata-se de um estudo de natureza qualitativa que utiliza o método autobiográfico e a técnica de entrevista narrativa para coleta de dados. O uso das narrativas (auto) biográficas na formação docente propicia aos sujeitos da pesquisa dados sobre o processo de apropriação dos saberes e dessas práticas políticas pedagógicas. Este estudo almeja-se analisar as dimensões das práticas pedagógicas nos primeiros anos do Ensino Fundamental I com idade de 06 e 07 anos e discutir as questões que permeiam o cotidiano escolar do professor alfabetizador, com ênfase nos desafios enfrentados em sala de aula e concomitantemente entender a prática social de ensinar, as especificidades do trabalho docente na contemporaneidade e, especialmente por polemizar com alguns teóricos dos estudos culturais, que abdicaram de uma crítica engajada contra a sociedade capitalista. Em síntese, espera-se que o referido artigo possa trazer reflexões e discussões a respeito dessa constante inquietude na busca de meios para desenvolver uma prática significativa e fundamentada teoricamente.

*Palavras-chave:* Experiência. Saberes. (Auto) biografia. Alfabetização. Letramento.

A pesquisa sobre a experiência dos docentes aponta para uma revisão da compreensão da prática pedagógica do professor, que é tomado como mobilizador de saberes. Considera-se assim que este, em sua trajetória, constrói e reconstrói seus conhecimentos conforme a necessidade de sua utilização, suas vivências, seus percursos formativos e profissionais.

Magda Soares (1999), em obra intitulada Letramento: um tema em três gêneros aponta que alfabetização constitui o processo inicial de ensino da tecnologia de ler e escrever cuja aprendizagem tem um tempo definido: os dois primeiros anos de escolarização. Tornar o outro alfabetizado, isto é, alfabetizar, é, então, possibilitar ao indivíduo a apropriação do sistema alfabético da língua e da capacidade de decodificar os sinais e símbolos gráficos deste sistema. Em outras palavras, a internalização da habilidade de expressar-se através da língua escrita, codificando suas ideias em signos linguísticos e decodificando-a no processo de leitura, torna um indivíduo alfabetizado.

Para Benjamin, a “pobreza da experiência” da época moderna teve sua origem nas catástrofes ocasionadas pela Primeira Guerra Mundial (AGAMBEN, 2005, p. 21). Mas, para Giorgio Agamben, a pacífica existência cotidiana em uma grande cidade já é o suficiente para o extermínio e a destruição da experiência. O livro é composto por seis artigos, traz teorias de Émile Benveniste os conceitos de subjetividade e apropriação a partir da enunciação e as de Walter Benjamin as teses sobre experiência e história. No primeiro estudo que leva o extermínio nome da obra, “Infância e História”: ensaio sobre a destruição da

---

<sup>1</sup> Mestranda/Programa de Pós Graduação em Crítica Cultural/UNEB Campus II. Endereço eletrônico: lourdinhacouto@hotmail.com.

experiência, o autor coloca em discussão a incapacidade de o homem fazer e ter experiência a partir do projeto que fundamenta a ciência moderna.

Para a destruição da experiência, uma catástrofe não é de modo algum necessária, e que a pacífica existência cotidiana em uma grande cidade é, para esse fim, perfeitamente suficiente (AGAMBEN, 2005, p. 21).

Já que o sujeito moderno é celebrado por sua racionalidade e por sua emancipação aponta-se que, com a Modernidade, a imaginação foi capturada no conhecimento, a experiência transformou-se em experimento, os sujeitos seres incertos, heterogêneos e imprevisíveis foram desapropriados e, no seu lugar, surgiu um único e novo sujeito o “eu” penso cartesiano. No entanto, isso não significou o fim da experiência; apenas essa passou a se efetuar fora do homem. Nesse ponto, Agamben aproxima experiência e linguagem, pois o indivíduo não nasce um ser falante e tampouco é apenas um locutor. O homem constitui-se como sujeito na e através da linguagem e isso revela que ele tem antes uma in-fância, um lugar que é anterior à palavra e que rompe com a continuidade da história.

Diante da constatação de que o ser humano é o único animal que aprende a falar e isto não é possível sem a infância, já que ela é a condição da experiência de pensar o impensável ou ainda, de um pensar infante e de que o homem tem que viver a experiência, encontrando-se diante de um problema. Estamos diante de uma tensão constante: A impossibilidade do homem fazer ou transmitir a experiência na modernidade, talvez, fruto do estilo de vida cotidiano do homem moderno carregado de acontecimentos que já não podem mais converter-se em experiência.

Uma infância que possibilita a experiência para que o homem se aproprie da inteira língua, designando-se eu. Portanto, não cabe a ideia da infância como etapa de uma ordem cronológica, porque a infância é uma potência que permite a renúncia do previsível e ilumina aquilo que não se revela de imediato. Caso o homem já nascesse falante e não tivesse uma infância, estaria unido apenas à sua natureza, não encontraria a descontinuidade para transformar seu cotidiano e, assim, confundir-se-ia com qualquer outro ser ou objeto. A infância coloca o indivíduo no lugar de produtor da cultura e, com outros interlocutores, ele acrescenta significação ao mundo.

Diante da possibilidade de fazer outro movimento e ter novos olhares em relação às etapas cronológicas socialmente determinadas. Significa perceber a infância como algo fundamental ao homem, e não como exclusividade da criança, porque na infância está a origem da humanidade e, portanto, do movimento da história. O texto “Infância e História” permite repensar a relação entre experiência e conhecimento, assim como a natureza, a construção do sentido de pertencimento e o reconhecimento da linguagem nesse processo. Uma reflexão que levou Agamben a pesquisar sobre a questão da voz humana assim como a sua ausência, pois a linguagem não é feita somente do que se fala, mas também de silêncios

e, portanto, a infância é o lugar que privilegia o silêncio. Considerando que é na infância que o ser humano se constitui como sujeito de linguagem e pela linguagem. É pela infância que nos aproximamos do inefável, ou seja, que não se pode exprimir por palavras. Dessa forma, o filósofo nos traz a possibilidade de pensar a infância, como ausência e como busca da linguagem; afinal só um infante se constitui em sujeito de linguagem, e, portanto é na infância que se dá essa descontinuidade especificamente humana; é pela linguagem que o homem expressa o que não se pode nomear ou descrever em razão de sua natureza, constitui a cultura e a si próprio.

Para nós, contemporâneos, não é mais permitido experienciar as coisas que acontecem ao nosso redor. Não damos sentido ao que nos rodeia e banalizamos as coisas cotidianas, os eventos e a própria vida. O homem moderno, “volta para casa à noite extenuado por uma mixórdia de eventos divertidos ou maçantes, banais ou insólitos, agradáveis ou atrozes entretanto nenhum deles se tornou experiência” (AGAMBEN, 2005, p. 21-22), uma confusão ou como já anunciado por Benjamim, estamos vivendo uma nova barbárie: a da “não” experiência. Uma expropriação que se dá porque o homem não se permite entrar na infância, já que a infância é a condição da experiência. Agamben nos mostra bem como os jovens ou a própria modernidade, resiste à experiência, através da história de um casal de amantes na penúria que pelas contingências de sua condição renunciam de qualquer bem e de toda atividade externa. Reclusos em seu quarto e já sem lenha para se aquecer, acabam por queimar a escada de madeira, o único elo de ligação, com o resto da casa, ficando assim, totalmente isolados do mundo externo. A supressão da escada representa a supressão da própria experiência e se justifica pela “filosofia da pobreza” imposta a eles pelo destino e que pelos olhos do presente podem explicar a recusa da experiência por parte dos jovens, que para Agamben:

Jamais se viu, porém um espetáculo mais repugnante do que uma geração de adultos que, após haver destruído até a última possibilidade de experiência autêntica, lança a sua miséria em face a uma juventude que não é mais capaz de experiência (AGAMBEN, 2005, p. 24).

Por isso, a proposta de Agamben retoma a herança deixada pelo programa Benjaminiano da “filosofia que vem” preparando “um lugar lógico em que este germe possa atingir maturação” (AGAMBEN, 2005, p. 23).

O professor deveria lidar diretamente com o conhecimento e com a experiência, pois ninguém parece se dispor dessa autoridade para garantir uma experiência; ao contrário, seu fundamento fica no “inexperenciável”. Um bom exemplo disto são os turismos que fazemos nas nossas férias que nos colocam diante de coisas jamais vistas e lugares históricos, que são registrados através de máquinas fotográficas ou filmadoras desses cenários, não permitindo espaço para experiência. Com a atividade docente acontece o mesmo. O professor se vale da produção de conhecimentos de outros, de filmes ou de imagens que não

foram capturados por ele e assim repassa esse conhecimento repetidamente, automaticamente sem fazer qualquer reflexão ou dar um significado e fazer deles experiência.

Acredito na questão da competência do docente como mediação importante no processo de ensino/aprendizagem e evidenciando o descompasso entre a formação do profissional e as exigências do mundo moderno, o processo de escolarização e das práticas de letramentos abre espaço para algo mais amplo atendendo aos anseios dos educadores escolares. No que se refere à história dos aprendentes e da sua relação com a cultura, com o saber; sobre o entusiasmo pelo singular, pela individualidade, pelo sujeito, pelo vivido, pelo experiencial, pela globalidade concreta, pelo existencial e pela complexidade dos processos de formação no movimento de ideias e pesquisando narrativas de histórias de vidas à luz deste referencial.

Na tentativa de encontrar respostas e uma conexão inseparável e acima de tudo fundadora entre infância, experiência, linguagem e conhecimento; buscamos suporte em Agamben, que nos diz, contrariando Descartes, que “a experiência agora é definitivamente algo que se pode fazer e jamais ter.” (AGAMBEN, 2005, p. 44) nunca dada como totalidade, senão na aproximação infinita que vai sendo construída. Enquanto humanos, estamos sempre aprendendo a falar, pois nunca adquirimos a fala em definitivo.

Reconheço, porém, que o tema é controverso e merece cuidados em alguns princípios em relação à educação. A alfabetização escolar tem sido alvo de várias controvérsias teóricas e metodológicas, exigindo das escolas e dos profissionais que lidam com esse desafio de alfabetizar. Assim, convicções pessoais não devem se sobrepor aos conteúdos que o docente tem a obrigação de ensinar e qualquer forma de discriminação deve ser explicitamente combatida.

O texto procura mostrar o potencial do autor para os estudos concernentes à história do currículo e da profissão docente, ao reconhecer que é na escola que os elementos culturais são transformados e ressignificados e que esse papel de ressignificação é empreendido por aqueles que exercem o ofício de professor.

Seguindo a análise de Agamben, pode-se dizer que somos empurrados para uma sensação que vai se naturalizando na educação moderna onde, só resta ao professor o papel de “explicador” de saberes. Por mais que a educação defenda as possibilidades para que tenhamos como meta o pensamento reflexivo e transformador, somos subjugados por esse processo naturalizado da vida moderna que domina e expropria nossa capacidade criadora e reflexiva. Nesse sentido, é imprescindível pensar que se a função da educação se apresenta ainda, como função de promover a emancipação, esta deve ter outro significado que não o de passagem da minoridade ou da ausência de razão para a maioria e da presença de razão.

Articulando essa pedagogia, como área de convergência de vários saberes que transversam e tentam responder ao fenômeno educativo, se encontra em meio a este emaranhado conceitual, tentando produzir também os seus significados a partir das multiplicidades de sentidos que emergem como uma multidão de respondentes a cada questão levantada, um caso muito particular é justamente o conceito de Rizoma, cunhado por Deleuze e Guattari em *Rhizome* e depois republicado como um dos capítulos do livro *Mil Platôs* (2000b), no qual cunham conceitos, noções e propõem práticas, que servem de esteio para ilações sobre inúmeros fenômenos contemporâneos, entre estes a educação, principalmente nas suas relações com as novas tecnologias, como uma tentativa de estabelecer um modelo de pensamento não linear, que abarque a multiplicidade. Conexões, sem privilegiar este ou aquele conhecimento, também chamado sinonimamente de pensamento em rede, que estaria se desenvolvendo no bojo das tecnologias da inteligência, nas relações interativas entre homem e a máquina e entre homens através/com a máquina, que impulsionam as discussões sobre o fenômeno educativo na atualidade. Isto pode ser constatado pela ostensiva utilização por parte dos educadores desta dita literatura teórica pós-moderna, no desejo de responder as problemáticas que se impõem à prática educativa, advinda das novas relações humanas (o outro que se torna cada vez mais próximo), das tecnologias da inteligência e dos novos paradigmas sócio-culturais. Rizoma "Um platô está sempre no meio, nem início nem fim. Um rizoma é feito de platôs" (DELEUZE; GUATARRI, 2004, p. 33).

Mais uma vez, se vamos definir o que significa o conceito de rizoma para Deleuze e Guattari: Rizoma é uma raiz, mas não aquela raiz padrão que aprendemos a desenhar na escola, trata-se de uma raiz que tem um crescimento diferenciado, polimorfo, ela cresce horizontalmente, não tem uma direção clara e definida. Deleuze e Guattari "roubam" esta definição da botânica para aplicá-la à filosofia. Do mesmo modo que Descartes afirma que a filosofia seria uma árvore "a raiz a metafísica, o caule a física e a copa e os frutos a ética", O autores subverte esta ideia para transformá-la em um rizoma. Por isso o rizoma pode fugir, se esconder, confundir, sabotar, cortar caminho. Não que existam caminhos certos, talvez o correto seja o mais intensivo, as linhas de fuga são aquelas que escapam da tentativa totalizadora e fazem contato com outras raízes, seguem outras direções. Não é uma forma fechada, não há ligação definitiva. São linhas de intensidade, apenas linhas de intensidade. É preciso levar sempre em conta as formas de organizações de poder, pois:

Não há universalidade da linguagem, mas sim um concurso de dialetos, de patoás, de gírias, de línguas especiais." [...] A língua é, segundo uma fórmula de Weinreich, "uma realidade essencialmente heterogênea". Portanto, é impossível pensar em "uma língua-mãe", mas somente em uma "tomada de poder por uma língua dominante dentro de uma multiplicidade política" (DELEUZE; GUATARRI, 2004, p. 16).

De modo que "a unidade de uma língua é sempre inseparável da construção de uma unidade política". (GUATARRI, 1988, p. 25) A língua se forma e se estabiliza em torno de uma comunidade, de uma

coletividade, espalhando-se como uma mancha de óleo, "evolui ao longo das linhas de uma estrada de ferro". (DELEUZE; GUATARRI, 2004, p. 16).

O rizoma não se fecha sobre si, é aberto para experimentações, é sempre ultrapassado por outras linhas de intensidade que o atravessam. Como um mapa que se espalha em todas as direções, se abre e se fecha, pulsa, constrói e desconstrói. Cresce onde há espaço, floresce onde encontra possibilidades, cria seu ambiente. São apenas agenciamentos, linhas movendo-se em várias direções, escapando pelos cantos, o desejo segue direções, se esparrama, faz e desfaz alianças. Chame do que quiser então: "riacho sem início nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio". (Deleuze; Guattari, Mil Platôs I). Aí sim temos a chance de criar novos sentidos, micro-conexões se difundindo, se diluindo, se confundindo, se disseminando. A questão é produzir inconsciente e, com ele, novos enunciados, outros desejos: o rizoma é esta produção de inconsciente mesmo. (Deleuze; Guattari, Mil Platôs I).

Diante de tal quadro a educação brasileira não é um problema isolado, encontra-se estreitamente relacionado principalmente com a cultura, a economia, a política, a ética e a religiosidade, a família, a igreja e a rua são espaços por excelência em adquirir conhecimento que o aluno traz em sua bagagem, mas a escola pode ser um espaço privilegiado para se realizar tais discussões e montar suas aulas tendo como centro de trabalho o interesse dos alunos contribuindo para uma sociedade participativa e justa, sem os descompassos e escândalos nelas existentes.

De modo que "a unidade de uma língua é sempre inseparável da construção de uma unidade política". (GUATARRI, 1988: 25) A língua se forma e se estabiliza em torno de uma comunidade, de uma coletividade, espalhando-se como uma mancha de óleo, "evolui ao longo das linhas de uma estrada de ferro" (DELEUZE; GUATARRI, 2004, p. 16).

A educação é a base, o rizoma da trans e interdisciplinaridade. Todas as nossas relações com o mundo social, natural e cultural acontecem de formas fragmentadas, de tal modo que cada fenômeno observado ou vivido é entendido ou percebido como fato isolado, porém interligado e inserido numa rede de relações que lhes dão sentido e significado.

O desafio é manter com esses autores um diálogo a partir dos desafios do nosso presente. Portanto, trata-se de retomar o aspecto do pensamento deles para pensarmos a educação atual e provocar um debate que garanta uma reflexão sobre as perspectivas da infantilização do trabalho docente e os desafios postos por eles no campo da educação, os limites e a possibilidade de se assumir a escola como espaço de produção do novo, do não dito, do não pensado em detrimento do que já está instituído.

O professor, enquanto agente de desenvolvimento da sociedade racional, mantém-se distante da realidade de seus alunos, como se seu fazer não lhe permitisse uma aproximação com seus alunos, reflexo de uma consciência que nega a própria experiência e a possibilidade de pensar o professor ou o aluno como



sujeitos da experiência. Um pensamento que faz a experiência voltar-se contra si mesma, tornando-a muda e impossível de se realizar.

A experiência é destruída ficando em seu lugar uma falsa sensação de experiência, sem sentido, porque não sabemos o que se passa conosco, estamos mudos porque não há mais palavras para elaborar a experiência. As palavras que temos são insignificantes, desvalorizadas e banais e por isso, não se pode mais elaborar experiências. Se a experiência não adquire mais sentido em relação à vida do homem, esta não poderia mais chamar-se de experiência e, nem ser, por isso, transmitida.

Desconsiderar a experiência da infância, enquanto uma condição de inacabamento, de limite e descontinuidade é propiciar elementos para a materialização da própria “infantilização” da atividade docente, da simplificação da transmissão e apropriação dos bens culturais, tornando-se mera informação, referência sem sentido, efêmera, esvaziada de conteúdos formativos e sem qualquer significado ou atitude que pudesse contribuir na reflexão do sentido de sua própria atividade no presente.

A educação, enquanto processo de resistência, tem como desafio opor-se a esse processo de infantilização da prática docente, pois se ela se diz crítica, reflexiva e emancipatória, deveria avançar pela direção contrária, na qual a leitura, a escrita; assim como a produção de conhecimento sejam vagarosas e caminhem lentamente em direção ao “interior” do homem, por uma reflexão crítica e comprometida com sua história. A educação deve ter a função primordial de resistência ao inumano e, sedimentada na possibilidade de tornar o homem humano. À medida que a educação permite a percepção da inumanidade do próprio homem, da barbárie, instaurada na história pelos sofrimentos e traumas, e da sedução que a indústria cultural e o desenvolvimento tecnológico trazem, também mobiliza o pensamento à reflexão para inventar e começar de novo, por uma infância que persiste mesmo na idade adulta.

Nesse cenário, culturalmente, a escola é uma Instituição cercada por preconceitos. Ali se entende que o processo de alfabetização é apenas o aprender a ler/escrever. Toda ação com base mecânica para aquisição de conhecimentos futuros. A expressão “usar socialmente a escrita” que está distanciando o letramento do processo de alfabetização. Essa forma mecânica não desperta em seus alunos a necessidade de por em prática o que lhes é ensinado durante o curso. Não basta somente ler e decodificar, é importante aliar o que está sendo lido aos conhecimentos de mundo já adquiridos.

Como a educação é parte integrante da cultura e da maneira como o homem cultiva suas relações entre si, com a natureza e com o outro. Os estudantes ficam submetidos a uma ação política imediatista e discriminatória, alheios à realidade e culturas de um povo, mesmo entendendo que faz parte dessa sociedade.

A nova concepção de alfabetização, não pode ignorar a situação social, econômica e cultural da população. A escolarização deve fornecer a cada criança habilidades de alfabetização autossustentáveis, como aspecto fundamental da qualidade da educação. A alfabetização trata do conhecimento, sua criação, estocagem, recuperação, transmissão e uso da linguagem. A alfabetização pode e deve servir como expressão dos valores humanos universais, e também das identidades locais e das etnias, como também deve estar disponível a todos, e não apenas conferir poder a uns para ser exercido na dominação de outros.

Ensinar exige pesquisa para se aprofundar no desconhecido. Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. A formação dos educadores é uma condição indispensável para a qualidade da educação escolar, somada às adequadas condições de trabalho, ao trabalho em equipe e à valorização profissional. É preciso também considerar o conjunto de variáveis que interferem na qualidade da aprendizagem dos alunos, pois os educadores não são os únicos responsáveis por resultados que apenas em parte lhes dizem respeito. Não é justo que os sistemas de ensino e seus gestores assumam uma posição de responsabilizar pessoalmente os educadores pelo fracasso do ensino.

Ao relacionar o que se aprende na escola com a realidade, o discente pode superar o senso comum que domina seu cotidiano. No entanto, pode haver uma inadequação entre as realidades encontradas em nosso mundo e os saberes fragmentados ensinados na escola. Diante da incompletude do ensino e da aprendizagem da língua escrita apresentada pelo empirismo, não atendendo, às necessidades da sociedade, tenta-se sair deste modelo. Isto demanda estudo, pois o professor que deseja adotar outra concepção sem compreender as questões teóricas e práticas fica mudando de um modelo para outro e dificilmente atinge seu objetivo como alfabetizador.

É evidente que o professor alfabetizador não pode perder a especificidade da alfabetização como domínio do sistema. Em se tratando de letramento, a atenção deste professor deveria estar voltada ao fato de fazer com que o aluno se aproprie e se envolva em práticas sociais fazendo uso desse sistema.

É necessário uma reflexão pedagógica do docente, dotado de razão, afetividade, inteligência, corpo e desejo que possibilita a criação de um espaço educativo que o transforma para um lugar de saberes diversos, redirecionando o seu trabalho em sala de aula. O desafio, portanto, está na formação do educador, pautada nos diversos aspectos da condição humana, considerando dialeticamente uma forma de realização pessoal em seu contexto social e considerando também a verdadeira igualdade de oportunidades para todos para um mundo melhor. Por isso, a boa escola deve ser necessariamente, um espaço plural em termos de pensamentos e manifestações combatendo toda e qualquer forma de discriminação explícita.

O compromisso é igual, além de garantir o aprendizado e preparar para a vida, como também ensinar o respeito às diferenças sem fazer abrir mão das próprias convicções. Pode parecer difícil, mas não é mais

complicado do que a própria realidade contemporânea, incluindo conflitos culturais, religiosos e políticos como também a disseminação da corrupção, da violência e das drogas. A escola pode e deve promover convicções e valores sem conduzir rumos específicos ou crença particular. Alunos não são páginas em branco à espera de informações prontas, e sim consciências sendo construídas.

É preciso fomentar políticas que promovam o debate, a pesquisa. Integrar cultura com a educação. É ensinar o povo a se expressar com clareza para melhor ser ouvido. A ter bons hábitos e costumes, noção de valores, de saberes, de crenças que formam a sua identidade. É evidente que esse passeio por campos aparentemente tão diversos apenas permitirá abrir tênues veredas que precisam ser alargadas e investir no papel da linguagem na vida social, na construção de sistemas de valores e crenças, na negociação dos sentidos e na reinvenção das representações de si.

Finalizo destacando que, tais estudos podem ser enriquecidos por análises que reconheçam os métodos de ensino em torno dos quais a profissão docente se ancora e que, tais métodos, assim como a dinâmica cultural, estão fortemente implicados na produção de um tipo de subjetividade.

Nesse sentido, é mais do que sabido que os estudos sobre história do currículo apontam para uma organização dos saberes escolar a partir de um viés de dominação e opressão, seja por uma ótica de classe social ou outra clivagem sociológica.

#### **REFERÊNCIAS:**

AGAMBEM, Giorgio. *Infância e História: destruição da experiência e origem da história*. Belo Horizonte/MG: Editora UFMG, 2005.

BENJAMIN, Walter. Experiencia e Pobreza. In: *Obras Escolhidas, magia e tecnica, arte e polftica*. Trad. Sergio Paulo Rouanet. Sao Paulo: Editora Brasiliense, 1996.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia*. Vol. I. São Paulo, Ed. 34. 2004.

SOARES, M. *Letramento: um tema em três gêneros*. 2. ed. Belo Horizonte/MG Autêntica, 1999.



## A EDUCAÇÃO QUILOMBOLA À LUZ DA CRÍTICA CULTURAL: CONTRIBUIÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

Marcio Santos da Conceição<sup>1</sup>

*Resumo:* O presente artigo tem como objetivo apresentar as contribuições teórico-metodológicas em crítica cultural voltadas para o projeto de pesquisa intitulado “A prática docente no quilombo: preservação ou rompimentos culturais?”. O texto foi construído buscando as possibilidades de entrecruzamento das ideias de autores da crítica cultural e a fundamentação teórico-conceitual do projeto. Acredita-se que o pensamento rizomático de Deleuze e Guattari (1995), a valorização da experiência de Agamben (2008), o valor dado aos detalhes na investigação de Ginzburg (1990), os perigos do mal de arquivo ao discutir a memória presente nas narrativas de Derrida (2001), poderão contribuir de maneira singular como aporte teórico-metodológico da pesquisa, no intuito de configurar-se como uma atitude descolonial, como uma desobediência epistêmica. O texto está organizado da seguinte forma: apresentamos a justificativa da pesquisa e um pouco da sua gênese, em seguida os fundamentos iniciais do ponto de vista teórico-conceitual e posteriormente as ideias dos autores estudados no Mestrado em Crítica Cultural tentando fazer um esboço das possíveis contribuições dos mesmos na elaboração do texto final da pesquisa.

*Palavras-chave:* Educação quilombola. Estudos Culturais. Narrativas.

### INTRODUÇÃO

Este projeto de pesquisa nasceu de reflexões acerca da formação docente, iniciadas durante o período de formação na Especialização em Estudos Linguísticos e Literários concluída no final de 2010. Ao final dessa especialização escrevi um artigo intitulado “Escrita de si, narrativas do itinerário escolar e formação docente”. Em 2011, ao me inscrever no Mestrado em Teologia, na Faculdades EST, no Rio Grande do Sul, descobri que poderia dar continuidade às pesquisas nessa mesma área, por haver uma linha de pesquisa ligada à Educação e Religião dentro desse mestrado. Essa pesquisa deu origem à minha dissertação de mestrado à qual intitulei “Narrativas do itinerário escolar de professoras negras e suas implicações na práxis pedagógica” que defendi em dezembro de 2013.

Em março de 2017, percebendo a necessidade de amadurecimento na questão que ora pesquisava, Ingressei no Mestrado em Crítica Cultural para aprofundar as questões relativas à Educação Quilombola, agora sob a ótica dos estudos culturais. A pesquisa passou a se chamar “A prática docente no Quilombo: preservação ou rompimentos culturais?” e está sendo construída a partir de um novo referencial teórico. A motivação para escolha do tema nasceu no meu grupo de pesquisa o qual apresentarei a seguir.

O Grupo de Estudos em Resiliência, Educação e Linguagens (GEREL) propôs uma discussão em dois campos: na Literatura e na Prática Pedagógica. Optei pelas questões voltadas à Prática Pedagógica e, por ser um trabalho com o método autobiográfico, assumi o desafio de fazer a pesquisa numa comunidade

---

<sup>1</sup> Discente do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural da UNEB – sob a orientação da Professora Dra. Maria de Fatima Berenice da Cruz. Membro do Grupo de Estudos em Resiliência, Educação e Linguagens (GEREL) e do Grupo de Estudos e Pesquisas em História, Educação e Gênero (GEPHEG). E-mail: msconceicao18@gmail.com.

rural e quilombola, num distrito de Alagoinhas, por duas razões: primeiro, por se tratar de um espaço de resistência e, segundo, porque a educação do campo ainda não teve, por parte do Governo, uma atenção devida. Esses elementos despertaram meu interesse em trabalhar com os percursos formativos e a prática docente de uma professora dessa região. Desta forma, a opção por uma professora da zona rural é uma “tentativa de fazer com que as narrativas não sejam o privilégio de alguns protegidos da rejeição social, mas que haja um princípio democrático da tarefa educativa” (DOMINICÉ, 2008, p. 23).

Assim, a referida pesquisa tem a preocupação em discutir não somente a formação docente mas, busca trazer o diferencial que o estudo das narrativas de vida de educadores tem trazido no campo da formação nesses últimos vinte anos. As narrativas contribuem para a valorização da identidade do professor e da importância da produção da subjetividade no seu processo formativo, contrapondo-se a um modelo cartesiano de formação, onde, muitas vezes, o professor é visto como um mero transmissor do conhecimento elaborado por outros. Partindo desse pressuposto a pesquisa quer responder a seguinte questão norteadora: “O docente negro que atua numa comunidade quilombola reproduz o modelo eurocêntrico presente na prática pedagógica tradicional?”

A partir dessa questão problema, objetiva-se a criação de um banco de dados autobiográfico de uma educadora negra, destacando a sua formação básica, sua formação profissional e sua atuação enquanto professora primária, assim como a identificação dos instrumentos didático-pedagógicos utilizados pela profissional para o desenvolvimento de suas atividades em sala de aula e daí, partirmos para a análise do material recolhido à luz da crítica cultural, apresentando se há em sua prática pedagógica, possíveis dificuldades de rompimento com o modelo tradicional de ensino e suas implicações na vida do estudante.

## **ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DA PESQUISA À LUZ DA CRÍTICA CULTURAL**

### **O RIZOMA COMO MODELO EPISTEMOLÓGICO**

A noção do rizoma é uma criação dos autores Gilles Deleuze e Félix Guattari em seu livro *Mil Platôs* em 1980, como segunda parte do *Capitalismo e Esquizofrenia*, rompendo com o historicismo do século XIX (DOSSE, 2010, p. 209). O livro é um tipo de cartografia das micropolíticas e que permitem restituir os modos de articulação entre os processos de subjetivação e os aparelhos institucionais, fazendo emergir a produtividade potencial dos grupos-sujeitos.

Para Dosse (2010), os autores já deixam claro desde o título que o termo *platô* dá a ideia de planície, zona plana de onde dificilmente saberíamos onde fica o começo e o fim, tampouco os limites.

Contudo, *Mil Platôs* não tem como referência direta a disciplina geográfica, mas tem como horizonte uma verdadeira física “no sentido da (meta)física bergsoniana, ou melhor, de

geografia da phisis. [...] É uma maneira de lembrar a importância do acontecimento para sua filosofia, mas segundo uma lógica que não tem mais nada de cronológico nem de evolutivo (DOSSE, 2010, p. 210).

A partir dessa ideia os autores vão utilizar de um método enunciado no início do seu texto que é o Rizoma. Um modelo descritivo adotado de algumas plantas cujos brotos podem ramificar-se em qualquer ponto, que é uma contraposição ao modelo histórico linear vigente. Tomando esse modelo como base os autores, chamarão essa atitude de antifundacionismo ou antifundamentalismo.

A relação desse modelo do rizoma com a produção do conhecimento parte do princípio que assim como no Rizoma que se contrapõe a um modelo binário ou totalitário uma vez que de qualquer parte da planta podem surgir novos brotos, assim também no campo epistemológico, seja necessário valorizar todas as contribuições teóricas não precisando necessariamente que as mesmas sigam linhas de pensamento lineares, como num modelo arbóreo tradicional onde tudo deriva de um mesmo centro, desconfigurando assim a importância da(s) diferença (s), da multiplicidade de olhares.

Partindo desse pressuposto a análise das narrativas de professores, pode buscar inspiração para compreender que a construção dos saberes não se dá de forma linear e que a própria vida narrada, sob diferentes óticas, seja ela do ponto de vista profissional, da formação ou pessoal, pode “ser desmontável, conectável, reversível, modificável com várias entradas e saídas, com suas linhas de fuga [...]” assim como no rizoma (DELEUZE; GUATTARI, 2004, p. 32).

## **O MAL DE ARQUIVO: MEMÓRIA E PODER**

As narrativas são fruto da memória, e a memória é a própria essência do psiquismo, segundo Derrida (2001, p. 185). Já na percepção de Telles (2002), ao ler Derrida, percebe que há uma pequena variante em Freud, que ao estudar os processos de arquivamento de informações no psiquismo humano, entende que os mesmos ficavam gravados em memórias conscientes e inconscientes.

Voltando à proposta de Derrida, há certo questionamento, em seu texto *Mal de Arquivo*, de como seriam esses registros numa era tecno-científica como a que vivemos. Porém o que nos interessa do texto para a atual pesquisa, e o que nos chamou a atenção foi inicialmente as indagações sobre o próprio conceito de arquivo, que significa ao mesmo tempo, começo e comando.

Derrida mostra a dupla raiz da palavra *arquivo*, *arkhê*, que implica *começo* e *comando* (*arconte*, o que comanda). Esses significados linguísticos expõem uma verdade social e histórica - a relação entre o poder e o arquivo. É o poder quem detém o arquivo, é ele quem dispõe das informações, organizando uma história

dentro de seus interesses, o que – evidentemente - tem decisivas consequências políticas. (TELLES, 2002).

Derrida faz uma ligação entre o que acontece na historiografia com o que acontece com a própria psicanálise. Tomando como base a obra de Freud e suas descobertas sobre o inconsciente, a autor questiona se, as nossas memórias também não passariam por um processo de negação, de repressões, consciente ou inconscientemente uma vez dado o poder institucional nas nossas vidas. A essa negação de elementos da memória de certos acontecimentos, ele chamará de *Mal de Arquivo*, o que para o autor, nos conduzirá a uma pulsão de morte. Essa percepção poderá contribuir muito para a análise das narrativas da professora, atentando para um outro elemento trazido pelo autor Carlo Ginzburg, a importância dos detalhes presentes de maneira implícita no discurso da sujeito pesquisado, detalhes que muitas vezes, fogem da atenção do pesquisador, mas que podem estar intrinsecamente presente na linguagem.

## OS DETALHES NA INVESTIGAÇÃO SEGUNDO CARLO GINZBURG

Em seu livro *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*, no capítulo intitulado “Sinais: raízes de um paradigma indiciário”, Ginzburg (1990) nos apresenta um convite a repensar nossas formas de investigação. O autor se inspira no método de três figuras: o historiador Giovanni Morrelli, o investigador Scherlok Holmes e o psicanalista Sigmund Freud.

Segundo Ginzburg as ciências sociais deixam muito a desejar em relação aos detalhes na pesquisa, e toma como fonte de inspiração o método moreliano que ficou muito conhecido pelo “perfeccionismo” dos detalhes, que muitas vezes são renegados pelos pesquisadores. Segundo Morrelli apud Ginzburg:

[...] é preciso não se basear, como normalmente se faz, em características mais vistosas, portanto mais facilmente imitáveis, dos quadros: os olhos erguidos para o céu dos personagens de Perugino, o sorriso dos de Leonardo, e assim por diante. Pelo contrário, é necessário examinar os pormenores mais negligenciáveis, e menos influenciados pelas características da escola a que o pintor pertencia: os lóbulos das orelhas, as unhas, as formas dos dedos das mãos e dos pés (GINZBURG, 1990 p. 144).

Esse olhar moreliano sobre a investigação em Educação por exemplo, nos faz perceber a necessidade de estarmos atentos a detalhes, presentes nos discursos dos professores, pois a própria linguagem as vezes, não dá conta de forma direta, de expressar aquilo que se almeja, sendo necessário que busquemos aquilo que está “escrito nas entrelinhas”.

No que se refere a Freud e sua ligação com o método moreliano, pode-se dizer que para o psicanalista, os ensaios de Morelli representaram um método investigativo centrado nos resíduos, sobre os dados marginais, considerados reveladores e esses dados eram muitas vezes, capazes de fornecer uma



chave de compreensão de elementos triviais do espírito humano (GINZBURG, 1990, p. 146). Como não retomar aqui a ideia de Mal de Arquivo, pensada a partir de Derrida?

Essa mesma atenção precisa ser dada no momento da coleta do material didático utilizado pela docente negra no seu ambiente de trabalho. Quantas vezes nos deparamos com um material dentro das comunidades quilombolas que não traz nenhum diferencial em relação aos utilizados pelas escolas da zona urbana, ou que foram produzidos para comunidades quilombolas rio-grandenses onde a realidade é completamente diferente? Por que não pensar nesses casos, no que for possível, uma contribuição para redimensionar esses materiais ou até mesmo, construir com a comunidade quilombola algo que os represente?

### **INFÂNCIA E HISTÓRIA: A IMPORTÂNCIA DE VALORIZAR A EXPERIÊNCIA**

Giorgio Agamben começa seu texto “Infância e História: ensaio sobre a destruição da experiência”, afirmando que o homem moderno foi expropriado de fazer e transmitir experiências. Segundo o autor, a experiência tem o seu correlato não no conhecimento, mas na autoridade, ou seja, na palavra e no conto, e hoje ninguém mais parece dispor de autoridade suficiente para garantir uma experiência, e se dela dispõe, nem ao menos o aflora a ideia em fundamentar em uma experiência de autoridade. (AGAMBEN, 2005, p.21). O projeto da ciência moderna, fortemente influenciado pelo pensamento cartesiano, buscou muito mais o experimento do que a experiência, valorizando assim as ciências exatas em detrimento das humanas, transpondo assim, a experiência para fora do homem (AGAMBEN, 2005).

A contribuição do pensamento de Agamben para a pesquisa com o projeto sobre a educação quilombola encontra-se, sobretudo na valorização das experiências da professora que através dos relatos autobiográficos, passa a ser vista como sujeito da sua própria formação, sublinhando a importância dos seus saberes construídos dentro e fora dos ambientes formais de ensino. Neste sentido, Nunes e Cruz (2017, p. 208) afirmam que: [...] “pode-se dizer que a memória pessoal, interna, é vista a partir daquilo que cada indivíduo guarda de sua vida, constituindo-se assim em memória autobiográfica”.

Em vista disso, o trabalho com as narrativas, com as histórias de vida, nos faz valorizar as subjetividades, o que se contrapõe fortemente a um modelo cartesiano de pensar a investigação. Modelo esse, criticado por Gaston Bachelard em seu texto sobre os Dez Obstáculos Epistemológicos onde o autor critica fortemente as epistemologias clássicas fruto dessa forma de pensamento.

Outro elemento importante no texto de Agamben é a correlação entre Infância e História. Para o autor, uma dá origem à outra. “Se o homem é um ser histórico, é apenas porque há uma infância do

homem” (RABINOVICH, 2005). Para falar, o homem precisa se expropriar da infância para se constituir como sujeito da linguagem. Segundo Rabinovich (2005) “o humano é a passagem da língua pura para o discurso e este transito é o que chamamos de História”.

Tomando como fonte de inspiração Bienveniste (1972), o autor nos faz compreender que “na linguagem e pela linguagem, o homem se constitui como sujeito. A subjetividade é a capacidade do locutor de se posicionar como um “eu” (BENVENISTE, 1972, apud AGANBEM, 2005). Nessa perspectiva, a pesquisa pretende identificar, analisar e por fim descrever os elementos de produção de subjetividade de um sujeito social professora, negra quilombola, frente a uma conjuntura educacional, blindada por um discurso cartesiano eurocêntrico.

### **TECENDO O LASTRO TEÓRICO-CONCEITUAL DA PESQUISA**

As experiências com a abordagem (auto)biográfica na formação docente têm recebido contribuições fundamentais de Josso (1988, 2004), de Souza (2006, 2008) e de Nóvoa (2004), entre outros, que defendem que, através da abordagem biográfica o sujeito produz um conhecimento sobre si, sobre os outros e o cotidiano, o qual se revela através da subjetividade, da singularidade das experiências e dos saberes. Através dessa abordagem, podemos compreender que a formação é um processo que não se dá de forma linear e que não é somente dentro do mundo acadêmico que os saberes dos professores são construídos e sim, através da inter-relação desses com o espaço sociocultural do qual são oriundos. Segundo Josso:

Falar das próprias experiências formadoras é, pois, de certa maneira, contar a si mesmo a própria história, as suas qualidades pessoais e socioculturais, o valor que se atribui ao que é “vivido” na continuidade temporal do nosso ser psicossomático. Contudo, é também um modo de dizermos que, neste *continuum* temporal, algumas vivências tem uma intensidade particular que se impõe à nossa consciência e delas extrairemos as informações úteis às nossas transações conosco próprios e/ou com o nosso ambiente humano e natural (JOSSO, 2004, p. 48).

Para aprofundar a reflexão sobre esses saberes produzidos pelos professores, a pesquisa dialoga com Miguel Arroyo (2011) e Maurice Tardif (2012). Este último argumenta e vem reforçar a ideia de que “se deve levar em conta o conhecimento do trabalho dos professores, seus saberes cotidianos, pois desta maneira pode-se desconstruir a ideia tradicional de que os professores são apenas transmissores de saberes produzidos por outros grupos”. Desta forma, é possível pensar uma formação docente mais consequente e também mais próxima da realidade. Em seu livro *Saberes docentes e formação profissional*, Tardif também aborda a importância de se recolocar a subjetividade dos professores no centro das pesquisas sobre o ensino. A esse respeito ele diz:

[...] a relação dos docentes com os saberes não se reduz a uma função de transmissão dos conhecimentos já constituídos. Sua prática integra diferentes saberes, com os quais o

corpo docente mantém diferentes relações. Pode-se definir o saber docente como um saber plural, formado pelo amálgama, mais ou menos coerente, de saberes oriundos da formação profissional, e de saberes disciplinares, curriculares e experienciais. (TARDIF,2010, p. 36).

Constatamos que há, nos últimos anos, uma grande preocupação centrada nas habilidades e nas competências dos educadores. Esta não seria uma retórica neoliberal com um estratégico papel de submeter escola e docentes ao seu julgo capitalista? A esse respeito Cruz (2012) diz o seguinte:

Problematizar a educação no contexto neoliberal consiste em entender como a realidade educacional dialoga com o modelo de sociedade vigente dentro de um contexto em que se processam o ensinar e o aprender. Além disso, é relevante acentuar, porque preocupante, que está em curso um processo de mercantilização da educação, que exclui a noção humanizadora que a escola deveria apregoar. Assim, o desafio da educação contemporânea consiste em contribuir na edificação de um mundo mais solidário e, portanto mais humano. (CRUZ, 2012, p. 33).

Para Nóvoa (2014), “as abordagens autobiográficas podem ajudar a compreender melhor as encruzilhadas em que se encontram atualmente os professores e a delinear uma profissionalização baseada em novas práticas de investigação, de ação e de formação”.

Souza nos diz que

Novos conceitos para compreensão do trabalho docente surgiram com os estudos educacionais, cujas abordagens de pesquisa passaram a reconhecer o professor como sujeito, trazendo à tona a necessidade de se investigar os saberes de referência dos professores sobre suas próprias ações e pensamentos caracterizando-os, inclusive, como sujeitos de um saber e de um fazer inerentes à profissão (SOUZA, 2005, p. 36).

Segundo esse autor, a importância da formação docente advém, nesses últimos anos, da compreensão de que, à medida que os professores são tratados como sujeitos da formação e não como técnicos transmissores do conhecimento, a sua prática tornar-se-á mais consequente. Foi a partir daí que comecei a traçar de maneira mais clara este projeto de pesquisa que pretende analisar de que forma aquilo que somos e fazemos em sala de aula está ligado àquilo que vivenciamos no decorrer das nossas experiências escolares.

A partir desse aporte teórico é que intento saber de que maneira as escolhas feitas pela educadora da comunidade rural e quilombola, no seu universo profissional têm relação com as experiências apreendidas dentro e fora dos ambientes formais de ensino e em que medida essa docente negra que atua na comunidade quilombola reproduz o modelo eurocêntrico presente na prática pedagógica tradicional? Parto do princípio que a desconstrução desse modelo eurocêntrico, pode-se configurar uma desobediência epistêmica, uma atitude descolonial.

Finalizo dizendo que o arcabouço aqui apresentado não esgota nem um aprofundamento acerca do pensamento dos autores já citados, nem exclui a possibilidade de outras contribuições como, por exemplo,

a do pensamento genealógico de Michel Foucault. Porém, como a pesquisa se encontra em fase de construção fez-se necessário uma escolha, mesmo que provisória desse referencial teórico metodológico. As leituras acerca de outras temáticas como as representações sociais, as conservas culturais, o corpo e a docência, trarão provavelmente a necessidade de repensar a pesquisa, porém as contribuições desde já aqui apresentadas, permitirão desde já, uma qualidade melhor tanto para seleção quanto para o trato dado ao material pesquisado.

## REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. *Infância e história: destruição da experiência e origem da história*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
- ARROYO, Miguel. *Ofício de Mestre: imagens e autoimagens*. 13 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- CRUZ, Maria de Fatima Berenice da. *Leitura literária na escola: desafios e perspectivas de um leitor*. Salvador, EDUNEB, 2012.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. Introdução: Rizoma. In.: *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Trad. Ana Lúcia Oliveira. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995, p.7-37.
- DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Trad. Claudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- DOMINICÉ, Pierre. Prefácio. In: *Biografia e Educação: Figuras do indivíduo-projeto*. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.
- DOSSE, François. *Gilles Deleuze e Felix Guattari: biografia cruzada*. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Cia das Letras, 1990.
- JOSSO, Marie-Christine. Da formação do sujeito ao sujeito da formação. In.: NOVOA, António; FINGER, Mathias. *O método (auto)biográfico e a formação do sujeito*. Lisboa: MS/DRHS/CFAP, 1988.
- JOSSO, Marie-Christine. *Experiências de vida e formação*. São Paulo: Cortez, 2004.
- NUNES, Ivonice da Silva; CRUZ, Maria de Fatima Berenice da. A leitura literária na formação identitária do leitor: desvendando os labirintos da memória de Miguel Sanches Neto. In: CRUZ, Maria de Fatima Berenice da; CRUZ, Antonio Roberto Seixas da. (Org.). *Educação em tempos atuais: experiências e desafios no exercício da docência*. Salvador: EDUNEB, p. 195-219.
- ROBINOVICH, Elaine Pedreira. Infância e história: destruição da experiência e origem da história. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 2005. p. 119-123.
- SOUZA, Elizeu Clementino de. MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (Org.). *Histórias de vida e formação de professores*. Rio de Janeiro: FAPERJ/QUARTET, 2008.
- SOUZA, Elizeu Clementino de. *O conhecimento de si: Estágio e narrativas de formação de professores*. Rio de Janeiro: DP&A; Salvador, BA: UNEB, 2006.
- TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. 13 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- TELLES, Sergio. *Mal de arquivo: as vicissitudes da memória segundo Derrida*. Disponível em [www.polbr.med.br/ano02/psi0202.php](http://www.polbr.med.br/ano02/psi0202.php). Acesso em: 9 de set. 2017.

## RIZOMATIZANDO O “EU” NA ESCOLA: A LITERATURA INFANTO JUVENIL COMO POTÊNCIA PARA O DESENVOLVIMENTO CRÍTICO DA CRIANÇA

Patrícia da Silva Maciel<sup>1</sup>

*Resumo:* Este artigo busca refletir sobre a trajetória acadêmica do autor desse trabalho a luz dos autores mencionados posteriormente. Tentará problematizar o papel do indivíduo na escola como sujeito rizomático, discutindo como a literatura infanto juvenil poderá ajudá-lo a se tornar um “eu” crítico, e capaz de analisar a sua cultura e identidade, além de perceber como a escola com o trabalho edificador da leitura é capaz de contribuir para a formação de um sujeito preparado para enfrentar as diversidades, respeitando as diferenças e se posicionando como um sujeito emponderado politicamente, ademais do seu papel no contexto social, cultural e econômico em que está inserido. Discutirá um pouco sobre como a elite se manifesta como indústria cultural no processo escolar. Para esse trabalho ser fundamentado, fará um diálogo com os autores Terry Eagleton, Giorgio Agamben no texto *Infância e História*, Gilles Deleuze e Félix Guatarri em *Introdução: Rizoma* e Jessé Souza em *A tolice da inteligência brasileira*.

*Palavras-chave:* rizoma; literatura infanto juvenil; escola; leitura; cultura

### INTRODUÇÃO

Para iniciar este artigo é de fundamental importância trazer algumas reflexões sobre minha vida acadêmica e como cheguei ao objeto que aqui será tratado. Trarei alguns conceitos sobre cultura, que podem ser considerados primários, mas ajudará entender o processo de mudanças sobre a compreensão de cultura, além de entender como a mesma está inserida nas obras de literatura infanto juvenil, e como livro de literatura infanto juvenil pode ser uma potência para o desenvolvimento crítico de crianças, tornando-o um processo rizomatizante do o “eu” na escola, além de entender como a cultura está presente na literatura e a interferência da indústria cultural nesse processo.

Inicialmente se entendia a cultura de três maneiras. A cultura popular, a cultura erudita e a cultura de massa. A cultura popular que é considerada como a cultura mais simples, aquela que se adquire com a experiência do contato entre pessoas, que é transmitida em geral de forma oral, pois está próxima ao senso comum, além de registrar as tradições e os costumes. A cultura erudita, adquirida de forma mais organizada nas escolas, nos livros ou instituições como igreja e o Estado, e a última a cultura de massa, essa não está ligada a nenhum grupo específico, pois é transmitida de maneira industrializada para um público generalizado e de diferentes camadas socioeconômicas, pelos meios de comunicação de massa, surgindo a indústria cultural.

Mas o que é cultura? Como a cultura está presente nos livros de literatura infanto juvenil? Terry Eagleton (2003, p.18) diz que a cultura é uma espécie de pedagogia ética, tornando-nos aptos para a

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus II. Linha e Pesquisa: Letramento, Identidades e Formação de Professores.

cidadania política para uma liberdade do eu ideal ou coletivo que está marcado em cada indivíduo, encontrando sua representação no domínio universal do estado. Outro questionamento levantado é como a indústria cultural manipula a escolha e publicação do livro de literatura infanto juvenil? E qual o papel da escola enquanto campo de concentração para ramificar as experiências e permitir as crianças sair da singularidade, tornando-se múltiplos? São essas perguntas que este trabalho tentará problematizar.

Portanto, esse escrito dialogará com autores que discutem sobre cultura como Terry Eagleton e Theodor Adorno sobre a indústria cultural, Giorgio Agamben, Deleuze e Gattari e Jesse.

### **UM POUCO DA MINHA TRAJETÓRIA ACADÊMICA**

Das lembranças do passado, trago na memória experiências vividas, e projeto as experiências que ainda virão, pois há muito para viver e aprender. Desta forma, trago aqui nesse breve relato tudo que já experimentei e o que pretendo experimentar. Talvez não consiga realizar todos os meus objetivos, pois o futuro é incerto, mas estou sempre à procura do que desejo, e busco-o com muita vontade de alcançar.

Este memorial traz a descrição dessa pessoa que tem algo a contar sobre a trajetória acadêmica. Aprendi que cada momento da vida é precioso, pois surgem revelações que nos levam a refletir sobre nossos atos, e que é percebido um aprendizado significativo em cada experiência vivida, nos permitindo avaliá-lo e transformá-lo.

Porque a experiência tem o seu necessário correlato não no conhecimento, mas na autoridade, ou seja, na palavra e no conto, e hoje ninguém mais parece dispor de autoridade suficiente para garantir uma experiência, e se dela dispõe, nem ao menos o aflora a idéia de fundamentar em uma experiência a própria autoridade. Ao contrário, o que caracteriza o tempo presente é que toda autoridade tem o seu fundamento no “inexperenciável”, e ninguém admitiria aceitar como válida uma autoridade cujo único título de legitimação fosse uma experiência (AGAMBEN, 2005, p. 23).

Lembro-me do primeiro dia que entrei para o curso do magistério, cheia de expectativas quanto à futura profissão. Nessa época já me sentia atraída pela educação, pois ficava nas janelas das salas do ensino primário observando as professoras dando aula, e me imaginando naquela posição. Ainda nessa época comecei a dar banca em casa, nesse momento comecei a perceber as dificuldades que os alunos enfrentavam em relação à aprendizagem. Foram experiências marcantes, pois começou conflagrar em mim o brilho sobre a escola, mesmo com um olhar, ainda, primário, mas de grandeza infinita, pois começavam os primeiros passos para uma experiência no caminho da educação sem saber onde iria chegar.

A verdadeira ordem da experiência começa por acender o lume; com este, em seguida, aclara o caminho, iniciando pela experiência bem disposta e ponderada e não por aquela

descontínua e às avessas; primeiro deduz os axiomas e depois procede a novos experimentos (AGAMBEN, 2005, p. 25).

Porém, o tempo passou e tudo foi se modificando. As dificuldades foram surgindo, mas nunca desisti de ser professora. Fiz o vestibular um ano depois que me formei no magistério. Mesmo com muitos problemas pessoais vividos não deixei de focar minha vida nos estudos, minha mãe sempre o priorizou.

Em 1992, passei no vestibular para o curso de Letras Vernáculas com Habilitação em Língua Inglesa e Literaturas na Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Apesar das dificuldades já observadas em relação à educação sabia que era o que realmente queria. Durante o curso de Letras tive a oportunidade de conhecer e ampliar meus conhecimentos através de muitas leituras realizadas nas áreas de língua portuguesa, língua inglesa e literaturas com alguns teóricos como Bohn, Saussure, Massaud Moisés, Paulo Freire, Piaget e Freud entre outros. Nessa época comecei a ter contato com mundo acadêmico, algo novo e assustador, pois não sabia se iria conseguir. Tive algumas dificuldades em entender algumas leituras, mas hoje percebo que isso pode acontecer em qualquer etapa da nossa vida.

Entrar no campo da ciência e sair um pouco do senso comum não é fácil, pois a nossa vida é toda montada a partir de experiências vividas, não conseguia fazer essa ligação. Pensava, muitas vezes, que o que eu trazia para a faculdade de conhecimento não serviria para nada, até mesmo porque nessa época a educação era, ainda, muito engessada, não que hoje seja diferente, porém mudanças ocorreram. Eu não entendia a necessidade de associar os conhecimentos adquiridos com as experiências da vida (senso comum) com os conhecimentos que a universidade estava me propondo (ciência).

A idéia de uma experiência separada do conhecimento tornou-se para nós tão estranha a ponto de esquecermos que, até o nascimento da ciência moderna, a experiência e ciência possuíam cada uma o seu lugar próprio. E não só: distintos eram também os sujeitos de que lançavam mão. Sujeito da experiência era o *senso comum*, presente em cada indivíduo [...], enquanto que o sujeito da ciência, é o *nous* ou intelecto agente, que é separado da experiência [...] (AGAMBEN, 2005, p. 26).

Depois que terminei a graduação, comecei a trajetória das especializações, cada uma com sua especificidade, mas agregando muito conhecimento para minha vida profissional. Essas especializações foram como uma raiz que vai se ramificando, crescendo e se formando sem saber aonde chegará, angariando alimento e articulando com o fazer educação, pois era o lugar que já me encontrava, como foi dito anteriormente, muitas vezes fragmentada no 'eu' em outros momentos agenciados no múltiplo. Momentos que não me sentia fazer parte do contexto, em outros com força de mudança, pois sempre “[...] há linhas de articulação ou segmentar idade, estratos, territorialidades, mas também linhas de fuga,

movimentos de desterritorialização e desestratificação. [...] acarretam fenômenos de retardamento relativo, de viscosidade ou, ao contrário, de precipitação e de ruptura” (DELEUZE; GATTARI, 1995, p. 2).

Nesses momentos de estudos, conciliando com o fazer ser professora, pois já estava dando aulas, fui percebendo a importância de um professor na formação do indivíduo, e como o professor é capaz de ser um elo potente entre o construir e reconstruir sujeitos ativos, capazes de pensar, analisar e agir, e ser considerado como agenciamento que faz conexão com outros agenciamentos (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 2).

Logo, a área de educação não é fácil, e nem é para qualquer um. A educação é um campo que exige compromisso, respeito e ética com o processo educacional e com o educando. Paulo Freire aponta alguns pontos relevantes sobre o processo de ensinar, mas citarei três que considero fundamental para a formação do educador, “Ensinar exige pesquisa”, “Ensinar exige respeito à autonomia do ser do educando”, e Ensinar exige comprometimento, e trago a quarta, Ensinar exige conhecimento político.

E nesses anos de estudos fui percebendo que a escola é um espaço propício para formar sujeitos críticos, e o professor que, também, é um sujeito que tem a força da palavra é incumbido de organizar uma guerra através do discurso, e a escola é um espaço magnífico para direcionar os sujeitos à determinação do agir.

Um agenciamento maquínico é direcionado para os estratos que fazem dele, sem dúvida, uma espécie de organismo, ou bem uma totalidade significante, ou bem uma determinação atribuível a um sujeito, mas ele não é menos direcionado para *um corpo sem órgãos*, que não pára de desfazer o organismo, de fazer passar e circular partículas a-significantes, intensidades puras, e não pára de atribuir-se os sujeitos aos quais não deixa senão um nome como rastro de uma intensidade (DELEUZE; GATTARI, 1995, p. 2).

O professor precisa estar atento a realidade educacional que está uma desordem, principalmente para a classe baixa da população, sujeitos que não conseguem ter uma educação de qualidade, não conseguem ter acesso a museus, filmes, cursos de línguas, devido a uma desigualdade colossal, não podendo concorrer de forma igualitária com sujeitos oriundos de classes privilegiadas, que tem acesso a todo meio de conhecimento.

Por isso, acredito que a leitura possa ser um caminho para despertar nesses sujeitos subalternizados o poder de voz na sociedade, que possam projetar o *fora*, “[...] a passagem, a exterioridade que lhe dá acesso – em uma palavra: o seu rosto, o seu eidos”, o limiar que é, “a experiência do limite mesmo, o ser-dentro de um *fora*” (AGAMBEN, 2013, p. 64).

Somos seres múltiplos, e ao mesmo tempo cheios de singularidades, pois temos nossas marcas, mas, também, nos relacionamos com outros sujeitos em outros grupos e outros cenários. E foi assim que comecei a entender e a me inserir no processo de pesquisa, um momento de muita troca e muito mais



como aquisição de conhecimento. Esse momento aconteceu quando estava como professora substitua na Universidade do Estado da Bahia – UNEB – Campus II, e tive a oportunidade de participar de um projeto de extensão com uma professora do campus, cujo tema foi Conte comigo um conto! Contação de histórias em Língua Estrangeira. Participamos da II semana de Educação de Jovens e Adultos na Universidade Estadual de Feira de Santana, na qual apresentamos uma oficina pedagógica. Foi muito gratificante, pois despertar nos professores e futuros professores a importância da contação de histórias como renovadora da prática pedagógica foi de suma importância para a reflexão e o despertar do senso crítico e aguçar a curiosidade, pois “contar histórias pressupõe deixar de lado algumas técnicas pedagógicas aprendidas e ir à busca de algo que foi esquecido, e que permanece em algum lugar do nosso ser, como um conteúdo arquetípico, recebido de herança dos nossos antecessores” (BUSATTO, 2003, p. 11).

Foi uma experiência gratificante. Comecei, então a gostar do tema, mas até então direcionado a língua inglesa. Algum tempo depois, a paixão em trabalhar com essa temática aflorou, ainda, mais quando fiz o GESTAR, um programa de capacitação para professores de Língua Portuguesa da rede estadual. Esse programa teve o objetivo de analisar como os gêneros textuais poderiam ser trabalhados em sala de aula, principalmente os textos literários, como contos e outras obras que não fazem parte dos cânones da língua portuguesa, mas que os alunos gostam muito de ler, pois os livros literários são um caminho para o mundo exterior de cada indivíduo, mas se faz necessário que esse livro esteja contextualizado ao mundo da criança ou do jovem, para que possam evoluir e imaginar.

O livro não é a imagem do mundo segundo uma crença enraizada. Ele faz rizoma com o mundo, há evolução a-paralela do livro e do mundo, o livro assegura a desterritorialização do mundo, mas o mundo opera uma reterritorialização do livro, que se desterritorializa por sua vez em si mesmo no mundo (se ele é disto capaz e se ele pode) (DELEUZE; GATTARI, 1995, p. 7).

O GESTAR proporcionou-me ter uma visão mais holística do processo de leitura e escrita, percebendo como é importante uma boa seleção de textos e livros de literatura e como os mesmos podem ser trabalhados em prol de um crescimento dos alunos no que diz respeito à leitura e a escrita, mas não como um processo apenas de codificação de signos lingüísticos, e sim, para a compreensão do mundo e da realidade que estão inseridos.

Porém, não parei por aí, sempre quis continuar a caminhada na área de educação, sempre almejei fazer o mestrado. Primeiro fiz uma disciplina como aluna especial, em 2010, Políticas de Letramento, significou muito para o que eu pensava em desenvolver como projeto, pois estudar os processos e tipos de letramentos me ajudou muito a entender que existem outras formas de conhecimentos, e não apenas aqueles adquiridos no ambiente escolar, mas a crítica cultural surgiu mesmo, quando cursei a disciplina, ainda como aluna especial, Cultura e Literatura Afro-brasileira foi a partir desse momento que me interessei

em pesquisar a contação de histórias e/ou literatura infanto juvenil direcionadas às crianças negras, pois foi durante os estudos nessa área, que começou em mim, aguçar a importância de voltar as nossas origens, entender como se constrói a nossa identidade e como o racismo e preconceitos estão impregnados nesse processo, então, porque não trabalhar isso desde a infância, momento de formação e entendimento do corpo, dos traços e dos grupos sociais.

Assim, sempre acreditei que despertar desde a infância uma educação para emancipação seria o viés para um mundo melhor, pois se isso for dado desde essa fase poderemos ter sujeitos mais questionadores da sua própria vida e do mundo, mantendo a memória longa que é a família, raça, sociedade ou civilização, decalcando e traduzindo, mas o que ela traduz continua agindo nela, ou na distância, no contratempo, de forma intempestivamente, não instantaneamente (DELEUZE; GATTARI, 1995, p. 11).

Assim, deixo aqui uma reflexão sobre minha vida acadêmica que irão com toda certeza crescer ainda mais, pois o educador está o tempo todo procurando renovar, investigar e conhecer cada vez mais as teorias e técnicas para aprimorar a prática pedagógica e, assim, contribuir com a re-construção de outras práticas.

#### **A LITERATURA INFANTO JUVENIL NA FORMAÇÃO DO “EU” RIZOMÁTICO NA ESCOLA.**

A literatura permite o encontro com o eu e com o outro, pois é através dela que o sujeito se identifica e se projeta nos personagens, relacionando sua vida aos enredos, aos cenários e aos aspectos culturais que estão embebidos nessa literatura. Por isso, é de suma importância trabalhar a literatura com crianças e jovens, pois permite que os mesmos se construam num processo individual e, também, no coletivo, assim o livro de literatura infanto juvenil precisa conter uma cultura de tratamento igualitário, respeitando a singularidade e suas dimensões familiares, culturais e sociais, como um rizoma que “não se deixa reconduzir nem ao Uno nem ao múltiplo. Ele não é o Uno que se torna dois, nem mesmo que se tornariam diretamente três, quatro ou cinco etc. [...]. Ele não é feito de unidades, mas de dimensões [...] (DELEUZE; GATTARI, 1995, p. 15).

Os livros literários infanto juvenil devem trazer uma cultura que permita a criança construir através do seu imaginário, explorando a sua capacidade de fazer interrelações.

Todas as culturas devem incluir práticas como prestação de cuidados à infância, a educação, a assistência social, a comunicação e o apoio mútuo, pois de outra forma não poderiam reproduzir-se e seriam incapazes, entre outras coisas, de desenvolver atividades de exploração (EAGLETON, 2003, p. 38).

O livro de literatura permite a criança e ao jovem pensar na realidade e todo o contexto social, tendo-a como estímulo para pensar na sua condição de ser humano pertencente a um espaço cheio de

contradições sociais e de uma diversidade exacerbada, mas esse livro literário deve ser visto pelo aluno como algo que o liberte, percebendo a literatura como um produto cultural com o qual possa interagir de forma significativa, pois tem um papel relevante no desenvolvimento intelectual de crianças e jovens, para que os mesmos não se mantenham com visão quadrada sobre o que é e como está o país em que vivem, para que não fiquem com uma visão de “culturalismo conservador”, que vive dos ‘mitos nacionais’ e de sua necessidade pragmática de legitimação interna e externa” (SOUZA, 2015, p. 144).

O livro literário é um bem cultural, pois é resultado de criação artística, tornando-se instrumento de formação intelectual e afetiva, principalmente para crianças em plena fase de aprendizagem, além de contribuir no processo de formação cultural, propiciando o espírito de liberdade, determinismo, resistência, mudança e construção de identidades.

Desta forma, não se pode aceitar que a literatura seja vista apenas como um produto industrializado, sem importância na formação do sujeito. O livro de literatura, como acontece, é produzido em grande escala para um coletivo formado de diferentes pessoas, como negros, brancos, pardos, asiáticos, ricos e pobres. Como se todos vivessem ou pertencessem ao mesmo contexto social e econômico, tornando o livro de literatura estetizado, fazendo parte de uma vida individual e consumista. É inescusável sair do individualismo, não ficar apenas no campo da crítica, mas enfrentar as representações, saber quem fala quem define e de qual lugar.

No mundo pós-moderno cultura e vida social estão, uma vez mais, intimamente ligadas, agora, porém, através da estetização dos bens de consumo, da política, como espetáculo, do estilo de vida consumista, da centralidade da imagem e da integração definitiva da cultura na produção geral de bens (EAGLETON, 2003, p. 45).

Através da literatura a criança poderá fazer conexões significativas, aprimorando a leitura, entendendo o seu passado e refletindo sobre o presente, analisando o funcionamento do livro, da obra ou do texto, pois “[...] não se buscará nada compreender num livro, perguntar-se-á com o que ele funciona em conexão com o que ele faz ou não passar intensidades, em que multiplicidades ele se introduz e metamorfoseia a sua, com que corpos sem órgãos ele faz convergir o seu” (DELEUZE; GATTARI, 1995, p. 2).

Ao invés de elitizar a escola, tentando também padronizar os sujeitos com o uso de um material, o livro, totalmente materializado e convertido em mercadoria para atender a indústria cultural, deveria a escola aproveitar a cultura trazida pelos alunos, permitindo-os ter voz para clamar e dissociar conhecimentos que fazem parte da sua identidade.

É o velho sujeito da experiência que volta aqui a apresentar-se autonomamente como eu empírico, que é em si disperso e sem relação com a identidade do sujeito e, como tal, é incapaz de fundar um verdadeiro conhecimento. Ao seu lado, como condição de todo conhecimento, está o *eu penso* [...]”

Pois o livro como produto de trabalho é caracterizado para satisfazer necessidades humanas culturais e espirituais, conferindo-o ao seu valor de uso, assim, se igualando a todas as outras mercadorias existentes, ficando a sua qualidade sujeita aos princípios do mercado.

Quando se trata do trabalho com o livro de literatura que é resultado de uma sociedade urguesa e mercadológica, torna-se vital uma análise criteriosa pelo professor dos meios de comunicação como filmes, livros, gibis, revistas e outros meios, para serem trabalhados como apoio pedagógico, e que sejam vistos como um “um mapa que deve ser produzido, construído, sempre desmontável, conectável, reversível, modificável, com múltiplas entradas e saídas, com suas linhas de fuga”, e também como um platô, multiplicando a conectividade com outras hastes escondidas superficialmente de maneira a formar e distender um rizoma (DELEUZE; GATTARI, 1995, p. 15).

A cultura de massa pode sugerir a ideia de que se trata de uma maneira cultural surgida espontaneamente a partir do advento da sociedade de massas, como uma forma contemporânea da arte popular, implicando no desenvolvimento de atitudes, comportamentos e hábitos mentais padronizados que afetam a todos.

É tão visível a percepção de que o capitalismo tem uma grande capacidade de persuasão, e que na indústria cultural o importante não é o que está dentro dos produtos, mas como ele é vendido para o consumidor, na qual as pessoas não devem pensar, não devem refletir, é uma promessa de prazer e diversão, funcionando como um extenso esquema que prescinde o esforço de reflexão, pois todos somos consumidores e todos somos produtos.

A indústria cultural não permite que o indivíduo fuja da normalidade do óbvio, tornando os sujeitos sem rostos, sem personalidade e sem individualidade. Esses sujeitos passam a usar as mesmas coisas, assistir aos mesmos filmes, ler os mesmos livros, e se destoar desse fluxo passa a ser discriminado, pois a indústria cultural se aproxima da publicidade, ou seja, vende um ideal, vende um produto, tornando reacionária e um mecanismo de dominação cultural.

Tratando-se do livro de literatura infanto juvenil, é preciso que se entenda nas instituições escolares, que no momento de escolha do livro, os indivíduos que a compõe, compreendam que os sujeitos humanos são determinados, mesmo se tratando de crianças e jovens, que não há nada mais político do que a liberdade com disciplina da nossa vontade, e que a cultura precisa ser entendida como ela é, pois a cultura é o que podemos mudar, é uma constante construção.

A prova da enorme influência dessa ideia, tanto na vida intelectual quanto na concreta e prática da sociedade brasileira, pode ser vista e comprovada na obra dos mais respeitados pensadores brasileiros a partir de então. Como as idéias influentes de uma sociedade não ficam nos livros, mas ganham as salas de aula de escolas e universidades, inspiram

programas de governo, dão mote para artigos de jornais, estimulam o que é lto nas TVs e o que é discutido em todas as conversas entre amigos nos botiquins país a fora, estamos lidando com a forma com que toda uma sociedade se percebe e age (SOUZA, 2015, p. 51).

A instituição escola, por ser considerado um ambiente de construção e educação formal, necessita, apesar de fazer parte de uma cultura de massa, encontrar caminhos para tentar provocar nos sujeitos um senso crítico em relação às questões políticas sociais, econômicas e culturais que estão invadindo com toda a força a vida dos seres humanos.

A escola não deveria estar internada nesse mundo da indústria cultural, mas como não se pode fugir dessa realidade, deve pelo menos provocar nos sujeitos a capacidade de refletir e compreender sobre a cultura e o que a indústria cultural nos propõe e o que faz com a cultura, pois para a indústria cultural não é necessário o consumidor usar a imaginação, pois já está tudo delineado nos produtos. Isso por que, “indivíduos e classes sociais inteiras têm que, efetivamente, ser feitos de “tolos” para que a reprodução de privilégios tão flagrantemente injustos seja eternizada”(SOUZA, 2015, p. 11).

A escola juntamente com os professores devem através da leitura tornar acessível aos alunos o conhecimento como forma de combate, para que os mesmos possam torna-se inteligentes para refletir e ser independentes, pois é importante usar

O conhecimento como “arma de combate”, para rearmar o cidadão que foi destruído das precondições para entender seu cotidiano e as lutas sociais, nas quais se encontra inserido sem o saber, para torná-lo sujeito de seu destino. O pressuposto é que as pessoas que foram feitas de “tolos” podem ser tão inteligentes na política quanto o são nas outras esferas da vida cotidiana e estão aptas a recuperar o que lhes foi tomado: a capacidade de refletir e julgar com autonomia e independência (SOUZA, 2015, p. 13).

Desprezar o fato de que inúmeros bens culturais, assim como os livros de literatura, contêm elementos que apostam a propagação de determinados ensinamentos morais, é menoscar que os agentes da indústria cultural consideram-se executor, em certa medida, pela educação das massas e das novas gerações.

Assim,

A cultura enquanto forma de vida, é uma versão estetizada da sociedade, nela encontrando a unidade o imediatismo sensível e a liberdade do conflito que associamos a um produto estético. A palavra “cultura” que supostamente designa um tipo de sociedade é na realidade uma forma normativa de imaginar essa sociedade (EAGLETON, 2003, p. 40).

Portanto, a indústria cultural empresta a seus produtos um caráter de composição semelhante ao da indústria geral, alienando os indivíduos de sua totalidade significativa. Os bens culturais convertem-se em mercadorias acondicionadas com aspectos externos produzidos para fechos puramente publicitários. Assim, a construção de leitor sob a indústria cultural leva a reflexão do caráter de mercado que a educação do sujeito alcançou pela uniformização e universalização do modo de produção, e o livro de literatura infanto

juvenil, ao ser colocado no mercado escolar para consumo, classificando-o num catálogo para divulgação, a indústria cultural os transforma em produtos adequados às necessidades detectadas ou criadas para as escolas. O livro na realidade continua ser o mesmo, mas sua promulgação corresponde às necessidades previamente delineadas pelo mercado.

Por isso, a literatura se for bem escolhida pelos professores e coordenadores pedagógicos, poderia de alguma maneira agregar saberes relevantes para as crianças e jovens, mostrando-os que a cultura não está apenas para os considerados elitizados, mas pode estar também para os que detêm conhecimentos não valorizados pela sociedade capitalista.

Todavia, a escola funciona como norteadora para a sociedade, mas a educação escolar não é construída, apenas pelos sujeitos que nela participa, a educação é concebido pelas necessidades do mercado.

Se as escolas fossem organizadas pelas necessidades desses sujeitos, poderia ser mais soberana para produzir o material pedagógico, como o livro de literatura, garantindo as necessidades de formação dos estudantes. Infelizmente a escola está submersa nas relações reificadas em que tudo se torna parte das relações de mercadoria, e acúmulo de poder. A escola passou a ser uma exigência de formação necessária para o mercado global, que necessita de mão de obra qualificada diante de um processo de semiformação, não conseguindo formar indivíduos capazes de refletir, e sentir-se seguros na atividade que sua formação propõe. A escola, assim, perdeu o poder do processo de esclarecimento e da formação cultural, mas isso pode ser resgatado por meio da linguagem e das experiências dos professores e das crianças, pois “a partir do momento em que existe uma experiência, que existe uma infância do homem, cuja expropriação é o sujeito da linguagem, a linguagem coloca-se então como o lugar em que a experiência deve tornar-se verdade” (AGAMBEN, 2005, p. 56).

Por isso, a leitura possibilita formar sujeitos emancipados, não apenas para adaptação de pessoas ajustadas aos status quo para as relações de trabalho que dificultam o processo formativo.

O trabalho com literatura na escola precisa de uma atenção especial para superar a semiformação que se apossa como formação alimentando a infâmia da educação. Contudo, o trabalho com o livro literário pode permitir a negatização da semiformação, alimentando a alma das crianças e jovens que estão cercados por relações reificadas, que acabam gerando sofrimentos por causa de atitudes desumanas.

Por essa razão, o trabalho com livro de literatura infantil juvenil necessita ir além das obrigações da praticidade do mundo contemporâneo, para que possa preparar sujeitos que se preocupem e se respeitem, para a compreensão das diferenças e fragilidades que assolam cada um no cotidiano da vida e para que

sempre estejam à procura de algo, saindo do conformismo procurando novos sentidos e ramificações para ser rizomático pois,

[...] rizoma não começa nem conclui, ele se encontra no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo. [...] o rizoma é aliança, unicamente aliança, [...] o rizoma tem como tecido a conjunção 'e...e...e...' Há nesta conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser. Para onde vai você? De onde você vem? Aonde quer chegar? São questões inúteis. Fazer rasa, partir ou repartir de zero, buscar um começo, ou um fundamento, implicam uma falsa concepção da viagem e do movimento (metódico, pedagógico, iniciático, simbólico...) (DELEUZE; GATTARI, 1995, p. 17).

Entende-se que a instituição escolar é um espaço de possibilidades de libertar a humanidade da barbárie, e da escravização lançada pela indústria cultural na sociedade e semiformação enraizados no processo de escolarização, mas por outro lado, a escola reproduz condições para a desigualdade, individualismo e conformismo que, também levam a barbárie. Por isso, os professores necessitam através de seus conhecimentos formarem cidadãos capazes de pensar sobre si e sobre o mundo, e isso é possível trabalhando com livros de literatura que tragam temas diversos e pautados no contexto social e étnico que as crianças e jovens fazem parte.

Portanto, o problema é que a formação cultural como lugar de destaque à escola tem a responsabilidade de formar uma sociedade mais justa e igualitária, mas não é assim que funciona, pois quanto mais a sociedade da indústria cultural avança, mais distanciamento se toma do papel formador, caminhando para a individualidade.

## **CONCLUSÃO**

Diante das reflexões realizadas, percebe-se que não há mais espaço para uma educação engessada, formal e descontextualizada. É preciso adequar o currículo as necessidades sociais da criança e do jovem para que os mesmos possam se firmar e se sentir seguros enquanto cidadão de direitos, e a literatura é um caminho para a formação cultural, pois “cultura, na acepção de conjunto das artes, pode ser mensageira de uma nova existência social, sendo esta, porém, uma tese curiosamente circular uma vez que, sem tal mudança social, as próprias artes estão em perigo” (EAGLETON, 2003, p. 39).

A leitura por meio do livro de literatura possibilita a criança e ao jovem ter acesso aos conteúdos que são necessários para o bom desenvolvimento escolar de uma criança, ajudando-a a sobressair das barbáries sociais e libertá-la para poder agir mediante seu próprio entendimento pelo uso da razão.

Portanto, a literatura infantil pode possibilitar cessar o preconceito no ambiente escolar, pois é o primeiro espaço social fora da família em que a criança se depara com as diferenças, não deixando que esse espaço se torne um lugar de sofrimento, tornando-a desestimulada. É muito importante inculcar na criança a

capacidade de entender a magnitude do respeito às diferenças de raça, etnias, crenças, e condições sócio econômicas, para tentar acabar com o ódio existente nas pessoas. Por isso, é relevante que os professores assumam um papel reflexivo junto às crianças, problematizando situações de poder para tentar resgatar elementos emancipatórios da razão na condição de esclarecimento e libertação, orientando a criança e o jovem para a força de um pensamento crítico da instrumentalização da cultura na sociedade capitalistas, e como futuro consumidor saiba analisar o cenário político e social em que está inserido. Assim, o professor com um trabalho literário poderá rizomatizar o “eu”, criando uma potência crítica nas crianças para que se tornem adultos mais autônomos nos seus pensamentos.

## REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. *Infância e história: destruição da experiência e origem da história*. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005 101 p.
- AGAMBEN, Giorgio. *A comunidade que vem*. Trad. e notas Cláudio Oliveira. Belo Horizonte: Autêntica Ed., 2013. 103 p.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Introdução: Rizoma. In: *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*. Vol. 1. Trad. Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. 94 p.
- EAGLETON, Terry. *A Ideia de Cultura*. Trad. Sofia Rodrigues. 1. ed. Oxford, 2003.
- SOUZA, Jessé. *A tolice da inteligência brasileira: ou como o país se deixa manipular pela elite*. São Paulo: LeYa, 2015. 272 p.



## PERCURSOS PARA CONSTRUÇÃO DE UM OBJETO DE PESQUISA EM CRÍTICA CULTURAL

Pollyanna Araújo Carvalho<sup>1</sup>

*Resumo:* Trata-se de um percurso a respeito do objeto de estudo sobre a Dívida Pública Brasileira e as estratégias para enfrentar os dispositivos de poder. Tomando como problema se seria o desvelamento do sigilo da dívida pública de nações dependentes como o Brasil um fator de impacto para a consciência social, apresentamos os seguintes objetivos: estabelecer uma semiologia da dívida pública e sua auditoria; mapear as instituições e dispositivos que estabelecem e controlam os conceitos e as práticas do endividamento público. A metodologia será a pesquisa bibliográfica partindo das contribuições de Agamben (2009) a respeito dos dispositivos, Fatorelli (2015) sobre questões da dívida pública, auditoria cidadã, dentre outros teóricos. Feita a leitura da teoria, crítica e historiografia do sistema da dívida, comporemos e analisaremos um conjunto de dados, cujos resultados espera-se que seja: a definição da forma da dívida; um levantamento bibliográfico multidisciplinar crítica ao sistema da dívida; a descrição das práticas do sistema financeiro; um listamento das instituições e dispositivos. Em suma, considerando que transparência é um conceito mais amplo do que o de publicidade, e de que não se sabe, ainda, que forças movem a figura do sigilo sobre o sistema da dívida, é fundamental que a investigação, a pesquisa e o debate politizem a questão.

*Palavras-chave:* Dívida pública Brasileira; Dispositivos; Auditoria; Crítica Cultural.

### INQUIETAÇÕES SOBRE O MESTRADO EM CRÍTICA CULTURAL

Passado seis anos que me graduei em Administração, morando e trabalhando na cidade de Alagoinhas, me deparei na pesquisa sobre uma Pós e um Mestrado a priori na minha área de formação. Pesquisando na internet me matriculei em uma Pós Graduação em Finanças e Controladoria na cidade de Feira de Santana e como já conhecia à Universidade do Estado da Bahia Campus II por pessoas próximas, nos cursos de Educação Física, História, Análises de Sistemas, Biologia e apenas uma pessoa do Curso de Letras, que estava na época tão descontente com o curso que nem me interessei em questionar o porquê de tantas fissuras entre Vernáculos, Inglês e Francês. A respeito dessa resposta prefiro não adentrar por não ser o foco/objeto desta pesquisa e sim de curiosidade pessoal.

Voltei novamente à internet, pesquisei sobre os Mestrados em Administração e nas Universidades pesquisadas as aulas seriam em dias de segunda-feira e terça-feira na cidade de Salvador, mediante conversas com a chefia imediata, me relataram que seria inviável a liberação nestes dias, haja vista que os fluxos de pagamentos eram grandes nesses dias. Fazendo uma leitura crítica também percebi que na área de administração analisar sob alguns aspectos trava e engessa o pensamento, em uma outra área de conhecimento existia uma concepção de abertura, que poderia anular um sistema fechado, de certa forma formatado.

---

<sup>1</sup> Mestranda em Crítica Cultural pelo programa de Pós-graduação em Crítica Cultural da Universidade do Estado da Bahia – UNEB – DEDC *Campus II* – Alagoinhas, linha de pesquisa 1: Literatura, Produção Cultural e Modos de Vida, orientanda do Prof. Dr. Osmar Moreira dos Santos. Bolsista da FAPESB – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia. Endereço Eletrônico: pollyannacarvalho1@hotmail.com. Aluna regular do período 2017.1.

Então resolvi entrar no site da UNEB – Alagoinhas e pesquisei sobre as linhas do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, dentro de tantas abas e informativos observei que estava no último dia para inscrição como aluna especial. Fiquei encantada pela Linha 1, lendo a ementa da disciplina Literatura, Cultura e Modos de Produção, enxerguei ali a oportunidade de vivenciar uma pequena porção dessa experiência acadêmica em Letras na tentativa de entender a proposta não só da disciplina como também do Mestrado, mesmo vindo da administração com as discussões, tinha noção que em crítica cultural emergia novas perspectivas e leituras, que na minha área de formação não seria possível, por isso poderia confirmar nas aulas minha intuição e decidir se faria a prova para aluna regular.

Lembro-me das primeiras leituras realizadas no curso, como aluna especial. Foi no decorrer das aulas, ministradas pela professora Jailma Moreira que iniciei o exercício de tentar pensar como crítica cultural. Pensar em projetos, ouvir os colegas falando de seus objetos e sujeitos de pesquisa, o exercício de observar um prisma da crítica cultural e ponderar como crítica cultural não foi um aprendizado fácil, já que na minha cabeça os números falavam mais alto. Mas como pensar em números e não pensar nas letras que os explicam? Nos discursos, nas análises que fazemos, nos pensadores dos mais tradicionais aos mais novos que estão no nosso vocabulário e por vezes nem percebemos. Implicava também pensar não só em uma literatura, todavia em uma literatura menor, nas minorias, nos subalternos, nas mulheres silenciadas que esgaçavam todas as possibilidades e das brechas faziam surgir seus primeiros escritos, gritos, cantorias, artes, vislumbres de muitos conceitos e permitir ser atingida, pois também me constituíam enquanto sujeito.

Ao final da disciplina teve o VIII Colóquio Modos de Produção e Circulação Cultural e o I Colóquio em Metodologia em Crítica Cultural e seus Modos de Produção realizado na comunidade do Buri, localizado em Alagoinhas e as discussões que lá ocorreram com os diversos professores da UNEB, das professoras do ensino fundamental da localidade, com alguns moradores relatando, seus anseios de representantes do Partido dos Trabalhadores, dos colegas mestrados, percebi a infinidade de possibilidades em um campo tão fértil, aberto para novas percepções e ali eu decidi que era esse Mestrado em Letras que deveria fazer.

Com a aproximação de uma nova seleção para aluna especial resolvi me inscrever na disciplina de Cultura e Biopolítica, em que o processo de Cultura é de homogeneização das expressões, do comportamento, sendo preciso entender de uma maneira mais ampla, traçando um viés que está intimamente ligado nas formas de controle, (nas relações de força ou seria nas relações de jogo?) Qual a materialidade da cultura? Surgindo nas discussões o Surrealismo como movimento heterogêneo que frustra as expectativas, trazendo diversidade de práticas artísticas sem regras precisas, sem unidade estilística, decompondo a ordem simbólica de apreensão da realidade. As imagens trazidas por meio de fotografias, vídeos, filmes, questionamento de situações e inúmeros artefatos e coisas abjetas ao nosso cotidiano,

percebe-se o olhar nas entranhas não de uma forma histórica puramente, mas uma forma mais genealógica – de que maneira o homem valora em cada período determinada coisa? Como valora? Como vê no momento? As coisas são desinventadas. Finalizando a disciplina montamos um dicionário heterológico com os mais diversos termos e expressões que surgiram no decorrer das leituras.

Dito isto, o aditivo dessa nova disciplina me impulsionou a buscar leituras diversas e agregou muito para que eu voltasse a me debruçar sobre os livros e ver nas leituras obrigatórias para a seleção foi uma em especial, o rizoma sob a perspectiva de abertura “é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente”, (DELEUZE; GUATTARRI, 1995. p. 8), ou seja, perpassa por várias áreas de conhecimento, com inúmeras possibilidades de começos, recomeços, e, foi nas várias leituras rizomáticas que percebi o total envolvimento das letras e dos números, fazendo um diálogo bem pertinente nesse labirinto chamado Brasil. Cada etapa que passei como aluna especial, nos envolvimento com o Anfiteatro assistindo aos filmes chineses, na Fábrica de Letras, nos Periódicos, auxiliando nas organizações de eventos e no primeiro dia de aula como aluna regular, senti que estava no Mestrado diferenciado com professores que vão além dos títulos, pela generosidade, cumplicidade, humildade, acolhimento e abertos para as diferentes áreas que confluem nessa transdisciplinaridade de formações pessoais e acadêmicas.

A princípio fiz um projeto sobre o Mercado de Artesão desta cidade, sendo aprovada e agora como mestranda regular do programa, ao encontrar para a minha primeira orientação ao desabafar todas as angústias que atravessavam o meu projeto, falar sobre as minhas expectativas, relatar os problemas que os sujeitos daquela localidade passavam, tivemos ideias transversais para pensar esse Mercado e fazer uma comparação com o Mercado da Paraíba, pois este possui uma organização diferenciada, com um mapa dos artesãos, trabalham com exportação dos artesanatos que eles fabricam e fui para casa com o desafio de entrelaçar esses fios de convergência e divergência.

Ao chegar em casa eram tantas dúvidas que brotavam, eram tantas possibilidades que fui até o Mercado conversar com o pessoal, fui de box em box para falar sobre o projeto, observar e analisar tentando tomar distância dos sujeitos de pesquisa e cada um me relatava uma adversidade, uma proposta, um anseio, uma frustração, as vaidades, as relações invisíveis de hierarquia que prejudicam a eles mesmos e me entristeci ao perceber que os problemas eram tão maiores que não bastava só um projeto de reflexão. Seria muito complicado não pensar como uma administradora que com um projeto de intervenção talvez fosse apontar uma matriz de oportunidades, ameaças, forças e fraquezas, logo essa alternativa de adentrar sem a preparação para tomar distância necessária e com os inúmeros embates de egos me fez repensar o projeto.

Na segunda orientação relatei ao meu orientador o quão desanimada eu estava por todas as dificuldades relatadas acima e após um longo diálogo decidimos findar este projeto, para que obtivesse a distância necessária amadurecendo alguns questionamentos para transformá-lo em um artigo. Nessa perspectiva pensamos em um outro objeto de pesquisa que dialogasse com as letras no campo linguístico-literário para pensar com os números e as letras o problema da dívida pública do Brasil, sua semiologia e como se constitui esse sistema da dívida. Então, outro passo foi dado e começamos o projeto do zero para construir essa nova e tão importante perspectiva de pesquisa para os cidadãos brasileiros letrados ou analfabetos que pagam essa conta sem a possibilidade de contestar, dialogar, ou direcionar esse recurso em inúmeros benefícios/direitos para a população.

O objeto de pesquisa escolhido foi a dívida pública brasileira, observando o impacto histórico, administrativo, político, econômico e institucional que estão imersos dentro dessa conjuntura. Quando falamos em sistema da dívida representado por um dispositivo de poder, lembramos da precursora nos estudos sobre ela a Maria Lúcia Fattorelli, auditora fiscal aposentada, coordenadora da organização brasileira auditoria cidadã da dívida, foi membro da comissão de auditoria integral da dívida pública no Equador, participou da Comissão Parlamentar de Inquérito no Brasil (CPI) encerrando em 2010 e autora de alguns livros sobre Auditoria da Dívida.

Tive o primeiro contato com Maria Lúcia Fattorelli no Seminário Internacional Dívida Pública, Crise Capitalista e Questão Social, promovido pelo Observatório de Políticas Públicas e Lutas Sociais, na Universidade Federal De Alagoas, nos dias 06 e 07 de Julho de 2017. Ao conversar com ela tive a convicção de que precisamos pensar sobre as relações existentes no velamento existente que impossibilita uma auditoria cidadã, entre os arrolamentos mercadológicos que percorrem a sociedade capitalista que estamos inseridos, nos processos de conscientização de classes, e, sobretudo, como, pelo viés marxista, da luta de classes, mais de 2/3 da população ficam a margem do nosso país, e que precisam reivindicar seus direitos de informações claras, concisas que desvele os dispositivos dessa dívida observando quais impactos teria na sociedade, o resultado poderia ser uma revolução da classe alienada que tem seus direitos a educação, saúde, educação e cultura reduzida a farrapos?

Recordo-me de que era a única baiana da área de Administração e mestranda em Letras, representando a Universidade do Estado da Bahia, no meio de tantos economistas, advogados, sociólogos, pedagogos e tantos representantes de frentes sindicais. A primeira pessoa a me recepcionar foi um sindicalista parabenizando-me por estar ali na discussão e ao mesmo tempo com a curiosidade aguçada para saber mais sobre a pesquisa, a Universidade, deslumbrado com o engajamento das Letras numa luta que é tão minha-sua-nossa, da militância, do doutor, do trabalhador, ou seja, por todos que pagam a conta no final.

No final do seu discurso ele me perguntou: Você será crítica cultural, o que vocês fazem? Neste momento recordei das aulas, dos professores, dos colegas e do nosso exercício diário em pensar como crítica cultural. De pronto, respirei fundo e ainda sem ter muita ou talvez nenhuma certeza, respondi, ser crítica cultural é se permitir ser desestabilizada por um texto, ler várias vezes e ter a certeza que cada dia precisamos nos despir dos conceitos eurocentrados, hegemônicos que são tão impostos desde a nossa colonização e após isso perceber que não se faz crítica por crítica, mas por reflexões que geralmente são invasivas, porém extremamente necessárias em um discurso em que a linguagem e a língua são instrumentos de resistência do povo de uma nação dependente como o Brasil.

Inúmeras questões discutidas naquele seminário me marcaram de forma intensa, assim como Agamben, em *Infância e História*, trazendo a noção de como os seres humanos são constituídos na língua, encarando as formas de linguagem para se afirmarem como sujeitos que tem a potência de falar encarando-os como formas de linguagem se constituem socialmente e como está intrínseco no cotidiano, sejam nas nomeações, nos discursos, no modo de expressão dos sujeitos, constatando que é “através da linguagem o homem se constitui como sujeito” (AGAMBEN, 2009, p. 56).

Perceber a transversalidade dos campos de conhecimento, os debates, o condicionamento do sistema de interpretação, com as relações de poder que “formas de poder-saber de nossa sociedade” (FOUCAULT, 1990, p. 67). Foram relatadas diversas experiências sobre a dívida pública dos países como: Itália, Colômbia, Uruguai, Argentina e Equador, em todos esses países percebe-se que o sistema da dívida é muito parecido, ou seja, sem auditorias, sem contestações, onde o mercado é quem dita as normas, corrupção generalizada, subvertida pelo sigilo das informações.

Uma experiência que deveria ser seguida por todos os países, apesar de não ter sido concluída, foi a auditoria da dívida no Equador no ano de 2007 envolvendo diversos países para auditar a dívida. Verificou-se na auditoria que a dívida já havia sido paga e o país tinha créditos com os detentores da dívida, fazendo com que 95% dos bancos assinassem a quitação da dívida, a favor da nova classe revolucionária no poder, mostrando que com atitude e vontade do governante, da classe trabalhadora fortalecida – ainda não tem consciência da sua força, do seu poder produtivo - podemos fazer o mesmo no nosso país.

Outro elemento é a noção de dispositivo que, como crítica cultural, deveria questionar sempre as formas que estão sendo impostas nas diversas esferas de poder que circunscrevem a sociedade mantendo a população alienada, desprovida de informações claras, criando sempre mecanismos para manter a classe trabalhadora desprovida de seus direitos. A palavra-chave que me impulsionou a pensar como crítica cultural foi a semiologia dessa dívida, que refletirei com as contribuições de Barthes (2006):

[...] qualquer sistema de signos, seja qual for sua substância, sejam quais forem seus limites: imagens, os gestos, os sons melódicos, os objetos e os complexos dessas substâncias que se encontram nos ritos, protocolos ou espetáculos, se não constituem "linguagens", são, pelo menos, sistemas de significação. (BARTHES, 2006, p. 11).

Ainda sobre a semiologia Barthes (2006) reflete que podemos encontrar formas e não formas, nessa perspectiva a dívida mesmo não apresentando uma forma específica, essa não forma também se constitui como semiologia, “em semiologia, podemos encontrar entretanto sistemas cujo sentido é desconhecido ou incerto” (BARTHES, 2006, p. 70).

## **REFLETINDO SOBRE O CONTEXTO DO MEU OBJETO DE ESTUDO**

O questionamento sobre a Dívida Pública Brasileira e seus dispositivos é um assunto pouco debatido nas rodas de conversa, especialmente se tratando da sociedade brasileira. Um dos mecanismos de poder se dar no dispositivo, “qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres vivos” (AGAMBEN, 2009, p. 40). Partindo desse pressuposto um dos dispositivos que podemos mencionar permeia a linguagem, que é usada por cada departamento de conhecimento de forma específica e cheia de nomenclaturas, termos, que são pouco conhecidas pela população de massa. População essa, que é grande detentora da produção do capital, que através do trabalho árduo gera riquezas para as grandes instituições e empresários, em troca de salários mínimos e quando vão para as mídias sejam elas impressas ou on-line se informar sobre questões como a dívida pública e seus desdobramentos nos canais disponíveis, esbarram no problema da língua, linguagem e acessibilidade. “É na linguagem e através da linguagem que o homem se constitui como sujeito” (AGAMBEN, 2005, p. 56).

Portanto busca-se perceber a desarticulação dos dispositivos como: publicidade, transparência, linguagem, informação, que permeiam a nossa sociedade e nos direciona alguns questionamentos: Quem inviabiliza o cidadão a ter acesso a dívida e/ou auditoria pública? Como se configura a linguagem disseminada para os cidadãos tido como leigos? Ou, ainda, a linguagem da transparência pública é pensada e escrita só para pessoas do meio acadêmico? Existe essa necessidade de ter uma linguagem pouco acessível? A auditoria cidadã sendo exercida pela sociedade é um dever, ou uma realidade tão aguardada?

Neste percurso de tantas inquietações e com o pensamento voltado para a luta contra uma cultura hegemônica enraizada e ser elevada com mecanismos de transparência acessível tendo em vista um recorte social da heterogeneidade com informações de suma importância para o povo brasileiro e como a desarticulação de dispositivos de controle pode ser libertadora, foi observada certa carência de um estudo para nortear como uma mapa sem tracejo, na tentativa de rabiscar as desarticulações possíveis e como o

povo munido de informações claras e acessíveis podem se tornar ainda mais uma classe forte, com capacidade de reagir e lutar sabendo que seu potencial intelectual não está sendo manipulado.

Logo, o objeto de pesquisa é o conjunto do impacto histórico, administrativo, político, econômico e institucional acerca da dívida pública brasileira, principalmente analisando a auditoria e seus dispositivos, problematizando o desvelamento do sigilo da dívida e ao mesmo tempo avaliando se essa auditoria poderia afirmar o estado como instituição de direito público, capaz de ser controlado pela sociedade civil organizada, em sua produção e trocas intersemióticas. Desta maneira, buscaremos trazer relevância acadêmica através de uma leitura crítica das fronteiras entre a tentativa de construção de desarticulação dos entraves dos dispositivos, que por vezes dão a entender ser um processo cultural de homogeneização, mas ser entendida de uma forma ampla e heterogênea destes mecanismos de poder.

## **QUESTÕES LEVANTADAS E TENTATIVAS DE COMPREENSÃO**

A questão da Dívida Pública Brasileira em seu contexto histórico foi concebida desde o momento que a independência foi decretada, haja vista que assumimos a dívida que Portugal tinha contraído com a Inglaterra. A dívida persiste até os dias de hoje, recortando para a década de 1970, durante a ditadura militar, um dos dispositivos que nos foi negado foi a transparência. A partir deste momento assumimos uma série de empréstimos externos para construir hidrelétricas, siderúrgicas e vários investimentos de infraestrutura.

Segundo Fatorelli (2013) foi durante a CPI da dívida que tentou-se rastrear ou explicar a dívida, no entanto os investimentos gastos naquela época só justificavam 20% da dívida. A CPI é resultado da luta social, que permitiu o acesso a muitos documentos que nós brasileiros nunca tivemos acesso. As constatações mais importantes foram o fato de 80% da origem da dívida não ter sido explicada e que a maior parte dessa dívida foi contraída de bancos privados internacionais e não com o Fundo Monetário Internacional.

A Constituição Federal de 1988, prevê a necessidade de fazer uma auditoria da dívida. Foi criada uma comissão, porém enfrentou gravíssimos problemas políticos e quase não conseguiu trabalhar. Existe um sistema para a dívida que garante um aparato legal que privilegia seu pagamento em detrimento de todos os outros gastos sociais. A exemplo da Lei de Responsabilidade Fiscal em que ela privilegia o pagamento da dívida sobre todos os outros pagamentos.

Para Fatorelli:

Auditoria é mostrar o que realmente é dívida e o que é essa farra do mercado financeiro, utilizando um instrumento de endividamento público para desviar recursos e submeter o País ao poder financeiro, impedindo o desenvolvimento socioeconômico equilibrado (FATTORELLI, 2015).

Outrossim, a auditoria aponta onde estão as irregularidades do sistema. Levando em consideração que é a sociedade quem paga pela dívida, por quê não conseguimos acessar quem são os detentores desta dívida?

A Auditoria Cidadã da Dívida investiga o endividamento público brasileiro (interno e externo) com o intuito de promover uma auditoria cidadã, exatamente pelo fato de estar sendo realizada por cidadãos e para os cidadãos, com isso o site da auditoria é aberta à participação de todas as entidades e cidadãos preocupados com o agravamento dos problemas nacionais dentre os quais o endividamento público exerce papel preponderante.

Ainda no contexto de auditoria da dívida, podemos citar o exemplo do Equador, que criou em 2007 a CAIC<sup>2</sup> com a finalidade de realizar uma auditoria oficial da dívida pública no país e contou com a participação de organizações sociais nacionais e estrangeiras, universidades e instituições com experiência na investigação do processo de endividamento público. Foram auditados 30 anos de dívida pública. Com o resultado, o presidente determinou a suspensão dos pagamentos aos detentores dos títulos da dívida externa, submeteu o documento a avaliações jurídicas nacionais e internacionais e com o referendo jurídico do relatório da CAIC, que anunciou a decisão de aceitar apenas 25 a 30% do valor dos títulos da dívida externa comercial. Diante da incontestável ilegalidade da dívida, 95% desses credores aceitaram a proposta.

A estrutura da administração pública brasileira é obrigada pela Constituição Federal a prestar contas do uso de recursos públicos e a respeitar o princípio da publicidade, entre outros princípios da administração pública. Desse modo, é notória a necessidade de transparência das contas dos entes públicos e seus órgãos componentes nas administrações direta e indireta, no entanto percebe-se que ainda existe um sigilo sobre os detentores da dívida e comprovação mediante a apresentação dos contratos de aproximadamente 80% da dívida. A transparência é um conceito mais amplo do que publicidade, isso porque uma informação pode ser pública, mas não ser relevante, confiável, tempestiva e compreensível.

Neste contexto, Foucault (1996) diz que, a essência está na superficialidade, no que está escrito, dito. Nós somos formações discursivas, por isso percebe-se que se tivermos apropriação na intervenção ou desarticulação dos entraves dos dispositivos que permeiam a linguagem, poderemos ser cidadãos diferenciados de um sujeito formatado pelo sistema.

---

<sup>2</sup> Comissão para a Auditoria Integral do Crédito Público.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trajeto retrata parte da minha experiência acadêmica no Programa de Pós- Graduação em Crítica Cultural desde a condição de aluna especial até o percurso como aluna regular. Aponto algumas dificuldades, tentativas de compreensão, desconstruções, inúmeras contribuições e, sobretudo, do crescimento pessoal e intelectual ocorrido neste período.

A trajetória deixa transparecer que a pesquisa “Dívida Pública no Brasil e os dispositivos de poder”, é importante por se tratar de uma pesquisa sobre a configuração institucional e o debate social sobre o tema da auditoria cidadã da dívida pública no Brasil, apresentando um olhar crítico-cultural sobre os pressupostos da disciplina Administração Pública e Privada, bem como estabelecendo as linhas gerais para uma semiologia que demarque as formas e os elementos estruturantes do fenômeno dívida pública e sua auditoria num contexto de capitalismo tardio, rentismo financeiro e globalização reacionária.

Partindo de um pressuposto de que um país que se quer de fato internacional e soberano, e com contribuições decisivas para a humanidade, deve não só fazer uma auditoria rigorosa do sistema da dívida pública, imposto pelo colonialismo ocidental, mas estabelecer outros critérios contra a superexploração da classe trabalhadora por parte dos detentores dos meios de produção capitalista, pretende-se investigar até que ponto o sigilo da dívida pública implica um dispositivo de alienação social ou, ao contrário, se o seu desvelamento significa um ponto de partida para sua superação ou revolução social.

Espera-se com essa investigação não só definir, em outros termos, a forma da dívida, renovar a bibliografia sobre a questão, descrever as práticas corruptas e fraudulentas do sistema financeiro, listando instituições e dispositivos, mas contribuir de forma decisiva para um debate contemporâneo e popular.

Além disso, o tema é de relevância tanto social quanto científica, se propondo a investigar as sombras que emergem na dívida pública, elaborando um levantamento bibliográfico sobre o tema, a elaboração de resenhas, fichamentos de leitura, ensaios, artigos, painéis, relatórios e, sobretudo a dissertação, constituirão um excelente acervo para o Centro de Documentação do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural.

Por fim, necessário se faz, que os aspectos observados até o momento sobre a Dívida Pública no Brasil, implica muitos questionamentos, tensões teóricas apesar do pouco aporte



exclusivamente sobre a dívida, para que se tenha uma averiguação quanto a auditoria, semiologia, as possíveis articulações da sociedade civil organizada para a elaboração e implementação de máquina de guerra, como afirma Moreira (2010) p. 46 “máquina de guerra como um valor que foi recalcado, domesticado, para que se possa criar condições afirmativas e libertárias de sociabilidade”. Sugere também que pensemos: seria o desvelamento do sigilo da dívida pública de nações dependentes como o Brasil um fator de impacto para a consciência social? E é nesse questionamento que reverbera todo o mapa que está se constituindo mesmo que ainda disforme.

## REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. *Infância e história: destruição da experiência e origem da história*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005, p. 19-78
- AGAMBEN, Giorgio. *O que é contemporâneo? E outros ensaios*. Trad. Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, 2009, p. 25-54
- BARTHES, Roland. *Elementos de semiologia*. Trad. Izidoro Blikstein. 16. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. Introdução: Rizoma. In: *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. vol. I. São Paulo, Ed. 34. 1995, p. 7-37
- FATTORELLI, Maria Lúcia. *A dívida pública em debate: saiba o que ela tem a ver com sua vida*. Editora Inove, 2012.
- FATTORELLI, Maria Lúcia. *Auditoria cidadã da dívida pública – experiência e métodos*. Editora Inove, 2013.
- FATTORELLI, Maria Lúcia. *Entrevista: A dívida pública é um mega esquema de corrupção institucionalizado*. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/economia/201ca-divida-publica-e-um-mega-esquema-de-corrupcao-institucionalizado201d-9552.html>. Acesso em: 7 de abr. 2017.
- FATTORELLI, Maria Lúcia. Entrevista: dívida pública consome metade do orçamento. *Revista Caros Amigos*, Janeiro de 2013.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 19. Ed. São Paulo: Loyola, 1996.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1990.
- MOREIRA, Osmar. *Oswald de bolso: crítica cultural ao alcance de todos*. Salvador: UNEB, Quarteto, 2010.



## LETRAMENTO DIGITAL: PERSPECTIVAS E DESAFIOS NO CONTEXTO DA SALA DE AULA

Rosiane Pimenta<sup>1</sup>

*Resumo:* Com o advento das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), o uso das tecnologias digitais no processo de ensino-aprendizagem tem sido um grande desafio para os estabelecimentos de ensino se adequarem a nova realidade. A escola, enquanto espaço de aprendizagem, precisa estar aberta para as múltiplas possibilidades de produção e recepção de conhecimentos e também explorar as diversas formas do uso social da leitura e da escrita que esse espaço oferece. Além disso, é preciso problematizar o uso das tecnologias digitais nesse espaço; atentar para a forma como se agencia o olhar na produção do objeto de estudo, isto é, como se deve pensar o uso das tecnologias digitais nas práticas escolares: como um dispositivo de controle, no qual poucos ainda têm acesso, questionando o uso, a partir da produção; ou se estamos simplesmente reproduzindo tudo o que já foi dito, reforçando ainda mais a sua hierarquização. Desse modo, o presente estudo tem como objetivo traçar os caminhos da construção e (des) construção do meu objeto de Pesquisa, amparado pelas minhas inquietações no decorrer do Programa da Crítica Cultural. Como aporte teórico, o estudo da pesquisa apoiar-se-á em Agamben (2009), Bachelard (1996), Baudrillard (1981), Deleuze e Guattari (1995), Ginzburg (1990), Kleiman (1995), Lévy (2009), Mignolo (2008) e Xavier (2008). Espera-se que esse estudo possa colaborar para aberturas e enfrentamentos no modo do fazer científico em torno dos Estudos Culturais.

*Palavras-Chave:* Letramento. Perspectivas. Desafios. Estudos culturais.

### INTRODUÇÃO

A pesquisa cujo título provisório é *Letramento digital: perspectivas e desafios no contexto da sala de aula*, encontra-se em fase de construção e, principalmente, (des) construção de sua escrita. Através dos diálogos, leituras e discussões mobilizados pelo Programa da Crítica Cultural, pode-se observar um desmonte constante e diário no pensamento, modo e ideia de se fazer a Pesquisa.

À princípio, o objeto de estudo parte da hipótese de que o letramento não se refere apenas ao processo da leitura e da escrita, mas as diversas práticas de interação social que podem ocorrer dentro e fora do contexto escolar. Segundo Kleiman (1995), “o fenômeno do letramento extrapola o mundo da escrita tal qual ele é concebido pelas instituições que se encarregam de introduzir formalmente os sujeitos no mundo da escrita”. Desse modo, propõe a autora, o letramento pode acontecer em vários espaços e de forma bem diferente do que normalmente é legitimado nas escolas.

Situadas no contexto da sociedade contemporânea, a inserção das tecnologias digitais na Educação pode potencializar diferentes modos de ler e formas de escrever, constituindo, assim, um espaço significativo para a construção da autoria e da escrita colaborativa e também da formação de

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB), Linha de Pesquisa: Letramento, Identidades e Formação de Educadores. Orientadora: Profa. Dra. Maria Neuma Mascarenhas Paes. Endereço eletrônico: rosii\_ane@hotmail.com.

um sujeito culturalmente multifacetado, já que a sua identidade passa por um constante desmonte diário dentro desse processo.

Acredita-se também que a escola é a responsável para oportunizar o contato do aluno com os multiletramentos, isto é, o contato dele com diferentes suportes e mídias de textos escritos e não ficar restrita somente ao uso do texto impresso como se apenas através dele houvesse aprendizagem, de fato, significativa.

Todavia, as nossas escolas ainda conseguem minimizar certas práticas de letramentos, e isso me fez perceber que existe um longo caminho a ser percorrido quando se fala em trabalhar com as tecnologias digitais nas práticas escolares. E foi com esse objetivo de investigar mais atentamente o porquê disso e quais as subjetividades imbricadas nesse processo, que nasceu, a priori, esse estudo.

O interesse por esse assunto, parte da minha trajetória, enquanto estudante do curso de Letras (UNEB) e Mídias na Educação (UESB). Durante os cursos me apropriei dos estudos da leitura, da escrita e das práticas de letramento em suas múltiplas interfaces. Pretendia com isso refletir sobre os processos de ensino-aprendizagem, as suas implicações no campo da educação, assim como problematizar de quais formas essas práticas interagiam e se articulavam dentro e fora do contexto das relações sociais.

Posteriormente, como discente do Programa de Mestrado em Crítica Cultural (UNEB), tive a oportunidade de realizar leituras e discussões que tinham como objetivo construir um olhar crítico e demarcar uma posicionalidade diante da minha Pesquisa. Um olhar que fosse capaz de articular a minha teoria com a prática, e, sobretudo, capaz de indicar os resíduos, aparar as arestas e criar zonas de experimentação permanente dentro do fazer científico.

Enquanto professora e agente do letramento, encorajada por essas reflexões, comecei a (re) pensar como eu poderia confrontar o que eu já vinha pesquisando, as tecnologias digitais, com os estudos da Crítica Cultural, observando, assim, as possibilidades de aproximações, tensões e fricções que emergiam diante delas, afinal pensar como Crítica Cultural é esvaziar todo o seu discurso e partir literalmente para uma guerra que começa através da sua linguagem e isso não é fácil, principalmente, quando precisa desmontar com discursos hierárquicos e hegemônicos construídos no decorrer da sua vida acadêmica.

Mignolo (2008), em *Desobediência epistêmica*, nos convida a pensar na necessidade de uma desobediência teórica como o principal caminho de mudança, pois os elementos da colonialidade ainda são encontrados no padrão de conhecimento hegemônico da sociedade atual, logo, devemos ser epistemicamente desobedientes na nossa forma de pensar e agir.

Desse modo, apresentarei nesse breve estudo uma microanálise do meu projeto de pesquisa amparada pelas minhas inquietações constituídas no decorrer do Programa da Crítica Cultural e através do olhar teórico de alguns estudiosos que agenciam essas questões.

## **1 O CIBERESPAÇO: ESPAÇO DE TRAVESSIAS E DESLOCAMENTOS**

A presença dos recursos tecnológicos na sociedade, especificamente a internet, vem moldando a maneira dos indivíduos se comunicarem, se relacionarem e construir conhecimentos. O homem, a partir dessa interação, constrói a realidade comunicacional, instaura novos conhecimentos e reescreve a sua história a partir das diversas potencialidades que as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) apresentam neste contexto.

A cibercultura ou cultura digital caracteriza-se por um espaço de interação onde se faz o uso da leitura e da escrita através da rede. Esses espaços de interações envolvem diversas possibilidades comunicativas (e-mail, Twitter, Facebook, YouTube, chat, fórum de discussão, blog, além do texto, o áudio e o vídeo), provocando constantes trocas simbólicas nas maneiras de pensar e conviver na sociedade.

A comunicação da cultura digital se dá através de nós de conexões e desmaterialização do espaço e do tempo, deslocando não somente objetos e corpos, mas também pensamentos e fluxos comunicativos em rede. Segundo Lévy (1999, p.49), “É virtual toda entidade ‘desterritorializada’, capaz de gerar diversas manifestações concretas em diferentes momentos e locais determinados, sem, contudo, estar ela presa a um lugar ou tempo em particular”.

A multiplicidade semiótica de constituição e circulação dos textos ancorada pela tecnologia digital e o seu aparato de recursos tecnológicos, como *smartphones*, *notebooks* e a rede *web*, aponta para a construção de uma cultura formada por sujeitos fluidos e cambiantes que transitam em diferentes espaços ao mesmo tempo. A identidade dos sujeitos a partir desse emaranhado de conexões torna-se instável, principalmente, pelo fato das redes de interfaces serem abertas e flutuantes, o que pode transformar os seus contextos de significados e usos. Conforme Xavier (2008), o uso das tecnologias no contexto escolar esbanja possibilidades de experiências estéticas interessantes, pois “[...] pode levar o usuário a viver sensações inéditas, seja pelo uso solitário dele com a máquina, seja pelo uso da máquina para interagir com outras pessoas”.

Nesse sentido, se por um lado, o uso das tecnologias digitais contribuiu para a aproximação das pessoas e se constituiu como um relevante veículo de informação e comunicação, possibilitando novos contextos de relações sociais e culturais ativas; por outro se tornou também um objeto de

constante problematização e uma verdadeira máquina de guerra que desde muito cedo invade as nossas vidas e territorializa o nosso olhar, nos impondo de forma maciça e frenética maneiras de pensar, formas de se relacionar e consumir, ou como dizia Baudrillard (1981), vivemos numa teia de simulacros que exercem poder real sobre as nossas vidas.

E foi a partir dessa demarcação e à luz da crítica cultural que surgiram as seguintes inquietações com relação ao meu objeto de pesquisa e ao modo como eu pensava as práticas de letramento digital na sociedade: que conceito eu tenho de cultura digital? Como a cultura digital me constitui, enquanto sujeito? Como pensar na tecnologia como um dispositivo de controle e uma ferramenta da crítica cultural? De que forma o letramento digital é realmente efetivo nas práticas escolares? Como as escolas e os professores veem o uso da tecnologia? Que recepção os meus alunos têm de leitura e escrita a partir do uso dessas ferramentas? O que eu vou fazer para além da Pesquisa? Por que é importante falar sobre isso?

## **2 DESMONTANDO A PESQUISA ATRAVÉS DA TEORIA DO MÉTODO**

Segundo Bachelard (1996), ao longo da nossa pesquisa, nos deparamos com vários obstáculos epistemológicos que muitas vezes impedem um olhar crítico e um espírito científico. Um desses obstáculos, segundo o autor, seria o conhecimento geral das coisas, o predomínio de um olhar generalizado, um encantamento de ideias vagas. Por isso, subtende-se da ideia do autor, que ao longo da nossa produção, é necessário romper com os continuísmos, desmontar com os obstáculos epistemológicos e pensar nas coisas como construções abertas.

[...] toda cultura científica deve começar, como será longamente explicado, por uma catarse intelectual e afetiva. Resta, então, a tarefa mais difícil: colocar a cultura científica em estado de mobilização permanente, substituir o saber fechado e estático por um conhecimento aberto e dinâmico, dialetizar todas as variáveis experimentais, oferecer enfim à razão razões para evoluir (BACHELARD, 1996, p. 24).

Nessa perspectiva, espera-se de um pesquisador e crítico cultural, um “espírito inventivo”, capaz de “deformar conceitos primitivos” e flagrar no nosso campo de estudo o entre-lugar que possa identificar os eventos que provocam as feridas. Espera-se ainda uma inversão de conceitos na descoberta de possibilidades, uma busca de proposições, afinal devemos desconfiar das nossas certezas e convicções, do que está pronto e enraizado, provocando constantemente pequenos abalos sísmicos na nossa forma de ver e estar no mundo, pois, se não é isso e nem aquilo, então é uma construção.



Em *Mitos, Emblemas, Sinais – morfologia e história*, escrito pelo historiador italiano Carlo Ginzburg (1990), o ensaio *Sinais: Raízes de um paradigma indiciário*, o autor mostra o surgimento de um modelo epistemológico (paradigma) que surgiu silenciosamente no âmbito das ciências humanas no final do século XIX. Esse paradigma consistia em observar atentamente os detalhes, as pistas, os dados marginais “os pormenores mais negligenciáveis”, como assim fez Morelli (signos pictóricos), Freud (sintomas) e Holmes (indícios).

O autor faz essa analogia e também descreve historicamente as raízes do método, pontuando que desde muito tempo o homem já era considerado um caçador nato em busca de pistas:

Por milênios, o homem foi caçador. Durante inúmeras perseguições, ele aprendeu a reconstruir as formas e movimentos das presas invisíveis, pelas pegadas na lama, ramos quebrados, bolotas de esterco, tufos de pelos, plumas emaranhadas, odores estagnados. Aprendeu a farejar, interpretar, registrar e classificar, a fazer operações mentais complexas” (GINZBURG, 1990, p. 151).

Nesse sentido, como estou olhando para o meu o meu método de pesquisa? De que forma a construção do meu olhar tem revelado indícios e caminhos que visam esclarecer/provocar inquietações? A ideia que eu tenho de cultura me sustenta? Como o meu olhar está sendo construído a partir das grandes máquinas produtivas de controle social que legitimam as representações de poder e, principalmente, como isso tem revelado aberturas e enfrentamentos para a construção de um combate político que começa através da minha linguagem? Afinal, como diz Ginzburg (1990), a proposta de um método interpretativo, centrada nos detalhes, no olhar investigativo, nas pistas, sinais e dados marginais, revelam-se fundamentais para a produção de subjetividades, matéria-prima de toda e qualquer produção.

Do mesmo modo, Deleuze e Guattari (1995) expõem o conceito de rizoma para se referir à teoria do método das multiplicidades. “O rizoma não é um objeto de reprodução”, funciona como o ponto de partida para se pensar nas multiplicidades. “O rizoma procede por variação, expansão, conquista, captura, picada”. Numa perspectiva rizomática, “não começa nem conclui, se encontra sempre no meio, entre as coisas”. O rizoma não fixa pontos e nem ordens, há apenas linhas e trajetos de diversas semióticas, estados e coisas, e nada remete necessariamente a outra coisa.

Sendo assim, o nosso olhar deve ser metodologicamente rizomático, isto é, aberto para as múltiplas possibilidades de criação, construção e reconstrução de sentidos. O fazer científico deve ser completamente desmontado, esvaziado, constantemente deslocado e reinventado, como um mapa aberto que está sempre se modificando, “plenamente reversível, conectável, sem início e nem fim”. Precisa, sobretudo, circular por outros territórios e descentralizar com os limites discursivos e

hierárquicos da aprendizagem, afinal, tudo o que nos chega, chega através das linguagens, dos discursos e dos equipamentos que nos rodeiam, as grandes máquinas produtivas de controle social.

Nesse contexto, como eu tenho pensado o uso das tecnologias digitais nas práticas escolares. Se, por um lado, como um dispositivo de controle, no qual poucos ainda têm acesso, questionando o seu uso, a partir da sua produção e com qual interesse; ou se estou simplesmente reproduzindo tudo o que já foi dito, reforçando ainda mais a sua hierarquização?

Retomando a análise, Agamben (2009, p. 40), em *O que é um dispositivo?*, um dos ensaios que faz parte do livro *O que é Contemporâneo?*, investiga também o sentido subjetivo e genealógico do termo dispositivo, assim como questiona a sua relação enquanto mecanismo político. Para ele, dispositivo é definido como “qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes”.

Segundo Baudrillard (1981), estamos mergulhados numa falsa ideia de realidade, uma ilusão marcada e controlada pelos meios de comunicação, onde o que é real e o ficcional acabam por se confundir, pois o irreal se transformou numa cópia perfeita do real. Os indivíduos estão presos nesse sistema de produção e se tornaram objetos de manipulação dessa indústria. “As pessoas têm vontade de tomar tudo, pilhar tudo. Ver, decifrar, aprender não as afeta. O único afeto maciço é o da manipulação”.

Dessa forma, é importante ampliar a noção desse discurso e perceber como o nosso olhar está sendo construído também a partir dessas grandes máquinas produtivas de controle social que legitimam as representações de poder. E como isso tem revelado aberturas e enfrentamentos para um combate político que começa através da minha linguagem, afinal a primeira revolução começa nos sujeitos, conseqüentemente, ou a gente repete e inviabiliza essas discussões, ou se inquieta e potencializa estratégias e saídas em outros circuitos alternativos de atuação.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Pensar numa sociedade contemporânea que se caracteriza por rápidas e sucessivas transformações, é pensar também numa educação que atravessa a era digital, criando diversas possibilidades de expressão e comunicação, além de diferentes formas de interagir, comunicar, informar, e educar. É preciso problematizar o uso que se faz das tecnologias digitais nos diversos espaços sociais, atentar se realmente é efetivo nas escolas ou se opera apenas como mais um dispositivo de controle social e um meio de reprodução e/ou alienação dos sujeitos. É preciso dar voz

aos professores e alunos, inverter e desierarquizar as representações, trazer a ideia de como eles veem o uso dessas ferramentas nesse espaço e torná-los também protagonistas desse processo.

Enquanto estudante da Crítica Cultural, que possamos mobilizar essas discussões como um ato de resistência e uma máquina de guerra, sobretudo, se através dessa escrita eu possa também me modificar, afinal, toda escrita é um ato político e só faz sentido se você consegue se modificar. Para concluir, mas deixando um mapa em aberto, cheio de fendas e inquietações, acredito que as práticas de letramento digital na escola perpassam por uma série de questionamentos, tensões e interdições que devem ser discutidos. Vivemos na era da sociedade da informação e a nossa escola não pode fechar os seus muros para isso, tampouco furtar dos alunos o direito a esse acesso.

## REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo e outros ensaios*. Trad. Vinicius N. Honesko. Chapecó: Argos, 2009.
- BACHELARD, Gaston. *A formação do espírito científico*. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- BAUDRILLARD, Jean. *Simulacres et Simulation*. Paris: Galilée, 1981.
- DELEUZE, Gilles & GUATARRI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.
- GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. 1ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- KLEIMAN, Ângela B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social*. Campinas: Mercado de Letras, 1995.
- LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Tradução: Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 2009.
- MIGNOLO, Walter D. *Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política*. Traduzido por: Ângela Lopes Norte. Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade, nº 34, p. 287-324, 2008.
- XAVIER, A.C. *Identidade docente na era do letramento digital: aspectos técnicos, éticos e estéticos*. Disponível em: < <https://www.ufpe.br/nehte/simposio2008/anais/Antonio-Carlos-Xavier.pdf>.> Acesso em: 15 set. 2017.

